

Ivelã Pereira

***MESMO*: A MULTIFUNCIONALIDADE DE UM ITEM
LINGUÍSTICO CAMALEÔNICO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a.
Edair Maria Görski

**FLORIANÓPOLIS
2013**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pereira, Ivelã

Mesmo : a multifuncionalidade de um item linguístico
camaleônico / Ivelã Pereira ; orientadora, Edair Maria
Górski - Florianópolis, SC, 2013.
293 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Gramaticalização. 3. Linguística
Funcional. 4. Multifuncionalidade. 5. Mesmo. I. Górski,
Edair Maria. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

A meus pais e a Willian,
parceiros de todas as horas,
dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a **Jesus Cristo**, meu amigo fiel, pela companhia onipresente durante toda a minha vida e, sobretudo, nesse período do Mestrado.

Agradeço, também, à minha família, meu pai e minha mãe, que foram meus companheiros nas conversas virtuais e por telefone, sempre que precisei. Agradeço, especialmente, a Willian, pelo seu apoio incondicional e por seu ombro amigo nos momentos em que o *mesmo* muito me desesperou.

Quero agradecer, também, à minha Orientadora Edair, pelas suas inúmeras releituras e pelo olhar detalhista, sempre preocupado com o entendimento do leitor e, ao mesmo tempo, com a objetividade científica. Aprendi muito no pouco tempo em que convivemos como orientadora e orientanda (menos de 1 ano). Agradeço também à Professora Izete por ter me orientado durante o primeiro ano de Mestrado, dando-me conselhos preciosos, com enorme paciência.

Não posso deixar de prestar meus agradecimentos a outros professores do Mestrado (e alguns da graduação) que muito me inspiraram: Heronides, Felício, Carlos Mioto e Marco Rocha. As discussões em sala de aula e as conversas nos corredores me foram muito preciosas.

Obrigada ao Professor Sebastião Carlos Gonçalves pelas inúmeras contribuições na Qualificação de Mestrado, e fica também meu agradecimento aos demais membros da banca na ocasião da qualificação pelas sugestões de reconstrução/reavaliação de minha pesquisa.

Agradeço também às minhas companheiras e amigas do universo acadêmico, que me confortaram nos momentos de desespero e fizeram companhia nos momentos de cafezinho nos intervalos das aulas: Fernanda (amiga especialíssima!), Chris, Flávia, Fabrícia e Karoliny, além de outros inúmeros colegas de caminhada acadêmica.

Muito obrigada também à Ana Paula Budde, pela atenciosa escuta, e à Danieli pela companhia, risos e ajuda sempre que precisei.

Meus agradecimentos especiais a meu psicólogo, José Luiz Crivelatti, que me ajudou muito nesse processo de desafios acadêmicos. Ao Padre Mário, pela compreensão e pelos sábios conselhos; e ao Pe. Clóvis, pela amizade e capacidade de me fazer (sor)rir.

Por fim, ao CNPq, pelo fomento.

Ideias Rosas

Minhas ideias abstratas,
De tanto as tocar, tornaram-se concretas:
São rosas familiares
Que o tempo traz ao alcance da mão
Rosas que assistem à inauguração de eras novas
No meu pensamento
De eras novas, mas ainda assim
Que o tempo conheceu, conhece e conhecerá.
Rosas! Rosas!
Quem dera que houvesse
Rosas abstratas para mim.

Murilo Mendes

RESUMO

O principal objetivo desta pesquisa está voltado à descrição das funções do item linguístico *mesmo* em uma amostra de escrita acadêmica atual, buscando-se verificar as categorias funcionais presentes no *corpus* utilizado. Além disso, procuramos traçar uma provável trajetória funcional de mudança do vocábulo *mesmo*, com base em uma perspectiva de gramaticalização do funcionalismo norte-americano. Para tanto, baseamo-nos em alguns teóricos dessa abordagem: Hopper (1991); Heine, Claudi e Hünemeyer (1991); Heine (1993); Hopper e Traugott (2003 [1993]); Kuteva e Heine (2008); Heine e Song (2011) e outros. Primeiramente, fizemos um levantamento da origem etimológica e das classificações de *mesmo* nos manuais de gramática e dicionários, estabelecendo algumas reflexões sobre a multifuncionalidade desse item gramatical, que emerge como pronome (demonstrativo) *meesmo* no século XIII, a partir de sua origem no latim vulgar *metipsimus (com a união de *met* e *ipse*). A metodologia de pesquisa contemplou o aspecto quantitativo (utilizando o pacote estatístico Goldvarb) e qualitativo. Nosso *corpus* foi constituído por 30 monografias de alunos dos cursos de Administração (entre os anos de 2004 e 2008), disponibilizadas no *site* da Universidade Federal de Santa Catarina. Dispondo de 972 dados, observamos 6 funções mais amplas (macrocategorias de *referência*, *reforço*, *concomitância*, *inclusão/exclusão*, *conexão* e *articulação*) e 15 categorias funcionais primárias, que, observadas mais detalhadamente, mostraram algumas características mistas, totalizando 29 microcategorias funcionais. Para a análise quantitativa, consideramos as categorias funcionais primárias de *mesmo*, e levamos em conta as seguintes variáveis extralinguísticas: ‘sexo’, ‘ano de publicação do texto’ e o ‘sujeito/autor’ da monografia. A partir desse resultado descritivo, com base no *cline* de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) – *pessoa* > *espaço* > *tempo* > *texto* – e outros *clines* já estabelecidos pelos pesquisadores da área de gramaticalização, procuramos construir alguns diagramas, de caráter hipotético, sobre um possível percurso de gramaticalização de *mesmo* na língua portuguesa. Com base em nossa análise de dados, percebemos que o *mesmo* exerce várias funções na língua portuguesa: pronome demonstrativo, advérbio, conjunção e outras classificações gramaticais, confirmando os estudos da linha de gramaticalização que embasam esta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE:

Mesmo.

Gramaticalização.

Multifuncionalidade.

ABSTRACT

This research main purpose is focused on the description of the functions of the linguistic item “mesmo” (that can mean *same* or *itself*, among other meanings) in a sample of nowadays academic writing, seeking to verify the functional categories of the *corpus* used. Additionally, we traced a possible functional change path of the word *mesmo*, based on a perspective of grammaticalization of American functionalism. For that, we are supported on some theorists of this approach: Hopper (1991), Heine, Claudi and Hünemeyer (1991), Heine (1993), Hopper and Traugott (2003 [1993]); Kuteva and Heine (2008), Heine and Song (2011) and others. First, we have found out the etymological origin of ratings of *mesmo* in grammar books and dictionaries, establishing some reflections about multifunctionality of this grammatical item, which emerges as a pronoun (demonstrative) *meesmo* in the thirteenth century, from its origins in Vulgar Latin **metipsimus* (*met* plus *ipse*). The research methodology included the quantitative feature (using the statistical package *Goldvarb*) and qualitative. Our corpus consisted of 30 monographs of Business Administration students (between the years 2004 and 2008), available on the website of the Federal University of Santa Catarina. Featuring 972 data, we could notice 6 broader functions (categories *macro* of *reference*, *reinforcement*, *concurrency*, *inclusion / exclusion*, *connection* and *joint*) and 15 primary functional categories, which more closely observed, showed some mixed characteristics, totaling 29 functional more specific categories. For quantitative analysis, we considered the functional primary categories of *mesmo*, and take into account the following extralinguistic variables 'sex', 'year of the text publication' and the monograph 'subject / author'. From this descriptive result, based on the cline of Heine, Claudi and Hünemeyer (1991) – *person* > *space* > *time* > *text* – and other clines established by researchers grammaticalization, we constructed some diagrams of hypothetical character on a possible path of grammaticalization of *mesmo* in Portuguese. Based on our data analysis, we realized that it exerts several functions in Portuguese: *demonstrative pronoun*, *adverb*, *conjunction* and other grammatical classifications, confirming the line of grammaticalization studies that support this research.

KEYWORDS: Grammaticalization. Multifunctionality. *Mesmo*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação do princípio de estratificação de Hopper (1991) para o domínio funcional ‘concomitância temporal’	109
Figura 2: <i>The Metonymic-Metaphorical Model</i>	115
Figura 3: Representação da articulação entre macrocategorias, categorias funcionais primárias e microcategorias de <i>mesmo</i>	165
Figura 4: The “overlapping model”	256
Figura 5: Representação do percurso gramatical de <i>mesmo</i> conforme macrocategorias IDEM	256
Figura 6: Representação do percurso gramatical de <i>mesmo</i> conforme macrocategorias IPSE (<i>reforço, inclusão/exclusão e articulação textual</i>).....	258
Figura 7: representação do percurso gramatical de <i>mesmo</i> conforme sua raiz IDEM.....	262
Figura 8: representação do percurso gramatical de <i>mesmo</i> conforme sua raiz IPSE.....	265

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Funções e sentidos do item <i>mesmo</i> registrados entre 1930-1960.....	20
Quadro 2: Funções e sentidos do item <i>mesmo</i> registrados entre 1960-1990.....	21
Quadro 3: Funções e sentidos do item <i>mesmo</i> registrados a partir de 1990.....	22
Quadro 4: Diferença entre <i>mesmo1</i> e <i>mesmo2</i>	48
Quadro 5: classificações de <i>mesmo</i> conforme os manuais de gramática e dicionários.....	70
Quadro 6: Diferenças morfossintáticas entre as formas <i>gente</i> e <i>gente</i>	250
Quadro 7: Traços morfossintáticos das categorias de <i>referência atributiva 1</i> , <i>referência atributiva 2</i> , <i>referência nominal</i> e <i>referência nominal encapsuladora</i>	236
Quadro 8: Traços morfossintáticos das categorias de <i>intensificador (pro)nominal</i> , <i>reforçador</i> <i>identitário</i> e <i>reforçador</i>	251
Quadro 9: Traços morfossintáticos das categorias de <i>inclusão</i> , <i>alternância</i> e <i>exclusão</i>	252
Quadro 10: Traços morfossintáticos das categorias de <i>concomitância</i> , <i>operador argumentativo</i> , <i>articulação textual de concessividade</i> e <i>articulação textual de modo</i>	254

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição dos sujeitos do corpús.....	147
Tabela 2: Frequência <i>token</i> e <i>type</i> de <i>mesmo</i>	221
Tabela 3: Frequência de <i>mesmo</i> de acordo com o sexo/gênero do sujeito-autor.....	232
Tabela 4: Número de ocorrências de <i>mesmo</i> conforme o fator ‘sujeito-autor’	234
Tabela 5: Cruzamento entre ‘sujeito-autor’ e categoria funcional.....	235

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Uso de *mesmo* no presente (cópus 1, oral – VALPB).....128

Gráfico 2: Usos de *mesmo* no passado (cópus 2, escrito – documentos oficiais).....129

Gráfico 3: Porcentagem geral das categorias funcionais de *mesmo*.....219

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
1 O FENÔMENO EM ESTUDO: REFLEXÕES SOBRE UM OBJETO “MESMO”(?).....	9
1.1 A(S) ORIGEM(S) DO(S) <i>MESMO</i> (S).....	10
1.2 O “MESMO” NOS MANUAIS DE GRAMÁTICA E DICIONÁRIOS.....	19
1.2.1 Adjetivo.....	24
1.2.2 Pronome demonstrativo.....	26
1.2.2.1 <i>Um caso de demonstrativo polêmico: “o/a(s) mesmo/a(s)”.....</i>	<i>37</i>
1.2.3 Determinativo/Especificador.....	45
1.2.4 Pronome neutro.....	52
1.2.5 Advérbio.....	56
1.2.6 Reforçador/Intensificador.....	59
1.2.7	Palavra
denotativa/denotador.....	63
1.2.8 Conjunção concessiva.....	66
1.3 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES.....	71
3.1 Objetivo geral.....	72
1.3.2 Objetivos específicos.....	72
1.3.3 Questões e hipóteses.....	72
2 REFERENCIAIS PARA A ANÁLISE.....	76
2.1 CONTEXTUALIZANDO A(S) ABORDAGEM(S) FUNCIONALISTA(S): ALGUMAS NOÇÕES DE BASE.....	76
2.2 GRAMATICALIZAÇÃO.....	88
2.2.1 Princípios da gramaticalização.....	107
2.2.1.1 <i>Estratificação.....</i>	<i>108</i>
2.2.1.2 <i>Divergência.....</i>	<i>109</i>
2.2.1.3 <i>Especialização.....</i>	<i>110</i>
2.2.1.4 <i>Persistência.....</i>	<i>111</i>
2.2.1.5 <i>Decategorização.....</i>	<i>111</i>
2.2.2 Mecanismos de mudança semântica: expansão metafórica e metonímica.....	112
2.3 ANÁFORAS E MECANISMOS DE RETOMADA.....	116
2.4 ESTUDOS SOBRE O ITEM <i>MESMO</i> NA LÍNGUA PORTUGUESA.....	120
2.4.1 A multifuncionalidade do item <i>mesmo</i>.....	121
2.4.2 Redefinindo algumas categorias funcionais.....	130
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	145

3.1	DESCRIÇÃO DO CÓRPUS.....	146
3.2	QUESTÕES E HIPÓTESES: PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	148
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE: O <i>MESMO</i> E SEUS DOMÍNIOS FUNCIONAIS.....	160
4.1	MACROCATEGORIAS, CATEGORIAS FUNCIONAIS PRIMÁRIAS E MICROCATEGORIAS.....	163
4.1.1	Categorias Funcionais Primárias.....	165
4.1.2	Microcategorias funcionais: esmiuçando as macrocategorias e categorias funcionais primárias.....	179
4.1.2.1	Macrocategoria de referência/anáfora.....	181
4.1.2.2	Macrocategoria de concomitância.....	186
4.1.2.3	Macrocategoria de reforço.....	199
4.1.2.4	Macrocategoria de inclusão/exclusão.....	205
4.1.2.5	Macrocategoria de articulação textual.....	209
4.2	FREQUÊNCIA DE USO DE <i>MESMO</i>	218
4.3	CONTEXTOS LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS.....	231
4.4	O PERCURSO GRAMATICAL DE <i>MESMO</i>	249
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	268
6	ANEXOS.....	272
6.1	NOTÍCIA SOBRE O “MESMO DO ELEVADOR”.....	272
6.2	MESMO, MANÍACO DO ELEVADOR.....	273
6.3	CONTO HUMORÍSTICO SOBRE “O MESMO”.....	274
6.4	GRÁFICO SOBRE O USO DE <i>MESMO</i> (CÓRPUS COMPOSTO POR DOCUMENTOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS – 1795-1798).....	281
6.5	ALGUNS DADOS DO CÓRPUS DE 1795-1798 (ARQUIVO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS).....	282
7	REFERÊNCIAS.....	285

INTRODUÇÃO

Fundamentado em pressupostos teóricos funcionalistas, este trabalho se dedica ao estudo do item linguístico *mesmo*¹, levando em consideração seus deslizamentos funcionais, a partir de um recorte sincrônico da língua, por meio da análise de dados escritos produzidos por indivíduos em uma situação comunicativa acadêmica. O *cópus* selecionado para a pesquisa é composto por monografias da área de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, concluídas entre os anos de 2004 e 2008.

Uma visão funcionalista de linguagem concebe a língua como um instrumento de comunicação “que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 20). Nesse sentido, a utilização de um *cópus* com dados reais é de extrema importância, evitando-se exemplos fictícios, característicos de estudos embasados em uma concepção formalista da língua.

O funcionalismo linguístico contemporâneo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica

¹Optamos por destacar o objeto desta pesquisa em itálico quando nos referirmos somente a esse vocábulo, mas usaremos aspas quando houver mais de um elemento associado ao *mesmo*, como nas expressões “o mesmo”, “mesmo que”, “assim mesmo”, “ao mesmo tempo em que”, entre outras.

esse uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 29).

Para tratar dos múltiplos usos do item linguístico *mesmo*, buscamos estabelecer suas **categorias funcionais** (envolvendo diferentes níveis gramaticais), tomando como base teórica pressupostos do funcionalismo linguístico, com ênfase na gramaticalização; e a noção de referenciação, com foco em mecanismos de retomada anafórica.

Tomamos também, como ponto de partida para o estabelecimento das categorias propostas nesta dissertação, o trabalho de Amorim (2009), cujo objetivo foi mapear as categorias funcionais de *mesmo* em uma perspectiva pancrônica, a partir da análise de um *cópus* sincrônico e outro diacrônico. A autora levantou sete funções de *mesmo* (*reforço enfático, reforço contextual, referência adnominal, referência nominal, circunstância, inclusão e oposição*) que serviram de base para a identificação das categorias levantadas nesta pesquisa².

Com base nesse referencial, levamos a cabo a análise de nossos dados, redefinindo algumas categorias postuladas pela autora e estabelecendo outras, que emergiram no decorrer da pesquisa.

Acreditamos que o item linguístico sob análise está passando por um processo de *gramaticalização*, entendida, conforme Hopper & Traugott (2003, p. 18), como uma “mudança

² Um maior detalhamento do estudo de Amorim (2009) será feito na seção 2.4.1.

pela qual itens lexicais e construções passam, em certos contextos linguísticos, a desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. Assim sendo, haveria

[...] um conjunto de processos de mudança que atuam com relativa regularidade sobre os elementos linguísticos, estendendo-lhes o sentido. De uma perspectiva histórica, esses processos podem dar a impressão de uma sequência de mudanças ocorridas no tempo; de uma perspectiva sincrônica, o que se observa é um conjunto de polissemias coexistindo. (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 27).

Um estudo diacrônico, nesse caso, poderia nos trazer informações sobre um provável sequenciamento cronológico de diferentes usos, mostrando, através do tempo, as primeiras e as mais recentes facetas de *mesmo*. Nesta pesquisa, porém, optamos por fazer um estudo sincrônico, verificando, a partir de um corpus de textos escritos em um contexto discursivo específico, que diferentes usos desse item linguístico coexistem atualmente no português do Brasil.

Em termos operacionais, para uma primeira classificação de cada ocorrência, formulamos seis perguntas norteadoras que nos permitiriam perceber qual seria a função mais saliente de cada um dos *mesmos* observados:

- (a) Essa função de *mesmo* **retoma** algo?
- (b) Essa função de *mesmo* **estabelece uma relação de concomitância?**
- (c) Essa função de *mesmo* **reforça** algo?
- (d) Essa função de *mesmo* **conecta** algo?
- (e) Essa função de *mesmo* **inclui/exclui** algo?
- (f) Essa função de *mesmo* **articula** o texto?

Com isso, a pergunta (a) estaria relacionada a uma função referencial de *mesmo*; (b) se reportaria a uma função de concomitância entre elementos; (c) apontaria para um *mesmo* com característica reforçativa; ao passo que (d), (e), (f) evidenciariam uma faceta textual de *mesmo*. Na parte analítica deste trabalho, exploramos essas questões e as seguintes funções básicas constitutivas de *mesmo*: *anáfora*, *concomitância*, *conexão*, *reforço*, *inclusão/exclusão* e *articulação textual*, as quais serão assumidas, nesta dissertação, como seis macrofunções principais do vocábulo em questão.

A justificativa para esta pesquisa se dá, principalmente, pelo fato de haver, ainda, poucos estudos dedicados ao *mesmo* na área de gramaticalização – Amorim (2009), Moreira (2007), Mariano (2011) e Oliveira e Cacciaguerra (2009). Além disso, em torno de algumas das funções desse vocábulo, há, até mesmo, certo preconceito linguístico. O uso, por exemplo, de “o mesmo” como recurso anafórico nominal³ não é bem visto por muitos manuais de gramática; inclusive no manual de gramática do sociolinguista Bagno (2013), o emprego de “o(a) mesmo(a)” é tido como um caso de “hipercorreção”, que, segundo o autor, deve ser evitado na língua escrita e falada. Por se tratar de um mecanismo de retomada bastante neutro (tal como o pronome *isso*, não trazendo nenhum juízo de valor ou qualificação em relação ao que é retomado), “o mesmo” pode provocar ambiguidades, já que apresenta a possibilidade de se referir a vários elementos de um texto (elementos com traço [+ animado] e [- animado], por exemplo).

Devido a essa ambiguidade, há algumas brincadeiras no espaço virtual a respeito de tal item linguístico⁴, as quais

³ Esse conceito será explicado com mais detalhes ao longo da dissertação, mas um exemplo para esse tipo de *mesmo* é: “Ao propor um almoço a um cliente ou colega, convém dizer o objetivo **DO MESMO**, o que permitirá ao outro recusar o convite. Assim, os dois não perdem tempo. Aquele que convida escolhe o restaurante, reserva a mesa e paga a conta”. (Sujeito 1, 2004, F).

⁴ Nos anexos, é possível verificar alguns textos que mostram esse imaginário da população brasileira em relação ao *mesmo*. O preconceito

ênfatizam a neutralidade do vocábulo (ao poder retomar qualquer elemento), característica que dificulta, ao leitor, recuperar o antecedente. Ademais, na área de revisão de textos, existe uma forte discriminação dessa utilização de *mesmo*, embora seja muito usado em textos formais e na fala de indivíduos que optam por um estilo formal (policiais, advogados, jornalistas, entre outros).

Mas essa é apenas uma das inúmeras facetas desse item linguístico. Antes mesmo de nos dedicarmos ao mapeamento da multifuncionalidade do item e à sistematização de suas categorias funcionais, podemos perceber que o número de classificações de *mesmo* nos manuais de gramática e dicionários é atípico, destacando-o em relação a outros itens linguísticos, uma vez que seu viés camaleônico perpassa os campos da morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Dentre as classes de palavras propostas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), notamos que o *mesmo* pode ser considerado pronome, adjetivo, advérbio, conjunção e palavra denotativa de inclusão (uma classificação à parte), além de ser encaixado em outras classificações que não estão mencionadas na NGB (intensificadores, determinativos, especificadores e outros).

Dados empíricos da língua em uso (cf. Amorim, 2009) evidenciam que esse item linguístico camaleônico vem expandindo seu campo de atuação, camuflando-se e ajustando-se conforme as necessidades comunicativas dos usuários. Trata-se de um objeto dinâmico, que rende tantas discussões quanto o número de suas funções. É o caráter gramatical tão multifacetado de *mesmo* que nos leva a esmiuçá-lo e traçar hipóteses sobre sua(s) rota(s) de gramaticalização.

Com esse objetivo, a dissertação organiza-se em quatro capítulos, sendo que o primeiro deles tem por finalidade delimitar o objeto de pesquisa, trazendo, além disso, descrições de manuais

em utilizar esse recurso é tanto que um cartaz bastante comum em elevadores (“Antes de entrar no elevador, certifique-se de que **O MESMO** encontra-se parado neste andar”) foi considerado inadequado (por conter “erro ortográfico”) e virou foco de um projeto do vereador de Porto Alegre, Adeli Sell (PT), que objetivava melhorar a redação do cartaz e vetar “o mesmo” do elevador.

de gramática e dicionários sobre as classificações múltiplas do item gramatical *mesmo*. Ainda nesse capítulo, fazemos algumas reflexões e apontamos, previamente, algumas particularidades (morfo sintáticas e semântico-pragmáticas) relacionadas a cada tipo de *mesmo*, que nos auxiliarão na análise de dados e mapeamento das categorias funcionais deste objeto de pesquisa. Finalizamos com uma breve explanação de nossas questões, hipóteses e objetivos, fundamentados em alguns resultados de estudos na área de gramaticalização e referência.

Na sequência, o capítulo 2 é dedicado à explanação de nossos pressupostos teóricos, sob o enfoque do Funcionalismo linguístico, com ênfase nos estudos de gramaticalização, utilizando como embasamento Hopper (1991), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Heine (1993), Hopper e Traugott (2003), Kuteva e Heine (2008), entre outros autores. Apresentamos, também, uma breve explanação sobre anáforas e mecanismos de retomada, ancorada em Apothéoz (2003), Milner (2003), Chanet (2003), entre outros. Além disso, trazemos resultados de alguns estudos voltados ao item linguístico que nos propusemos analisar, com foco nas categorias funcionais propostas – Amorim (2009), Moreira (2007), Mariano (2011) e Oliveira e Cacciaguerra (2009).

Já com nosso aporte teórico traçado, no capítulo terceiro, descrevemos a metodologia de pesquisa, considerando uma perspectiva quantitativa e qualitativa, detalhando o *cópus*, a escolha dos textos analisados, os passos que seguimos na coleta de dados, sua respectiva categorização, o pacote estatístico utilizado e outros detalhes relativos aos procedimentos metodológicos. Nesse capítulo, também retomamos as hipóteses com mais profundidade, alicerçando-as em resultados de trabalhos de autores que embasam esta dissertação.

No capítulo quatro, dedicamo-nos à análise dos dados, estabelecendo as categorias funcionais para o conjunto de ocorrências encontradas, com o respectivo feixe de traços relativos a cada função de *mesmo*, bem como a frequência de uso de cada categoria. Ademais, procedemos a um levantamento qualitativo, observando os usos de *mesmo* de cada um dos

indivíduos do *cópus* analisado. Apesar de o estudo não considerar amostras diacrônicas – o que certamente limita o alcance de nossa análise – tentamos delinear uma possível rota de gramaticalização (*continuum*) do item linguístico analisado, com base no referencial teórico funcionalista acerca de itens linguísticos que se gramaticalizam e nos dados encontrados no *cópus* selecionado para esta pesquisa.

Por fim, nas considerações finais, fazemos um levantamento de tudo o que foi construído nesta pesquisa e deixamos algumas questões em aberto, assim como possibilidades de continuação do estudo sobre o *mesmo* em trabalho futuro.

1 O FENÔMENO EM ESTUDO: REFLEXÕES SOBRE UM OBJETO “MESMO”(?)

O item linguístico *mesmo* parece estar passando por um processo de gramaticalização⁵ à semelhança do ocorrido com outros itens (como *onde* e *ainda*), que se tornaram cada vez mais gramaticais ao expandirem seu uso a funções⁶ mais textuais⁷. Antes, porém, de nos dedicarmos à análise do funcionamento do *mesmo* em uma amostra escrita contemporânea – da língua em uso, portanto –, é importante levar em conta as descrições de

⁵ Abordaremos o conceito de gramaticalização com mais detalhes no segundo capítulo.

⁶ O termo “função” é bastante polissêmico, por isso a necessidade de o delimitarmos bem e procurarmos restringir seu uso a um contexto específico. Nas obras de Joaquim Mattoso Camara Jr. (2008 [1970]) e Monteiro (2002), por exemplo, esse termo remete à morfossintaxe. No caso desta pesquisa, orientada por uma teoria funcionalista da língua, associamos o termo *função* à significação e/ou propósito, e o termo *forma* à estrutura. Assim, *grosso modo*, “morfossintático” remete à forma/estrutura, e “semântico-pragmático”, à função – sempre compreendida do texto/discurso, *i.e.*, extrapolando os limites da sentença.

⁷ As funções mais textuais estariam relacionadas a classes de palavras que servem para conectar partes do texto, como as conjunções e locuções conjuntivas, por exemplo.

alguns manuais de gramática e dicionários (também etimológicos) no que se refere a suas classificações.

Dentre as categorias citadas pelos autores para descrever o vocábulo *mesmo*, encontramos: *adjetivo*, *pronomes demonstrativo*, *advérbio*, *conjunção concessiva*, *reforçador*, *palavra denotativa*, *determinativo/especificador* e *pronomes neutro*.

Observando todas as possibilidades de realização desse item gramatical, esta dissertação se ocupará em analisar e categorizar todo e qualquer uso do vocábulo *mesmo* encontrado no cópula selecionado, considerando-o também nos casos em que aparece flexionado em gênero e número.

Neste capítulo, trataremos primeiramente sobre a origem desse vocábulo multifacetado da língua portuguesa, para, na sequência, mostrar com detalhes as categorias (morfofossintáticas⁸, de modo geral) explicitadas nos manuais de gramática e dicionários da língua portuguesa; por fim, apresentaremos os objetivos, questões e hipóteses gerais que norteiam esta pesquisa.

1.1 A(S) ORIGEM(S) DO(S) *MESMO(S)*

A origem do *mesmo* na língua latina se dá por caminhos etimológicos diferentes, circunstância que pode trazer pistas sobre os deslizamentos funcionais desse item, uma vez que o fato de haver duas raízes latinas distintas para um mesmo vocábulo pode influenciar significativamente nos rumos tomados pelo *mesmo* em seu processo de mudança. Bechara (2003, p. 192), ao tratar da posição dos pronomes demonstrativos, aponta-nos:

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama

⁸ Há categorias que extrapolam o nível morfofossintático, mas a maioria dos dicionaristas e autores de manuais de gramática acaba por não considerá-las. Em nosso estudo, percebemos apenas algumas obras – Azeredo (2008), por exemplo – que levam em conta outros aspectos, como o nível discursivo.

a presença do artigo ou de outro demonstrativo: Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem. Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a próprio, em pessoa (em sentido próprio ou figurado)*: Ela *mesma* se condenou. Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de idem, isto é, indica identidade. É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem mesmo como adjunto: Encontrei-o na *mesma situação (em) que* estava no ano passado. Saiu do trabalho no *mesmo dia (em) que* fora promovido. [Nota de rodapé do autor] *: A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: “Pour des raisons historiques, on a l’habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l’on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d’intensif”⁹ [FB 1.1. § 186]

Além disso, como explica Amorim (2009, p. 75), o item *mesmo* “aporta na língua portuguesa como pronome demonstrativo expressando reforço ou denotando semanticamente ‘identidade’, aquilo que é repetido, ‘igual’, fazendo referência a algo já enunciado ou conhecido no evento comunicativo”.

⁹ Tradução nossa: “Por razões históricas, costuma-se colocar *ipse* entre os pronomes demonstrativos, no entanto, se tomarmos o seu significado, pode-se, mais legitimamente, qualificá-lo como intensivo (intensificador)”. Bechara (2003) opta por não traduzir a citação do francês para o português.

Essas informações tocam o ponto nevrálgico que norteará nossa pesquisa e o refinamento de nossas categorias funcionais: o *mesmo* tem uma raiz de identidade (*idem*) e outra de reforço (*ipse*). Trabalhamos, pois, com a hipótese de que *mesmo* se originou de dois vocábulos distintos, mas em sua trajetória de mudança passou a se comportar como um único item polissêmico (conforme observamos nos registros de dicionários e gramáticas). Em razão disso, essas duas raízes não podem ser desprezadas, e, ao longo deste estudo, tentaremos mostrar que as funções de *mesmo* encontradas atualmente estão intimamente ligadas a essas duas origens.

Para melhor visualizarmos os dois traços distintivos desse item linguístico, vejamos alguns dados¹⁰ retirados de nosso *cópus*, os quais mostram, nitidamente, uma ligação do vocábulo em uso contemporâneo ao sentido original de sua procedência etimológica:

Dados¹¹ relacionados à raiz *IDEM*:

- (1) Uma organização é uma sociedade de indivíduos com **OS MESMOS FINS¹²**, interesses e atitudes, que devem trabalhar juntos como num *time*, em uma atmosfera

¹⁰ Os dados serão transcritos sempre *ipsis literis*, sem alteração alguma de ortografia ou qualquer outro tipo de padronização.

¹¹ Temos consciência de que os dados podem ter passado por uma revisão de outro sujeito e, além disso, muitos deles contêm citações de obras de outros autores, o que dificulta nossa categorização das variáveis independentes externas. Pensamos em separar os dados diferenciando as citações da escrita dos sujeitos das monografias, mas, como nosso trabalho tem um foco funcionalista, optamos por não fazer essa distinção, uma vez que essas variáveis não seriam tão relevantes para este estudo. Além disso, quanto à questão das revisões textuais de um segundo (e até terceiro sujeito, como orientador ou revisor de textos), é algo que escapa ao nosso controle e não pôde ser considerado.

¹² Para melhor visualização dos dados pelo leitor, optamos por ressaltar as ocorrências de *mesmo* e os vocábulos adjacentes com negrito e caixa alta.

amistosa e agradável, a fim de manter a maquinaria da organização trabalhando suavemente.

(Sujeito 1, 2004, F)¹³.

- (2) O conceito de cidadão-cliente, ou cidadão-usuário surgiu na década de 80 e, segundo Caulliraux e Yuki (2004, p.30), "a idéia central consistia em voltar as organizações públicas para os seus clientes, tornando-as preocupadas com acessibilidade e qualidade dos serviços prestados e com a satisfação das necessidades de seu público". Alguns autores levantam **ESTE MESMO TEMA** embasado em discussões sobre Gestão de Relacionamento com Clientes, pois o objetivo desta é de atender o cidadão enquanto usuário dos serviços prestados pela administração pública. **(Sujeito 15, 2006, F)**.

Dados relacionados à raiz IPSE:

- (3) O estilo paternalista é uma mescla dos estilos 1.9 e 9.1. Vive em função da adulação de sua imagem por parte dos subordinados. O grupo de trabalho caracteriza-se pela falta de criatividade e iniciativa de resolver os problemas por **ELES MESMOS** (BLAKE e MOUTON, 1995). Apresentam o seguinte comportamento [...] **(Sujeito 6, 2004, M)**.
- (4) Para o avaliador, de acordo com Moura (2005), resultará em um melhor desempenho da equipe e retificação do problema. Já para o avaliado resultará em uma melhor compreensão dos requisitos de desempenho, o que leva a melhorá-lo; gera oportunidade para discutir problemas e queixas e um enfoque sobre **SI MESMO** e necessidades pertinentes. Portanto, uma boa avaliação dependerá de

¹³ Cada um dos sujeitos foi numerado, para que pudéssemos visualizar aspectos qualitativos em nossa análise, identificando padrões de uso dos indivíduos, que podem influir num resultado final quantitativo. Outras informações que sempre estarão discriminadas nos exemplos são: o ano de publicação da monografia e o sexo do informante.

uni avaliador qualificado e de um sistema de avaliação bem estruturado. (**Sujeito 13, 2006, F**).

Os dados supracitados nos permitem perceber os dois lados de um vocábulo de mesma configuração morfológica e fonética, mas de sentidos polissêmicos. Esses exemplos são mais nítidos e de fácil interpretação em relação à raiz etimológica de *mesmo*, porém, ao longo de nossa pesquisa, perceberemos que, ao fazer um percurso de mudança bastante complexo, esse item linguístico chega a rumos e funções de mais intrincada interpretação, muitas vezes englobando suas vertentes reforçativa e identitária ao mesmo tempo.

Não obstante considerarmos que o item mostra, atualmente, um comportamento polissêmico, acreditamos ter conseguido formular hipóteses mais plausíveis sobre uma suposta direcionalidade da mudança de *mesmo* (conforme veremos adiante) ao levar em conta sua origem dupla. Assim sendo, o conhecimento das origens do vocábulo em estudo pode trazer indicações mais precisas sobre seu percurso gramatical.

Para tratarmos com mais detalhes sobre a questão de sua origem latina e sua configuração atual, procuramos verificar, no que tange aos aspectos morfológicos e sintáticos, quais foram as transformações sofridas pelo vocábulo, ao longo do tempo, até obter sua forma atual. Para que chegasse a esse formato, houve uma composição de vocábulos, que formaram o item *mesmo*; por isso, ele é considerado, por Coutinho (1973), um “demonstrativo composto”.

Outra partícula igualmente de refôrço, muito usada em latim, é a prepositiva *met*. Em *semet ipsum*, por equívoco de composição popular, ligou-se a *met* a *ipsum*, de que resultou *melipsum*. O gramático Donato condena a expressão *ego melipse*. A par de *ipse*, havia a forma superlativa enfática *ipsimus*, redução de *ipsissimus*, que combinada com *met* deu *melipsimus*, cujo acusativo *melipsimu* veio

a dar o vocábulo português *mesmo*. No antigo idioma, houve *medês* oriundo do latim *melipse*. [...]Melipsimu> *melissimu> *medesmo> *meesmo (arc.) > mesmo.J.J. Nunes considera a queda anormal do -d- como devida provavelmente à próclise (1²⁰) Melipse> *melisse> *medesse> medês (arc.).
[nota de rodapé do autor] 20: Comp. De Gram. Hist. Port., p. 258. (COUTINHO, 1973, p. 257).

Nesse caso, pode-se perceber que a característica de reforço tem um grande peso na composição de *mesmo*. Essa origem etimológica defendida por Coutinho (1973) é a mais comumente encontrada entre os pesquisadores da área. Nos dicionários de língua portuguesa, por exemplo, há um consenso no que se refere à raiz etimológica do termo em questão. No Aurélio (s.d., p. 1322), afirma-se que *mesmo* surgiu de *metipsimu*, superlativo de *metipse*. O dicionário Houaiss (2009) traz essa mesma informação, mas também esclarece que há registros de *meesma* no ano de 1265 e, no século XIII, há registros de *mesmo*, *menesmo*, *mêesmo* e *mismo*.

Também no “Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa” aparece a informação de que a origem desse item linguístico seria advinda de *metipsimus* e que há registros da ocorrência de *meesmo* no século XIII, ao passo que o vocábulo “mesmice” aparece em registros escritos de 1899.

Entretanto, apesar de haver certa concordância entre os dicionaristas, segundo Oliveira e Cacciaguerra (2009), há alguns pontos divergentes sobre a origem desse item linguístico, pois teóricos argumentam que, para se chegar a *mesmo*, o vocábulo *metipse* passou por estágios (resultantes de metaplasmos) sobre os quais não há registro. Além disso, as autoras mostram que, em outras línguas latinas, há uma semelhança de configuração comparando-se com os registros mais arcaicos desse vocábulo:

Nascentes explica que alguns autores, como M. Lübke, Leite de Vasconcelos e Nunes defendem que a grafia **metipsimu* é errônea, e que, provavelmente, a palavra original deve ser **medipsimu*, pois é possível que tenha se originado desta a palavra **medesmo* no português arcaico, posto que há ocorrências da palavra *mesmo* no século XIII (Houaiss, 2001). Neste caso, pode ter havido a apócope da letra *d* e, posteriormente, a assimilação de uma das letras *e*, formando assim a palavra *mesmo* como conhecemos hoje. Esta possível ocorrência da palavra **medesmo* no português arcaico aproximaria o português ainda mais de outras línguas latinas, como o francês antigo (*medesme*) e o italiano (*medesimo*). (OLIVEIRA; CACCIAGUERRA, 2009, p. 4).

A questão da origem, como se pode notar pela incerteza dos pesquisadores em alguns aspectos lacunares, é um ponto problemático no estudo do vocábulo *mesmo*, em decorrência da falta de registros históricos que mostrem a mudança fonética dos primitivos latinos até se chegar ao vocábulo que temos hoje na língua portuguesa.

Ao observarmos a descrição de Coutinho (1973) e também de outros estudiosos do tema, percebemos que alguns dos metaplasmos descritos ao longo do processo de formação do vocábulo contemporâneo são hipotéticos, impedindo-nos de qualquer afirmação sólida sobre a queda e acréscimo de elementos fonéticos e mórficos na construção da massa morfofonêmica de *mesmo*.

Ainda em relação a essa problemática, Oliveira e Cacciaguerra (2009), embora formulem uma hipótese em relação a outra possibilidade de surgimento do vocábulo *mesmo* – como já foi mencionado há pouco –, afirmam que

[e]m ambas as etimologias, há o problema da falta de registros. Não se tem ocorrências escritas do superlativo **metipsimu* ou da palavra **medipsimu*, acredita-se apenas que **metipsimu* passou a ocorrer como superlativo de *metipse* (imagina-se que na fala vulgar, já que não há registros), e alguns autores apostam na validade da origem ser **medipdimu*, porque a palavra mesmo pode ter sido originada por apócope da letra d da palavra *medesmo*. (OLIVEIRA; CACCIAGUERRA, 2009, p. 5).

Após tal comentário, as autoras ressaltam que nenhuma das etimologias apresentadas estaria correta ou incorreta e acabam por adotar, em sua pesquisa, a origem mais defendida pela maioria dos autores, *i.e.*, de que o vocábulo *mesmo* teria se originado da junção dos vocábulos latinos *met* e *ipse*.

Sem termos a pretensão de explicar as questões “existenciais” de *mesmo*, mas com o intuito de apenas problematizar as dúvidas em relação à etimologia do vocábulo com sua origem dupla em *idem* e *ipse* (pelo menos no que diz respeito ao sentido), levantamos uma possibilidade: não seria possível haver dois caminhos diferentes para uma mesma forma, *i.e.*, o *mesmo* poderia ter surgido da união de *met* com a partícula *ipse*, que daria origem a um vocábulo de caráter reforçativo, ao passo que outro vocábulo com a mesma configuração morfofonética, mas com sentido de identidade, poderia ter surgido a partir de uma união entre *met* e *idem*. Desse modo, é possível pensar que poderia se tratar, nessa altura do percurso dos itens, de um caso de homonímia, em que haveria dois *mesmos* diferentes, com apenas uma configuração.

Podemos levantar, então, a seguinte questão: trata-se de uma só origem e um só vocábulo, ou de duas origens e dois vocábulos diferentes, embora tenham apenas uma configuração, ou, justamente por isso, seriam duas origens e um só vocábulo? Apesar de nossos questionamentos – também presentes nos textos

dos demais autores que embasam nosso estudo –, não podemos afirmar nada sem registros de dados escritos diacrônicos; apenas hipotetizamos e lançamos questões que poderão (ou não) ser respondidas. Para tentar responder a esses questionamentos, seria necessário empreender um estudo de caráter diacrônico, o que está fora do escopo desta dissertação. No entanto, apesar da incerteza dos autores consultados em relação à(s) origem(s) do(s) *mesmo(s)*, optamos por considerar que esse item linguístico traz em si duas faces diferentes, e é provável que suas outras facetas tenham surgido a partir dessa vertente binária mais primitiva.

Diante disso, considerando o lado *idem* de *mesmo*, verificamos que Saïd Ali (1964), em sua Gramática Histórica, a respeito dos pronomes (não exatamente sobre o *mesmo*, já que não trata desse vocábulo em parte alguma dessa obra) mostra a origem de alguns demonstrativos, que podem ser relacionados ao item destacado nesta pesquisa, em razão de uma raiz familiar entre todos.

Pronomes demonstrativos

479. Do latim *iste, ista, istud* provieram em português as variações pronominais *êste, esta, esto* (mudando-se a última forma mais tarde em *isto*). Reforçadas com a anteposição de **eccu-*, as mesmas formas latinas produziram em nossa língua *aqueste, aquesta, aquesto*, que se deixaram de usar no falar moderno. Em escritores pré-camonianos, e ainda em Gil Vicente, são frequentes os exemplos [...] 480. De *ille, illa, illud* procederam *êle, ela, elo e*, com o reforço **eccu-*, *aquele, aquela, aquilo* (convertendo-se *êste* ulteriormente em *aquilo*). Passaram contudo *êle* e *ela* a servir desde logo de pronome pessoal, e *elo* usou-se somente em português antigo. A par destas formas plenas do antigo demonstrativo, existem desde o começo da língua até hoje as formas reduzidas *o, a* (e *lo, la*), sendo estas empregadas não

sòmente como pronome pessoal (acusativo), mas ainda como pronome demonstrativo. 481. O latim *ipse, ipsa, ipsum*, deu-nos *êsse, essa, esso*, (português moderno *isso*). Não produziu formas reforçadas paralelas às dos outros dous pronomes. (SAID ALI, 1964, p. 99).

Como é possível perceber, o *mesmo* também tem uma origem semelhante à do vocábulo “isso”, que é considerado um pronome neutro¹⁴ da língua portuguesa, o que pode explicar o fato de *mesmo* ser neutro em alguns casos, semelhantemente ao que ocorre com “isso”.

Com sua origem já delineada e questionada, podemos passar ao que expõem as gramáticas e dicionários acerca das classificações do termo resultante do vocábulo latino *metipsimu*.

1.2 O “MESMO” NOS MANUAIS DE GRAMÁTICA E DICIONÁRIOS

Dentre as diversas classificações do vocábulo *mesmo* que nos apontam as gramáticas e dicionários de língua portuguesa, a mais recorrente, dentre elas, parece ser a de *pronome demonstrativo*, mas nem todas as obras pesquisadas¹⁵ o inserem nessa classe. Por outro lado, a classificação de *mesmo* como “palavra denotativa” aparece em apenas alguns dos livros consultados.

Amorim (2009), ao verificar de que forma o item em foco é descrito nos manuais gramaticais, identifica três tendências classificatórias para o vocábulo analisado:

¹⁴ A neutralidade de *mesmo*, em alguns casos, será tratada com mais detalhes na seção 1.2.4 deste trabalho.

¹⁵ Os materiais verificados foram: Barboza (1830), Pereira (1946 [1926]), Dias (1954), Said Ali (1964), Cuesta e Mendes da Luz (1971) Macambira (1973), Almeida (1985), Cunha (1986), Sacconi (1988), Cegalla (1996), Terra (1999; 2007), Sacconi (200-), Neves (2000), Bechara (2003), Azeredo (2008) e Castilho (2010).

- a) *clássica*, (1930-1960), classificação pautada na base etimológica da palavra;
 b) *tradicional*, (1960-1990), compreende a orientação classificatória sugerida pela NGB e que vigora ainda nos diversos livros didáticos;
 c) *linguística*, (a partir de 1990), orientação fundamentada em princípios linguísticos e etimológicos da palavra. (AMORIM, 2009, p. 80).

A partir disso, a autora consegue organizar três quadros englobando as *classes gramaticais* que são descritas nos manuais de gramática que ela analisou em cada um dos períodos, com sua respectiva *função* e *sentido*, agrupando informações que nos parecem importantes para pensarmos o *mesmo* em suas categorias funcionais.

O primeiro dos quadros¹⁶, correspondente à primeira tendência, mostra as seguintes classificações:

Quadro 1: Funções e sentidos do item *mesmo* registrados entre 1930-1960

Classe gramatical	Função	Sentido
Pron. demonstrativo	Reforço (enfático)	Próprio, em pessoa
Pron. demonstrativo	Reforço	Intensifica a intenção (exato, certeza)
Adjetivo	Referencial/comparativa	Igual/ idêntico
Substantivo	Referencial/comparativa	Idêntico/ igual
Interjeição	Denotativa	Inclusão/ até
Advérbio	Circunstância	Realmente/ de fato
Conjunção	Concessiva	Apesar de

Fonte: Amorim (2009, p. 83)

¹⁶ Apenas a configuração estética dos quadros originais foi modificada, com vistas a uma padronização dos quadros e tabelas que aparecerão no decorrer deste estudo.

O quadro acima nos mostra um leque de classes gramaticais correlacionadas a aspectos referenciais, reforçativos, circunstanciais e relacionais (funções) com as respectivas especificações de sentido. Já no segundo quadro, referente ao período “tradicional”, há um número menor de classes descritas, com as respectivas funções e sentidos especificados. A saber:

Quadro 2: Funções e sentidos do item *mesmo* registrados entre 1960-1990

Classe gramatical	Função	Sentido
Pron. demonstrativo	Reforço/ ênfase	Certeza
Advérbio (à parte)	Denotativa	Inclusão
Conjunção	Concessiva	Apesar de

Fonte: Amorim (2009, p. 86)

Quando a autora traz a informação de que o *mesmo* é registrado como “advérbio (à parte)” está se referindo à classe dos denotadores (ou palavras denotativas), como classifica a NGB e, por conseguinte, a maioria dos livros de gramática que seguem uma linha mais tradicional. Para a pesquisadora, no entanto, essa classificação é um tanto polêmica:

Afirmar que o item *mesmo* integra a categoria dos advérbios é contrariar as próprias regras gramaticais. Sendo o advérbio uma palavra invariável, como poderia o item mesmo ser classificado como tal, se ele pode ser flexionado em gênero e número, características peculiares às palavras plenas¹⁷, ou de conteúdo (valor nocional). Que critérios foram adotados pela gramática tradicional para chegar a essa conclusão em relação a mesmo e a seus diferentes usos? Por que se priorizou a noção de “inclusão” se o item mesmo

¹⁷ Trata-se de vocábulos lexicais, com significado em si mesmos, como, por exemplo, os substantivos e verbos.

pode também veicular “veracidade”, “reiteração”, “concordância” etc.? Observando a questão pelo lado da linguística funcional, pode-se argumentar que o princípio de unidirecionalidade, que envolve a gramaticalização dos itens linguísticos, processa-se, invariavelmente, a partir de palavras plenas e nocionais, evoluindo, cada vez mais, para palavras semanticamente vazias, ou seja, do concreto para o abstrato, e não ao contrário, como afirma Traugott (1983). Assim sendo, como advérbio, seria impossível ao item mesmo migrar para as classes nocionais como substantivo ou adjetivo, fato que compromete, mais uma vez, a postura da NGB. (AMORIM, 2009, p. 89).

Quanto ao terceiro quadro da autora, referente à tendência linguística, percebe-se um acréscimo de classes gramaticais em relação ao quadro precedente, fazendo com que o novo quadro se aproxime novamente da tendência clássica correspondente ao primeiro quadro.

Quadro 3: Funções e sentidos do item *mesmo* registrados a partir de 1990

Classe gramatical	Função	Sentido
Pron. Demonstrativo	Reforço (reflexivo/enfático)	Próprio, em pessoa
Pron. Demonstrativo	Reforço (contextual)	Intensifica o sentido da intenção
Adjetivo	Referencial/comparação	Igual/ idêntico
Substantivo	Referencial/comparação	Identifica (a pessoa já referida)
Interjeição	Denotativa	Inclusão/ até
Advérbio	Circunstância	Realmente/ de fato
Conjunção concessiva	Relacional	Apesar de, embora etc.

Fonte: Amorim (2009, p. 92)

Em nota de rodapé, porém, a autora ressalta que a classificação de “conjunção concessiva” não é tão recorrente entre os autores por ela pesquisados.

Levando em consideração as conclusões a que chegou Amorim (2009), fizemos um levantamento nas seguintes obras: Barboza (1830), Pereira (1946 [1926]), Dias (1954), Said Ali (1964)¹⁸, Cuesta e Mendes da Luz (1971) Macambira (1973), Almeida (1985), Cunha (1986), Sacconi (1988), Cegalla (1996), Terra (1999; 2007), Sacconi (200-), Neves (2000), Bechara (2003), Azeredo (2008) e Castilho (2010).

Além disso, o verbete *mesmo* foi também investigado em alguns dicionários da língua portuguesa: *Houaiss*, *Aurélio*, *Priberam* (do português europeu) e *Michaelis* (os dois últimos disponíveis eletronicamente¹⁹), bem como em dicionários etimológicos, como o de Cunha (2010) e de Nascentes (s.d.), objetivando-se perceber as descrições relativas à origem e ao uso atual desse item na língua portuguesa.

Optamos, no entanto, por não classificar as obras supracitadas em alguma tendência ou vertente teórica, mas julgamos mais adequado organizar o levantamento bibliográfico a partir das categorias gramaticais descritas pelos diferentes autores para o item linguístico focalizado nesta pesquisa. Ele foi classificado como *adjetivo*, *pronome demonstrativo*, *advérbio*, *conjunção concessiva*, *reforçador (intensificador)*, *determinativo*, *palavra denotativa* (ou *denotador*) e *pronome neutro*. A exposição das classificações segue essa mesma ordem. Saliente-se que, embora o foco desta pesquisa seja mapear categorias

¹⁸ De Said Ali, verificamos as obras *Gramática secundária* (1964) e *Gramática histórica da língua portuguesa* (1964), mas em nenhuma delas encontramos menção ao *mesmo*. Também Amorim (2009), ao tratar da classificação desse vocábulo como *palavra denotativa*, constata que “alguns autores preferem ser omissos em relação à questão. Said Ali (1966) e outros gramáticos, desse momento [tendência tradicional], não fazem alusão alguma à palavra.” (AMORIM, 2009, p. 86).

¹⁹ Dicionário *Michaelis*: <http://michaelis.uol.com.br/>
 Dicionário *Priberam*: <http://www.priberam.pt/dlpo/>

funcionais do *mesmo*, o levantamento de seus traços morfosintáticos nos auxiliará na caracterização de cada uma das funções desse vocábulo.

1.2.1 Adjetivo

Mesmo é classificado como adjetivo por todos os dicionários consultados. Conforme o Aurélio, dentre suas 14 acepções para o vocábulo em questão, o dicionarista o classifica como um adjetivo que significa “exatamente igual; idêntico” e traz os seguintes exemplos para ilustrar sua descrição acerca do verbete:

“As palavras seriam as **mesmas** da comédia; a ilha é que era outra” (Machado de Assis, *Quincas Borba*, p. 156);

“Para onde fores, Pai, para onde fores, / Irei também, trilhando as **mesmas** ruas...” (Augusto dos Anjos, *Eu*, p. 88);

“Pegaram a acender as luzes. / E nesse **mesmo** tempo parava no terreiro a comitiva” (Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, p. 211). (FERREIRA, 1999, p. 1322, grifo meu).

O mesmo dicionário também descreve o item com o sentido de *parecido, semelhante, análogo*, trazendo o seguinte exemplo: “‘toucava-se com um lenço da mais escrupulosa brancura; um mandil da **mesma** brancura completava o estranho vestuário da velha.’ (Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, pp. 98-99).” (FERREIRA, 1999, p. 1322, grifo meu).

Conforme esse dicionário, o terceiro sentido atribuído ao vocábulo (também adjetivo) seria de *próprio, verdadeiro*, e um dos exemplos citados é: “‘A matemática se detém na invariância mesma’ (Almir de Andrade, *As Duas Faces do Tempo*, p. 74).” (FERREIRA, 1999, p. 1322).

Da mesma forma, no dicionário Houaiss, a primeira informação sobre o item linguístico *mesmo* diz respeito à sua

classificação gramatical como “adjetivo”, com o seguinte sentido: *de igual identidade, idêntico, exatamente igual a outros, semelhante, que pouco difere em qualidades ou características, de igual origem.*

Além desses sentidos, ainda classificando-as como adjetivo, o dicionário traz acepções que transitam entre a categoria de adjetivo e pronome, como se pode ver nas acepções resumidas a seguir:

- a) Que se representa verdadeiramente, em pessoa, próprio;
- b) Reflexivo de uma pessoa do discurso, próprio;
- c) Que acabou de ser enunciado, referido, citado;
- d) Como reforço contextual, e de intenção, à referência feita pelo nome ou pronome antecedente.

Assim como nessa obra, o dicionário eletrônico²⁰ do *Michaelis* mostra-nos a mescla entre as categorias de adjetivo²¹ e pronome:

mes.mo
 adj e pron (lat vulg *met ipsimu) 1 Não outro, o próprio. 2 Exatamente igual. 3 Análogo, parecido, semelhante. 4 Que não apresenta mudança; não alterado, invariável. sm 1 A mesma coisa: Conosco

²⁰ Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=mesmo>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

²¹ Os manuais de gramática também explicitam esses sentidos do vocábulo oriundo de *metipsimu*, mas não o inserem na seção reservada aos adjetivos. Por isso, optamos por não trazer essas descrições nesta parte do trabalho.

aconteceu o mesmo. 2 Aquilo que não importa ou que é indiferente: Chova ou faça sol, para mim é o mesmo. 3 Indivíduo que não apresenta mudança no caráter ou na aparência: Estás sempre o mesmo. 4 Ligando duas orações com o verbo ser, significa simultaneidade: "Era o mesmo ver a um destes e entrar logo em sanha" (Gonçalves Dias, ap Laudelino Freire).

De modo semelhante, o Dicionário *Priberam*, ao classificar o vocábulo como determinativo e pronome demonstrativo, explica que, nesses casos, “indica igualdade, semelhança ou identidade (ex.: *ele vestiu estas mesmas calças ontem; ela continua a mesma apesar de tudo o que lhe aconteceu*).” Essa definição e os exemplos mostram essa interface do *mesmo* como pronome e adjetivo²².

Considerando que o item linguístico *mesmo* está constantemente transitando entre diferentes classes gramaticais e funções na língua portuguesa, como um objeto camaleônico e de maleável classificação, passemos à descrição de seu comportamento como pronome demonstrativo.

1.2.2 Pronome demonstrativo

A classificação mais citada de *mesmo* entre as obras que analisamos é a de *pronome demonstrativo*, sendo, inclusive, uma classificação que, provavelmente, é uma das mais ensinadas nas escolas, em aulas de língua portuguesa. Levando isso em consideração, começemos observando o que nos dizem as gramáticas escolares, como a de Ernani Terra (1999, p. 134):

²² Nesse contexto, vale mencionar a posição de Monteiro (2002) ao classificar os “nomes” como uma “classe gramatical” cujos papéis (chamados, por ele, de *funções*) podem ser: *substantiva* ou *adjetiva*. Nesse caso, os exemplos de *mesmo* presentes no verbete do Dicionário Michaelis seriam nomes com papel adjetivo.

“Mesmo e próprio são demonstrativos de reforço e equivalem ao que se referem, concordando com ele. Ele *mesmo* fez o exercício. Elas *próprias* resolveram o problema.”

De acordo com Terra (1999), além de serem demonstrativos, “mesmo” e “próprio” têm caráter reforçativo, mas a explicação em relação à questão da referência parece não estar muito clara na edição de 1999. Talvez por esse motivo é que, em edição posterior, o autor procura explicar melhor esse tópico, acrescentando algumas informações:

Mesmo e próprio são demonstrativos de reforço. Estarão sempre se referindo a um substantivo ou pronome com o qual deverão concordar em gênero e número.
Ele mesmo preparou o jantar.[...]
Fizeram as mesmas reclamações ao síndico. (TERRA, 2007, p. 159).

Além da nova informação sobre concordância de número e gênero, Terra (2007, p. 160) esclarece que “os pronomes demonstrativos, com exceção de *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*, podem aparecer unidos a preposições”, e essa seria uma idiosincrasia dos quatro pronomes demonstrativos citados. Há de se pensar, com isso, que pode existir um motivo específico para que eles não se acoplem mais a preposições, em diferença aos demais. Talvez, uma resposta para isso, em relação a *mesmo*, seria o fato de ele já ter tido uma história de “composição” com outros elementos em suas origens (como já foi explicado anteriormente), mas essa é uma hipótese que precisaria ser investigada com maior propriedade. Uma possibilidade, porém, seria o fato de *mesmo* não começar por vogais, diferentemente de outros pronomes demonstrativos, como *isso*, *esse* e *aquele*, que têm uma vogal como primeira letra e, em decorrência disso, podem se acoplar a preposições (*disso*, *desse*, *daquele*).

Ainda sobre o caráter demonstrativo do item, o manual de gramática de Cunha (1986), também muito utilizado no âmbito escolar, trata das características de *mesmo* atuando como esse tipo de pronome, mas é possível perceber que, da mesma forma como

ocorre nos dicionários, a classificação de demonstrativo e adjetivo está inter-relacionada.

Como demonstrativo, mesmo pode significar:

a) “exato”, “preciso”, quando empregado como reforço a um demonstrativo, ou a um artigo com valor de demonstrativo, que se refira a algo anteriormente mencionado:

“Mas, dentro **daquela mesma** semana, Antônio Maria apareceu de luto no escritório.”

(R. Couto, CEB, 131.) “**No mesmo** momento, mestre Vicente, na sala de sua casinha baixa, metido nos calções e em mangas de camisa, espiava a rua pelos buracos das rótulas.” (A. Arinos, OC, 476)

b) “idêntico”, “igual”:

Entrei o amor Virgília com muito mais ardor, depois que estive a pique de a perder, e **a mesma** cousa aconteceu a ela”

(M. de Assis, OC, I, 499.) c) “em pessoa”:
“E a história, para mim, deste meio século, sou eu mesmo, o que vi, o que senti.” (A. F. Schmidt, GB, 16.)

“Durante um século estivemos a olhar para fora, para o estrangeiro: olhemos agora para nós **mesmos**.” (A. Arinos, OC, 707.)

3. Próprio é demonstrativo quando corresponde a **mesmo** nas acepções atrás mencionadas:

“Vão crucificá-lo, vão fazê-lo subir a montanha carregando o seu próprio instrumento de martírio, o **próprio** sinal da sua ignomínia.”

(A. F. Schmidt, GB, 341.)

“Eurição Árabe traiu a todo o mundo e a si **próprio**.”

(M. Bandeira, AA, 127.)

4. Semelhante serve de demonstrativo de identidade:

“Ele, Fabiano, espremendo os miolos, não diria **semelhante** frase.”
(G. Ramos, VS, 159). (CUNHA, 1986, p. 332-333).

Já com os fragmentos dessas duas gramáticas, é possível notar que, nas descrições desses manuais, os vocábulos *próprio* e *mesmo*, de um modo geral, aparecem ao lado de substantivos e/ou pronomes, evidenciando-se a nuance adjetiva de tais termos. Em Sacconi (200-, p. 141), isso fica perceptível nos seguintes exemplos: “Susana mesma/própria costura seus vestidos” e “Teresa vive falando consigo mesma/própria”.

Da mesma forma, Bechara (2003, p. 168) afirma que “mesmo e próprio aparecem ainda reforçando pronomes pessoais” e traz o seguinte exemplo: “Ela *mesma* quis ver o problema” (BECHARA, 2003, p. 168). Para o autor, nesse caso, *mesmo* deve ser classificado como demonstrativo:

Outros demonstrativos e seus empregos –
Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com valor de “em pessoa” são classificados como demonstrativos:

Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim mesmo” [MA. 4, 203].

“De resto, naquele mesmo tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu” [MA. 4, 225].

“Veja os algarismos: não há dois que façam o mesmo ofício” [MA. 4, 267].
(BECHARA, 2003, p. 190).

De forma semelhante, Cegalla (1996) explica que “mesmo(s)” e “mesma(s)” são pronomes demonstrativos, incluindo na lista os seguintes pronomes: “este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s), aqueloutro(s), aqueloutra(s) [...] próprio(s), própria(s), tal, tais, semelhante(s).[...] Exemplos: Estes

rapazes são os mesmos que vieram ontem.” (CEGALLA, 1996, p. 173).

Já no que diz respeito à flexão de *mesmo* como demonstrativo, Almeida (1985, p. 185) traz informações sobre a concordância de número e gênero (característica típica de substantivos e adjetivos):

342 – **MESMO:** 1 – Quando *mesmo* modifica, na oração, os pronomes *eu, tu, ele, nós e vós*, deve flexionar-se com o gênero e com o número da pessoa representada por *esses pronomes: eu mesmo (homem) – eu mesma (mulher) – tu mesmo (homem) – tu mesma (mulher) – nós mesmo, nós mesma* (quando o nós está empregado em lugar de eu: Nós mesmo investigamos o caso) – *nós mesmos, nós mesmas* (quando o nós representa, de fato, mais de uma pessoa) – *vós mesmo, vós mesma* (quando o vós vem empregado em lugar de tu: Vós mesma, minha aluna, deveis redigir as respostas) – *vós mesmos, vós mesmas*, quando o vós se refere, realmente, a mais de uma pessoa). **Nota** – Passa-se com o demonstrativo *próprio* fenômeno idêntico ao que se dá com o demonstrativo *mesmo*; *eu próprio, nós próprio, nós própria, nós próprios, nós próprias* etc. (V. o § 769, 1). (ALMEIDA, 1985, p.185)

Conforme mostra Almeida (1985), quando os pronomes pessoais estão no plural, mas com sentido de singular, e acompanhados de *mesmo*, este último vocábulo não precisa se flexionar em número. Já Bechara (2003), ao tratar da concordância desse demonstrativo, argumenta que a flexão de gênero e número deve acontecer.

Mesmo, próprio, só – Concordam com a

palavra determinada em gênero e número:
Ele mesmo disse a verdade. Ela mesma disse a verdade. [...]

Mesmo, além de se empregar na idéia de identidade (=em pessoa), aparece ainda como sinônimo de próprio, até:

“ao mesmo demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver” [AV apud ED.2, § 86, a]. (BECHARA, 2003, p. 548-549).

Bechara (2003) ainda explicita outra característica do demonstrativo, o qual, acompanhado de um nome mais genérico, consegue retomar ideias anteriores²³: “*Mesmo, próprio, semelhante e tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse, essa, aquele, isso, aquilo*: ‘Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a mesma coisa’ [MA.4, 87]. (BECHARA, 2003, p. 168). Em outra seção, o mesmo autor assevera que:

Mesmo, semelhante e tal têm **valor de demonstrativo anafórico**, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

“Depois, como Pádua, falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa.” [MA. 4, 87].

“Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras tais promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem”. (MA, 4, 202; FT. 1, 56). Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula. (BECHARA, 2003, p. 191, grifo meu).

²³ Mais à frente, detalharemos essa particularidade anafórica, típica de alguns tipos de *mesmo*, relacionados a sua raiz *idem*.

Em um manual de gramática publicado em Portugal, percebemos que a descrição de Dias (1954) tem conotação semelhante à das gramáticas citadas anteriormente, acrescentando a informação de que o *mesmo* e o *próprio* podem ter o sentido de *até* (o que evidenciaria uma transição de *mesmo* à classe dos denotadores²⁴).

O pron. mesmo, além de designar identidade, e de equivaler a em pessoa (própria e tipologicamente): Era Christo a mesma Innocencia (Vieira, I, 395), também se emprega na significação de próprio, até: ao mesmo demonio se deve fazer justiça, quando a elle a tiver (Vieira, S. Do Demonio mudo). Os mesmos animaes de carga, se lh'a deitam toda a huma parte, cabem com ella (Vieira, S. do S.to Ant.o, 4). (DIAS, 1954, p. 80-81).

Já na gramática de Pereira (1946 [1926]), há outra informação nova: o autor destaca que o demonstrativo em questão (e seus semelhantes) pode vir acompanhado de outro “determinativo” (tais como os pronomes possessivos e demonstrativos) e enfatiza a característica de reforço²⁵, fruto da raiz *ipse* de *mesmo*:

Mesmo, próprio, tal:

- a) Êstes DEMONSTRATIVOS admitem outros DETERMINATIVOS que êles reforçam. O mesmo homem, o próprio homem, ou o tal homem de que falamos, êste mesmo homem, meu próprio pai.
- b) Mesmo, quando reforça os

²⁴ A classe dos *denotadores* (ou *palavras denotativas*) será explorada em outra seção.

²⁵ A categoria de *pronome demonstrativo* estaria mais ligada à raiz *idem* de *mesmo*, mas, como pudemos observar, não são raras as vezes em que as características do item linguístico analisado se interseccionam.

pronomes pessoais, recebe o gênero e o número da pessoa que o pronome representa: Eu mesmo ou mesma. – Nós mesmo ou mesma, mesmos ou mesmas. – A si mesmo, mesma, mesmos ou mesmas. O mesmo acontece com próprio. (PEREIRA, 1946 [1926], p. 315).

Na obra *A estrutura morfossintática do Português*, Macambira (1973) esclarece que os pronomes podem ter papel²⁶ adjetivo ou substantivo, afirmando que o vocábulo *mesmo* seria um pronome adjetivo, isto é, deve acompanhar um nome dentro do sintagma nominal.

2.7.2.3 – São pronomes adjetivos:

a) Os pessoais:

Definidos: (faltam);

Indefinidos: (faltam);

b) Os possessivos:

Definidos: meu, teu, seu, nosso, vosso, com os femininos e plurais correspondentes;

Definidos: alheio(s), alheia(s);

c) Os demonstrativos:

Definidos: o, este, esse, aquele, tal, mesmo, próprio, semelhante, com os femininos e plurais correspondentes;

Indefinidos: outro, qualquer.

(MACAMBIRA, 1973, p. 57-58).

Em Neves (2000, p. 492), encontramos a menção de que *mesmo* seria, em alguns contextos, um demonstrativo que reforça a identidade e, em outras situações, um pronome indicador de identidade idêntica.

²⁶ Originalmente, o autor utiliza (em vez de “papel”) o termo “função”, mas, para não confundir o leitor – uma vez que trabalhamos com uma perspectiva funcional da língua e, dessa forma, o termo “função” nos é muito caro e específico – optamos por parafraseá-lo usando outro termo correspondente.

a.1) reforçador de identidade:

*Hoje, o genro de seu Juquinha, moço de poucos escrúpulos, organiza as sessões de cura, num salão que ele **MESMO** improvisou, pedindo a quem tem que contribua e quem não tem peça emprestado para contribuir. (ACT)*

*Ela **MESMA** não sabia de si, o que faria logo, onde estaria amanhã. (PV) [...]*

a.2) indicador de identidade idêntica:

Quando o meu gracioso soberano tornou-se violento, achei que era meu dever sujeitá-lo com o **MESMO** sistema de coerção que teria usado em um de seus jardineiros. (APA)

Alguns meses depois, em Joinville, estado de Santa Catarina, repetiu o espetáculo contra a **MESMA** pessoa, em benefício de um orfanato. (MU). (NEVES, 2000, p. 492).

A partir disso, inferimos que seria possível atribuir a primeira função (reforçador de identidade) à sua raiz em *ipse*, e a segunda função (indicador de identidade idêntica) à sua raiz em *idem*.

A obra de Castilho (2010), por sua vez, não apenas descreve os papéis de *mesmo* e dos demonstrativos, mas também levanta a problemática da identificação de classes, embora acabe por não entrar em detalhes nessa questão (no momento em que se ocupa do tema dos demonstrativos). O autor se dedica, então, a abordar a questão das propriedades gramaticais dos demonstrativos:

Além de este, esse, aquele, isto, isso, aquilo, o, as gramáticas incluem entre os demonstrativos também os seguintes vocábulos: (1) tal, quando sinônimo de este, esse, aquele (como em quando tal ouvi, respirei) e como sinônimo de

“semelhante” (como em tal situação confundia-a fortemente); (2) **mesmo** e próprio, quando têm o sentido de “exato”, “idêntico”, “em pessoa” (como em “eu não posso viver muito tempo na mesma casa”, “foi a própria Carmélia quem me fez o convite”); (3) semelhante, quando marca a identidade (como em “a jovem Aurora podia deixar de recorrer às fórmulas que se usam em semelhantes conjunturas”): formulação e exemplos de Cunha / Cintra; (1985: 332-333). [...] Comparados com os artigos e os pronomes pessoais, os demonstrativos apresentam um interessante problema na identificação das classes. Rodrigues (1978) e Castilho (1993b) discutiram essa questão. Seja o seguinte exemplo: (98) *Quanto à aréola, apenas eu digo a vocês o seguinte: (...) esta aréola possui uma série de tubérculos, são tubérculos denominados de Morgagni, Tubérculos esses se hipertrofiam de uma maneira considerável (...) Então os Tubérculos de Morgagni são os mesmos tubérculos de Montgomery (...). Estes tubérculos, (...) chegou-se à conclusão (...) que estes tubérculos nada mais são do que glândulas mamárias pequenas.(EF AS 49)*. (CASTILHO, 2010, p. 496, grifo meu).

Retomando o seu exemplo (98), Castilho (2010, p. 500-501) trata também das propriedades discursivas dos demonstrativos, aspecto que, nesta pesquisa, é de extrema importância e irá nos auxiliar no mapeamento de classes funcionais:

Como temos visto, em muitos casos o papel dos demonstrativos ultrapassa os limites da sentença. É disso que nos

ocuparemos nesta seção. Como operadores de identidade, demonstrativos desempenham na organização do texto o papel de associar-se a outros dispositivos para assegurar a coesão textual, como se demonstrou em (98). Naquele exemplo, a especificação dos sintagmas nominais foi expressa por meio da seguinte escala:

(98c, 98d) preposição+) artigo a+ substantivo > demonstrativo esta, esses, estes + substantivos > pronome pessoal eles > artigo os + substantivo > demonstrativo os mesmos, estes, estes + substantivo.

O falante ativa essa escala para conectar os referentes necessários à sua descrição, a saber, *auréola*, *tubérculos*, *glândulas*, oferecendo pistas para que se entenda que ele segue elaborando o mesmo tópico discursivo. O último sintagma nominal da escala aparece desmarcado de qualquer operador de identificação, talvez por vir seguido de complementadores: o sintagma adjetival não predicativo *mamária* e o sintagma adjetival predicativo *pequenas*.

Em sua qualidade de Especificadores, demonstrativos + substantivos atuam em conjunto, servindo ao desenvolvimento das seguintes estratégias discursivas:

1. Inserção do tópico discursivo

Ver a primeira ocorrência de *esta* em (98).

2. Continuidade do tópico discursivo

Ver a primeira ocorrência de *esses*, coocorrendo com *estes* em (98).

3. Encerramento do tópico discursivo

(104) *Espero que todos tenham entendido as estratégias de uso dos demonstrativos.*

É isso aí. Concluindo, este é o quadro dos demonstrativos que ocorrem no PB:

IDENTIDADE		ALTERIDADE
identidade precisa	identidade vaga	<i>outro</i>
<i>este, esta/esse, essa</i>	isto/ísto	tal
aquele, aquela	Aquilo	
mesmo, mesma	o (neutro)	
próprio, própria	semelhante	
o, a		

O quadro de Castilho (2010), bem como suas reflexões acerca dos pronomes demonstrativos, traz uma visão mais clara a respeito do *mesmo*, que, de acordo com o pesquisador, é um demonstrativo de identidade precisa, diferentemente de um pronome neutro, por exemplo, que teria uma identidade vaga. As informações trazidas por Castilho (2010) acabam por revelar uma faceta de *mesmo* cada vez mais com função textual, o que nos dá embasamento para nossa argumentação de que o vocábulo estaria passando por um processo de gramaticalização, mas isso será retomado adiante, ao tratarmos das perspectivas teóricas de nosso estudo e na própria análise de nossos dados.

Voltando à questão das classes gramaticais, é preciso ressaltar que, dentro da classe dos pronomes demonstrativos, há um uso de *mesmo* (substantivo) bastante discriminado por alguns manuais de gramática e dicionários, sobre o qual iremos tratar nesta próxima seção.

1.2.2.1 Um caso de demonstrativo polêmico: “o/a(s) mesmo/a(s)”

Até este ponto de nossa discussão, trouxemos apenas possibilidades aceitas pelos manuais de gramática do uso do vocábulo *mesmo*. Existe, no entanto, um uso que é pouco mencionado, de um modo geral, nos manuais de gramática

pesquisados, mas que, quando é citado, há um vasto preconceito em abordá-lo. Observemos, então, o que Sacconi (200-, p. 144) nos mostra sobre isso:

11. Não há propriedade do uso do demonstrativo **mesmo** em substituição a outro tipo de pronome ou substantivo. Ex.: O fenômeno foi visto por dois transeuntes, e **os mesmos** não quiseram dar entrevistas sobre **o mesmo**. (Isto é: **que** não quiseram, sobre **ele** ou sobre **o assunto**)

A inauguração do cinema se deu ontem e à mesma compareceram várias autoridades. (Isto é: a **ela** compareceram.)

Quero comprar o livro, mas antes preciso saber o preço **do mesmo**. (Isto é: preciso saber o **seu** preço.)

Compraram o livro e esqueceram o mesmo em cima do balcão. (Isto é: esqueceram-**no**)

12. Muitas vezes o emprego possui duplo inconveniente, ou seja, de ser impróprio já por sua natureza e inteiramente desnecessário à frase. Ex.:

O acidente ocorreu ontem, e **o mesmo** foi presenciado por inúmeras pessoas.

Essa frase não precisa de tais elementos para estar completa:

O acidente ocorreu ontem e foi presenciado por inúmeras pessoas.

O autor não evidencia o que considera um “erro” e aponta outras possibilidades de uso, a fim de se evitar o que seria um uso inapropriado de “o mesmo” e suas variações de número e gênero. Como se pôde notar, Sacconi o descreve como “impróprio por sua natureza”, mas não justifica o porquê dessa impropriedade inerente. Ademais, ele cita um exemplo em que “o mesmo” seria “inteiramente desnecessário à frase”, mostrando preferir o uso de anáfora zero, ou seja, de apagamento do

demonstrativo, na segunda oração, em vez da recorrência de “o mesmo”.

Além das afirmações radicais presentes nesse manual de gramática, em Almeida (1985), do mesmo modo, podemos notar uma recusa ainda mais forte desse uso como mecanismo anafórico nos textos:

4 – Há um emprego condenável do demonstrativo *mesmo*, em virtude de terem criado, à custa de ensinamentos de origem duvidosa, incompreensível aversão às formas *a ela, dela, para ela* etc.

Talvez por temor de, no emprego do pronome *ela*, formar palavras grotescas, como “boca dela”, ou para evitar a repetição desse pronome, costumam certos autores, *infallivelmente*, substituí-lo por *a mesma, da mesma, para a mesma, com a mesma*, substituição verdadeiramente ridícula, que só logra atestar fraqueza de estilo, falta de colorido e de recursos sintáticos. Assim é que frequentemente vemos passagens como estas: “Vou à casa de minha mãe; falarei com *a mesma* sobre o assunto” – “Realizou-se ontem a esperada festa; *à mesma* compareceram...” É caso de perguntar se o interlocutor tem outra mãe ou se o cronista assistiu a outra festa.

Outros exemplos desse erro: “... nova ortografia, visto que os trabalhos serão corrigidos pela *mesma*” – “Devemos estudar português e as matérias que têm relação com o *mesmo*”. Esse disparate se evidencia em trechos de confirmante pobreza sintática como este: “A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. E F., e os mesmos dedicam à *mesma* todas as energias” – “Recebi seu pedido; fiz chegar o *mesmo* às mãos do diretor”.

Reproduzamos corrigidos, os exemplos dados: “Vou à casa de minha mãe, com quem falarei sobre o assunto” (ou: e com ela falarei sobre o assunto) – “Realizou-se ontem a esperada festa, à qual compareceram...” – “...nova ortografia, visto que por esta devem os trabalhos ser corrigidos” – “Devemos estudar português e as matérias com ele relacionadas” (e as matérias correlatas com esse estudo – e as matérias que mantêm com essa disciplina relação) – “A Sociedade Tal é constituída dos senhores F. e F., que a ela dedicam todas as energias” (ou: que lhe dedicam...) – “Recebi seu pedido; fi-lo chegar às mãos do diretor”.

Imagine-se Camões a escrever:

Mas não serviu ao pai, servia à *mesma*

Que à *mesma* só por prêmio pretendia.
(ALMEIDA, 1985, p. 185-186, grifos nossos).

O autor, embora não tenha certeza de como esse uso se instaurou na língua, procura construir uma hipótese de que *o mesmo* começou a ser usado com vistas a se evitar o uso exagerado de *ele* (e suas flexões de número e gênero) – que, em alguns casos, poderia formar cacofonias. Essa pressuposição, no entanto, não é atestada, e a argumentação de Almeida continua não se sustentando quando ele afirma que tal uso mostraria a “fraqueza de estilo” e “falta de colorido” à língua.

No manual de gramática de Bagno (2013), lançado recentemente e voltado ao uso escolar, também aparece um visão negativa em relação a esse tipo de *mesmo*. O linguista argumenta que se trata de um fenômeno de “hipercorreção”.

Poucos fenômenos de hipercorreção caracterizam tão bem a insegurança linguística e o domínio insuficiente dos gêneros mais monitorados quanto o pronome **o mesmo** (e flexões). Em 111%

dos casos em que aparece, é possível não empregar pronome algum ou empregar o pronome da não-pessoa ele (e flexões).

No *corpus* do NURC-Brasil, mais uma vez, esse pronome apenas na fala hipercorrigida (e, portanto, repleta de equívocos) de um falante que se vê, por algum motivo (sem dúvida, insegurança linguística), na obrigação de “falar difícil”. E o uso que ele faz de o mesmo só leva à confusão do que pretende dizer:

[43] muitas vezes um associado... é despedido... do emprego... e não tem a quem... recorrer exatamente por falta de condições financeiras... para contratar um bom caudatário a fim de que **o mesmo** possa prestar **ao mesmo**... uma assistência... adequada... que se impõe... principalmente em casos em que o associado não tem realmente... condições... (NURC/REC/131).

Justamente por nunca ocorrer de forma espontânea na língua falada é que o mesmo se tornou [...] esse sintoma tão eloquente da hipercorreção e da insegurança linguística. E, como sempre, por ter essa origem é que seu uso ocorre em textos truncados, francamente mal escrito, confusos. (BAGNO, 2013, p. 966).

Além de tais comentários sobre esse pronome demonstrativo bastante usual na língua portuguesa, o autor opina sobre uma das principais tarefas da educação linguística: ensinar a escrever bem; e esclarece que escrever bem não significa “escrever complicado”, por isso, o uso de “o mesmo”, dessa maneira, indicaria um caso de “imperícia na produção textual”. Bagno (2013) conclui seu parecer com um conselho sobre o uso do pronome demonstrativo em questão:

Por isso, cada vez que encontramos **o mesmo** nos textos que nos forem dados como exercícios de escrita, vamos sugerir aos nossos alunos que simplesmente eliminem esse pronome e o substituam por **ele**, pela **anáfora-zero** ou por outra construção sintática melhor. Vamos mostrar para nossos alunos que **o mesmo** praticamente nunca ocorre nos textos dos nossos melhores escritores, tradutores, jornalistas, ensaístas etc. (BAGNO, 2013, p. 967)

Também em dicionários, como o *Aurélio*, há uma forte rejeição desse tipo específico de *mesmo* como um recurso de retomada na língua portuguesa, e sugere-se que seja evitado, por se tratar de um uso deselegante, embora utilizado também por mestres da literatura.

Parece conveniente evitar o emprego de *o mesmo* com outra significação que não essa, ou seja, como equiv. do pronome *ele* ou *o*, etc.: *Vi ontem F. e falei com o mesmo a respeito do seu caso; Velho amigo desse rapaz, já tirei o mesmo de sérios embarços.* No primeiro exemplo se dirá, mais apropriadamente, *falei com ele* ou *falei-lhe* (por *falei com o mesmo*), e no segundo *já o tirei* (em vez de *já tirei o mesmo*). É tão freqüente esse uso, pelo menos deselegante, de *o mesmo*, que podemos observá-lo num mestre como Camilo Castelo Branco (*Cenas da Foz*, p. 30). A primeira mulher que amei era uma dama de alto nascimento, que tivera bastante influência no quartel-general de Lord Wellington, e ajudara, por causa de um ajudante-de-ordens *do mesmo*, *o* *sopapo* como uma viscondessa celebrada.” Seria melhor, sem dúvida, *por causa de*

um seu ajudante-de-ordens (sem perigo, a nosso ver, de ambigüidade., ou *por causa do ajudante-de-ordens deste.*]. (FERREIRA, 1999, p. 1323, grifos meus).

Com uma posição diferente dessa, o Dicionário português *Priberam* não mostra nenhum tipo de contraindicação para o uso desse tipo de *mesmo*. Em uma de suas acepções, o vocábulo é considerado um *pronome demonstrativo* e aparece a seguinte descrição: “coisa ou pessoa que já foi mencionada anteriormente (ex.: eu fiz a tarefa, mas a mesma não ficou perfeita)”. É bem provável, portanto, que os portugueses não tenham preconceito em utilizar esse tipo de mecanismo de retomada, mas não nos ateremos, nesta pesquisa, a verificar o uso de tal vocábulo no PE (português europeu).

Quanto aos gramáticos, Bechara é o único dos autores de manuais de gramática, aos quais esta pesquisa se reporta, que trata dessa faceta do *mesmo* de uma forma positiva²⁷. De acordo com ele:

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo mesmo, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, ara referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

“Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu o relatório contra *os mesmos*, e contra outros...” [MA apud MMc. 1, 274]

“Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas aos mesmos” [E. Frieiro apud MMc. 1].

²⁷ A maioria dos autores – inclusive os que trabalham com *córpus* – não abordou esse uso do *mesmo* em suas obras.

Para estes críticos, o mesmo, etc., deve ser substituído por ele, etc. Talvez por isso E. Friero, na 2ª edição, alterou seu texto para: “Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras a eles alusivas”. (BECHARA, 2003, p. 168).

A respeito, ainda, dessa faceta do *mesmo*, não encontramos menções, mas sim um “flagrante de uso” do gramático Barboza (1830) ao tratar de algumas expressões possessivas e do próprio *mesmo* como reflexivo:

[...] *Seu Senhor, ou Senhor de si*. Ambas estas expressões significão possessão, porém de diferente modo. As primeiras exprimem uma posse ou propriedade activa, que tem as pessoas, indicadas pelos Possessivos; as segundas huma propriedade ou reflexa, ou passiva, que **AS MESMAS** recebem ou de si ou de outro possuidor diferente. E esta he a razão porque, a fim de distinguir mais estas duas especies de propriedades em respeito a diferentes sujeitos, ou ao mesmo, temos a cautella de ajuntar às vezes aos primitivos o demonstrativo Mesmo para mostrar a reciprocidade do possuidor e da couza possuida como *O amor de mim mesmo, O odio de nos mesmos*. (BARBOZA, 1830, p. 100, grifo nosso).

É possível perceber que o autor se utiliza de “as mesmas” para retomar um elemento já mencionado, que, nesse caso, seria “estas expressões”. Com isso, pode-se inferir que esse uso do item linguístico, ainda que seja considerado equivocado por alguns autores, aparenta ser natural no século XIX, a tal ponto que foi encontrado em um manual de gramática da época.

A próxima categoria encontrada em algumas gramáticas, tal como os pronomes, está ligada à raiz *idem* de *mesmo* e foi chamada de “determinativo” ou “especificador”.]

1.2.3 Determinativo/ Especificador

A função de determinativo (ou especificador), atribuída ao *mesmo*, é pouco citada na maioria das gramáticas e dicionários, tratando-se de uma caracterização mais ampla, que engloba também diferentes vocábulos (como pronomes demonstrativos, indefinidos, possessivos e outros), mas, dentre as obras de que nos ocupamos em analisar nesta pesquisa, algumas trouxeram essa classificação para se referir ao item linguístico em questão.

Começamos, primeiramente, com as obras mais recentes dos autores em que nos baseamos, como Azeredo (2008), que traz duas possibilidades para o *mesmo* como determinativo. A primeira delas é a função de “determinação remissiva”, e esse *mesmo* é classificado como “mesmo 1”. Sobre isso, autor assevera que:

Determinação focalizadora: *próprio e mesmo 1*

Os pronomes *mesmo* e *outro* empregam-se no discurso em virtude de uma atitude comparativa por parte do enunciador, que tem sempre em mente uma base referencial comum às porções de sentido consideradas: a identidade total se exprime com *mesmo*, a parcial, com *outro*. Assim, quando dizemos *o ministério usou o mesmo slogan da campanha anterior*, não só classificamos as mensagens das duas campanhas como slogan, como dizemos que o ministério usou na segunda campanha uma mensagem idêntica à primeira. Em contrapartida, se dizemos que *o ministério usou na segunda campanha outro slogan*, apenas

reafirmamos o gênero – slogan – propriedade partilhada pelos elementos em causa, e introduzimos a novidade (o conteúdo) na espécie. Ambos os enunciados baseiam-se num ato de comparação.

Mesmo e *outro* integram o complexo sistema de meios referenciais do discurso e constituem instrumentos de coesão textual e de coerência conceptual. Ambos servem para retomar porções de sentido (anáfora) ou antecipar porções de sentido (catáfora) na cadeia do discurso, razão por que lhes chamamos *determinantes remissivos*. [...] *Mesmo* assinala no discurso o fenómeno da coincidência referencial, e significa o oposto de *outro* 2. Seu mecanismo referencial apresenta dois subtipos, que vamos chamar **correferência sintética** – se os elementos cuja identidade se declara estão unidos numa só função sintática (ex.: *Você e eu não assistimos ao mesmo filme; meu pai deu a mim e a meus irmãos a mesma educação*) e **correferência analítica** – se esses elementos estão distribuídos em sintagmas distintos, ainda que desempenhando a mesma função (ex.: *Você não assistiu ao mesmo filme que eu; “O TRE dispôs do mesmo tempo dos outros tribunais regionais para organizar o pleito”* [Jornal do Brasil, 2/10/1994]). (AZEREDO, 2008, p. 247).

Esta definição de *mesmo* se diferencia de sua outra acepção – à qual o autor chama de “mesmo 2” – por ter uma propriedade remissiva, ao passo que o próximo sentido do item gramatical tem uma propriedade focalizadora.

Determinação focalizadora: *próprio e mesmo 2*

Como determinante, *próprio* acrescenta ao enunciado uma tomada de posição do enunciador a respeito da relevância do que está dizendo:

* O *próprio* prefeito supervisionou os trabalhos de socorro aos flagelados.

A intenção do enunciador é impressionar o interlocutor. Com esse mesmo viés, emprega-se o pronome mesmo posposto ao substantivo (*O prefeito mesmo supervisionou os trabalhos de socorro aos flagelados*). Trata-se de unidades que servem aos propósitos argumentativos do discurso, já que, por meio delas, o enunciador expressa, sobre o fato relatado, uma avaliação que espera ver compartilhada pelo interlocutor. Uma frase sem sentimentos de simpatia ou de repulsa. Assim é que, ao dizer a frase *O prefeito supervisionou os trabalhos de socorro aos flagelados*, o enunciador reporta o fato de forma impessoal e neutra; ao introduzir, porém, o determinante *próprio* (ver acima), o enunciador agrega à frase um tom de simpatia pelo gesto do prefeito. Em seu papel remissivo – possível apenas nas construções em que determina um SN distinto do SN sujeito – *próprio* (*próprio 2*) dá realce à relação de posse expressa pelo pronome:

*Ele pagou a conta do seu *próprio* bolso.

*Ele ofereceu seu *próprio* casaco para agasalhar a criança.

acabando por absorver esse valor e dispensar o pronome:

*Ele pagou a conta do *próprio* bolso.

*Ele ofereceu o *próprio* casaco para agasalhar a criança. (AZEREDO, 2008, p. 251)

Se observarmos essa classificação, perceberemos que se assemelha à classe de pronome reflexivo do inglês, como ocorre em *myself* (*I do by myself*: eu mesmo fiz), ou, em alguns casos, o vocábulo *own* acompanhado de um pronome possessivo (*my own pocket*, isto é, “meu próprio bolso”). Essa classificação tem um caráter mais reforçativo, ou, como o próprio autor nomeia, trata-se de um “focalizador”.

Uma descrição semelhante, nesse aspecto, aparece no dicionário *Priberam*, que apresenta uma das classificações do *mesmo* como “determinativo demonstrativo”: “Usa-se após pronome pessoal ou outras formas de tratamento de modo enfático (ex.: *eu mesmo farei o trabalho*)”.

Azeredo (2008), porém, traz ainda mais detalhes sobre o vocábulo e, após suas definições, exhibe um quadro com todos os determinativos que elenca, o qual foi adaptado com o objetivo de mostrarmos apenas os determinativos que nos interessam, com seus respectivos traços²⁸:

Quadro 4: Diferença entre *mesmo1* e *mesmo2*

	V/N	V/G	Pl	Sg	Fo	Deit	Id	Vin	Rem	Ind	Quan	Int	Subte
Mesmo 1	+	+	+	+	+	-	-	-	+	-	-	-	-
Mesmo 2	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Adaptação de Azeredo (2008, p. 252)

A partir do quadro, percebemos que o único traço que distingue ambos é a remissividade, pois, embora o *mesmo1* não seja classificado como um determinativo focalizador (*mesmo2*), de acordo com o quadro de Azeredo (2008), tal item linguístico também tem essa propriedade. Já a característica remissiva seria

²⁸ As siglas do quadro, conforme Azeredo (2008) significam: **VN** = variável em número; **VG** = variável em gênero; **Pl** = plural; **Sg** = singular; **Fo** = focalizador; **Deit** = dêitico; **Id** = identificador; **Vin** = vinculativo; **Rem** = remissivo; **Ind** = indefinido; **Quan** = quantificador; **Int** = interrogativo; e **Subte** = subordinante.

própria apenas do *mesmo*, i.e., esse tipo de *mesmo* teria uma particularidade de *idem* dentro de si.

Outra gramática recente e com uma perspectiva linguística é a de Castilho (2010), que classifica os pronomes demonstrativos (assim como os artigos, pronomes possessivos e quantificadores indefinidos) como especificadores. De acordo com o linguista:

Os Especificadores masculinos e femininos *este*, *esse*, *aquele* (seguidos facultativamente de um locativo), *mesmo* e *próprio* são usados para indicar que as entidades comparadas são idênticas, e com isso seu significado é apresentado de modo preciso:

(100)

a) **Este** livro/ **esse** livro aqui está muito caro. (em comparação com os outros referentes possíveis de livro, escolheu-se o referente idêntico, preciso, determinado)

b) **Aquele** livro lá é mais barato.

c) Outro dia achei o **mesmo** livro por um valor mais baixo.

d) Eu não vou chegar em Belo Horizonte no **mesmo** dia... vou ter que dormir ou em conquista. (D2 SSA 98)

e) L2 – é difícil porque tem que manter... do dos dos **próprios** clientes não pode ser feito isso. É uma questão de ética. (D2 sp 360)

f) Naquele tempo dentro do:: do **próprio** rio fizeram cerCADos... assim com FUNdo... uma espécie duma piscina né? (DID POA 45)

g) Tu fez alguma pergunta, André? Bem, por exemplo na translação, o **próprio** nome já diz, pode ser uma tradução. (EF POA 278)” (CASTILHO, 2010, p. 499).

Os especificadores, pois, seriam quaisquer elementos que tenham a função de especificar os nomes, ou, em outras palavras, adjetivá-los, o que os aproximaria, novamente, da classe dos adjetivos.

Já em uma gramática mais antiga, como a de Barboza (1830), há uma descrição sobre os “determinativos demonstrativos”. Embora o autor não chegue a mencionar o item *mesmo*, conforme a contextualização e os exemplos, podemos perceber que tal vocábulo se encaixa nessa descrição:

Os Determinativos Demonstrativos são aquelles que determinão e applicão os nomes appellativos a certos individuos [?], indicando-os, e mostrando-os pela [ilegível] da sua existencia. Destas ha duas especies. Huns são puramente Demonstrativos, e outros Demonstrativos e Coniunctivos ao mesmo tempo.

Os *Demonstrativos Puros* mostrão e apellão os objectos presentes pelo lugar, menos ou mais distante em que estão, ou no espaço, ou no discurso, ou na ordem dos tempos; e bem assim o lugar e relação, que tem por ordem a pessoa que fala, aquella com quem se fala, e à de quem se fala.

Queremos nós por ex. Determinar hum objecto, presente pelo lugar, que occupa, juncto a nós que falamos, ou em que o puzemos no discurso, falando dele? Dizemos: *Este homem, Esta mulher, Isto*, que acabamos de dizer. E se na mesma situação estão dous objectos, que queremos mostrar, dizemos *Este homem, Est'outro homem*.

Queremos outrosi mostrar hum objecto presente, porém mais distante, e immediato a outra pessoa com quem falamos? Dizemos: *Esse homem, Essa mulher, Isto que dizes*, e se são dous os

que se achão na mesma situação, e que queremos indicar, ajuntamos *Esse homem, Ess'outro homem, Essa mulher, Ess'outra mulher*.

Queremos em fim determinar hum objecto presente, porém mais remoto que os antecedentes, e com relação a huma terceira pessoa, ou couza, da qual se fala? Dizemos: Aquelle homem, Aquella mulher, Aquillo, que ao princípio se disse, e se com este objecto se acha outro na mesma situação que também queremos indicar, ajuntamos: Aquelle homem, Aquell'outro homem, Aquella mulher, Aquell'outra mulher. (BARBOZA, 1830, p. 161-162).

O autor nos mostra que existem os demonstrativos “puros” e os “conjunctivos”, sendo estes últimos equivalentes ao que costumamos chamar hoje de pronomes relativos (cujo, qual, quem, entre outros). Com isso, podemos perceber um possível processo de gramaticalização, uma vez que os pronomes, com função inicial remissiva, passariam, aos poucos, a ter função conectiva (conjuntiva), tornando-se vocábulos que se interseccionam entre as classes de pronome e conjunção²⁹, tornando-se, paulatinamente, mais textuais e mais gramaticais.

Barboza (1830) aponta, mais à frente, nessa mesma obra, que os determinativos, algumas vezes, juntam-se a outros determinativos, e, nessa explicação, é que aparece o *mesmo* com exatamente essa classificação.

Os mesmos nomes Apellativos, quando são precedidos de alguns Determinativos especiaes, ou de qualidade, ou de quantidade, que os determinão, não se

²⁹ Macambira (1973) também afirma que esses vocábulos (pronomes e conjunções) têm duplas funções, apresentando-se como categorias duplas.

indivíduo: então, geralmente falando, não precisão de Artigo, nem os bons Classicos lho costumão pôr. [...] Contudo, como o Artigo não he propriamente quem determina o nome Apellativo, mas quem indica que se toma neste ou naquelle lugar, individualmente, ou por estar ja determinado, ou porque se vai a determinar: succede algumas vezes ajuntarse com outros Determinativos, e concorrer com elles tambem e determinar hum nome Apellativo. Por esta os Demonstrativos *MESMO*, *Qual*, sempre levão Artigo: *O mesmo homem*, *A mesma mulher*, *O Qual homem*, *A qual mulher*. (BARBOZA, 1830, p. 148, grifo meu).

A partir disso, constatamos que essa classificação de *mesmo* é bastante próxima à classificação de *pronome demonstrativo*, mas ainda há outra possibilidade de *mesmo* como pronome que ainda merecer ser explorada, a de *pronome neutro*.

1.2.4 Pronome neutro

Outra classificação de *mesmo*, apesar de pouco abordada em gramáticas escolares, é a de *pronome neutro*, que será muito importante em nossa análise de dados, haja vista que se trata de um exemplar do item gramatical *mesmo* que retoma um trecho do que já fora dito (ou escrito), mas sem um referente³⁰ em particular. Vejamos o que nos mostra Almeida (1985, p. 185-186) sobre esse emprego do vocábulo:

2 – *Mesmo* funciona como pronome neutro em frases como: “É o mesmo” (= É a *mesma coisa*) – “O *mesmo* ouvi eu” – “Redunda no *mesmo*” – “Vem a ser o

³⁰ As questões de referencialidade serão tratadas com mais detalhes no segundo capítulo.

mesmo”.

Notas: 1^a – Ouve-se – mas isto é permitido apenas em linguagem familiar – o superlativo *mesmíssimo* em frases como: “É a *mesmíssima* coisa”. 2^a – Idêntica função neutra tem *mesmo* quando flexionado no feminino em expressões em que se subentende a palavra *coisa*: “Fiquei na mesma” – “Deu na mesma”.

Antes de prosseguirmos com a discussão, queremos retomar dois pontos citados por Almeida (1985). O primeiro deles é o do grau superlativo, que também é citado por Pereira (1946 [1926])³¹, ao tratar sobre advérbios, como algo comum à linguagem popular, mas tal autor tratou desse aspecto no momento em que fazia remissão ao papel adverbial do vocábulo, ao passo que Almeida (1985) só aborda o assunto ao mencionar o uso como pronome neutro.

Em relação ao grau superlativo³² estamos de acordo com o que argumenta Monteiro (2002) ao falar sobre as classificações da NGB. Segundo ele, quando a NGB considera que “grau” é um tipo de flexão, acaba trazendo à tona uma incoerência, pois esse critério seria “suficiente para enquadrar os advérbios entre as palavras variáveis” (MONTEIRO, 2002, p. 226). Assim como o vocábulo *mesmo* na classe de advérbio, outros vocábulos podem ter grau superlativo e permanecer em sua condição adverbial (tal como “muitíssimo” (X), por exemplo). Há de se ressaltar, contudo, que, em alguns casos de superlativo, o *mesmo* pode ser adjetivo, como podemos ver em (Y):

(X) Ontem, choveu *muitíssimo*.

(Y) Ela fez a *mesmíssima* coisa que você.

(Z) * Eu quero *mesmíssimo*.

³¹ O comentário sobre isso aparecerá na seção 1.2.5, sobre advérbio.

³² É preciso lembrar, no entanto, que a etimologia de *mesmo* já traz em si um superlativo (*metipsimu*), característica, inclusive, que salienta ainda mais a seu caráter reforçativo.

Apesar disso, como podemos ver em (Z), parece-nos forçado classificar o vocábulo *mesmo* como advérbio nos casos em que ele aparece em grau superlativo, isto é, embora os advérbios também se alterem em grau, o exemplo (Z) parece não ser usual na língua portuguesa. Em nosso cópuz, todavia, não encontramos nenhum caso de *mesmo* em nesse grau, por isso não podemos afirmar com propriedade que, quando o *mesmo* está em superlativo, teria somente a forma de adjetivo. A questão, pois, que poderia nortear uma reflexão é: será que o superlativo de *mesmo* se aplica à sua classificação de advérbio ou apenas a outra categoria (adjetivo) que admitiria esse grau?³³

Outro ponto que queremos retomar é a expressão “na mesma”, já citada por Cuesta e Mendes da Luz (1971) e por alguns dicionários. Nesse contexto, lembramos a classificação de Almeida (1985), que vê nesse exemplo apenas a elipse da palavra “coisa”, muito utilizada como anafórico e para resumir contextos maiores de ações. Embora o autor classifique-o como *pronome neutro*, mas com flexão de gênero, partindo-se desse ponto de vista (em que há a elipse da palavra “coisa”), o *mesmo* seria um adjetivo – com o substantivo elíptico – ou poderia, até mesmo, ser classificado como um substantivo. Trata-se de um ponto sobre o qual pretendemos problematizar na análise a ser levada a cabo adiante.

O gramático Pereira (1946 [1926]), no entanto, traz algumas informações relevantes sobre a questão da neutralidade explicando que, ainda que no português não exista mais o gênero neutro (tal como existia no latim), alguns pronomes assumem a forma neutra de adjetivos, mas, ao se juntarem a outras formas desse teor, voltam à sua condição antiga de adjetivos:

³³ Não nos ateremos a responder essa questão, pela falta de dados para análise, mas acreditamos que se trata de um ponto importante a ser refletir.

O, isto, isso, aquilo, tudo, algo, nada, al – são formas que correspondem às formas antigas neutras dos adjetivos. Tendo desaparecido o gênero neutro dos substantivos no português, assumiram êsses adjetivos a função pronominal, desde que, sendo neutros, não se podiam agregar a um substantivo, que é sempre ou masculino ou feminino. Diante, porém, de uma forma neutra readquirem êles sua função primitiva de adjetivos, p.ex.: *ISSO tudo, TUDO isso, AQUILO mesmo. Pondo TUDO al de parte, venha aqui* (A. C.).(PEREIRA, 1946 [1926], p. 119)

Nesse caso, é possível perceber que Pereira (1946 [1926]) enquadra o *mesmo* como uma forma neutra, pois prossegue afirmando que os demonstrativos, no português, têm três terminações: uma se refere ao gênero masculino, outra ao feminino, e, por fim, ao neutro, como em “*êste, êsta, isto; êsse, êssa, isso; aquêle, aquela, aquilo*. A terminação neutra é uma forma pronominal, e só funciona como adjetivo diante de outras formas neutras, como: – *isto tudo, isso mesmo, aquilo tudo*.” (PEREIRA, 1946 [1926], p. 314). Mais uma vez, o *mesmo* aparece como forma neutra ao lado de *isso* (pronome neutro, que, ao entrar em contato com “mesmo”, tornar-se-ia adjetivo).

Clarificando ainda mais essa neutralidade do vocábulo que estamos analisando, Pereira (1946 [1926], p. 315) argumenta que “MESMO funciona como PRONOME em frases como estas: É o mesmo, isto é, *isso é o mesmo* (= *a mesma coisa*): *o mesmo* é forma neutra e *predicado nominal*.”

Já o dicionário *Priberam* registra que se trata de um substantivo masculino³⁴, o que nos permitiria “Algo equivalente

³⁴ Não abrimos uma nova seção para essa classificação porque não a encontramos nas gramáticas e nos demais dicionários. Com isso, não seria possível fazer uma discussão minimamente satisfatória sobre o *mesmo* como *substantivo*.

ou igual (ex.: disseram todos o mesmo). Isso é o mesmo: é indiferente ser uma ou outra coisa. Não importa.”

A partir dessas considerações, é possível perceber que os autores não julgam essa possibilidade neutra de *mesmo* como “errada” ou “inadequada” (tal como ocorre nos casos de “o mesmo” retomando um elemento em particular), pois consideram que há uma elipse de um nome dentro do sintagma nominal ou que o vocábulo atua no papel de substantivo. Vale lembrar que essa visão de classificá-lo dessa forma – como substantivo masculino –, dentre as obras analisadas, aparece somente no dicionário *Priberam*, no qual também não há uma posição preconceituosa em relação ao “demonstrativo polêmico”, pouco aceito por alguns manuais de gramática e dicionários investigados nesta pesquisa.

A próxima classificação que abordaremos de *mesmo* já foi considerada inadequada por manuais de gramática, mas seu uso na língua oral e escrita é indiscutível: é bastante recorrente esse vocábulo atuar como *advérbio*, e acreditamos que tenha sua raiz em *ipse*, em virtude de sua característica de reforço.

1.2.5 Advérbio

Outra categoria gramatical de *mesmo* tratada nos manuais e dicionários é a de advérbio. Para iniciar a discussão, comecemos pelo que afirma Almeida (1985, p. 186): “Mesmo funciona também como advérbio: ‘Ele não quer mesmo’ – ‘Hoje mesmo’ – ‘Ela quer mesmo sair’.”

No dicionário *Priberam*, também aparece a classificação de *mesmo* como advérbio, com duas acepções diferentes. Em uma delas, explica-se que pode significar “com exactidão (ex.: *ele mora mesmo ao lado da escola*). = EXACTAMENTE; em outra acepção, significa “realmente, de verdade (ex.: *a guerra é mesmo necessária?*)”.

Bechara (2003) cita também essa faceta do item em questão, mas explica que o surgimento desse uso se deve à sua junção com alguns advérbios de tempo, isto é, para o autor, o “contato” entre os vocábulos poderia ter direcionado esse item

linguístico para um novo uso³⁵. Além disso, antes de tratar dessa categoria, Bechara (2003, p. 191) observa que há “um emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio” e, depois, traz explicações acerca desse uso.

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de aqui, já, agora (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

“...vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos mesmo por variedade de imitarem seus avoengos” [CBr.6, 219]1.

1: O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: “Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras mesmo como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo” [CBr.3, II, 167]. (BECHARA, 2003, p. 548-549).

É interessante perceber que, também em gramáticas mais antigas, há comentários sobre essa possível recusa do *mesmo* como advérbio entre as vertentes mais conservadoras da língua. Nesse sentido, Dias (1954, p. 82) nos aponta que “os classicos não empregam *mesmo* adverbialmente senão, por ventura, junto de advérbios pronominaes: aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo (nunc ipsum)”.

De modo semelhante, Almeida (1985, p. 187) afirma que:

³⁵ Bechara (2003) revela que existia um preconceito de alguns estudiosos em relação a esse emprego, entretanto, apenas alguns autores o consideravam “inadequado”, e os que foram analisados nesta pesquisa não se manifestaram contra tal uso.

6 – Evitavam os clássicos o emprego de “até mesmo”, de “ainda mesmo” e de “nem mesmo”, combinações que eles substituíam por construção mais vigorosa: Até o mesmo Deus (em vez de *até mesmo Deus*), ainda a mesma natureza (em vez de *ainda mesmo a natureza*), e até as mesmas ilhas se fazem continente (em vez de *e até mesmo as ilhas...*), nem os mesmos advogados (em vez de *nem mesmo os advogados*), até a mesma inocência vos não abranda (em vez de *até mesmo a inocência...*).

Mas, em alguns manuais contemporâneos, esse preceito não está mais presente e, inclusive, também não aparece nas obras mais antigas a que nos propusemos analisar. Pereira (1946 [1926], p. 315), por exemplo, afirma que “MESMO funciona ainda como advérbio: – “Aqui *mesmo*, êle morreu *mesmo*” e [, além disso,] admite na linguagem popular flexão de superlativo: *mesmíssimo*³⁶.”

Retornando às definições das gramáticas, julgamos necessário trazer à vista as descrições da linguista Neves (2000, p. 235):

2.2.1 O advérbio (ou locução adverbial) atua nas diversas camadas do enunciado:

a) O advérbio é periférico em um sintagma, incidindo sobre o seu núcleo (um constituinte), que, conforme a subclasse do advérbio que esteja em questão, pode ser: [...]

- um pronome:

E por isso MESMO tão cansados e não querem sabe de arriscá o emprego. (EN)

³⁶ A respeito dessa questão do grau superlativo, já tratamos sobre a contradição em considerar grau como flexão, haja vista que, como afirmam as gramáticas (baseadas na NGB), os advérbios seriam invariáveis, não admitindo qualquer tipo de flexão.

Como se pôde notar, Neves (2000) mostra a existência de uma “parceria” entre o advérbio *mesmo* e um pronome (nesse caso, *isso*), o que reitera a posição dos gramáticos, já mencionados, que já trataram desse emprego adverbial, ao afirmarem que tal vocábulo, como advérbio, vem acompanhado de outro vocábulo (naquele caso, outro advérbio).

Para finalizar, queremos mostrar uma visão estrangeira (da língua espanhola para o português) em relação ao item que é foco desta pesquisa. Cuesta e Mendes da Luz (1971) classificam o *mesmo* ora como advérbio de intensidade, ora como advérbio de quantidade, como podemos ver a seguir: “Os principais advérbios de quantidade portugueses são: demais, muito, pouco, nada, mais, menos, bastante, assaz, apenas, mal, tão, tanto, quão, quanto, quase, mesmo”. (CUESTA; MENDES DA LUZ, 1971, p. 453, grifo meu).

Como não há exemplos para essa descrição gramatical na obra, não é possível saber exatamente o porquê dessa classificação, visto que a ideia de “advérbio de quantidade” não é tão familiar às gramáticas de língua portuguesa. Podemos inferir, contudo, que essa definição seria possível se pensarmos em um “acompanhamento” do advérbio por nós focalizado (*mesmo*) a um adjetivo que exprima quantidade, isto é, o fato de estarem juntos poderia influenciar no sentido do advérbio, mas a característica de quantidade estaria presente mais precisamente no adjetivo, não no advérbio contíguo. Desse modo, a classificação de “advérbio de quantidade” seria pouco aceitável se considerarmos que o *mesmo* estaria apenas reforçando o sentido de um vocábulo que lhe precede ou sucede.

Em consideração a isso, passemos a outra classificação de nosso item gramatical, a qual “conversa” (ou se intersecciona) com a categoria de advérbio e, nitidamente, está ligada à característica *ipse* de *mesmo*: a classificação de reforçador (intensificador).

1.2.6 Reforçador/ Intensificador

Ao classificarem o vocábulo *mesmo* como *pronome demonstrativo*, algumas vezes, os autores lhe atribuem também o papel de reforçador de identidade. Desse modo, mostram que há uma proximidade entre as duas classificações. Mais que isso, há também uma proximidade do reforçador com o advérbio; todavia, foi preciso abordar essa faceta do nosso objeto separadamente, uma vez que os próprios autores utilizam-se dessa expressão para apontar uma particularidade do *mesmo*.

Bechara (2003), por exemplo, aborda as duas possibilidades amalgamadas (de demonstrativo e de reforço):

Reforços demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui, aí, ali, acolá: este aqui, esse aí, aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho as minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com valor de em pessoa (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos. (BECHARA, 2003, p. 190, grifo meu).

Podemos observar, contudo, que tais funções, ao serem amalgamadas, parecem dar origem a um terceiro uso – o qual já citamos anteriormente – de *pronome reflexivo*. Bechara (2003 p. 191) também mostra que, “como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo, aí mesmo, aqui mesmo, já mesmo*, etc.”

A gramática escolar de Sacconi (1988), um pouco menos detalhista, apenas mostra o papel reforçativo do vocábulo:

Mesmo e **próprio** variam em gênero e número quando possuem caráter reforçativo.

Exemplos:

Isabel **mesma** veio aqui e disse isso.

Ela **própria** respondeu ao questionário.

Eles **mesmos** não mantiveram a palavra.

Elas **próprias** costuram seus vestidos.

Teresa vive falando consigo **mesma**.

(SACCONI, 1988, p. 140)

O aspecto reforçativo, de certa forma, fica um pouco obscuro em algumas gramáticas, e alguns optam por não classificar determinados usos, mas preferem trazer palavras sinônimas como um meio de exemplificar a função de *mesmo*, tal como faz Almeida (1985, p. 186-187):

5 – Outros empregos de *mesmo*:

- a) Com o significado de *em pessoa*, *próprio*, *idêntico*: “... eu sou a mesma pontualidade” – “Mas quem há de amar as moscas, sendo a mesma imundícia?” – “Cristo era a mesma Inocência” – “...como o declarou o mesmo Cristo” – “...fundada em sua semelhança mesma” – “... de uma mesma nasceram duas tão contrárias”;
- b) para indicar com mais ênfase e distinção a pessoa ou coisa determinada pelos demonstrativos *este*, *esse*, *aquele*: “Este mesmo livro”;
- c) para identificar, comparativamente, uma pessoa ou coisa: “Respondeu-lhe com a mesma serenidade” – “... os mesmos e ainda maiores estragos” – “Esta roupa é a mesma de ontem” – “Exerce a mesma função de antes”.

No que diz respeito ao exemplo a) de Almeida (1985), há uma definição e um exemplo bem próximo a esse sentido no

Dicionário *Priberam*. Embora tal dicionário não defina esse uso de *mesmo* como “reforçativo”, explica que é utilizado “após um substantivo para enfatizar o grau de uma qualidade (ex.: *ele é o profissionalismo mesmo*)”. Como se pode perceber, a característica de ênfase, entretanto, não é ocultada na definição.

Já as autoras Cuesta e Mendes da Luz (1971) trazem essas possibilidades de uso do vocábulo, mas também mostram um modo comum de usar o *mesmo* que ainda não tinha sido mostrado pelas demais gramáticas.

Mesmo pode ser empregue para reforçar os pronomes pessoais, concordando com eles em género e número. É também usado pronominalmente e como advérbio. O feminino, *mesma*, precedido pela contração do artigo com a preposição em, emprega-se com o significado de ‘o mesmo’, ‘da mesma maneira’: O assunto continua na mesma. Por cá tudo na mesma. (CUESTA; MENDES DA LUZ, 1971, p. 514, grifo meu).

Talvez esse uso diferenciado utilizado na língua portuguesa, porém, não seja com caráter reforçativo, mas com papel pronominal seguido de um nome genérico, como, por exemplo, “coisa” ou “situação”, isto é, a frase poderia ser parafraseada desta forma: “O assunto continua na mesma coisa”.

Já no dicionário Aurélio, esse mesmo uso é tratado de modo diferente, como se fosse um advérbio, tal qual “realmente” ou qualquer outro com esse sentido:

15. Realmente, verdadeiramente, deveras:
 “Mas, olhe cá, mana Glória, há mesmo necessidade de fazê-lo padre?” (Machado de Assis, Dom Casmurro, p. 9);
 Vamos de qualquer maneira, mas vamos mesmo. [Pelo menos no Brasil, costuma-se, principalmente em casos como o do

último exemplo, pronunciar o mesmo como que sublinhado.]

Dar no mesmo. 1. Dar na mesma:

Pode tomar qualquer destas ruas: dá no mesmo. (FERREIRA, 1999, 1322, gripo meu).

Enfim, pelo fato de alguns classificarem esse exemplo como advérbio, e outros³⁷, como pronome, trata-se de uma questão que parece ainda estar nublada, mas que, a partir de nossa análise de dados, pretendemos esclarecer melhor ao mapearmos categorias mais minuciosas de *mesmo* conforme sua multifuncionalidade no discurso.

Passemos, nesse momento, a uma das categorias gramaticais que, assim como a classificação de “reforçador”, não se encaixaria entre as dez classes de palavras estabelecidas pela NGB. Justamente por isso, tal categoria é considerada, pelos manuais de consulta, uma “palavra denotativa” (ou denotador).

1.2.7 Palavra denotativa/denotador

Quando um vocábulo é classificado como uma “palavra denotativa”, é considerado também como uma “palavra de classificação à parte”. Isso ocorre porque a NGB e boa parte das gramáticas levam em conta apenas os aspectos morfossintáticos e semânticos para estabelecer classificações de vocábulos, mas a questão do texto/discurso geralmente é deixada de lado³⁸. Por isso, se certo vocábulo não se encaixa com exatidão nesses

³⁷ Também existe a possibilidade de classificar esse vocábulo como um pronome adverbial.

³⁸ Os marcadores discursivos, por exemplo, embora estejam bastante presentes nas línguas, pouco são abordados em manuais de gramática e nos dicionários. Nesta pesquisa, por trabalharmos com um corpus de escrita acadêmica, não nos ateremos a esses usos de caráter discursivo, mas há muitos estudos desenvolvidos na linha funcionalista que tratam sobre essa questão, tais como: Valle (2000), Martelotta (2007), Freitag (2009), Rost Schinelotto e Görski (2011), além de outros pesquisadores.

parâmetros da morfologia, sintaxe e semântica, é considerado um termo de função textual ou com outras classificações que veremos a seguir.

Palavras de classificação à parte

Certas palavras, enquadradas frequente e impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificação à parte, mas sem nome especial:

[...]Inclusão: até, inclusive, mesmo, também, etc.: [...]

“Não sei **mesmo** como você aguenta.”

(G. Cruls, 4R, 471.) (CUNHA, 1986, p. 508)

Como pudemos perceber, de acordo com Cunha (1986), o vocábulo *mesmo* teria sido classificado de modo impróprio como advérbio, sendo necessário colocá-lo em outra classe, que funciona, de certa forma, como um conjunto classificatório em que as palavras de difícil classificação são acomodadas.

Do mesmo modo, Cegalla (1996, p. 246) aborda essa questão e cita o *mesmo* como uma palavra denotativa de inclusão.

Palavras e locuções denotativas

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, serão classificadas à parte certas palavras e locuções – outrora consideradas advérbios – que não se enquadram em nenhuma das dez classes conhecidas. Tais palavras e locuções, chamadas “denotativas”, exprimem:[...]

Inclusão: inclusive, também, mesmo, ainda, até, ademais, além disso, de mais a mais:

Eu *também* vou.

Levou-me para sua casa e *ainda* me deu roupa e dinheiro.

Aqui falta tudo, *até* água. (CEGALLA, 1996, p. 246)

Por outro lado, Bechara (2003) esclarece que, embora tenham sido alocados para outra classe de palavras, tais vocábulos não são excluídos de sua condição adverbial, mas estão muito mais ligados a características textuais do que propriamente propriedades sintáticas e semânticas dentro de uma oração.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor excluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 .- *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:
Até o professor riu-se. Ninguém veio,
mesmo o irmão. (BECHARA, 2003, p. 291).

Já no Dicionário *Priberam*, há uma acepção que, embora traga a classificação de advérbio, está relacionada a esse sentido de inclusão: “inclusivamente; até (ex.: *as crianças chegaram esfomeadas, mesmo as que já tinham lanchado*)”.

O dicionário *Houaiss* também trata desse aspecto do item gramatical analisado afirmando que ele “participa de um grupo heterogêneo, denominado *denotadores*, cuja função é mais propriamente textual” (HOUAISS, 2009, p. 1279), mas não traz exemplos para essa classificação.

Trata-se de uma das muitas facetas de *mesmo* que têm uso bastante recorrente na linguagem oral e escrita, mas que, de um modo geral, é pouco explorada nos manuais de gramática.

Levando-se em conta suas múltiplas categorias, uma classificação do vocábulo que não poderia ser ignorada é o seu papel de conexão entre elementos textuais, isto é, sua categoria de conjunção concessiva, e é essa classificação encontrada nos manuais de gramática e dicionários que abordaremos na sequência.

1.2.8 Conjunção concessiva

Outra minudência do vocábulo *mesmo* é a sua possibilidade de atuar como conjunção indicando concessividade, mas, para tanto – conforme nos mostram algumas gramáticas –, para atuar como conjunção concessiva, o item teria de estar sempre acompanhado do vocábulo *que*.

Quanto aos dicionários analisados, verificamos que o Aurélio, embora apresente 15 acepções diferentes para *mesmo*, não trata do papel de conjunção que o vocábulo exerce, enquanto o dicionário Houaiss (2009) traz uma citação sobre o uso da expressão “assim mesmo” com o sentido de “apesar disso”, bem como a expressão “mesmo que”, com sentido também concessivo: “informalmente, *mesmo* adquire valor de concessivo (freq. seguido de *com*, *assim*, *que*, como nas locuções anteriormente apresentadas, tem substituído a conjunção concessiva: *mesmo estudando muito, terá de fazer aperfeiçoamento após a graduação.*” (HOUAISS, 2009, p. 1279).

O dicionário Michaelis, por sua vez, cita as expressões *assim mesmo* e *ainda assim*, mas as encaixa na mesma acepção em que estão os exemplos de *mesmo* como palavra denotativa e não faz menções sobre seu papel conectivo concessivo.

Em relação aos livros de gramática, vale ressaltar o que nos assevera Pereira (1946 [1926], p. 177):

Obs.: poucas são as conjunções originais: a maior parte é constituída por advérbios *que*, *eventual* e *habitualmente*, assumem a função conectiva de conjunção. Além disso, não é rigorosa esta classificação,

pois a mesma conjunção pode entrar em várias categorias, conforme o sentido.

Nesse caso, então, “mesmo que” não constituiria uma conjunção original, haja vista que seria originada de um advérbio em junção ao *que*. De qualquer modo, vários autores já citados nesta pesquisa afirmam se tratar a expressão de uma conjunção concessiva, tais como Macambira (1973) e Cuesta e Mendes da Luz (1971).

Pereira (1946 [1926]), por sua vez, comenta que se trata de uma conjunção subordinativa concessiva e traz como exemplo não apenas o “mesmo que”, como também o “mesmo quando”, em diferença aos demais autores já citados. Com isso, para que se forme uma conjunção concessiva, o *mesmo* deveria estar acompanhado de outro elemento, não necessariamente o *que*.

Nesse contexto, os exemplos seguintes, extraídos de nossa amostra, podem ilustrar essas outras possibilidades:

- (1) Todas as empresas adotam comportamentos e trajes de acordo com a sua cultura interna. Preocupar-se com o visual é positivo, o ao de vestir-se por si só, já é uma ação de comunicação. Porém, algumas pessoas, **MESMO COM** esforço, erram na escolha da roupa. **(Sujeito 1, 2004, F)**.
- (2) b) retenção seletiva: **MESMO QUANDO** o receptor parece estar prestando atenção, normalmente apenas uma pequena parte da mensagem é assimilada pelo seu subconsciente. **(Sujeito 5, 2004, M)**.
- (3) O método dos centros de custos, originalmente batizado de RKW (Reichskuratorium für Wirtschaftlichkeit), é a técnica de alocação de custos mais usada no Brasil pelas empresas. Segundo Borna (2002), o "método fundamenta-se no princípio de que é possível atribuir a cada seção, unidades de trabalho, através das quais possa-se medir toda a produção da

seção, **MESMO QUE** esta seja diversificada".
(**Sujeito 19, 2007, F**).

- (4) Após a definição das cidades escolhidas, é necessário pesquisar a melhor forma de divulgar essa oportunidade. Como é necessário uma relação de confiança entre as vendedoras externas e a organização, haja vista a utilização da consignação como forma de trabalho, a indicação de pessoas é a forma mais segura de incluir novas vendedoras externas na empresa. Outra forma comum, são pessoas que informadas sobre a oportunidade oferecida pela loja, e **MESMO SEM** indicação, se deslocam até a mesma buscando chance de trabalho.
(**Sujeito 7, 2005, F**).

Queremos salientar, com tais exemplos, que, apesar de algumas gramáticas citarem apenas a expressão “mesmo que” como conjunção concessiva, há outras possibilidades de *mesmo* se configurar como conjunção concessiva, tendo como essencial a presença do vocábulo *mesmo*, em união com outros elementos em alguns casos.

Um fragmento interessante que nos leva a refletir sobre o processo de gramaticalização é o de Pereira (1946 [1926], p. 177), já citado anteriormente, quando fala em “conjunções originais” e explica que muitas delas têm origem em advérbios. Essa informação nos é extremamente relevante quando pensamos em um eixo de gramaticalização defendido por muitos autores que afirmam que as conjunções seriam originadas de advérbios, mas exemplos e argumentações sobre isso serão apresentados mais adiante no capítulo reservado aos pressupostos teóricos desta pesquisa.

Finalizando nossa exposição acerca do que os manuais de gramática e dicionários apresentam em relação ao *mesmo*, julgamos necessário mostrar um fragmento da gramática de Pereira (1946 [1926]), que distribui as palavras em três grupos diferentes, conforme a analogia de suas funções:

Em relação à ANALOGIA DE SUAS FUNÇÕES, as palavras podem distribuir-se em três grupos:

1ª PALAVRAS NOMINATIVAS, que têm por função nomear os seres, tais são: o substantivo e o pronome.

2ª PALAVRAS MODIFICATIVAS, que têm por função modificar outras palavras, tais são: o adjetivo, o verbo e o advérbio.

3ª PALAVRAS CONECTIVAS, que têm por função ligar ou relacionar outras palavras entre si, tais são: a preposição, a conjunção, o verbo de ligação, o pronome e o advérbio conjuntivo. (PEREIRA, 1946 [1926], p. 178)

Tendo em vista essa classificação, após analisarmos o item linguístico *mesmo*, percebemos que ele transita pelos três grupos com “tranquilidade”, o que faz dele um vocábulo de múltiplas funções e classes gramaticais. Essa multifuncionalidade do vocábulo na língua portuguesa é um fator significativo para que o *mesmo* seja alvo deste estudo.

Para fechar a seção, apresentamos um quadro resumitivo, com uma visão panorâmica das classificações dos manuais e dicionários pesquisados. Ressaltamos, contudo, que, em decorrência de termos feito um levantamento de obras baseadas em vertentes teóricas distintas, é possível perceber uma mistura de classificações, isto é, *determinativo/especificador* e *reforçador/intensificador* são nitidamente funções (segundo a linha funcionalista), ao passo que *adjetivo*, *pronome*, *advérbio* e *conjunção* são classes de palavras (apesar de algumas apresentarem um termo adicional remetendo a sua função, como *demonstrativo* e *concessiva*).

Quadro 5: classificações de *mesmo* conforme manuais de gramática e dicionários³⁹

Classificações	Dicionários	Autores de gramáticas
Adjetivo	Aurélio (1999); Houaiss (2009); Michaelis (2013); e Priberam (2013)	-----
Pronome demonstrativo	Aurélio (1999); Houaiss (2009); Michaelis (2013); e Priberam (2013)	Almeida (1985); Bechara (2003); Castilho (2010); Cegalla (1996); Cunha (1986); Dias (1954); Macambira (1973); Neves (2000); Pereira (1946 [1926]), Sacconi (200-); Terra (1999); Terra (2007)
Pronome demonstrativo “polêmico”	Aurélio (1999); Houaiss (2009); Michaelis (2013); e Priberam (2013)	Almeida (1985); Bechara (2003); Sacconi (200-); Bagno (2013)
Determinativo/ especificador	Priberam	Azeredo (2008); Barboza (1830); Castilho (2010)
Pronome neutro	-----	Almeida (1985); Cuesta e Mendes da Luz (1971); Pereira (1946 [1926])
Advérbio	Houaiss (2009); Priberam	Almeida (1985); Bechara (2003); Dias (1954); Cuesta e Mendes da Luz (1971); Neves (2000)
Reforçador/ Intensificador	Aurélio; Priberam	Almeida (1985); Bechara (2003); Sacconi (1988);
Palavra denotativa/ denotador	Houaiss (2009); Priberam	Cunha (1986); Cegalla (1996); Bechara (2003)
Conjunção concessiva	Houaiss (2009); Michaelis	Cuesta e Mendes da Luz (1971); Castilho (2010) ⁴⁰ ; Macambira (1973); Pereira (1946 [1926])

³⁹ Apenas os dicionários e manuais de gramática considerados nesta pesquisa.

⁴⁰ Castilho (2010) cita a expressão “mesmo que” como *conjunção concessiva* ao tratar das orações subordinadas adverbiais concessivas,

Ao observarmos esse quadro, percebemos que a classificação de *adjetivo* aparece apenas nos dicionários, ao passo que as gramáticas não costumam classificar o *mesmo* dessa forma. Por outro lado, a categorização do vocábulo como *pronome neutro* não é citada (explicitamente) nos dicionários analisados nesta pesquisa, mas alguns manuais de gramática classificam um dos empregos de *mesmo* dessa maneira. Considerando as informações sistematizadas no quadro, já conseguimos antever algumas características multifuncionais do objeto ao qual esta dissertação se dedica; porém, à medida que observarmos melhor suas ocorrências, perceberemos o caráter nada finito de suas categorias funcionais.

Vale a ressalva de que, como já foi mencionado, o objeto desta pesquisa se refere a todos os usos de *mesmo* encontrados no corpus selecionado para análise, independentemente da sua variação sintática e/ou morfológica. Para dar conta desse objeto, seremos orientados por alguns objetivos, questões e hipóteses, apresentados a seguir.

1.3 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

Os objetivos, as questões e suas respectivas hipóteses foram formulados com base nos registros diacrônicos (de gramáticas e dicionários) consultados, em pressupostos funcionalistas sobre gramaticalização (cf. capítulo seguinte) e em trabalhos desenvolvidos sobre o *mesmo*, bem como através de um exame preliminar da amostra desta pesquisa.

mas optamos por não citá-lo na seção (1.2.8) reservada a essa classificação porque queremos utilizar suas considerações na parte analítica desta dissertação, uma vez que o autor trabalha bastante, nessa obra, com aspectos de *gramaticalização*, foco de nosso trabalho.

1.3.1 Objetivo geral

Com base em uma visão funcionalista da língua, especialmente voltada à mudança via gramaticalização, pretendemos descrever e analisar o uso do item linguístico *mesmo*, elencando suas categorias funcionais, por meio da análise de uma amostra escrita sincrônica específica (composta por Trabalhos de Conclusão de Curso – TCCs), com vistas a contribuir com os estudos da área voltados à gramaticalização de itens de natureza pronominal.

1.3.2 Objetivos específicos

- i. Mapear as funções desempenhadas pelo item *mesmo* numa amostra de escrita acadêmica atual;
- ii. Distribuir as categorias funcionais mapeadas em termos de frequência de uso, visando a verificar quais são as mais recorrentes na escrita acadêmica;
- iii. Analisar e descrever os contextos linguísticos e extralinguísticos de ocorrência de *mesmo* na amostra estudada;
- iv. Traçar uma provável trajetória funcional de mudança do item *mesmo*, com base em uma perspectiva de gramaticalização.

1.3.3 Questões e hipóteses

As quatro questões a que nos propusemos responder foram construídas com base em nossos objetivos, e as hipóteses, como já explicado, formuladas a partir da perspectiva teórica funcionalista que embasa esta pesquisa e das referências consultadas que tratam do *mesmo* – sobretudo Amorim (2009) –, além de um exame preliminar dos dados. Salientamos que as hipóteses serão apresentadas nesta seção em caráter geral, sendo retomadas e detalhadas, respectivamente, no capítulo reservado à explanação dos Procedimentos Metodológicos.

Questão 1: Que funções o item *mesmo* desempenha na escrita acadêmica atual?

Por ser uma amostra de modalidade escrita em registro formal, acreditamos que as funções de caráter conectivo (ex.: *conjunções*), assim como as que estabelecem relações anafóricas, como os *pronomes* (principalmente o “pronomes demonstrativo polêmico”), por exemplo, serão encontradas em nosso córpus. Ademais, é possível que se apresentem empregos de *mesmo* com função de *advérbio*, *operador argumentativo* e *articulação textual*.

Acreditamos que, além desses, variados usos de *mesmo* brotarão nos textos dos indivíduos que compõem nossa amostra, considerando que tal item está presente em praticamente todas as esferas comunicativas e apresenta um amplo leque de possibilidades funcionais.

A fim de identificarmos essas funções e outras em nosso córpus, utilizaremos como base as seguintes questões:

- (a) Essa função de *mesmo* **retoma** algo?
- (b) Essa função de *mesmo* **estabelece uma relação de concomitância**?
- (c) Essa função de *mesmo* **reforça** algo?
- (d) Essa função de *mesmo* **conecta** algo?
- (e) Essa função de *mesmo* **inclui/exclui** algo?
- (f) Essa função de *mesmo* **articula** o texto?

Questão 2: Quais são as funções mais recorrentes de *mesmo* na escrita acadêmica do córpus analisado?

Acreditamos que as categorias anafóricas de *mesmo* serão as mais recorrentes em nosso córpus, porque, de um modo geral, elas têm sido bastante utilizadas em meios formais para retomar antecedentes sem lhes atribuir juízos de valor (como, por exemplo, o “demonstrativo polêmico”, um mecanismo neutro de retomada).

Já as funções de caráter reforçativo (como a classe dos *advérbios*) provavelmente não serão tão recorrentes, devido à modalização presente nas situações comunicativas acadêmicas – a não ser que haja uma transcrição de fala no texto analisado, o que nos direciona sempre a dar um olhar mais qualitativo aos resultados quantitativos.

Questão 3: Como se configuram os contextos linguísticos e extralinguísticos de uso de cada uma das funções de *mesmo*?

Acreditamos que as diferentes funções mapeadas para o *mesmo* correspondam a diferentes contextos linguísticos com particularidades de natureza morfossintática. O detalhamento desses contextos será feito adiante, ao retomarmos essa questão/hipótese. Com base nos resultados de Amorim (2009) e dada a especificidade da amostra desta pesquisa, supomos que os fatores extralinguísticos (*sexo/gênero dos indivíduos, data de publicação dos trabalhos e sujeito-autor do texto*) provavelmente não influirão no uso de um ou outro tipo de *mesmo*. Todavia, acreditamos que é possível encontrar marcas estilísticas na escrita de cada indivíduo, além de contextos linguísticos (morfossintáticos e semântico-pragmáticos) comuns a certos tipos de *mesmo*.

Questão 4: Qual seria uma possível trajetória funcional do *mesmo* com base em uma perspectiva da *gramaticalização*?

Em termos gerais, acreditamos que seja possível delinear um percurso de mudança para o *mesmo* que siga o *cline* de gramaticalização proposto por Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991):

<p>pessoa > espaço > tempo > texto</p>

Mais especificamente, em consonância com essa direcionalidade, as diferentes categorias funcionais a serem

mapeadas deverão se distribuir em uma (ou mais) trajetória(s) que indique(m) a(s) rota(s) de gramaticalização pela(s) qual/quais o vocábulo *mesmo* pode ter passado e estar ainda passando na língua portuguesa.

Com nossos objetivos, questões e hipóteses delineados, passemos à revisão teórica das obras que embasaram a pesquisa – sobretudo às voltadas à vertente funcionalista e relacionadas à gramaticalização – e das pesquisas linguísticas que se dedicaram ao item *mesmo* ou a um de seus usos específicos.

2 REFERENCIAIS PARA A ANÁLISE

Neste capítulo, fazemos uma breve contextualização aos estudos de base funcionalista e apresentamos alguns pressupostos e conceitos da abordagem do funcionalismo linguístico que ancora este trabalho, com foco no paradigma da gramaticalização e seus princípios, bem como em mecanismos de mudança semântica. Expomos, ainda, algumas noções sobre anáforas e mecanismos de retomada; e, por fim, apresentamos alguns trabalhos voltados à análise do vocábulo *mesmo* em (pelo menos uma de) suas possibilidades na língua.

2.1 CONTEXTUALIZANDO A(S) ABORDAGEM(S) FUNCIONALISTA(S): ALGUMAS NOÇÕES DE BASE

Antes de apresentar algumas noções gerais que consideramos fundamentais para entender o processo de mudança pelo qual tem passado o item *mesmo*, convém situar a perspectiva funcionalista assumida nesta dissertação. Em primeiro lugar, importa esclarecer que não se trata da teoria funcionalista, já que existem várias correntes funcionalistas que compartilham a visão de língua como uma ferramenta cujas formas são adaptadas para desempenhar funções basicamente comunicativas em diferentes contextos de uso. Atualmente, existem, pelo menos, três grandes tendências nos estudos de orientação funcional, assim identificadas e localizadas em seus polos irradiadores: 1) a *Gramática sistêmico-funcional* (Inglaterra – Halliday); 2) a *Gramática discursivo-funcional* (Hollanda – Hengeveld e Mackenzie); e 3) a *Gramática cognitivo-funcional*, que reúne um grupo de ‘linguistas funcionais/tipológicos’ (Estados Unidos – Givón, Hopper, Thompson, Traugott, Bybee; além de pesquisadores de outras partes do mundo que compartilham, de alguma maneira, essa perspectiva teórica – Lehmann, Heine, Kuteva, entre outros). A perspectiva funcionalista que orienta a

presente pesquisa é essa última, conhecida como funcionalismo da Costa Oeste norte-americana – corrente teórica que ganhou impulso na década de 1970, notadamente com o trabalho clássico de Givón (1979) *On understanding Grammar*, em que o autor postula que a sintaxe se origina no discurso.

Em uma breve retrospectiva histórica, pode-se dizer, de acordo com Givón (2001), que as bases do funcionalismo já se encontram em Aristóteles, ao propor a não autonomia da estrutura, já antecipando o que veio a ser formulado como princípio de isomorfismo entre forma e função, ou seja, o princípio icônico de que existe uma correlação sistemática entre forma e função. Dando um salto no tempo, localizamos um marco importante no desenvolvimento do funcionalismo: o Círculo Linguístico de Praga (criado em 1926), cujos principais expoentes foram Troubetzkoy, Mathesius e Jakobson. Apenas para ilustrar, Jakobson propõe seis funções da linguagem, correlacionando-as aos elementos constitutivos da comunicação: *função referencial, emotiva, conativa, fática, metalinguística e poéticas* – funções não excludentes, podendo se sobrepor nos diferentes tipos de mensagem (essa linha funcionalista se faz presente nos trabalhos de Halliday e colaboradores). Martinet, por sua vez, que mantinha ligação com a Escola de Praga, encabeçou na França um movimento que ficou conhecido como “funcionalismo”, entre outras razões, por considerar a fala como um instrumento de comunicação e ainda por tratar de relações gramaticais hierarquizadas, como, por exemplo, a relação entre sujeito e sentença (o termo ‘funcional’ nesta última acepção, a de relações gramaticais, é encontrado em Camara Jr. e outros linguistas, como mencionado no capítulo 1).

Como já apontamos, a concepção de língua como ferramenta ou instrumento adaptado para desempenhar funções comunicativas é um pressuposto que aproxima as diferentes vertentes funcionalistas. Tal pressuposto implica ver a língua em sua heterogeneidade, sujeita a variações e mudanças. Como sabemos, a língua em sua dinamicidade (que era objeto de interesse dos estudiosos no século XIX, na perspectiva de uma *Gramática histórico-comparativa*) foi relegada a segundo plano a

partir da preponderância do modelo saussureano (primeira metade do século XX), centrado na sincronia e na estrutura da língua. É a partir da década de 1970 que o interesse pela mudança linguística, numa perspectiva funcionalista, volta a ganhar força⁴¹. E é nessa época que se renova também o interesse pela gramaticalização⁴².

Há registros de que, desde o século XIX, estudiosos se interessavam por esse assunto (Franz Bopp, Humboldt, Whitney, Gabelentz, entre outros). No início do século XX, Meillet se destaca com sua obra *L'évolution des formes grammaticales* (1912), elegendo a gramaticalização como parâmetro explanatório na linguística histórica, o que repercute nos estudos atuais sobre mudança via gramaticalização (cf. HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER 1991).

Assim, antes mesmo de o termo *funcionalismo* ganhar “força nos Estados Unidos a partir da década de 1970, passando a servir de rótulo para o trabalho de linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón” (MARTELOTA; AREAS, 2003, p. 23), os quais aderiram a uma linguística baseada no uso, em observação aos contextos linguísticos e extralinguísticos, alguns teóricos já caminhavam nessa direção, refletindo sobre alguns pontos que hoje são fundamentais—no funcionalismo.

Como o foco principal do suporte teórico desta dissertação é a perspectiva funcionalista de mudança linguística via gramaticalização, faremos uma breve incursão preliminar pelas seguintes noções: mudança de significado (que, muitas vezes, é seguida de mudança categorial) e importância do contexto linguístico e extralinguístico.

Começamos tratando de *mudança semântica*. Meillet (1948) – reconhecidamente inspirador da teoria de

⁴¹ É interessante notar que dois movimentos quase concomitantes ganham destaque nos Estados Unidos: a teoria da variação e mudança (cujas bases foram estabelecidas por Weinreich, Labov e Herzog ((2006) [1968]) e o funcionalismo linguístico (cujo expoente foi Givón ((2011) [1979], antecedido por Sankoff & Brown (1976)).

⁴² O conceito de *gramaticalização* será tratado numa subseção específica adiante.

gramaticalização – identificou algumas causas da mudança, assim descritas por Ullmann (1964[1962]):

1) *Causas linguísticas*: por meio de um processo chamado “contágio”, uma palavra pode afetar o sentido da outra palavra, como é o caso da negativa no francês, em que algumas palavras, por serem usadas muitas vezes acompanhadas da partícula negativa *ne*, adquiriram sentido negativo. Um exemplo disso é o vocábulo *pas*, que, originalmente, significava “passo”, mas, devido ao uso frequente em contiguidade com o vocábulo *ne*, acabou sendo contagiado por um sentido negativo.

2) *Causas históricas*: com o tempo, objetos, instituições, ideias e conceitos científicos mudam, mas a palavra permanece a mesma para designá-los.

3) *Causas sociais*: existem duas tendências dentro deste tópico: a especialização das palavras, ou seja, o sentido especializado anula o mais geral; e a generalização, em que acontece o processo inverso.

A essas três causas principais estabelecidas por Meillet, Ullmann 1964 [1962]) acrescenta, mais três, elencadas a seguir:

4) *Causas psicológicas*: muitas mudanças ocorrem através de metáforas e algumas delas resultarão numa mudança definitiva de significado, como, por exemplo, a palavra “easel” (cavelete) dos pintores, que vem da palavra holandesa *ezel*, a qual significa “burro”. Dentro deste tópico, existem duas causas que têm sido muito estudadas: fatores emotivos e tabus (de medo, de delicadeza, de decência).

5) *A influência estrangeira como causa de mudança semântica*: muitas mudanças de significado ocorrem devido à influência de um modelo estrangeiro.

6) *A necessidade de um nome novo como causa de mudança semântica*: um exemplo interessante é o uso da palavra

“satélite” (do latim *satelles*, *satellitit*) que significava “servidor, guarda, acompanhante”. Kepler, ao procurar um nome para designar um planeta pequeno que gira ao redor de um maior, utilizou a palavra “satélite”, e, a partir daí, a palavra tornou-se popular e atualmente possui diversos significados.

Ullmann (1964 [1962]) assevera que, para que haja mudança semântica, deve haver sempre uma ligação, ou seja, uma *associação* entre o significado antigo e o novo. A teoria associacionista apareceu sob duas formas: os primeiros semanticistas achavam que as associações entre palavras isoladas causavam a mudança semântica; já na década de 1950, o foco voltou-se para os “campos associativos” entre as palavras. Assim como existe a associação entre sentidos, existe a entre nomes, e essas associações possuem duas subdivisões: semelhança e contiguidade. Tais pares de critérios originaram quatro tipos de mudança semântica⁴³:

- 1) Semelhança entre sentidos (metáfora): a metáfora possui uma estrutura binária, é formada pela coisa que falamos e por aquilo que se está comparando. Segundo Ullmann (1964 [1962]), Richards classifica o primeiro como teor e o segundo como veículo. A semelhança entre os dois termos pode ser objetiva ou emotiva, e um fator importante para que haja a metáfora é o afastamento entre os dois termos.
- 2) Contiguidade entre sentidos (metonímia): transferências metonímicas podem se basear em relações *espaciais*, como a palavra latina *coxa* que significava “anca”, mas que se tornou em francês “cuisse”, que significa “coxa”. Essa mudança ocorreu porque não há fronteiras espaciais

⁴³ Estamos fazendo essa contextualização mais ampla a respeito de mudança semântica, porque mudanças por expansão metafórica e metonímica estão presentes nas discussões em torno de gramaticalização, ao lado de mudança categorial.

bem marcadas entre essas duas partes do corpo. Há também as metonímias baseadas em relações *temporais*, como o caso da palavra “missa” que veio do verbo latino “mittere” (enviar, mandar) no particípio passado feminino. Como o final do ofício católico terminava com a frase “Ite, missa est” (*Ide, a assembleia está dissolvida*), esta palavra passou a designar o próprio ofício.

- 3) Semelhança entre nomes (etimologia popular): a etimologia popular pode alterar o significado ou a forma de uma palavra por uma ligação errada estabelecida com um termo de semelhança fonética. Um exemplo é o uso da palavra “boon” no inglês; ela significava “o objeto de pedido ou súplica”, mas com o tempo se tornou “um favor, um benefício”, que provavelmente foi influenciado pelo seu homônimo “boon” (bom, generoso), uma forma anglicizada do francês “bon”.
- 4) Contiguidade de nomes (elipse): quando uma palavra aparece repetidas vezes acompanhada de outra palavra, ela pode sofrer influência semântica, e numa frase feita constituída por duas palavras, uma é omitida e transfere seu significado para a que permanece. Exemplo: a palavra “drawing-room” (sala de visitas) é, na verdade, um “withdrawing-room” (sala para onde os comensais se retiravam depois da janta).

A mudança semântica é, por vezes, acompanhada ou seguida de mudança categorial. Neste ponto, também podemos nos reportar às reflexões de Ullmann (1964 [1962]) em torno dos tipos de vocábulo. Segundo o semanticista, desde Aristóteles, já havia uma dicotomia para distinguir as palavras dentro de sua existência gramatical: as *palavras plenas* e as *palavras-formas*. As primeiras seriam autosssemânticas, ou seja, significariam por si próprias, ao passo que as palavras-formas (artigos, preposições, conjunções, pronomes, advérbios e outros) seriam sinsemânticas,

pois significariam apenas quando acompanhadas de outras palavras.

Essa distinção entre as formas linguísticas é trazida à tona nos estudos funcionalistas voltados à gramaticalização, segundo os quais vocábulos gramaticais, por um processo de mudança linguística, teriam origem em vocábulos lexicais. A gramaticalização, vista como um processo de mudança, tende a privilegiar

- a) a trajetória dos elementos linguísticos do léxico à gramática (ex.: verbo pleno > verbo auxiliar);
- b) a trajetória de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais, como o de categorias invariáveis para categorias flexionais (ex.: menos > menas). (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 51).

Nesse sentido, verbos plenos, ao passarem por um processo de gramaticalização, poderiam funcionar como auxiliares. Um bom exemplo disso é o verbo *ir*. De verbo pleno de movimento, significando deslocamento no espaço ('João *vai* sempre ao cinema') passou a funcionar também como auxiliar de tempo futuro ('João *vai* comprar um carro') – ambos os usos coexistindo atualmente.

Conforme Hopper e Traugott (2003), representantes da linha funcionalista norte-americana, costuma-se fazer uma diferenciação entre vocábulos de "conteúdo" semântico (chamados também de "itens lexicais"), e vocábulos "funcionais" (também chamados de "gramaticais"). Os autores citam as palavras *example* (exemplo), *accept* (aceitar) e *green* (verde) como exemplares de itens lexicais (ou seja, os substantivos, verbos e adjetivos), uma vez que são usados para informar ou descrever as coisas, ações e qualidades. Já os vocábulos *of* (de), *and* (e), *or* (ou), *it* (ele) e *this* (este) correspondem a vocábulos funcionais (*i.e.*, preposições, conectivos, pronomes pessoais e demonstrativos). Num processo de mudança, "quando um

vocábulo de conteúdo assume características gramaticais de um vocábulo funcional, ele é considerado ‘gramaticalizado’.” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 4)⁴⁴. Trata-se de um processo de mudança semântica e categorial, pois o vocábulo passa por um “desbotamento semântico”⁴⁵ e, por vezes, acaba sofrendo uma mudança de categoria gramatical (no caso de advérbios que se transformam em conjunções, por exemplo), mas o seu sentido anterior pode continuar existindo e co-ocorrendo com a nova forma.

Dito isso, a segunda noção geral que gostaríamos de comentar e que se encontra vinculada à noção de mudança semântica é a de *contexto* e *uso*. No âmbito da semântica, Ullmann (1964 [1962]) salienta que a semântica moderna começou a notar o impacto do contexto sobre o significado das palavras, percebendo que sua influência é muito variável e de muita importância no caso dos homônimos. No inglês, por exemplo, se perguntarmos a uma pessoa o significado da palavra *sole*, teremos de especificar do que se trata, pois existem três *soles*: o adjetivo (*só*), o peixe (linguado) e o substantivo (*sola* do sapato). Segundo o semanticista, então, os idiomas repletos de homônimos contarão com o contexto para dissipar possíveis ambigüidades.

Ademais, as definições operacionais (contextuais) de significado receberam de Wittgenstein, em sua obra *Investigações filosóficas* (1999 [1953]), uma interessante contribuição.

As ideias de Wittgenstein tiveram algumas repercussões imediatas na linguística e fortaleceram a posição dos linguistas que, antes dele, tinham definido o significado em termos semelhantes. A sua fórmula atrairá o estudioso da língua, não só pela

⁴⁴ “When a content word assumes the grammatical characteristics of a function word, the form is said to be ‘grammaticalized’.” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 4).

⁴⁵ Aprofundaremos esse conceito em seção ulterior.

sua nitidez e simplicidade e por estar muito a par das tendências correntes da linguística, mas também porque oferece diversas vantagens sólidas. Pelo lado negativo, evita qualquer recurso a estados ou processos mentais vagos, intangíveis e subjectivos. Pelo lado positivo, tem o mérito de definir o significado em termos contextuais, isto é, puramente empíricos. [Nota de rodapé: sobre Hass e seus comentários sobre o termo “função”, a partir de Wittgenstein:] O Dr. Hass chama “funcional” à sua teoria, mas, atendendo à ambiguidade deste termo na linguística, seria melhor chamá-la “operacional” ou “contextual”. (ULLMANN, 1964 [1962], p. 137).

O filósofo, em sua segunda fase⁴⁶, afirma que o significado de uma palavra é o seu uso e sugere diversas analogias para explicar o seu pensamento. Um dos exemplos citados por Wittgenstein (1999 [1953]) é a comparação a uma caixa de ferramentas: a língua e seus conceitos são instrumentos; os objetos da caixa de ferramentas têm uma função específica; e as funções das palavras são tão diversas como objetos. Ele argumenta que “a linguagem é um instrumento [, s]eus conceitos são instrumentos (WITTGENSTEIN, 1999 [1953], p. 147)” e traz algumas explicações utilizando o conceito de função no entendimento do uso do verbo “ser” em determinada frase.

Que significa o fato de que, na frase: “a rosa é vermelha”, o “é” tem outro significado do que na frase: “duas vezes dois é quatro”? Se respondermos que isto significa que se pode dizer que temos aqui

⁴⁶ A primeira fase de Wittgenstein foi marcada por um pensamento lógico formalista, sendo publicada, nesse período, a obra *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921).

apenas uma palavra. [sic]⁴⁷ – E se atento apenas para as regras gramaticais, então estas permitem o emprego da palavra “é” em ambos os contextos. – Porém a regra que mostra que a palavra “é” tem diferentes significações nestas frases é aquela que permite substituir a palavra “é”, na segunda frase, pelo sinal de igualdade, e o proíbe na primeira.

Gostaríamos de falar sobre a função da palavra nesta frase. Como se a frase fosse um mecanismo no qual a palavra desempenha uma determinada função. Mas em que consiste essa função? Como surge? Pois, nada está oculto, vemos toda a frase! A função deve mostrar-se no decorrer do cálculo. ((Corpo de significação)). (WITTGENSTEIN, 1999 [1953], p. 145-146).

Merece destaque, nessa citação, a palavra *função*. Como já foi mencionado no capítulo precedente, o termo *função* é bastante polissêmico e, conforme Martelotta e Areas (2003, p. 18-19), pode ser entendido como “a dependência de um elemento estrutural com elementos de outra ordem ou domínio (estrutural ou não estrutural)” ou como um “papel desempenhado por um elemento estrutural no processo comunicativo, ou seja, a função comunicativa do elemento (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 19). Salientamos que a abordagem funcionalista contemporânea prioriza esse segundo conceito de função, dando ênfase ao caráter comunicativo da linguagem, ao passo que a abordagem formalista adere ao primeiro conceito, focado no aspecto estrutural.

É interessante notar que Givón (2001, p. 30) se reporta a Wittgenstein ao tratar de categorias e protótipos. O autor norte-americano busca antecedentes na filosofia para postular o caráter

⁴⁷ As construções sintáticas do filósofo são reconhecidamente um tanto atípicas, mas resolvemos manter suas palavras conforme a tradução (para a língua portuguesa) da obra em que nos baseamos.

continuum (vs. discreto) das categorias linguísticas, trazendo do filósofo a ideia de que o significado é profundamente dependente do contexto e orientado pelo uso, não discreto, envolvendo uma gradação contínua. Givón ainda traz à tona a metáfora da *family resemblance* (semelhança familiar), de Wittgenstein, que focaliza a sobreposição e cruzamento de traços entre os membros de uma família, em se tratando do significado de categorias.

A noção de função remete à de *domínio funcional*: “área coberta por (macro)funções/significações que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos que se articulam de forma mais, ou menos, recorrente/regularizada, em diferentes níveis” (GÖRSKI, 2012). Cada domínio pode se configurar num escopo funcional gradiente: macrofunção > funções > subfunções, podendo ser visto como um fenômeno superordenado (GÖRSKI et al., 2003). Exemplificando: TAM é um domínio funcional complexo que recobre tempo/aspecto/modalidade, categorias funcionais que atuam articuladamente. Tempo, por sua vez, recobre passado/presente/futuro. Passado recobre perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito; e assim por diante. Em termos operacionais, o recorte do fenômeno a ser estudado pode se dar em cada um dos níveis dessa hierarquia funcional.

Numa abordagem tipológica da gramática, Givón (2001, p. 23) afirma que “na tipologia gramatical, enumeram-se os principais meios estruturais pelos quais diferentes línguas codificam o mesmo domínio funcional”.⁴⁸ Segundo o autor, muitos domínios são complexos e escalarmente multidimensionais. O código gramatical, entretanto, costuma ser esparso, cobrindo apenas pontos focais num domínio funcional escalar, deixando outros pontos sem codificação, resultando daí que uma língua pode supercodificar um determinado domínio e outra, subcodificar. Em outras palavras, a densidade de codificação de um domínio funcional é variável entre as línguas. Exemplificando: o Inglês subcodifica a divisão de tempo

⁴⁸ “In grammatical typology, one enumerates the main structural means by which different languages code the same *functional domain*.” (GIVÓN, 2001, p. 23).

passado/futuro: antes e depois do momento de fala; já o Bemba supercodifica com quatro divisões morfológicamente marcadas para o passado e o futuro: a) dentro de poucas horas a partir de agora; b) no limite temporal do hoje; c) o dia próximo a hoje (ontem/amanhã); d) antes/depois do dia próximo a hoje (anteontem, depois de amanhã) (GIVÓN, 2001, p. 26).

Transpondo essa noção para o âmbito de uma mesma língua, pode-se dizer que diferentes domínios funcionais podem ser codificados por uma quantidade maior ou menor de formas ou “camadas”. Nos termos de Hopper (1991, p. 22):

Dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. Quando isso acontece, as camadas antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as novas camadas.⁴⁹

Essas noções – de mudança semântica e categorial, do papel do contexto, da função das palavras no uso, do caráter *continuum* das categorias – são bastante relevantes para os estudos de mudança via gramaticalização, como veremos na seção seguinte.

Antes de fecharmos esta seção, vale retomar o conceito de mudança no âmbito do funcionalismo. Martelotta (2003, p. 58-59) explica que

a emergência do paradigma da gramaticalização no contexto da linguística funcionalista americana deu-se a partir dos anos 1970, quando houve um resgate do papel das transformações diacrônicas nas explicações da sintaxe. O

⁴⁹ “Within a broad functional domain, new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded, but may remain to coexist with and interact with the newer layers.” Hopper (1991, p. 22).

texto motivador foi *The origins of syntax in discourse* (SANKOFF e BROWN, 1976), que teve eco no ciclo funcional proposto por Givón (1979a), discurso > sintaxe > morfossintaxe > morfofonêmica > zero, apoiado em evidências oriundas da aquisição da linguagem, da passagem de pidgins para crioulos e dos estudos diacrônicos.

Desenvolveu-se a partir de então a ideia de que o uso da língua nas situações reais de comunicação motiva as transformações que sofrem os elementos linguísticos ao longo do tempo e que essas transformações apresentam unidirecionalidade: caminham do discurso para a gramática. Os elementos, com o processo de gramaticalização, perdem a liberdade típica da criatividade contextualmente motivada pelo discurso e tornam-se mais fixos e mais regulares. Assim, advérbios de lugar assumem função de conjunção, e não vice-versa; vocábulos transformam-se em afixos, e não vice-versa.

No âmbito do funcionalismo linguístico, alguns tópicos são basilares e foram se estabelecendo ao longo dos anos. Embora haja algumas divergências entre autores quanto ao modo como definem *gramaticalização*, essa noção e os conceitos de unidirecionalidade⁵⁰ da mudança, gramática emergente e princípios de gramaticalização são bastante caros à teoria funcionalista. A seguir, trataremos de gramaticalização e conceitos relacionados.

2.2 GRAMATICALIZAÇÃO

⁵⁰ Esse conceito de “unidirecionalidade” da mudança, por não ser uma questão consensual entre os estudiosos da área de gramaticalização, não será tão focalizado nesta pesquisa.

Nesta seção, são apresentados e discutidos os conceitos de gramaticalização e unidirecionalidade, com foco em *clines* de mudança; os princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991); e mecanismos de mudança por expansão metafórica e metonímica (HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER, 1991). Trataremos de dar mais relevo a aspectos teóricos mais diretamente associados ao funcionamento do nosso objeto de estudo – o item gramatical *mesmo*. Na medida do possível, procuramos vincular esse objeto aos conceitos apresentados.

O termo *gramaticalização* remete a a diferentes noções e perspectivas. Assim, é importante, num primeiro momento descrever brevemente as difentes concepções associadas ao termo, que envolvem ora uma visão de teoria ou paradigma, ora uma visão de processo.

Para Heine (1993, p. 575), a “teoria de gramaticalização não é uma teoria de uma língua ou de mudança de uma língua; mas objetiva descrever a gramaticalização, isto é, a maneira como formas gramaticais surgem e se desenvolvem através do espaço e do tempo e por que elas são estruturados do jeito que são”⁵¹.

Os autores da mesma vertente teórica, Hopper e Traugott (2003 [1993]), ao traçarem algumas considerações preliminares sobre “gramaticalização”, na obra *Grammaticalization*, afirmam que duas perspectivas de estudo distintas têm sido utilizadas: a *perspectiva histórica (diacrônica)*, que investiga as origens de formas gramaticais e os passos de seu desenvolvimento na língua; e a *perspectiva sincrônica*, considerando a gramaticalização principalmente como um fenômeno sintático, do discurso, pragmático, a ser estudado a partir de seus padrões de fluidez na língua (deslizamentos funcionais). Os autores explicam que também é possível conciliar

⁵¹ “Grammaticalization theory is neither a theory of a language nor of language change; its goal to describe grammaticalization, that is, the way grammatical forms arise and develop through space and time, and to explain why they are structured the way they are”. (HEINE, 2003 [1993], p. 575).

as duas perspectivas (abordagem *pancrônica*) e se propõem a fazê-lo.

Diz-se ainda que a gramaticalização pode ser considerada como “*paradigma* se observada num estudo de língua que se preocupe em focalizar a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas [e pode ser] considerada *processo* se se detiver na identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais” (GONÇALVES et al., 2007, p. 16).

Nesse contexto teórico, este estudo se encaixa basicamente numa *perspectiva sincrônica*, focalizando o conceito de gramaticalização como um *processo*, uma vez que nosso cópua é composto por dados de um recorte temporal específico (2004-2008), sincrônico, a partir dos quais traçaremos uma descrição dos deslizamentos funcionais de um item linguístico particular. Além disso, buscaremos delinear possíveis rotas de gramaticalização do item *mesmo* (considerando uma perspectiva diacrônica) com base em pressupostos teóricos, no levantamento efetuado em dicionários etimológicos e em gramáticas, e em resultados de estudos que se ocuparam em investigar o mesmo item ou itens de comportamento semelhante ao deste objeto de estudo. Consideramos, assim, a língua em seu caráter dinâmico e flexível, por isso o lugar privilegiado destinado à gramaticalização neste estudo.

Dentre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização é considerada um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral. A constante renovação do sistema linguístico – percebida, sobretudo, pelo surgimento de novas funções já existentes – traz à tona a noção de “gramática emergente”, concepção assumida de modo explícito ou não por vários estudiosos da gramaticalização [...] não há gramática como produto acabado, mas sim constante gramaticalização. (GONÇALVES et al., 2007, p. 15).

Ainda sobre o conceito de “gramaticalização”, há algumas diferenças de sentido na utilização deste termo, a depender da natureza do fenômeno linguístico envolvido. Traugott (2002), em *From etymology to historical pragmatics*, considerando a unidirecionalidade da mudança, distingue “gramaticalização primária” de “gramaticalização secundária”. A *gramaticalização primária* concerne ao desenvolvimento de construções e categorias lexicais em categorias funcionais, em contextos morfossintáticos específicos (por exemplo, verbos lexicais plenos > auxiliares). A *gramaticalização secundária* envolve o desenvolvimento de alterações tais como fusão, erosão fonética (por exemplo, a redução que ocorre em *will* > ’ll, *would* > ’d, *have* > ’ve). Enquanto o primeiro tipo de gramaticalização tem mais a ver com a função das categorias em análise, o último diz mais respeito à forma das categorias. Não caberia, nesse último caso, dizer, por exemplo, que a forma estaria “mais gramaticalizada”, mas sim “mais ligada ou fundida” (*bonded*) ao longo do tempo.

Outra distinção pode ainda ser estabelecida:

O termo *gramaticalização* [...] é tomado em dois sentidos relacionados: a gramaticalização *strictu sensu* ocupa-se da mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática; a gramaticalização *lato sensu* busca explicar as mudanças que se dão no interior da própria gramática, compreendendo os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação da ordem vocabular. (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 51).

A partir do que se tem registro, pode-se considerar que o item *mesmo* já surge na língua como demonstrativo, uma forma que está no entremeio do léxico e da gramática (ou seja, emerge como uma forma lexical/gramatical). Desse modo, a abordagem

desta pesquisa seria de uma gramaticalização *lato sensu*, englobando as mudanças linguísticas que atingem um item no âmbito da gramática. Esse ponto conceitual/terminológico, embora mereça uma discussão, não será foco de nossa atenção nesta dissertação.

Ao tratar de formas lexicais e gramaticais no processo de gramaticalização, para representar esse caminho de mudança linguística, a concepção de *cline* (*continuum*) é bastante utilizada pelos teóricos da área. De acordo com Hopper e Traugott (2003), o conceito de *cline*, utilizado nesse sentido, apareceu pela primeira vez em Halliday (1961) e “[d]o ponto de vista da mudança, as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas passam por uma série de pequenas transições, que tendem a ser similares em todas as línguas” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 06)⁵². Alguns exemplos de *clines*, resultados de pesquisas linguísticas de gramaticalização, darão embasamento à construção de uma (ou mais) trajetória(s) relativa(s) ao item gramatical *mesmo* e suas categorias funcionais, a ser proposta no capítulo de análise.

Um *continuum* interessante a se ressaltar indica que os vocábulos, no processo de gramaticalização, passam de um domínio concreto para o abstrato, o que é representado pelo seguinte *cline*: concreto > abstrato. Esse percurso de abstratização é comum a vocábulos que se tornam gramaticalizados e há algumas maneiras de se representar, mais detalhadamente, esse percurso:

Traugott e Heine (1991), por exemplo, propõem a seguinte escala para representar o processo de *abstratização* gradativa no percurso de gramaticalização dos elementos linguísticos: espaço > (tempo) > texto. Essa escala apresenta dois

⁵² “From the point of view of change, forms do not shift abruptly from one category to another, but go through a series of small transitions, transitions that tend to be similar in type across languages.” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 06).

desdobramentos possíveis. Num dos casos, descreve a emergência de categorias gramaticais, que têm sua origem em itens lexicais de sentido concreto. [...] O segundo desdobramento dessa escala diz respeito à abstratização progressiva de um dado elemento linguístico sem que haja, necessariamente, mudança de categoria gramatical. (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 54-55).

Para exemplificar essa escala, Furtado da Cunha et al. (2003) citam o vocábulo *onde*, que, num primeiro momento, é utilizado para se referir a ESPAÇO (ex.: “Esse é o lugar para *onde* vou”), mas, no processo de gramaticalização chega ao nível do TEMPO (ex.: “Esse é o momento *onde* a gente se sente mal”), e, por fim, ao domínio do TEXTO (ex.: “A partir desse conceito, *onde* nos baseamos, é possível atestar nossa hipótese”). Sendo assim, o vocábulo *onde*, em seu percurso de gramaticalização, poderia ser representado por este *cline*: espaço > tempo > texto.

Da mesma forma que esse vocábulo, o item linguístico *logo* passa por um processo análogo. Sua origem se encontra no latim *locus*, que significa *lugar*, estando, pois, ligado ao domínio do ESPAÇO. Com o tempo, essa antiga forma latina passou a ser utilizada no sentido temporal (*em breve*, *em seguida*), isto é, passou para o campo do TEMPO, para, então, se estender ao domínio do TEXTO, com sentido equivalente ao vocábulo *portanto*.

Como é possível observar a partir desses dois exemplos, um ponto muito interessante dessa teoria de gramaticalização é o pressuposto de que, em todas as línguas, haja um padrão semelhante de mudança (embora existam pequenas distinções em certos aspectos). Se observarmos, por exemplo, o caso de gramaticalização de *onde* – um *pronome relativo* inicialmente restrito ao contexto espacial, mas que expande seu sentido para contextos textuais – perceberemos que, do mesmo modo, os *pronomes demonstrativos* também podem passar por esse processo. O vocábulo *mesmo*, foco deste estudo, surge como

demonstrativo nas línguas românicas (cf. capítulo 1), mas é bem possível que saia do domínio mostrativo da linguagem (**espaço**, como pronome demonstrativo, originário de IDEM) para chegar ao campo **temporal** (possivelmente configurado em uma estrutura adverbial) e, finalmente, ao domínio **textual** (provavelmente como operador argumentativo ou articulador textual). É justamente essa possibilidade e outras, fundamentadas nos estudos de gramaticalização, que observaremos e descreveremos nesta pesquisa.

Esses padrões de mudança mostram que a “gramaticalização tem alguns atributos em comum com os métodos ortodoxos da linguística histórica, como o método de comparação, que se baseia na exploração das regularidades no desenvolvimento de formas linguísticas para reconstruir usos linguísticos mais antigos.” (HEINE, 1993, p. 596-597)⁵³. Dessa forma, é válido ressaltar que

a teoria da gramaticalização é um campo diacrônico no seu verdadeiro sentido: não só permite reconstruções históricas, mas também faz com que seja possível, dentro dos limites, prever o que vai acontecer no futuro, ou então o que é provável existir em alguma língua desconhecida. [...]

i. Se numa dada língua, um novo artigo definido surge, então é provável que seja derivado de um modificador demonstrativo.

ii. Se um novo artigo indefinido surge, então provavelmente será originado de um numeral “um”.

iii. Se um novo marcador locativo para TRÁS (‘por trás, (em) de volta (de)’) surge,

⁵³ “Grammaticalization has some attributes in common with orthodox methods of historical linguistics. Like the comparative method, it is based on the exploitation of regularities in the development of linguistic forms for reconstructing earlier of language use.” (HEINE, 1993, p. 596-597).

emerge, então a fonte mais provável é uma parte substantiva do corpo para 'trás', ou, em termos mais gerais, os novos termos para a orientação espacial dêitica são mais propensos a ter partes do corpo como fonte conceitual.

iv. Se um novo marcador temporal (advérbio, adjunto, conjunção) evolui, então é provável que seja derivado de um marcador locativo. (HEINE, 1993, p. 598, tradução nossa)⁵⁴.

O último dos tópicos destacados por Heine (1993) – sobre a emergência de um novo marcador temporal – parece estar bastante relacionado a um possível uso de *mesmo* em sentido temporal, mas vale ressaltar que “muitas vezes, o que é gramaticalizado não é uma única palavra, mas uma construção inteira que inclui essa palavra, como, por exemplo, no Inglês Antigo, *pa h wile pe* ‘no tempo que’ > *hwile* ‘enquanto’ (um conectivo temporal)” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 4, tradução nossa)⁵⁵.

⁵⁴ Grammaticalization theory is a field that is diachronic in the true sense: it not only allows for historical reconstructions but also makes it possible within limits to predict what is going to happen in the future, or else what is likely to exist in some unknown language. [...]

i. If in a given language a new definite article arises then it likely to be derived from a demonstrative modifier.

ii. If a new language indefinite article arises then most likely it will have a numeral ‘one’ as its source.

iii. If a new locative marker for BACK (‘behind, (in) back (of)’) is developed then the most probable source is a body part noun for ‘back’, or, in more general terms, new terms for deictic spatial orientation are most likely to have body part terms as their conceptual source.

iv. If a new temporal marker (adverb, adposition, conjunction) evolves then it is likely to be derived from a locative marker. (HEINE, 1993, p. 598).

⁵⁵ “Quite often what is grammaticalized is not a single content word but an entire construction that includes that word, as for example Old

Sendo assim, as expressões temporais *ao mesmo tempo* e *ao mesmo tempo (em) que* teriam se gramaticalizado para o nível do TEMPO a partir de um tipo de *mesmo* que se encontrava no domínio do ESPAÇO⁵⁶. Nesse contexto, ao tratar de orações subordinadas temporais, Castilho (2010, p. 379) explica que elas “expressam um tempo anterior, simultâneo ou posterior ao da matriz, sendo introduzidas por *quando, enquanto, ao mesmo tempo em que, à medida que, antes que, depois que*”. Dentre os tipos de tempo citados pelo autor, a locução adverbial “ao mesmo tempo em que” se encaixaria na categoria de “tempo simultâneo”. Ao descrever as funções de *mesmo*, porém, pretendemos argumentar que existe uma diferença entre as expressões “ao mesmo tempo” e “ao mesmo tempo (em) que”. Essas diferenças não estão apenas no sentido em que são utilizadas, mas também nos contextos morfossintáticos em que podemos utilizá-las.

Como uma reflexão inicial (considerando que trataremos desse tópico mais adiante), observemos a seguir duas ocorrências retiradas de nosso *cópus*, com grifos acrescidos:

- (1) A Decisão Propaganda elaborou uma campanha para o lançamento da nova coleção contendo a parte fotográfica com catálogo e folders, e uma festa com desfile na boate Cafe Cancun, que é uma casa muito famosa na cidade, com clientela de idade e poder aquisitivo adequados para o perfil de clientes que a fábrica quer alcançar. Nessa festa vai acontecer o desfile com a nova coleção de biquínis e a coleção fitness (roupas de ginástica). Serão distribuídos poucos convites vips, e os outros poderão ser adquiridos na loja, fazendo as pessoas irem até a loja para comprarem. Na frente da festa haverá um banner com propaganda da marca, e sendo anunciado na radio, com custo pago pelo

English *pa h wile pe ' that time that' >hwile 'while' (a temporal connective)*” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 4).

⁵⁶ Mais detalhes serão explorados no capítulo dedicado à explanação da Metodologia e no capítulo de Análise do *cópus*.

Café Cancun. **AO MESMO TEMPO** são enviados por mala-direta 5.000 folders, e distribuídos aos clientes 5.000 catálogos. (**Sujeito 3, 2004, F**).

- (2) Algumas teorias relacionadas as necessidades humanas serão tratadas posteriormente, para melhor compreensão. Kanaane (1999, p. 90) ainda evidencia que os dirigentes e executivos possuem um grande desafio: "[...] compreender e **AO MESMO TEMPO** saber lidar com duas tendências opostas e complementares – e integração e auto-afirmação – em si mesmo e nos outros, nas unidades de trabalho e nos subsistemas das organizações". (**Sujeito 25, 2008, F**).

Observando esses dados, podemos perceber que, no primeiro caso, existe, de fato, uma característica de simultaneidade temporal: trata-se de uma campanha publicitária que envolve dois eventos que aconteceriam em um recorte de tempo específico e concomitante. Já no segundo exemplo, é possível perceber uma diferença sutil de sentido, pois, parafraseando a frase: para ser executivo, dois aspectos precisam ser considerados, ainda que não exatamente num mesmo recorte temporal. Resumindo, parece que o exemplo (2) fornece um traço [+ abstrato], direcionando-se sutilmente para o âmbito do TEXTO, com função de articulador textual. Esses exemplos são uma pequena mostra das minuciosas mudanças linguísticas pelos quais o item gramatical *mesmo* deve ter passado/estar passando.

Como já especificamos no primeiro capítulo deste estudo, o vocábulo *mesmo* tem duas raízes: IDEM e IPSE, sendo essa última responsável por sua característica de reforço (ou intensificação). Sobre essa propriedade, Heine e Song (2011) trazem algumas considerações relevantes para pensarmos a trajetória funcional do item linguístico em relação à sua característica reforçativa. Em seu artigo, *On the grammaticalization of personal pronouns*, os autores se propõem a verificar a origem dos pronomes pessoais e, em uma seção destinada aos “intensificadores”, afirmam que esses elementos

linguísticos poderiam dar origem aos pronomes pessoais de terceira pessoa.

Uma terceira origem importante para pronomes de terceira pessoa é fornecida pelo que chamamos, em um sentido amplo, de ‘intensificadores’. Com esse termo, estamos nos referindo a três tipos de conceitos pronominais, nomeadamente **reflexivos**, **intensificadores** e **identitivos** (ou **pronomes de identidade**, "o mesmo"). O que os três têm em comum é que todos eles pressupõem alguma entidade cuja identidade referencial foi estabelecida no discurso anterior e que tendem a sofrer o mesmo tipo de processo de gramaticalização. Em algumas das literaturas existentes [sobre o tema], **formas reflexivas** (por exemplo, *John matou a si mesmo*) e **intensificadores** (*John mesmo a matou*) não se distinguem terminologicamente, mesmo quando os pronomes **intensificadores tendem a ser considerados "reflexivos enfáticos"**. (HEINE; SONG, 2011, p. 598, tradução e grifos nossos)⁵⁷.

⁵⁷ A third important source for third person pronouns is provided by what we refer to in a loose sense as ‘intensifiers’. With this term we are referring to three kinds of pronominal concepts, namely reflexives, intensifiers, and identitives (or identity pronouns, ‘the same’). What the three have in common is that they all presuppose some entity whose referential identity has been established in previous discourse, and that they tend to undergo the same kind of grammaticalization process. In some of the existing literature, reflexive forms (e.g. John killed himself) and intensifiers (John himself killed her) are not distinguished terminologically, even if intensifier pronouns tend to be referred to as ‘emphatic reflexives’. (HEINE; SONG, 2011, p. 598).

Trazendo essa reflexão para o objeto deste estudo, percebemos que a categoria nomeada, até o momento, como *pronome demonstrativo polêmico* (cf. seção 1.2.2.1), seria, conforme a classificação de Heine e Song (2011), um *identitivo* ou *pronome de identidade*, que sofre um processo de gramaticalização semelhante ao dos *intensificadores* e das *formas reflexivas*. Na sequência, os autores tentam descobrir qual dos pronomes (*intensificadores* ou *reflexivos*) pode dar origem a um pronome pessoal de terceira pessoa.

[...] é frequentemente obscuro perceber qual dos dois está envolvido na criação de pronomes pessoais, mas, ao que parece, na maioria dos casos, são os *intensificadores*, ao invés de *reflexivos*, que são usados; embora sejam necessárias mais pesquisas sobre esse ponto. Um exemplo de uma origem de intensificador é fornecido pelo **pronome identitivo** basco ber- 'mesmo, self-'. Uma gramaticalização induzida pelo contato com línguas românicas parece ter afetado o sistema (independente) dos pronomes pessoais em basco, sendo sinalizado por Haase (1992: 135-137) como um fator responsável para o fato de ber- estar no caminho de se tornar um pronome de terceira pessoa. (HEINE; SONG, 2011, p. 598, tradução e grifos nossos)⁵⁸.

⁵⁸ It therefore remains frequently unclear which of the two is involved in the creation of personal pronouns; it would seem, however, that in most such cases it is intensifiers, rather than reflexives, that are used; more research is required on this point. One example of an intensifier source is provided by the Basque identity pronoun ber- 'same, -self'. Grammaticalization induced by contact with Romance languages appears to have affected the system of (independent) personal pronouns in Basque, being held responsible by Haase (1992: 135–137) for the fact that ber- is on the way to developing into a third person pronoun. (HEINE; SONG, 2011, p. 598).

Refletindo sobre esse percurso de gramaticalização de ber- (*pronomes de identidade* basco), podemos estabelecer uma relação com o *identitivo* da língua portuguesa e, por analogia, considerando que há padrões de mudança (via gramaticalização) semelhantes nas línguas, inferir que a expressão “o mesmo” possa estar caminhando na direção de se tornar um pronome de terceira pessoa, semelhantemente ao que ocorreu com a expressão “a gente”, hoje pronome de primeira pessoa. Se considerarmos que há pesquisas variacionistas que consideram “o/a(s) mesmo/a(s)” e “ele/a(s)” como variantes de uma mesma variável dependente (cf. MOREIRA, 2007), essa hipótese não deve ser descartada.

É claro que, diferentemente do pronome *ele* (e suas flexões), o *identitivo* “o mesmo” não consegue apontar deiticamente para referentes no contexto, por exemplo, apresentando apenas uma propriedade anafórica; ou seja, podemos utilizar o pronome pessoal reto *ele* para indicar um referente ainda não mencionado, mas ainda não fazemos isso com a expressão “o mesmo”. Por conta disso, essa expressão anafórica é mais adequadamente classificada como pronome demonstrativo (tal como é classificada atualmente). Isso não exclui, porém, a possibilidade de essa forma identitiva estar se gramaticalizando em pronome pessoal de terceira pessoa, e, por isso, gostaríamos de problematizar essa questão, tentando, de alguma forma, respondê-la em nossa análise.

Já no que diz respeito aos intensificadores, Heine e Song (2011) trazem alguns exemplos desses vocábulos que, em outras línguas, estão se gramaticalizando em direção a uma expressão de terceira pessoa de referência.

Intensificadores do idioma amárico Ethio-semita são comumente formados por meio de uma frase de substantivo composto do substantivo ras (Ge'ez res) 'cabeça', mais um modificador possessivo, que parece ter fornecido a base *e.g.* para uma série de pronomes de terceira pessoa (Praetorius 1879: 119F; Hartmann 1980: 273;

Zelealem Leyew e Ulrike Claudi, pc). Também se pode mencionar o turco, que parece ter explorado seu intensificador em certos contextos para expressar terceira pessoa de referência:

(12) Turco (Siewierska 2004: 226)

Kendi-si ópera-ya git-ti.

self-3SG ópera-DAT go-

PASSADO

"Ele (mesmo) foi para a ópera.

Que o desenvolvimento de intensificador para pronome pessoal é realmente um processo de gramaticalização é sugerido pelo fato de, em primeiro lugar, ser unidirecional. Translinguisticamente, **há uma série de línguas nas quais intensificadores ('self', si mesmo) ou formas de identidade ("o mesmo") deram origem a pronomes pessoais**, enquanto não há até agora nenhuma evidência para um desenvolvimento na direção oposta.

Em segundo lugar, esse desenvolvimento pode ser descrito em termos de dessemantização [...] em que o intensificador específico ou de identidade semântica é esmaecido/desbotado – restando como função semântica apenas o efeito de terceira pessoa de referência, isto é, um conceito esquemático dêitico (HEINE; SONG, 2011, p. 598, tradução e grifos nossos)⁵⁹.

⁵⁹ Intensifiers in the Ethio-Semitic language Amharic are commonly formed by means of a noun phrase consisting of the noun ras (Ge'ez res) 'head' plus a possessive modifier, which appears to have provided the basis e.g. for a range of third person pronouns (Praetorius 1879: 119f. ; Hartmann 1980: 273; Zelealem Leyew and Ulrike Claudi, p.c.). One may also mention Turkish, which appears to have exploited its intensifier in certain contexts to express third person reference:

(12) Turkish (Siewierska 2004: 226)

Como é possível observar nessa citação, Heine e Song (2011) esclarecem que não há nenhuma evidência provando o contrário em relação aos pronomes pessoais de terceira pessoa, mas a reflexão dos autores ainda vai além quando afirmam que os pronomes de terceira pessoa, bem como os identitativos, reflexivos e intensificadores (além de outras fontes), seriam responsáveis pela origem dos pronomes de segunda pessoa. Em alguns exemplos na língua coreana, podemos verificar isso.

Intensificadores, reflexivos e pronomes de identidade (ou identitativos) são translinguisticamente uma fonte comum para pronomes de segunda pessoa, especialmente nas línguas faladas na Índia e, geralmente, no Sudeste da Ásia (ver Head 1978: 179ff.). Um exemplo de um intensificador é encontrado em (17) e de um pronome identificador em (18), envolvendo, respectivamente, o intensificador de coreano / reflexivo *jane 'a si mesmo'* e o pronome de identidade *dieselben* alemão do século 18 'o mesmo' ».

(17) Sudeste coreano (Song 2002) *jane eonje lgeon-ga-ga?*

Kendi-si opera-ya git-ti.
self-3SG opera-DAT go-PAST

'He (respectful) has gone to the opera.'

That the development from intensifier to personal pronoun is in fact a process of grammaticalization is suggested by the fact that, first, it is unidirectional. Crosslinguistically there are a number of languages where intensifier ('-self') or identity forms ('the same') have given rise to personal pronouns, while there is so far no evidence for a development in the opposite direction. Second, this development can be described in terms of desemanticization [...] whereby the specific intensifier or identity semantics is bleached out – with the effect that third person reference, that is, a schematic deictic concept, is the only semantic function that is left (HEINE; SONG, 2011, p. 598).

INT/2.ABS quando go-FUT-
 INTR
 "Quando você vai? '
 (18) alemão do século 18 (Simon
 2003)
 Ich bitte dieselben.
 Peço 'o mesmo'.
 "Peço-vos. '(Forma
 maximamente educada de abordagem).
 (HEINE; SONG, 2011, p. 602-604,
 tradução nossa)⁶⁰.

Ademais, segundo Heine e Song (2011), os intensificadores teriam um papel crucial no desenvolvimento de dêixis pessoais. Na língua coreana, no final do século XVI, três novas formas intensificadoras/reflexivas surgiram (cada uma utilizada conforme um grau honorífico, com marcas estilísticas), e, por volta do final do século XIX, emergiu um pronome de primeira pessoa do nível honorífico baixo. O mesmo aconteceu com os outros dois pronomes (ainda que em séculos diferentes desse), mas sempre relacionados ao grau honorífico ao qual eram associados no início. Em suma, nos últimos cinco séculos, desenvolveram-se quatro intensificadores/reflexivos para

⁶⁰ Intensifiers, reflexives, and identity pronouns (or identities) are crosslinguistically a common source for second person pronouns, especially in languages spoken in India and generally in Southeast Asia (see Head 1978: 179ff.). An example of an intensifier is found in (17) and of an identifier pronoun in (18), involving, respectively, the Korean intensifier/reflexive *jane* 'oneself' and the 18th-century German identity pronoun *dieselben* 'the same ones'.

(17) Southeastern Korean (Song 2002)

jane eonje ga-lgeon-ga?

INT/2.ABS when go-FUT-INTR

'When will you go?'

(18) 18th-century German (Simon 2003).

Ich bitte dieselben.

I ask the.same.ones

'I ask you.' (Maximally polite form of address).

(HEINE; SONG, 2011, p. 602-604).

marcador dêitico em coreano, e um deles deu origem a um pronome de primeira pessoa (*jeo*), enquanto os demais reflexivos se gramaticalizaram como pronomes de segunda pessoa.

Os pesquisadores trazem, além disso, outros exemplos em que processos de gramaticalização ocorreram de modo semelhante e finalizam com uma afirmação motivadora: “Os caminhos principais das categorias de ‘intensificadores’ para pronomes pessoais estão longe de ser claros, [por isso,] uma análise mais detalhada destas categorias e das mudanças semânticas que levam à gramaticalização é urgentemente necessária.” (HEINE; SONG, 2011, p. 605)⁶¹.

Ainda sobre os demonstrativos, Kuteva e Heine (2008), no artigo *On the explanatory value of grammaticalization*, ao problematizarem o processo de gramaticalização, trazendo algumas exceções a *clines* propostos por teóricos da área, abordam um exemplo específico que contradiz o *cline* seguinte: *demonstrative* > *definite article*, envolvendo uma situação em que o artigo definido não ocupa o mesmo lugar do pronome demonstrativo. Esse exemplo ocorre no búlgaro, língua na qual o artigo definido tem um *status* de sufixo, adicionado à forma nominal. O demonstrativo, por outro lado, tem sempre posição anteposta ao nome, como no inglês, no alemão e na maioria das línguas.

Levando em conta, então, que o artigo definido deriva do pronome demonstrativo, mas (no búlgaro) esse último tem posição preposta ao nome, e o primeiro encontra-se sempre anteposto ao sintagma nominal, surge uma questão problemática: se um deriva do outro, por que os dois não têm o mesmo comportamento sintático? Os autores se perguntam sobre como explicar esse contra-exemplo presente na língua búlgara com a seguinte questão: por que o demonstrativo moveu-se de uma posição preposta para uma posição posposta ao nome?

⁶¹ “The exact pathways leading from ‘intensifier’ categories to personal pronouns are far from clear ; a more detailed analysis of these categories and of the semantic changes leading to grammaticalization is urgently needed.” (HEINE; SONG, 2011, p. 605).

Partindo-se de um pressuposto de que os demonstrativos e determinantes (como os artigos) apareceriam em posições similares (ou mesmo em posições iguais) na estrutura morfossintática, torna-se difícil – segundo Heine Kuteva (2008) – explicar essa aparente contradição. Por isso, Heine e Kuteva (2008) recorrem à diacronia para responder a essa questão. Tomando como base uma perspectiva de gramaticalização, quando os artigos definidos estavam tomando forma, entre os séculos IX e XIII, o demonstrativo podia ser usado na posição posposta ao nome. Então, quando o desenvolvimento do artigo definido tinha perdido a força dêitica da sua origem histórica (demonstrativo), ele se encontrou “congelado” na mesma posição em que seu vocábulo de origem era usado no começo do processo de gramaticalização do demonstrativo para o artigo definido. Nesse contexto, saber as origens e quando as formas emergem nas línguas é um meio eficiente de compreensão sobre os processos de mudança via gramaticalização, sobretudo aqueles cuja explicação dos *clines* de uma categoria para outra é mais complexa.

Mas para que os itens linguísticos se modifiquem rumo a outras categorias gramaticais, num processo de gramaticalização, existem alguns mecanismos associados a essa mudança categorial. Em relação a isso, de acordo com Heine (1993, p. 579),

[t]ecnicamente, a gramaticalização de expressões linguísticas envolve quatro mecanismos inter-relacionados:

- i.** dessemantização (ou "desbotamento semântico", a redução semântica): a perda de significado do conteúdo;
- ii.** extensão (ou contexto de generalização): usar em novos contextos;
- iii.** descategorização: perda de propriedades morfossintáticas características das formas-fonte, incluindo a perda da palavra de estado independente (cliticização, afixação);

iv. erosão (ou "redução fonética"), isto é, a perda de substância fonética⁶².

Esses mecanismos estariam ligados ao princípio de unidirecionalidade da mudança, mas essa concepção não é consensual entre os pesquisadores da área. Hopper e Traugott (1993), por exemplo, partem do pressuposto de que se trata de uma hipótese a ser verificada na análise empírica, ao passo que Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991) adotam esse princípio como algo definitório da gramaticalização. Conforme Gonçalves et al. (2007, p. 40), a unidirecionalidade implica que “as mudanças são operadas sempre da esquerda para a direita [...como, por exemplo...] de categorias cognitivas mais próximas do indivíduo, [+ concretas], para categorias cognitivas mais distantes do indivíduo [- concretas].” Os autores também explicam que a unidirecionalidade da mudança pode ser rompida em alguns casos, mais raros, mas isso não deve invalidar essa concepção. “Metaforicamente falando, a unidirecionalidade seria o bisturi que recorta um tipo específico de mudança, a que promove o rebaixamento de categoria de um elemento, rumo a uma estrutura gramatical, e nunca o contrário.” (GONÇALVES et al., 2007, p. 41).

Retornando à questão dos mecanismos de mudança, percebemos que é possível observá-los em muitos casos de gramaticalização. O pronome pessoal “você”, por exemplo, passou por um processo de redução fonética (erosão) ao se desenvolver a partir do pronome de tratamento “Vossa Mercê”,

⁶² Technically, the grammaticalization of linguistic expressions involves four interrelated mechanisms:

- i.** desemantization (or “bleaching”, semantic reduction): loss in meaning content;
- ii.** extension (or context generalization): use in new contexts;
- iii.** decategorialization: loss in morphosyntactic properties characteristic of the source forms, including the loss of independent word status (cliticization, affixation);
- iv.** erosion (or “phonetic reduction”), that is, loss in phonetic substance. (HEINE, 1993, p. 579).

sofrendo uma perda fonética. Para Gonçalves et al. (2007, p. 36), “certamente o aumento da frequência⁶³ levou à fusão e redução fonológica da forma (*vosmecê* > *você* > ‘*cê*), de modo a ajustá-la totalmente ao paradigma das formas pronominais do caso reto [...]”. Ainda segundo os autores, a redução fonética e a dessemantização resultariam numa “perda” fonética e de conteúdo semântico, mas, por outro lado, essas formas teriam um “ganho” funcional, que é peculiar às categorias gramaticais.

Uma vez explanadas as noções fundamentais associadas à gramaticalização, tomada como paradigma e como processo, que são relevantes a esta pesquisa, tais como unidirecionalidade, *clines* de mudança e mecanismos de mudança, apresentamos, a seguir, os princípios de gramaticalização de Hopper (1991), por meio dos quais conseguiremos perceber o comportamento dos *mesmos* gramaticalizados na língua portuguesa.

2.2.1 PRINCÍPIOS DA GRAMATICALIZAÇÃO

Os princípios de gramaticalização (*principles of grammaticalization*) de Hopper (1991) surgem como um conjunto de parâmetros⁶⁴ para identificar as tendências de gramaticalização na língua em uso. De acordo com Gonçalves et al. (2007, p. 79), “é possível reconhecer graus variados de gramaticalização que uma forma vem a assumir nas novas funções que passa a executar, tornando-se imperioso, então, contar com recursos que permitam identificar os primeiros

⁶³ De acordo com Bybee (2003), citada por Gonçalves et al. (2007), a alta frequência de uso é responsável por algumas mudanças linguísticas (como uma maior autonomia da forma gramaticalizada, por exemplo).

⁶⁴ Lehmann (1985) já havia apresentado um conjunto de critérios para a gramaticalização, mas optamos por não tratar desses critérios por não se mostrarem muito aplicáveis à análise de nosso objeto de estudo.

estágios desse processo de mudança”. Nesse contexto, os cinco princípios de Hopper (1991) podem nos proporcionar a identificação desses estágios. São eles: estratificação (*layering*), divergência (*divergence*), especialização (*specialization*), persistência (*persistence*) e decategorização (*deategorialization*).

2.2.1.1 Estratificação

Esse primeiro princípio pressupõe que uma mesma função pode ser exercida por formas variadas, as quais podem ser vistas como “camadas”. Novas formas (camadas) estão sempre emergindo em um domínio funcional, e podem continuar coexistindo com camadas mais antigas⁶⁵.

Para ilustrar esse princípio de acordo com nosso objeto de estudo, observemos a seguinte figura, feita com base na variação⁶⁶ entre três formas (*ao mesmo tempo em que, enquanto e concomitantemente*) para representar a variável, ou domínio funcional, ‘concomitância temporal’.

⁶⁵ O princípio de estratificação pode ser correlacionado à noção laboviana de variação. As camadas corresponderiam a variantes linguísticas em competição para representar uma variável ou um domínio funcional.

⁶⁶ Vale ressaltar que, conforme Nunes de Souza (2011), sob uma ótica variacionista, em certos contextos, essas três variantes não parecem ser variantes de uma mesma variável.

Figura 1: Representação do princípio de estratificação de Hopper (1991) para o domínio funcional ‘concomitância temporal’



Nesse caso, as três formas apresentadas estão sendo utilizadas como variantes para expressar um sentido de concomitância temporal. Provavelmente, a opção “enquanto” deva ser mais recorrente que a variante “concomitadamente” (ao menos, em contextos menos formais e de fala), mas isso não será (a)testado nesta pesquisa. De qualquer modo, a possibilidade “ao mesmo tempo (em) que” parece ser bem recorrente como um meio de indicar tempo concomitante.

2.2.1.2 Divergência

Conforme Gonçalves et al. (2007, p. 81), o princípio de divergência prevê “a existência de formas etimologicamente iguais, porém funcionalmente divergentes”. A forma original pode permanecer como um elemento autônomo, sujeita a sofrer as mesmas mudanças que atingem outros itens lexicais. Em outras palavras, formas que têm uma mesma origem podem coexistir na língua desempenhando diferentes funções, resultantes de diferentes caminhos percorridos pelas formas.

Exemplificando esse princípio com o item gramatical *mesmo*, pode-se dizer que, em córpus mais antigos (cf. Anexos e Amorim [2009]), percebe-se uma alta frequência desse item gramatical como *pronome demonstrativo* e como *pronome reflexivo*⁶⁷, mas são encontradas poucas ocorrências de seu uso como conjunção. Já nos dias atuais, conseguimos observar essas funções antigas coexistindo com a função mais nova de conexão (conjunção), isto é, as formas coexistem em um mesmo recorte temporal (atualmente). Todavia, no processo de gramaticalização de alguns itens linguísticos, como o do vocábulo *logo*, é possível verificar um desuso de alguma função (nesse caso, de *logo* como lugar), mas nem sempre isso ocorre.

2.2.1.3 Especialização

Esse princípio diz respeito à “questão do estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço porque mais gramaticalizada” (GONÇALVES et al., 2007, p. 82). Vale dizer que, num dado domínio funcional, pode haver redução ou eliminação da concorrência entre formas, podendo uma delas ter seu uso generalizado para representar aquele domínio, ou expressar certa função.

É difícil relacionar esse conceito ao vocábulo *mesmo*, mas isso poderia acontecer caso, em certa circunstância, o item em questão se especializasse tanto em um domínio funcional específico que outras formas concorrentes acabassem não sendo mais utilizadas por conta da especialização do *mesmo* naquele contexto em particular.

⁶⁷ Mais adiante, discutiremos sobre essa terminologia, propondo novas nomenclaturas para cada uma das categorias funcionais de *mesmo*.

2.2.1.4 Persistência

O princípio de persistência diz respeito à permanência de propriedades/traços das funções que emergem primeiro (formas-fonte) numa língua nas funções que surgem em tempo posterior. Conforme Gonçalves et al. (2007), isso pode se refletir em aspectos morfossintáticos, por exemplo.

Em relação ao vocábulo *mesmo*, pode-se perceber que os traços de suas raízes IPSE e IDEM, originárias do latim, ainda persistem nas funções contemporâneas desse item gramatical, como a categoria de advérbio, por exemplo, cuja característica de reforço é ainda bastante presente.

2.2.1.5 Decategorização

O princípio de decategorização será bastante valioso a este estudo, pois está relacionado à perda de traços morfológicos e sintáticos das formas mais gramaticalizadas, isto é, enquanto os nomes são bastante maleáveis morfossintaticamente, as conjunções se encontram num nível mais enrijecido, não permitindo flexões e mudanças sintáticas. Isso evidenciaria que uma função de *mesmo* como conjunção seria mais gramatical do que uma função de *mesmo* como pronome, por exemplo.

No que se refere ao *mesmo*, percebemos que a função desse vocábulo como pronome é muito mais maleável morfossintaticamente (*o mesmo, a mesma, os mesmos, as mesmas*) do que uma locução conjuntiva (*mesmo que*), por exemplo.

Mais que esses princípios, no entanto, alguns mecanismos de mudança tratados pelos teóricos da gramaticalização serão essenciais para o entendimento do percurso gramatical do item linguístico *mesmo*. Trata-se dos

mecanismos de mudança semântica: expansão metafórica e expansão metonímica.

2.2.2 Mecanismos de mudança semântica: expansão metafórica e metonímica

A mudança semântica, já tratada no início deste capítulo, pode nos dar direções sobre mudanças categoriais na língua. Com base principalmente em Heine, Claudi, Hünemeyer (1991), pretendemos considerar os processos de expansão metafórica e metonímica pelos quais o item *mesmo* passou e tem passado.

Existem algumas diferenças básicas entre esses dois mecanismos. De acordo com Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 92-93),

A mudança metafórica envolve uma especificação geralmente mais complexa, em termos de algo não presente no contexto. A mudança metonímica, por outro lado, envolve a especificação de um significado em termos de um outro que está presente, mesmo que apenas de forma encoberta, no contexto. É em grande parte relacionada com mudanças para significados situados no estado subjetivo de crença ou atitude em relação à situação, incluindo a linguística. Enquanto a metáfora está relacionada principalmente com a solução do problema da representação, a metonímia e a semantização de significados da conversação estão correlacionados com a solução do problema de expressar atitudes dos falantes.

Em resumo, a expansão metonímica e expansão metafórica são complementares, não excludentes, processos no nível pragmático, que resultam de dois

mecanismos: de reanálise, relacionado com o processo cognitivo da metonímia; e de analogia, relacionada com o processo cognitivo da metáfora. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 92-93. tradução nossa)⁶⁸.

Sendo assim, a expansão metafórica estaria relacionada à expansão de um domínio a outro, enquanto a expansão metonímica aconteceria dentro de um mesmo domínio. “Processos metafóricos são processos de inferência para além das fronteiras conceituais, e normalmente são referidos em termos de “mapeamento”, “saltos associativos”, a partir de um domínio para outro. O mapeamento não é aleatório, mas motivado por analogia e relações icônicas.” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 77)⁶⁹.

Traçando uma comparação com nosso objeto de estudo, poderíamos inferir que as categorias funcionais de *mesmo* relativas a domínios diferentes seriam gramaticalizadas por

⁶⁸ Metaphorical change involves specifying one, usually more complex, thing in terms of another not present in the context. Metonymic change, on the other hand, involves specifying one meaning in terms of another that is present, even if only covertly, in the context. It is largely correlated with shifts to meanings situated in the subjective belief state or attitude toward the situation, including the linguistic one. While metaphor is correlated primarily with solving the problem of representation, metonymy and semanticization of conversational meanings are correlated with solving the problem of expressing speaker attitudes.

In summary, metonymic and metaphorical inferencing are complementary, not mutually exclusive, processes at the pragmatic level that result from the dual mechanisms of reanalysis linked with the cognitive process of metonymy, and analogy linked with the cognitive process of metaphor. (HOPPER; TRAUGOTT, [1993] 2003, p. 92-93).

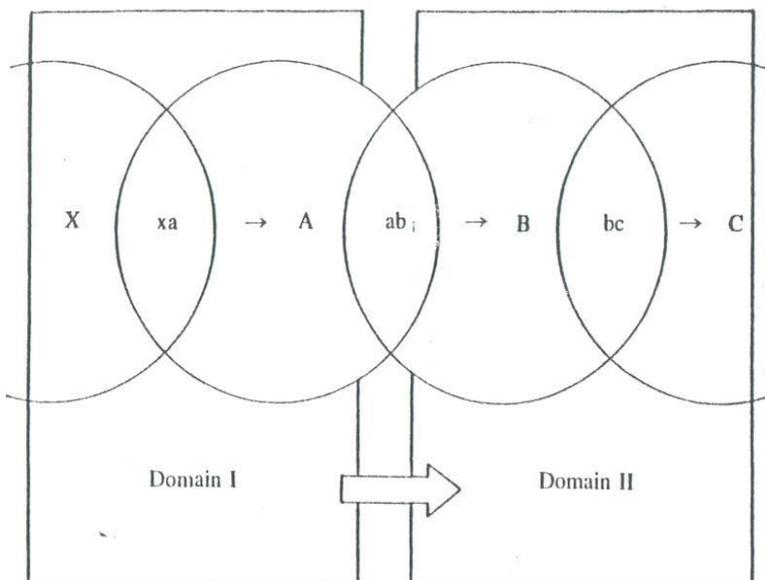
⁶⁹ “Metaphorical processes are processes of inference across conceptual boundaries, and are typically referred to in terms of “mappings”, “associative leaps”, from one domain to another. The mapping is not random, but motivated by analogy and iconic relationships”. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003[1993], p. 77).

expansão metafórica, enquanto a expansão metonímica estaria relacionada a categorias funcionas híbridas, que interseccionam dois domínios diferentes, em contextos muito próximos.

[...] Conceitos relativos ao domínio do espaço, tais como atributos demonstrativos, são comumente empregados para expressar funções gramaticais dentro do domínio do texto [...], por exemplo, transformando-se em artigos definidos e marcadores relativos oracionais. Tais processos têm sido descritos como sendo metafóricos por natureza, envolvendo uma transferência a partir de domínios concretos de experiência humana (objetos físicos e de movimento físico, respectivamente) para domínios mais abstratas de relações espaciais, temporais, textuais e outros. (HEINE, 2003 [1993], p. 586, tradução nossa)⁷⁰.

Levando em conta essas diferenças entre um tipo de mecanismo e outro, a figura de Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991) será inspiradora para a análise de nosso cópulus.

⁷⁰ [...] concepts relating to the domain of space, such as demonstrative attributes, are commonly employed to express grammatical functions within the domain of text [...], for example, by turning into definite articles and relative clause makers. Such processes have been described as being metaphorical in nature, involving a transfer from concrete domains of human experience (physical objects and physical motion, respectively) to more abstract domains of spatial, temporal, textual, and other relations. (HEINE, 2003 [1993], p. 586).

Figura 2: THE METONYMIC-METAPHORICAL MODEL

→ context-induced reinterpretation

□ □ metaphorical transfer

Fonte: HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER (1991, p. 114)

Como pode ser lido esse modelo? Há duas forças, uma cognitiva e outra pragmática, envolvidas no processo de gramaticalização, representadas por dois tipos de estrutura: (i) uma “macroestrutura” – que caracteriza, de modo discreto, a passagem do domínio conceitual I para o domínio conceitual II, mediante transferência metafórica por relações de similaridade ou analogia (natureza cognitiva); e (ii) uma “microestrutura” – que caracteriza, num *continuum*, uma sequência em cadeia que mostra etapas com significados sobrepostos, cuja expansão se dá

próprios participantes do discurso.” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 46). Com base nisso, portanto, o demonstrativo “o mesmo” seria sempre um termo anaforizante, posto que anaforiza um termo anaforizado, já evocado no texto (velho).

Em relação às unidades dotadas de referência real, Milner (2003) afirma que existem dois tipos: *os grupos nominais* (constituídos de unidades lexicais) e os *pronomes*. Os primeiros teriam uma referência virtual própria, justamente pelo fato de serem compostos por uma unidade lexical; já os segundos (exceto os pronomes de diálogo, ligados à enunciação), não têm referência virtual própria. No entanto, conforme o autor, os pronomes são dotados de uma referência real, e a única dificuldade é que,

por si mesmo, eles não permitem determinar a que condições deve responder um segmento da realidade para constituir essa referência real. Daí a necessidade de um elemento dotado de referência virtual própria, ou seja, lexicalmente especificada, vir a conferir-lhe a referência virtual ausente, pelas vias da correferência virtual. É a anáfora pronominal. (MILNER, 2003, p. 111).

De acordo com Furtado da Cunha et al. (2003, p. 48), “os SNs novos no discurso, porém disponíveis no universo espacial ou cultural do ouvinte, são representados por SNs [sintagmas nominais] definidos”. Nesse ponto surge uma questão: a expressão “o mesmo”, composta por um artigo definido coligado a um demonstrativo (ou atributivo, se considerarmos *mesmo* no sentido de *igual*) deve ser considerada uma construção demonstrativa (pronome) ou um SN definido (grupo nominal)? Se considerarmos que os pronomes demonstrativos (*aquele, este, isto*), de um modo geral, não aceitariam artigos definidos lhe precedendo, essa construção estaria mais próxima de um SN definido.

Por outro lado, as nomeações trazem em si uma carga axiológica. Se utilizarmos o SN definido “o linguista”, por exemplo, para se retomar o nome “Milner”, acabamos por explicitar uma característica profissional do autor, ao passo que, se utilizássemos a expressão “o mesmo”, não lhe atribuiríamos nenhuma carga de sentido, pois parece haver um esvaziamento semântico, uma neutralidade, tal como ocorre nos pronomes. Por conta disso, talvez pudéssemos classificar essa expressão como um exemplar híbrido entre SN definido e pronome demonstrativo.

Considerando que o discurso acadêmico é voltado à neutralidade do discurso, “o mesmo” provavelmente será um recurso abundante em nosso corpus. Sobre isso, Apothéloz e Chanet (2003, p. 164) explicam que

[q]uando o processo apresenta uma certa complexidade, pode ser que sua categorização por meio de um lexema nominal seja dificultada. Neste caso, a nomeação pode ser operada através de um nome semanticamente quase nulo, como *coisa* – que Halliday e Hassan (1976) chamam de pro-nome, e Kleiber (1987), de nome *postição*. Esta operação apresenta a vantagem suplementar de evitar o recurso a um pronome demonstrativo, solução também estigmatizada pela norma, pelo menos a escrita.

Esta solução tem como efeito pôr acento nas predicções executadas sobre o nome, ou seja, nas propriedades atribuídas ao referente, mais que na sua própria categorização.

Como mostram os autores, existem nomes posições que podem possibilitar ao sujeito-autor recuperar o antecedente de uma forma mais neutra e talvez “o mesmo” pudesse se encaixar nesse papel.

Quanto às escolhas textuais que um sujeito/autor/interlocutor faz, “[d]e modo mais geral, pode-se dizer que a tendência é para o demonstrativo todas as vezes que o substantivo escolhido requalifica de maneira pouco predizível seu objeto.” (APOTHÉLOZ E CHANET, 2003, p. 144).

Considerando-se que a expressão “o mesmo”, comparativamente a SNs definidos, é esvaziada de sentido e se apresenta em uma forma reduzida (morfológica e foneticamente falando), vale salientar o subprincípio da quantidade de Givón (1990): “No que diz respeito à referência, esse princípio funciona da seguinte forma: ‘Quanto mais previsível/acessível for uma informação para o interlocutor, menor quantidade de forma será utilizada’.” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 49). De um modo geral, a expressão é utilizada em proximidade ao termo anafórico, o que facilita o acesso da informação (de retomada) ao interlocutor.

Já sobre a questão do encapsulamento anafórico, característica presente em um contexto de *mesmo*, Conte (2003, p. 184) afirma que

[o] sintagma nominal encapsulador produz um nível mais alto na hierarquia semântica do texto. De modo muito interessante, o encapsulamento anafórico muito frequentemente ocorre no ponto inicial de um parágrafo e, então, funciona como um princípio organizador da estrutura discursiva.

Como ponto de início de um novo parágrafo, o encapsulamento anafórico é a sumarização imaginável mais curta de uma porção discursiva precedente. Em outras palavras, é um tipo de subtítulo que simultaneamente interpreta um parágrafo precedente e funciona como ponto de início para um outro.

Para finalizar, considerando uma junção entre as raízes de reforço (IPSE) e de retomada (IDEM) de *mesmo*,

consideremos o que afirmam Apothéloz e Chanet (2003, p. 150): “parece que a referência demonstrativa é justamente um meio de tornar perceptivelmente saliente uma expressão, e que as nomeações não escapam a este princípio.”

Até aqui, tratamos, ao longo deste capítulo, de aspectos teóricos que ancoram esta dissertação. Embora tenhamos levantado algumas reflexões sobre o item linguístico *mesmo* no decorrer de nossa discussão teórica, ainda se faz necessário tratar de estudos mais especificamente voltados à análise desse objeto em específico. Assim, ainda como referencial para a análise a ser levada a cabo adiante, procedemos, na próxima seção, a um apanhado geral de estudos brasileiros sobre uma das possibilidades de *mesmo*.

2.4 ESTUDOS SOBRE O ITEM *MESMO* NA LÍNGUA PORTUGUESA

O item linguístico *mesmo*, como já discutimos, é um vocábulo de múltiplas funções na língua portuguesa e perpassa por diversas classes de palavras, de acordo com a NGB, mas algumas pesquisas linguísticas empíricas (parte delas com foco na *gramaticalização*) mostram que suas funções extrapolam essas classificações.

Com base nas categorias funcionais que já foram levantadas por estudiosos da área de gramaticalização e suas conclusões a partir da análise desse objeto de estudo, exporemos algumas reflexões a respeito das múltiplas funções de *mesmo* e as classificações para cada uma delas estabelecidas por pesquisadores que já se dedicaram ao tema: Amorim (2009), Moreira (2007), Oliveira e Cacciaguerra (2009) e Mariano

(2011)⁷¹. A partir disso, conseguimos definir melhor algumas categorias que serão utilizadas em nossa análise.

2.4.1 A multifuncionalidade do item *mesmo*

Os manuais de gramática e dicionários examinados no capítulo primeiro desta dissertação já nos permitiram perceber que o *mesmo* tem múltiplas facetas na língua portuguesa contemporânea, mas, até então, focalizamos nosso estudo, de um modo geral⁷², em classificações mais tradicionais, como as classes de palavras propostas pela NGB. Existem, porém, outras formas de classificação de vocábulos conforme suas características funcionais em uma língua. Essas funções “conversam” com as classes de palavras tradicionais (com os critérios semânticos e morfossintáticos), mas nos possibilitam uma visão voltada à funcionalidade dos itens na língua em uso. Há variados trabalhos no Brasil que se dedicam a isso e nos mostram peculiaridades que vão além da morfossintaxe (cf. Gonçalves et al., 2007 e Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta, 2003).

Vários desses estudos foram responsáveis por repensarmos as possibilidades de descrição e análise de dados. Há alguns estudos da área de gramaticalização sobre certos vocábulos da língua portuguesa – como o *porém*, *assim*, *tudo*, *logo* e *enquanto* – que nos permitem alargar nossa visão sobre o *mesmo*, mas as pesquisas específicas em relação a esse objeto (embora ainda se tenha pesquisado pouco sobre esse item

⁷¹ Os três últimos estudos são apresentados com mais detalhes em outra seção, pelo fato de dois deles serem variacionistas, não apresentando funções gramaticais para o vocábulo – Moreira (2007) e Mariano (2011) – e por não utilizarmos suas categorias funcionais como base para a nossa pesquisa – Oliveira e Cacciaguerra (2009).

⁷² É preciso deixar claro que alguns dos manuais de gramática e dicionários apresentam uma visão mais alargada sobre a língua, trazendo funções que extrapolam a classificação da NGB, como as funções de *determinativo/especificador*, *reforçador* e *denotador*, conforme pudemos notar no capítulo precedente.

gramatical) nos ajudaram, mais significativamente, a traçar caminhos que nos levassem a desvendar os segredos do *mesmo*.

Dentre as pesquisas linguísticas que tratam das funções do item “mesmo”, a tese de Doutorado de Amorim (2009), intitulada “O item linguístico *mesmo*: confrontando usos e funções no português do Brasil”, dedica-se a explorar esse objeto por meio de uma pesquisa pancrônica, considerando aspectos qualitativos e quantitativos, o que lhe permitiu levantar uma série de funções de tal vocábulo, com sua respectiva frequência de uso. A autora se utiliza de dois *cópus* para compor sua pesquisa: um deles é contemporâneo, exemplar do discurso oral, e composto por 20 entrevistas retiradas do VALPB (Projeto Variação Linguística no Estado de Paraíba, que contém, no total, 60 entrevistas), as quais foram conduzidas conforme a metodologia sociolinguística laboviana (cf. LABOV, 2008 [1972]), buscando-se captar o vernáculo⁷³ dos falantes.

Já o segundo *cópus* é composto por cartas oficiais da Paraíba (séculos XVIII e XIX), integrantes do *Cópus Linguístico Diacrônico da Paraíba*, totalizando 203 cartas (80 do período colonial e 123 do período imperial). Dentre todos esses

⁷³ Labov (2008, 1972) considera cinco axiomas metodológicos: alternância de estilo (qualquer falante possui estilos variados), atenção (relacionada ao monitoramento da fala), formalidade (deve-se sempre supor que o informante está falando mais formalmente ao investigador do quealaria com alguém próximo), **vernáculo** (o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala) e bons dados (o modo de conseguir bons dados é por meio de entrevistas individuais gravadas). Nesse caso, considera-se o “paradoxo do observador”, isto é, “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática.” (LABOV, 2008 [1972], p. 244). Um modo de superar o paradoxo é desviar a atenção do falante, com o objetivo de que o vernáculo emergja de modo natural, fazendo-se perguntas que recriem emoções fortes, para que o informante, deixando-se levar pela emoção, produza uma fala natural. O foco do investigador sociolinguístico é conseguir dados de fala mais naturais e não monitorados, exemplares de um vernáculo.

documentos, foram selecionadas, para sua pesquisa, 160 cartas (80 do período colonial e 80 do imperial). Sobre essa seleção, Amorim (2009, p. 38) explica que:

apesar de serem cartas administrativas e, portanto, respeitarem os devidos critérios de formalidade para este tipo de gênero discursivo, obedecendo a modelos pré-estabelecidos, é possível encontrar, na organização linguístico-textual, diferenças resultantes das condições sócio-históricas em que foram produzidos. Determinados fenômenos linguísticos encontrados mostram influência da oralidade. A linguagem espontânea, as repetições, as hesitações, etc. são aspectos que permitem seu enquadramento na rubrica de cartas pessoais, constituindo-se, por conseguinte, um recurso valioso para uma análise empírica de usos linguísticos reais do português, representativos de comunidades identificáveis e determinadas.

A autora não desenvolve uma análise sociovariacionista laboviana, mas recorre aos critérios próprios da “Sociolinguística Quantitativa para explicitar⁷⁴ os fenômenos linguísticos relacionados ao uso do item e as influências socioculturais e comunicativas dos informantes no seu comportamento evolutivo” (AMORIM, 2009, p. 41).

Sobre a análise, Amorim (2009) afirma que examinou os dados do *cópus* 1, levando em conta as seguintes etapas: levantamento das ocorrências, estabelecimento das categorias analíticas, distribuição da frequência das ocorrências por categorias e descrição e discussão dos dados. A autora também

⁷⁴ Na análise dos dados, Amorim (2009) afirma não utilizar nenhum pacote estatístico (*Varbrul*, *Goldvarb* ou outro) para aplicá-los às ocorrências, não obstante reconheça que tais instrumentos são muito eficazes no controle dos dados.

analisa o segundo córpus da mesma forma e, por fim, busca correlacionar os resultados, ressaltando os fenômenos ocorridos com o item *mesmo* no intervalo do tempo entre os dois *corpora*. A partir disso, tenta identificar e compreender os processos de mudança relacionados à *gramaticalização* do item e seus respectivos fatores condicionantes.

Mediante a descrição e a análise do córpus 1 (entrevistas do VALPB), “as diferentes ocorrências encontradas na amostra foram agrupadas e distribuídas em sete categorias analíticas: *reforço enfático* ou *reflexivo*, *reforço contextual*, *referência adnominal* [ou atributiva]⁷⁵, *referência nominal*, *circunstância*, *inclusão* e *oposição*” (AMORIM, 2009, p. 120).

A primeira das categorias, de *reforço enfático*, corresponde àquela que é tradicionalmente classificada como *pronome demonstrativo*, e *mesmo* tem o significado de “em pessoa”, com a função de enfatizar as pessoas do discurso, concordando sempre em gênero e número com o elemento que acompanha. “Geralmente, emprega-se junto a um pronome pessoal ou junto a um substantivo, sempre que a intenção for enfatizar as pessoas do discurso [e um dado que demonstra essa função é:] (AMORIM, 2009, p. 119-120).

(3) “I* Eu não, Deus me livøe! Eu num posso nem comigo **mesmo** eu vou teø filho!”

Já a segunda categoria, de *reforço contextual*, tem por característica principal a dêixis, indicando certeza, e o vocábulo *mesmo* é sempre acompanhado de um pronome demonstrativo (como *esse*, *isso*, entre outros). Nesse caso, o vocábulo permanece invariável, e o exemplo a seguir, retirado de Amorim (2009, p. 120), ilustra tal tipo de funcionalidade desse item gramatical:

⁷⁵ A autora utiliza a expressão *atributiva* como intercambiável com *adnominal*, mas o termo oficialmente utilizado por ela é *adnominal*.

- (4) Tantas informações que aí as pessoas num tem num tem capacidade de agir como deveriam agir. Eu acho que isso né nem... eu acho que *as pessoas tão um pouco é... inseguras com isso sei lá, querem querem passaç por ISSO MESMO*, eu acho que elas querem passaç por isso, porque informação tem, porque elas não agem do jeito que deveriam agir, eu acho que é falta de de consciência entre as pessoas.(Inf. 9, fem., p. 94).

No que tange à categoria de *referência adnominal* (ou atributiva), Amorim (2009) nos explica que o item lexical tem função de adjetivo, atribuindo características ao substantivo que o precede. Tem um traço dêitico e fórico, além de concordar em gênero e número com o substantivo. Vejamos o dado que a autora traz para ilustrar essa categoria:

- (5) F* Você tocou num problema muito sério. É bom: que haja essa emancipação. A questão me faz lembrar a questão da reforma agrária. *Olhe, a reforma agrária num é pegar e e que num tem terra e (hes) entregar, e ele é patrão vai fazer a MESMA COISA.; tá intendendo?* Bem, eu agora num tenho terra: bem, num tenho nada de bens materiais. *Então, vou lutar por uma terra, conseguir. Aí eu vou cometer as mesmas injustiça sendo proprietário.* Então, a questão que você- num é questão de emancipação. (Inf 29, fem, p. 325). (AMORIM, 2009, p. 121).

Sobre a *referência nominal*, a pesquisadora esclarece que se trata de um vocábulo com função substantiva e anafórica, concordando em gênero e número com o termo a que se refere. Nesse caso, o item *mesmo*, sempre acompanhado de um artigo definido, é o núcleo da estrutura sintagmática. Uma ocorrência que Amorim (2009, p...) apresenta é esta:

- (6) E* Conhece alguém que fala diferente do senhor? I* *Ah! Bom, conhecer por exemplo com o português, realmente é, quando eu tive no Rio de Janeiro ele falava completamente diferente da gente, e muito embora ele entendia o que a gente dizia mais se ele falasse bem devagarzinho a gente tava vendo que o português é O **MESMO**. A diferença de um português de Portugal pra nós brasileiroø que falamos a mesma língua, é que o jeito do português falar: “Maria”; Maria, como nós falamos lento, cantando, esse falar nosso paraibano (Inf. 3, masc, p. 121).*

Em relação à categoria de *circunstância*, o vocábulo se comporta como um advérbio, intensificando o que o falante intenciona, como se equivallesse às expressões *de fato, realmente, verdade*. Um dado de Amorim (2009, p. 122) para esse caso é o seguinte:

- (7) “Infelizmente a gente tem de dizer isso né, que é a realidade **MESMO**. E agora o Congresso tá tendo a oportunidade de mostrar que o regime é democrático *mesmo*. (Inf. 29, masc. p. 312).

A respeito da categoria de *inclusão/operador argumentativo*, Amorim (2009) descreve que se trata de um vocábulo com função semelhante à classe dos advérbios, mas que tem um forte valor textual, permanecendo invariável morfologicamente. As gramáticas e dicionários geralmente o descrevem como uma *palavra denotativa* ou *denotador*. Para a autora, um exemplo desse caso é:

- (8) E é pedindo auxílio pra dar a esse povo e esses auxílio num vai resolver nada. Eu creio que isso não vai resolver nada. O que eu (gag.) eu acharia:: que isso aí o que ia resolver:: era que se fizesse um

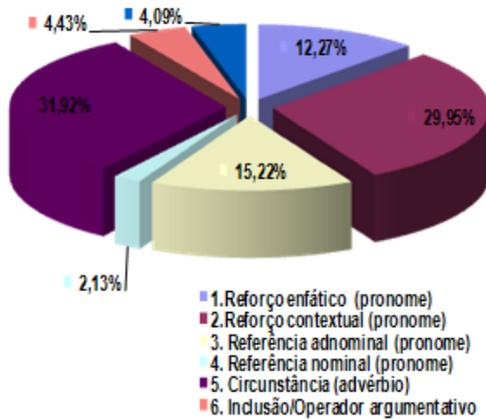
colégio, botasse esses menino pra trabalhar, pra estudar: *mesmo aqueles que tem boa vontade, que num tem chance, mais eles vão aprender uma arte, como eu aprendi* (Inf. 23, fem, p. 253). (AMORIM, 2009, p. 122).

Por último, a categoria de *oposição* mostra uma faceta de *mesmo* como conjunção subordinativa concessiva, estabelecendo uma relação de oposição. Ele acaba “introduzindo uma oração reduzida de gerúndio ou unido a *que* e *assim*, formando as expressões *mesmo que* e *mesmo assim*, equivalendo semanticamente a *apesar de, embora ou ainda que*.” (AMORIM, 2009, p. 123). Trata-se de uma função mais textual, e a autora ilustra essa categoria com este exemplo:

- (9) E* Você acha que a televisão, é, deveria ter uma censura mais rigorosa? I* Deveria teø uma censura mais rigorosa, porque: *principalmente mesmo que passe em horário mais tarde, né?* Deveria teø uma censura porque: eu acho que é falta de respeito passaø tudo que deve ser filmado eu acho uma falta de respeito pøa sociedade. (Inf.9, fem. p.92).

Após delimitar essas sete categorias funcionais, Amorim (2009) dedica-se a análise de seus dados, no capítulo intitulado “O item mesmo: a verdade vem dos dados”. Para ilustrar a frequência de uso de cada uma das funcionalidades de *mesmo*, primeiramente na Amostra 1, a autora revela que o *mesmo* mais frequente nos dados é o de *circunstância*, com 31,92% de uso, enquanto o menos utilizado é o de *referência nominal*, com apenas 2,13% de uso. O *mesmo* categorizado com função de *referência adnominal* fica em terceiro lugar, com 15,22% de frequência de uso. Vejamos, com mais detalhes, os resultados gerais da autora:

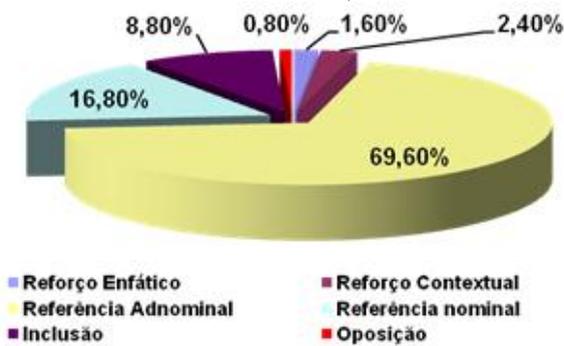
Gráfico 1: Uso de *mesmo* no presente (cópus 1, oral – VALPB)



Fonte: Amorim (2009, p. 179)

Como se pode notar, no presente, as funções mais utilizadas nas entrevistas orais são as de *circunstância* e *reforço contextual*. Por outro lado, na Amostra 2 – concernente aos períodos do passado (imperial e colonial) –, o vocábulo *mesmo* é muito mais utilizado em sua função *referencial (adnominal e nominal)* do que na Amostra 1, tendo a categoria *referência adnominal* 69,6% dos dados, “seguida, imediatamente, da ‘categoria nominal’ com 16,8% das ocorrências” (AMORIM, 2009, p. 181).

Gráfico 2: Usos de *mesmo* no passado (cópus 2, escrito – documentos oficiais)



Fonte: Amorim (2009, p. 180) adaptado

Essas informações, recolhidas de um cópus mais antigo, permitem-nos inferir que as categoriais referenciais parecem ter surgido antes que as categorias de *circunstância* e *oposição*, algo que pode ser argumentado através dos estudos de gramaticalização. Além disso, a categoria de “oposição” não foi encontrada. Nesse sentido, ressaltamos que:

[...] Meillet (1912) distinguia três classes de palavras, entre as quais era possível perceber uma certa gradualidade: as principais (nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais), as acessórias e as gramaticais (preposições, conjunções e auxiliares). [...] Assim, na perspectiva diacrônica, palavras acessórias e palavras gramaticais podem se desenvolver de palavras principais e, na perspectiva sincrônica, palavras acessórias e/ou gramaticais e sua forma-fonte principal podem conviver num mesmo recorte do tempo. (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSES-GALVÃO; CARVALHO, 2007, p. 21-22).

Com base nessa constatação, as funções *adnominal* e *nominal* de *mesmo* pertenceriam à classe de palavras “principais”, a partir das quais se desenvolveriam as categorias “acessórias” como as conjunções (nesse caso, a categoria chamada de *oposição*), por exemplo. Essa distinção de Meillet, ressaltada por Gonçalves et al. (2007), indica alguns caminhos para a construção de nossas hipóteses em relação às categorias funcionais do item gramatical *mesmo*.

Antes disso, porém, necessitamos refletir sobre as categorias levantadas pela autora, a fim de redefinir algumas categorias funcionais de acordo com critérios que explicitaremos nesta próxima subseção.

2.4.2 Redefinindo algumas categorias funcionais

Iniciando nossa discussão, comecemos com as categorias de *mesmo* identificadas como *referência adnominal* e *referência nominal* – respectivamente, função adjetiva e substantiva, se considerássemos a nomenclatura de Monteiro (2002). Sabemos que, na primeira categoria, o item *mesmo* acompanha um nome e tem função atributiva, por isso, optaremos por não chamá-la de “adnominal”, mas sim de “atributiva”, já que o *mesmo* está não apenas acompanhando o nome que precede, mas lhe atribuindo uma característica de igualdade, semelhança. Com isso, renomeamos essa categoria, num primeiro momento, como “referência atributiva”, pois não podemos desconsiderar a característica de referência por conta da contiguidade de *mesmo* com o nome que referencia um elemento já mencionado.

Já em caráter nominal, *mesmo* passa a ser o núcleo do sintagma nominal na condição de substantivo. Em relação a essa última categoria, no entanto, Amorim (2009) estabelece algumas diferenciações, durante sua análise, que julgamos essenciais. Ela nos mostra que, em certos contextos, “o mesmo” em *referência nominal* tem caráter “resumidor”, isto é, consegue recuperar muito mais que um referente específico, mas todo um contexto de

acontecimentos, o que requer do leitor um cuidado maior na leitura.

Para perceber essas diferenças, observemos alguns dados de nosso corpus:

- (10) Em um anúncio impresso, por exemplo, a decisão do formato recai sobre o título, o texto, as cores e as ilustrações. **O MESMO** vale para outros meios. **(Sujeito 5, 2004, M)**
- (11) Oportunidades não aparecem se os administradores não saírem um pouco do seu dia-a-dia, e observarem o que está em volta. Oportunidades estão sempre por aí, mas o profissional precisa partir em busca da conquista de novos nichos de mercado, formas de financiamento, novas tecnologias, etc. Oportunidades são perigosas quando ignoradas pelas empresas, **O MESMO** se aplica às ameaças. (RICHERS, 2000) **(Sujeito 3, 2004, F)**
- (12) Devido às dificuldades que serão encontradas para a implantação do plano de marketing é muito importante realizar constantemente a manutenção e o controle para que **O MESMO** seja plenamente cumprido. **(Sujeito 7, 2005, F)**
- (13) Para tanto, seria interessante trabalhar o aspecto da imagem e divulgação da Ong junto a empresas e à população em geral, de modo a estimular doações por parte dos mesmos. O site da organização consiste em uma importante ferramenta de informação e propaganda, entretanto **O MESMO** encontra-se desatualizado e carente de informações. Seria importante incluir informações como as atividades e os projetos desenvolvidos, disponibilizar uma lista de discussão e fóruns de

participação que gerem interesse nas pessoas.
(**Sujeito 8, 2005, F**)

Com base nessas ocorrências, observamos que, apesar de a expressão ser igual, inclusive em número e gênero, em todos os fragmentos (os quais, portanto, seriam categorizados como *referência nominal*), os dados (12) e (13) são casos em que há um referente em especial. Em (12), o termo anaforizado é “o plano de marketing”; e em (13), “o site da organização”. Algo importante a se ressaltar é que, se os termos anaforizados tivessem gênero feminino e número plural, a expressão também estaria no feminino e plural, mostrando que, de fato, está se referindo a algo em particular no texto.

Diferentemente disso, em (10) e (11) “o mesmo” faz referência a uma porção maior de informação, em vez de retomar um referente nominal. Em (11), a expressão está anaforizando o contexto precedente: “Oportunidades são perigosas quando ignoradas pelas empresas”. Da mesma forma, em (10), “o mesmo” anaforiza um contexto, mais amplo: “a decisão do formato recai sobre o título, o texto, as cores e as ilustrações”.

Em ambos os casos, portanto, a expressão está sendo utilizada como um resumitivo (ou encapsulador anafórico) e permanece com gênero e número invariável (sempre no masculino e singular). Não há concordância de gênero e número porque consiste em uma retomada de todo um contexto anterior (parte sublinhada nos exemplos). Trata-se de um caso de encapsulamento anafórico, *i.e.*, o vocábulo retoma um conjunto de ideias e ações. Em relação a esse fenômeno, Conte (2003, p. 178) explica que:

[o] encapsulamento anafórico pode ser definido do seguinte modo: é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto. Esta porção de texto (ou segmento) pode ser de

extensão e complexidade variada (um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença).

Nos casos de “encapsulamento anafórico”, há geralmente a utilização de “nomes axiológicos” (cf. CONTE, 2003), que trazem avaliações sobre o tema retomado, mas também há a possibilidade de utilização dos pronomes neutros, sem carga axiológica, como no caso de *isso* – ou de *o mesmo*, apesar desse último não ser citado por Conte (2003).

Com base nisso e nos manuais – já reportados no capítulo primeiro – que classificam *mesmo* também como um pronome neutro, pretendemos argumentar que tal vocábulo possa ser utilizado com essa função neutra (como o “isso”, por exemplo), justamente por não trazer nenhuma carga avaliativa em relação ao tema a que se refere e, talvez, esse seja o motivo pelo qual esse mecanismo anafórico tem sido utilizado significativamente no discurso formal (acadêmico, jornalístico, jurídico, dentre outros) que busca a “imparcialidade” ou a “modalização”.

Ainda sobre esse tema, Conte (2003, p. 190) explica, em uma nota ao final de seu artigo, ao tratar dos *demonstrativos neutros*, que “a função dos sintagmas nominais encapsuladores é muito semelhante à dos ‘demonstrativos sozinhos’ quando eles se referem a objetos abstratos.” Para a autora, no entanto, existe uma diferença: “os demonstrativos não têm nenhum efeito categorizante. É o predicado, então, que determina a que tipo de entidade o pronome demonstrativo se refere.” (CONTE, 2003, p. 190).

Percebendo a pertinência dessas diferenças, optamos por criar uma nova categoria descritiva para nosso objeto de estudo: trata-se da *referência nominal encapsuladora*, a qual seria distinta da categoria de *referência nominal* proposta por Amorim (2009), especificando um pouco mais a função de “o mesmo” em certos contextos.

Com isso, quanto aos exemplos de *mesmo* com um referente em especial, julgamos necessário reclassificá-los como

casos apenas de *referência nominal*. O que fizemos, portanto, foi esmiuçar um pouco mais a classificação de Amorim (2009) de *referência nominal* para: **1) referência nominal**; e **2) referência nominal encapsuladora**.

Para identificar os casos dessa última categoria, além de considerarmos o gênero masculino e o número singular, peculiares à *referência nominal encapsuladora*, procuramos levar em conta o que afirma Koch (1999, p. 44) sobre certos verbos que acompanham essas formas referenciais:

Formas verbais remissivas (pro-formas verbais)

Algumas formas remissivas livres não-referenciais, verbos como *fazer*, têm sido denominados na literatura especializada de *pro-formas verbais*. Acontece, porém, que tais formas remissivas não costumam vir isoladas e sim acompanhadas de uma forma pronominal do tipo: *o mesmo, o, isto, assim*, etc.; além disso, não remetem apenas a um verbo, mas a todo o predicado, isto é, o verbo com seus complementos e adverbiais. Por exemplo:

50. O Presidente resolveu reduzir os gastos da administração pública. Os governadores fizeram *o mesmo*.

51. Vou atender ao seu pedido. Mas só *o faço (faço isso)* porque sou seu amigo.

A partir dessa classificação, poderíamos inferir que alguns verbos, como *fazer*, por exemplo, são contextos propícios para a utilização de elementos encapsuladores. No caso de nossos dados (10) e (11), os verbos utilizados na oração em que “o mesmo” aparece são *valer* e *aplicar-se*, mas seria necessária uma análise mais aprofundada em nosso corpus para afirmar com propriedade que esses verbos seriam também “pro-formas verbais” ou “formas verbais remissivas”, considerando que a própria função sintática é diferente – nos exemplos de Koch (1999), as formas pronominais estão na função de objeto direto,

enquanto em ambos os exemplos retirados de nosso *cópus*, “o mesmo” está em função de sujeito, e isso poderia ser um contexto influente para essa classificação.

Passando a outra categoria de Amorim (2009), a de *referência adnominal*, como já esboçamos no começo desta seção, julgamos necessário também estabelecer outras distinções para a descrição e análise de nosso *cópus*. A fim de que nossa argumentação seja mais bem compreendida, observemos os seguintes dados:

(14) Deve-se evitar no trabalho abraços e beijos. Mas se houver a iniciativa deste cumprimento deverá partir do indivíduo mais importante para o menos importante. O beijo na face é permitido apenas para pessoas que são íntimas umas das outras, e não para pessoas que se acabam de conhecer (site GEOCITES). No caso do abraço, segue **A MESMA REGRA** do beijo para a iniciativa e, os profissionais devem encostar o lado esquerdo um ao outro, pelo fato de ali estar localizado o coração. **(Sujeito 1, 2004, F)**.

(15) A força de vendas dos compressores da linha Médico-Odontológica é **A MESMA** utilizada para todas as demais linhas de compressores alternativos de pistão: uma equipe formada por quarenta e quatro representantes, espalhados estrategicamente por todo o território nacional. Estes representantes respondem a uma Gerência Regional (seis no total), que, por sua vez, respondem Superintendência Comercial. **(Sujeito 10, 2005, M)**.

Retomando (12) e (13), podemos classificá-los como exemplares de *referência nominal*.

(12) Devido às dificuldades que serão encontradas para a implantação do plano de marketing é

muito importante realizar constantemente a manutenção e o controle para que **O MESMO** seja plenamente cumprido. (**Sujeito 7, 2005, F**).

- (13) Para tanto, seria interessante trabalhar o aspecto da imagem e divulgação da Ong junto a empresas e à população em geral, de modo a estimular doações por parte dos mesmos. O site da organização consiste em uma importante ferramenta de informação e propaganda, entretanto **O MESMO** encontra-se desatualizado e carente de informações. Seria importante incluir informações como as atividades e os projetos desenvolvidos, disponibilizar uma lista de discussão e fóruns de participação que gerem interesse nas pessoas. (**Sujeito 8, 2005, F**).

Agora, ao compararmos os fragmentos (12) e (13) com o (15), aparentemente, parece se tratar do mesmo tipo de mecanismo nas três ocorrências, uma vez que o vocábulo *mesmo* encontra-se acompanhado de um artigo, devidamente flexionado conforme número e gênero, e faz referência, respectivamente, aos seguintes sintagmas nominais: “o plano de marketing”, “o site da organização” e “a força de vendas...” – todos representando referentes específicos, conforme a classificação proposta anteriormente. Mas se observarmos o contexto sintático – o tipo de verbo e a função sintática de “a mesma” – em (15), poderemos concluir que se trata de um exemplar de *referência adnominal*, conforme Amorim (2009). Veja-se que, em (12) e (13), é possível substituir “o mesmo” por “ele”, já em (15) a substituição de “a mesma” por “ela” não é possível.

Expliquemos melhor: claramente a expressão “a mesma” está se referindo ao sintagma nominal “a força de venda dos compressores da linha Médico-Odontológica”, mas, devido ao fato de estar após um verbo de ligação (*é*, do verbo *ser*), tem

função predicativa, cujo papel é o de atribuir alguma característica a algo, isto é, tem uma atuação muito semelhante à dos adjetivos⁷⁶. Assim sendo, embora a expressão “a mesma” não esteja acompanhando nenhum substantivo, fica bastante claro que ela está atribuindo uma característica ao referente expresso pelo núcleo do sintagma nominal (“a força de vendas”) que precede o verbo *ser*. Isso pode ser percebido com mais clareza se transpusermos a expressão para antes do núcleo do sintagma nominal:

(15a) **A MESMA FORÇA DE VENDAS** dos compressores da linha Médico-Odontológica é utilizada para todas as demais linhas de compressores alternativos de pistão: uma equipe formada por quarenta e quatro representantes, espalhados estrategicamente por todo o território nacional. Estes representantes respondem a uma Gerência Regional (seis no total), que, por sua vez, respondem Superintendência Comercial. **(Sujeito 10, 2005, M).**

Percebemos, com esse exemplo adaptado (15a), que o sentido não se altera mesmo com essa mudança sintática, e o vocábulo em questão está qualificando o núcleo de um sintagma nominal (um substantivo) em ambos os casos.

A partir dessa análise, o dado (15) parece mais próximo de (14) do que de (12) e (13). Ao contrário disso, porém, Amorim (2009)⁷⁷ propõe que, mesmo nos casos em que há verbos de ligação (copulativos), trata-se de *referência nominal*.

Ponderando todos esses aspectos, resolvemos seguir por um caminho diferente do de Amorim (2009) e sugerir uma nova

⁷⁶ Lembremos que a função de *referência adnominal* estabelecida por Amorim (2009) também é chamada pela autora de *referência atributiva*.

⁷⁷ Na tese de Amorim (2009), há dados de *mesmo* após verbos de ligação, e a autora os classifica como casos de *referência nominal*, como pudemos ver no exemplo (15).

categoria que possa diferenciar a ocorrência (15) – e outras que surgirem trazendo verbos copulativos – das ocorrências (12) e (13), bem como de (14), pois “o(a) mesmo(a)” está entre um verbo de ligação, qualificando o nome que precede o verbo.

Por isso, classificamos (15) como um exemplar de *referência atributiva 2* e, conseqüentemente, (14) como um exemplar de *referência atributiva 1*. Outro aspecto a se ressaltar é que, no fragmento (15), a expressão *o mesmo* encontra-se na mesma oração que o elemento que ele adjetiva, enquanto em (12) e (13), há uma distância maior entre o *termo anaforizante*⁷⁸ e o *termo anaforizado*, e a expressão anafórica surge em outra oração. Outra característica que diferencia esses fragmentos é que o *mesmo* na função de *referência atributiva 2* terá sempre a mesma função sintática (de predicativo), ao passo que, na função de *referência nominal* poderá ocupar funções sintáticas variadas, como: sujeito, objeto direto, objeto indireto e complemento nominal. Trata-se de aspectos morfossintáticos que, embora não sejam tão importantes como os critérios semântico-pragmáticos, permitem-nos verificar diferenças entre os dados.

Recapitulando, então, em relação às duas categorias de referência (*nominal* e *adnominal*) de Amorim (2009), propusemos as seguintes adaptações:

- 1) *Referência nominal* – exemplos (12) e (13);
- 2) *Referência nominal encapsuladora* – exemplos (10) e (11);
- 3) *Referência atributiva 1* – exemplo (14); e
- 4) *Referência atributiva 2* – exemplo (15).

Sobre a faceta de *mesmo* como *referência nominal*, lembramos que, em termos morfossintáticos, trata-se daquele caso de “pronomes demonstrativos polêmicos”, pouco aceito por alguns manuais de gramática e dicionários. Mais especificamente sobre esse objeto, há de se mencionar a pesquisa de Moreira

⁷⁸ Nesse caso, em nosso exemplo, a expressão “o mesmo” seria o *termo anaforizante*, e o “site da organização” seria o *termo anaforizado*.

(2007), voltada a investigar os contextos linguísticos favoráveis ao emprego de *o mesmo* (e suas variações de número e gênero), usados como anáfora em textos produzidos por universitários do primeiro período no Ensino Superior. Como se tratava de um trabalho variacionista laboviano, a autora verificou a variação de *mesmo* com o pronome *ele* (e suas variações de gênero). “Para isso, foram selecionadas 50 redações de trabalhos acadêmicos, produzidas por estudantes do primeiro período do Curso de Administração, das Faculdades SPEI, no final do primeiro semestre de 2004.” (MOREIRA, 2007, p. 2).

A autora explica que tentou trabalhar também com um *cópus* de dados orais dos alunos que utilizaram o *mesmo* anafórico (com *referência específica*) de forma mais recorrente, mas, nas apresentações orais gravadas, não houve ocorrência de seu objeto de estudo. Por isso, a pesquisadora optou por trabalhar apenas com o *cópus* escrito e finalizou: “Assim, assumimos que esse uso é uma inovação da língua escrita, de que se constituem os dados analisados nesta pesquisa.” (MOREIRA, 2007, p. 3).

A autora apresenta duas variáveis dependentes, uma delas composta pela variante “o mesmo” (e suas flexões de gênero e número) e a variante “ele” (com suas respectivas flexões de gênero e número); outra composta pela variante “do mesmo” (e suas flexões) e “seu/dele” (e suas flexões). Para analisar seus dados, de forma quantitativa, a autora se utilizou do programa estatístico VARBRUL e considerou sete grupos de fatores linguísticos: “*tipo de retomada* anafórica, *tipo de antecedente* retomado, a *ordem de retomada* do mesmo antecedente, *função sintática* da forma usada, *gênero e número* do elemento anafórico [...], [além do] informante (texto-fonte da ocorrência do dado)” (MOREIRA, 2007, p. 3).

Outro trabalho envolvendo esse mesmo objeto de pesquisa em um âmbito variacionista é o de Mariano (2011) que trata do uso de “o mesmo” como anafórico. Sobre a sua coleta de dados, a autora do estudo explica:

Para a realização desse trabalho, assistimos no decorrer de quinze dias do

mês de outubro de 2010, ao telejornal intitulado “Jornal Centro-Oeste”, veiculado pela TV Record da cidade de Pontes e Lacerda, filiada à Rede Record de Televisão. Foram coletadas frases orais de pessoas de diferentes idades, sexo e nível de escolaridade. Foram transcritas frases de matérias veiculadas no telejornal em que ocorresse a variação no uso da palavra *mesmo* (e flexões) em lugar dos pronomes pessoais *ele/ela/o/a* ou de substantivos. Ao todo, foram selecionadas 20 (vinte) frases que compõem o *corpus* de análise desse trabalho. Coletamos também algumas frases de documentos oficiais, como escritura de terra e certidão de inteiro teor de propriedades rurais em que se verifica o emprego da palavra *mesmo*. Desses documentos foram selecionadas 5 (cinco) frases para a composição também do *corpus*. (MARIANO, 2011, p. 15).

Dentre os exemplos citados por Mariano (2011, p. 17), é possível perceber que a função de *referência nominal* geralmente é mais recorrente no contexto sintático de sujeito:

Um homem foi tirar satisfação com o cunhado e acabou levando uma facada. O bombeiro que o socorreu ao ser entrevistado, disse:

(1) “Chegando ao local *o mesmo* estava com uma facada nas nádegas”.

Um bandido roubou uma moto e ao ser perseguido pela polícia caiu e fugiu a pé, deixando a motocicleta para trás. O policial entrevistado disse:

(2) “Não conseguimos localizá-lo, visto que *o mesmo* tomou rumo ignorado”.

Numa reportagem sobre uma senhora proprietária de uma lanchonete, que foi assaltada por um rapaz, e ajudado no roubo por uma moça que costumava frequentar a lanchonete, ao comentar o ocorrido, o repórter disse:

(3) “Devido ao uso de drogas *a mesma* fica sem saber o que faz”.

(4) “O que chama a atenção é que é a terceira vez que *a mesma* foi assaltada”.
[...]

(5) “O Izael também não gosta de falar, *o mesmo* foi preso semana passada”.

(6) “Se defender claro de acusações que *o mesmo* vem sofrendo aqui na delegacia de Vila Bela da Santíssima Trindade

(7) “Esta moto estava com L. M. de 15 anos de idade, *o mesmo* disse que comprou a moto por 1.500,00 reais”.

(8) “A Polícia Rodoviária Federal fazendo mais um trabalho intensivo em Nova Lacerda, onde *os mesmos* foram apreendidos”.

(9) “J. M. da Silva estava sentado nesta cadeira, *o mesmo* bebia com os amigos.”

Em reportagem sobre um empresário que comprou um notebook roubado por malandros da cidade, o policial civil, que deu a entrevista sobre o ocorrido, disse:

(10) “Haja visto que *o mesmo* comprou um notebook roubado, por 150,00 reais”.

Numa reportagem sobre uma casa invadida e roubada por malandros em Pontes e Lacerda, o repórter que noticiava o caso disse:

(11) “Segundo as vítimas Jhonatan e Guri são os nomes de dois dos assaltantes, *os mesmos* ficaram monitorando o local”.

(12) “A vítima conseguiu se comunicar com um amigo pelo MSN, *o mesmo* informou a polícia”.[...]

(18) “A ladra invadiu a casa e levou algum dinheiro, *a mesma* também levou o dinheiro de uma senhora, que por incrível que parece é sua avó.

(19) “A empresa tem no seu calendário um dia marcado para a manutenção preventiva de seus equipamentos, para evitar a queima *dos mesmos*”.

(20) “Realizamos essa manutenção em nossos equipamentos uma vez por ano evitando uma futura queima *dos mesmos*. O que poderia prejudicar a população com falta de energia por mais tempo”. (MARIANO, 2011, p. 16-20).

No estudo de Mariano (2011), explica-se que, no *córpus*, prevalece a ocorrência de *o mesmo* nos contextos sintáticos de sujeito e objeto direto, mas também aparece em outros contextos, exceto o de predicativo do sujeito, certificando-nos de que os casos do item gramatical como *referência nominal* podem ter diversas funções sintáticas e geralmente estão em orações diferentes da oração em que se encontra o termo anaforizado.

Nossa pesquisa não tem caráter variacionista como a das últimas autoras citadas, uma vez que não enfocamos uma variável linguística, mas a multifuncionalidade de um item, ou seja, uma forma e suas funções. Procuramos, no entanto, considerar, além de aspectos qualitativos, também aspectos quantitativos (como fazem as pesquisas variacionistas), uma vez que o número de dados encontrados é bastante vasto (o que nos mostra a propagação do uso de *mesmo* nas mais diversas funções).

Fechando a discussão das categorias referenciais, poderíamos repensar as outras cinco funções propostas por Amorim (2009) – lembrando: *reforço enfático*, *reforço contextual*, *circunstância*, *inclusão* e *oposição* –, mas optamos por redefini-las no próximo capítulo (Procedimentos Metodológicos), no qual faremos também uma breve observação

de nossos dados. Acreditamos que os dados possam nos revelar, além das funções já estabelecidas *a priori*, algumas possibilidades funcionais mais surpreendentes, que nos levem a remodelar as categorias de que já dispomos. Logo, uma análise prévia dos dados é que nos possibilitará formular novas categorias.

Essa decisão não é aleatória, mas parte de um pressuposto funcionalista em relação à linguagem, de que as categorias não devem ser estabelecidas *a priori*, uma vez que a língua está em constante mudança e aberta a novas significações e funções, bem como a novas correlações entre formas e funções, conforme as situações comunicativas (ressalve-se, porém, que, como já dispomos de uma descrição do funcionamento desse item no português, tomamos essa descrição como ponto de partida). Nesse contexto, ressaltamos alguns pressupostos básicos da perspectiva teórica que ancora esta pesquisa, de acordo com Givón (1995, p. 9):

- A linguagem é uma atividade sociocultural;
- A estrutura serve a funções cognitivas/comunicativas;
- A estrutura é não-arbitrária, motivada e icônica;
- Mudança e variação estão sempre presentes;
- O sentido é dependente de contexto e não atômico;
- As categorias não são discretas;
- A estrutura é maleável e não rígida;
- As gramáticas são emergentes.

Refletindo sobre o assunto e levando em consideração que a função de um vocábulo está relacionada também aos elementos que o cercam, temos consciência de que outras categorias funcionais serão formuladas para a descrição e análise de nosso cópuz, principalmente no que diz respeito às categoriais voltadas à articulação textual, mas isso somente nossos dados poderão nos mostrar.

Fechando o capítulo teórico, cabe um breve resumo dos tópicos tratados, a fim de situar o leitor e retomar os pontos principais que estão guiando esta pesquisa.

Primeiramente, iniciamos com uma contextualização acerca da perspectiva teórica funcionalista em cujos pressupostos teóricos nos embasamos. Na sequência, expusemos os principais conceitos da abordagem da gramaticalização, enfocando os princípios de Hopper (1991) e o modelo metonímico-metafórico de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), que serão fundamentais na análise de nosso objeto. Tratamos, também, (ainda que) brevemente, sobre mecanismos de retomada, característicos de algumas facetas do item linguístico *mesmo*.

Por fim, trouxemos à vista estudos sobre o item *mesmo* na língua portuguesa, a fim de mapear, como ponto de partida, algumas de suas funções, refletindo em torno delas, para a reconstrução de um novo conjunto de categorias funcionais – que será especificado no capítulo próximo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo é dedicado à explanação dos procedimentos metodológicos seguidos para a realização desta pesquisa, com vistas a alcançar os objetivos inicialmente propostos. Em relação ao tipo de análise, dispensamos um tratamento quantitativo e qualitativo aos dados, com particular atenção aos aspectos qualitativos. Para a análise quantitativa, foram categorizados todos os dados de *mesmo* encontrados e, após isso, lançadas todas as informações no programa estatístico Goldvarb (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), por meio do qual é possível fazer um levantamento confiável das ocorrências, porcentagens e, em alguns casos, de pesos relativos. A utilização desse programa nos permitirá perceber a frequência de cada uma das categorias funcionais, além de levantamento do uso em relação aos contextos extralinguísticos.

Inicialmente, fazemos uma descrição do *cópus* da pesquisa, em que delineamos os contextos (ou as variáveis)⁷⁹ extralinguísticos considerados, justificando a seleção de tal *cópus* e o descrevendo.

Na sequência, retomamos nossas questões e hipóteses (já exibidas no capítulo primeiro), minudenciando alguns pontos essenciais e embasando-os na teoria e nas pesquisas que sustentam esta dissertação. Procuramos explicitar, a cada questão – e respectiva hipótese –, quais são os procedimentos metodológicos tomados para dar conta de respondê-las.

Em seção subsequente, tecemos comentários sobre as categorias funcionais levantadas previamente, a partir da observação inicial de algumas ocorrências presentes em nosso

⁷⁹ O termo ‘variável’ será utilizado em alternância ao termo ‘grupo de fatores’ (usuais em trabalhos na área da Sociolinguística Quantitativa) e também ao termo ‘contexto’ (mais comum em trabalhos funcionalistas). Essa mescla terminológica não é incompatível, uma vez que as duas linhas teóricas apresentam pontos de proximidade ao tratarem da língua em uso e priorizarem a empiria, notadamente a frequência de uso.

córpus e encontradas nas amostras de Amorim (2009) e em outros textos, dentre eles um conjunto de textos arcaicos⁸⁰ (de Florianópolis, entre os anos de 1792 e 1795, cf. Anexos). Antecipamos, porém, que, no momento da análise, algumas categorias podem ser redefinidas e/ou refinadas conforme exigirem os dados.

Para finalizar, descrevemos um instrumental metodológico baseado em feixes de traços (critérios morfossintáticos e semântico-pragmáticos) que nos permitirão, além de categorizar os dados, também decidir sobre dados duvidosos e híbridos, com base nas características essenciais de cada categoria funcional levantada.

3.1 DESCRIÇÃO DO CÓRPUS

Fizemos um levantamento de dados de escrita coletados em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), produzidos por 30 graduandos do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina – considerados como informantes nesta pesquisa. Os textos estão disponíveis no *site* da Biblioteca da UFSC⁸¹, no espaço reservado aos TCCs digitalizados, mas contemplam apenas alguns cursos da universidade. Até o momento de organização do córpus da pesquisa, encontravam-se disponíveis textos de alunos de Ciências Contábeis, Economia e Administração.

Como uma das pesquisas dedicadas ao *mesmo* que inspira nosso estudo – a dissertação de Moreira (2007) – utilizou-se de um córpus composto por textos de alunos de

⁸⁰ Tais textos foram considerados no momento da Qualificação de Mestrado, quando ainda se pretendia fazer uma análise pancrônica nesta dissertação. Dadas as limitações de tempo, o projeto acabou sendo redirecionado para uma análise sincrônica. A análise inicialmente pretendida, no entanto, não está descartada, pois pretendemos empreendê-la em trabalho futuro.

⁸¹ As monografias estão disponíveis no endereço: <<<http://portalbu.ufsc.br/tccs/>>>. Acesso em: 12 out. de 2013.

Administração, e considerando que, dentre as possibilidades no *site* da universidade, a área mais relacionada a humanas seria essa, optamos por selecionar textos desse curso.

Quanto ao gênero textual TCC, resolvemos escolhê-lo por se tratar de um registro da escrita acadêmica, na qual estão presentes algumas características que parecem relevantes ao tratarmos do fenômeno em questão, a saber: uso de linguagem formal, modalização do discurso, uso frequente de mecanismos anafóricos, foco em um tópico discursivo específico, uso de discurso reportado, entre outras particularidades, que permitiriam um vasto uso do item *mesmo* e, conseqüentemente, um significativo número de ocorrências do objeto de estudo.

A respeito da seleção dos textos, optamos por escolhê-los da seguinte forma: a cada ano⁸², selecionamos o três primeiros TCCs de sujeitos do sexo/gênero feminino e masculino, chegando-se a um total de 30 textos (de 15 autores e 15 autoras). Esses indivíduos cujos textos foram analisados nesta dissertação estão estratificados da seguinte forma:

Tabela 1: Distribuição dos sujeitos do corpùs

INFORMANTES – TCCs DE ADMINISTRAÇÃO – UFSC

Sexo/gênero \ Ano	2004	2005	2006	2007	2008	Total
Masculino	3	3	3	3	3	15
Feminino	3	3	3	3	3	15
Total	6	6	6	6	6	30

Como se pode perceber, as variáveis extralingüísticas consideradas são: ‘sexo/gênero dos sujeitos’ – masculino (M)⁸³ e

⁸² À época da consulta, somente estavam disponíveis TCCs de Administração num recorte temporal restrito, entre os anos de 2004 a 2008.

⁸³ Essas siglas dizem respeito à categorização dos dados da pesquisa, para a utilização de programa estatístico.

feminino (F); ‘ano de publicação do TCC’ – 2004 (4), 2005 (5), 2006 (6), 2007 (7) e 2008 (8); e, além disso, observamos a variável ‘sujeito-autor do texto’, a fim de perceber possíveis marcas estilísticas na utilização do objeto deste estudo. Os grupos de fatores sociais ‘idade’ e ‘naturalidade’ não puderam ser averiguados, porque não tivemos meios de acesso a tais informações.

Com o *cópus* constituído, retomemos nossas questões e hipóteses, estabelecendo cada um dos procedimentos metodológicos que nos auxiliarão a responder às questões levantadas.

3.2 QUESTÕES E HIPÓTESES: PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Como já mencionado, as hipóteses desta dissertação foram construídas a partir de resultados de pesquisas linguísticas dedicadas ao estudo de itens em gramaticalização (especialmente do *mesmo*), de observação empírica preliminar do *cópus* deste estudo, além da leitura dos textos que embasam teoricamente o trabalho, notadamente aqueles que se dedicam à reflexão (sobre) e construção de *clines* que indiquem possíveis rotas de gramaticalização de elementos linguísticos – Heine, Claudi e Hünemeyer (1991); Hopper (1991); Hopper e Traugott (1993); Heine e Traugott (2003), Heine (1993), entre outros.

A seguir, rerepresentaremos as questões e hipóteses norteadoras desta pesquisa, ampliadas e embasadas teoricamente, bem como os procedimentos metodológicos a serem usados para testá-las.

Questão 1: Que funções o item *mesmo* desempenha na escrita acadêmica atual?

Dadas as especificidades do *cópus*, com base em Amorim (2009), acreditamos que as funções que aparecerão serão

as que estabeleçam relações anafóricas (*referência atributiva 1*, *referência atributiva 2*, *referência nominal* e *referência nominal encapsuladora*), além das categorias de *oposição*, *circunstância* e de *reforço*. A função de *referência nominal*, bastante discriminada por alguns manuais de gramática, provavelmente aparecerá nesses textos como um mecanismo de retomada neutro (sem impressão de juízos de valor).

Além disso, acreditamos que surgirão *mesmos* com função de *operador argumentativo* e *articulação textual*, uma vez que os usos textuais desse objeto parecem ser cada vez mais abundantes (as expressões “assim mesmo” e “do mesmo modo”, “da mesma forma” são algumas delas).

Retomando criticamente as categorias funcionais propostas por Amorim (2009), propomos, previamente, dois conjuntos de categorias atreladas, respectivamente, às raízes etimológicas de *mesmo* (*idem* e *ipse*). São elas:

a) IDEM:

1. *Referência atributiva 1*;
2. *Referência atributiva 2*;
3. *Referência nominal*;
4. *Referência nominal encapsuladora*;
5. *Concomitância*;
6. *Operador argumentativo concessivo*;
7. *Articulação textual de concessividade*; e
8. *Articulação textual de modo comparativo*.

b) IPSE:

9. *Intensificador (pro)nominal*;
10. *Reforçador identitário*;
11. *Reforçador*;
12. *Inclusão*;
13. *Alternância*;
14. *Exclusão*; e
15. *Explicação*.

Essas categorias funcionais aventadas foram estabelecidas com base em dados do corpus de Amorim (2009) e mediante uma breve observação de algumas de nossas ocorrências. Como o número de funções que mapeamos extrapola as sete categorias levantadas pela autora – já explicitadas no capítulo anterior –, faremos uma breve comparação entre cada uma delas, com o objetivo de contextualizar o leitor e delineá-las de acordo com suas especificidades funcionais. Neste capítulo, nos limitaremos a expor, brevemente, cada uma das categorias, às quais nos referimos como ‘categorias funcionais primárias’. As ocorrências que ilustram cada categoria serão apresentadas e discutidas no capítulo de Análise. Adiantamos, pois, que a densidade informacional naturalmente presente nas definições a seguir será devidamente deslindada no capítulo seguinte.

Seguindo a ordem estabelecida, começamos pela categoria de **referência atributiva 1**, a qual se assemelha à categoria de *referência adnominal* de Amorim (2009) e diz respeito a um tipo de *mesmo* que atribui alguma característica a um elemento que está sendo retomado por um nome que é acompanhado pelo *mesmo*. Sua função, portanto, é atribuir, ao elemento que ele acompanha, uma característica de igualdade/semelhança, dentro do mesmo sintagma nominal. O *mesmo*, nesse caso, além de caracterizar um nome, tem também um traço de referência, em decorrência da contiguidade com um nome anafórico.

A categoria funcional de **referência atributiva 2**, por sua vez, é classificada por Amorim (2009) como *referência nominal*, mas, como já discutimos em capítulo anterior, optamos por classificá-la como *referência atributiva 2* – em semelhança à categoria de *referência adnominal* da autora. A diferença é que, embora atribua uma característica de igualdade/semelhança a um elemento que é sujeito de uma oração, essa categoria não está precedendo um nome dentro de um sintagma nominal. O verbo copulativo liga os dois elementos, fazendo com que a expressão “o/a mesmo/a” seja realocada para uma posição posposta ao verbo, mas, assim como no caso da *referência atributiva 1*, o item

gramatical com papel de predicativo flexiona-se em gênero e número de acordo com o elemento que adjectiva.

Quanto à próxima função, de *referência nominal*, preferimos utilizar a mesma nomenclatura de Amorim (2009), mas nossa categoria funcional é um pouco mais restrita, uma vez que diz respeito a um tipo de *mesmo* que retoma um antecedente em particular, isto é, tal como um pronome pessoal, ele anaforiza um sintagma nominal.

Já a categoria de *referência nominal encapsuladora* é apenas sinalizada por Amorim (2009), mas a autora opta por classificá-la também como um exemplar de *referência nominal*. Em nosso estudo, porém, será usada para se referir ao sintagma nominal (“o mesmo”) que funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto, com flexão de gênero sempre masculina e flexão de número sempre no singular.

A próxima categoria funcional, de *concomitância*, não é mencionada por Amorim (2009), mas, por ser uma função de *mesmo* observada em nossos dados, percebemos ser essencial observá-la, descrevendo suas particularidades na língua. Trata-se de uma expressão cristalizada – “ao mesmo tempo (em que)” –, utilizada para estabelecer concomitância, simultaneidade e/ou coexistência, podendo se referir a recortes temporais, ações, atributos ou outras possibilidades a serem investigadas.

No que tange à categoria de *operador argumentativo concessivo*, observamos que, tradicionalmente, esse vocábulo pode ser considerado uma “conjunção concessiva”, tal como o *embora*, e esse tipo de *mesmo* é classificado por Amorim (2009) como *oposição*. Após algumas reflexões sobre sua função semântico-pragmática na língua, entendemos que a nomenclatura de *operador argumentativo concessivo* parece mais específica para a classificação desse item, considerando que a função de *mesmo*, nesse caso, é de atuar como operador argumentativo, e a categoria de oposição engloba tanto o uso concessivo como o adversativo, mas parece haver uma diferença⁸⁴ sutil entre ambos.

⁸⁴ Abordaremos este tópico com mais profundidade na descrição dos resultados e análise.

Passando-se à próxima categoria, de *articulação textual de concessividade*, verificamos que Amorim (2009) não trata especificamente dessa função, mas ela é muito próxima à categoria de *oposição* aventada pela autora. Quanto à nossa própria classificação, vale ressaltar que é muito semelhante à função de *operador argumentativo concessivo*, exceto por algumas diferenciações: a) nessa função de *articulação textual de concessividade*, há um escopo maior, *i.e.*, enquanto a anterior liga orações, esta liga frases e parágrafos (separados por pontos finais); b) os termos dessa expressão cristalizada são interdependentes, mas o vocábulo *mesmo* pode vir anteposto ou posposto ao termo *assim* (“mesmo assim”, “assim mesmo”), diferentemente da categoria de *operador argumentativo concessivo*, em que o *mesmo* acompanha outros elementos, mas aparece sempre em primeiro plano; c) existe uma mobilidade sintática maior nesta categoria, o que nos permitiria classificá-la, conforme estudos da área de gramaticalização, como um “advérbio juntivo”⁸⁵.

Em relação à *articulação textual de modo comparativo*, Amorim (2009) não levanta uma categoria funcional⁸⁶ para alocar essa função de *mesmo*, mas julgamos necessário tratar dela porque o *mesmo*, nesse caso, compõe uma expressão de modo (que pode ser substituída, segundo os dicionários, por “mesmamente”) e serve para articular orações e parágrafos, estabelecendo uma comparação. Pode ser constituída por outros

⁸⁵ Trataremos mais do assunto no capítulo reservado à análise.

⁸⁶ A autora trata, na seção intitulada “Nas dimensões comparativa e argumentativa da língua”, sobre uma possibilidade de *mesmo* como comparativo e deixa claro que “o item *mesmo* não se constitui um termo comparativo nos moldes da gramática tradicional. Todavia, ninguém tem dúvida [de] que ele produz um efeito comparativo nos discursos, ressaltando a ‘igualdade’ de diversas formas” (AMORIM, 2009, p. 109). A autora traz um exemplo de *mesmo* com função referencial (traduzindo para nossa nomenclatura: *referência atributiva 2*) e argumenta se tratar de um exemplar de modo comparativo. No decorrer da análise, entretanto, a autora não explicita uma categoria funcional específica para essa função comparativa.

elementos linguísticos, mas de igual sentido e função, como “da mesma forma” e da “da mesma maneira”.

No que se refere ao *mesmo* que classificamos como ***intensificador (pro)nominal***, trata-se da categoria de *reforço enfático* de Amorim (2009). A nomenclatura que utilizamos se justifica pelo fato de nos basearmos em Heine e Song (2011), que mencionam a classe dos “intensificadores” justamente com essa função que descrevemos. Além disso, entendemos que “reforço” e “ênfase” são termos muito próximos, e ambos unidos parecem ser um pouco redundantes. Por outro lado, uma característica desse tipo de *mesmo* bastante relevante é o fato de reforçar apenas pronomes pessoais (retos ou oblíquos) e nomes; por isso, será chamado de *intensificador (pro)nominal*.

A categoria de ***reforçador identitário*** é citada por Amorim (2009) também como *reforço enfático* e tem o mesmo sentido de “em pessoa” ou “próprio”, mas, como sua função é de reforçar um nome ao mesmo tempo em que lhe atribui uma característica identitária, estabelecendo uma relação com um nome próprio ou pronome pessoal precedente (geralmente sujeito da oração), optamos por batizar essa categoria de *reforçador identitário*.

Nomeada por Amorim (2009) como *circunstância*, a categoria funcional de *mesmo* denominada por nós de ***reforçador*** diz respeito a um tipo de *mesmo* que tem como função reforçar um elemento linguístico, que pode ser um verbo, um advérbio (de modo, lugar, tempo, negação, etc.) e outros. Pode ser parafraseado pela expressão “de fato”, “realmente” ou outras semelhantes, pertencendo à classe gramatical dos advérbios. Como nem sempre o que o *mesmo* reforça é uma circunstância, modificar o nome da categoria funcional para *reforçador* nos pareceu plausível, uma vez que tal nomenclatura parece mais adequada a essa função mais ampla de reforço.

A respeito da categoria de ***inclusão***, preferimos utilizar a mesma nomenclatura de Amorim (2009). Trata-se de um *mesmo* com função inclusiva, tradicionalmente conhecido como “palavra denotativa” ou “denotador” e, assim como os advérbios, ele é invariável morfossintaticamente e pode ser utilizado em

contiguidade com o vocábulo *até* (o qual também funciona como inclusivo) ou pode ser usado sozinho.

Já o *mesmo* com função de **alternância** não é especificamente citado por Amorim (2009) – embora seja possível que ele tenha sido interpretado por ela como um exemplar de *inclusão*. Mas por estar sempre contíguo ao vocábulo “ou”, esse item linguístico parece apresentar um sentido de alternância entre um elemento e outro, e é possível inserir o vocábulo “até” entre os vocábulos *ou* e *mesmo*, o que enfatizaria ainda mais a expressão. Em consideração a isso, resolvemos classificar essa função com uma nova categoria.

Além de incluir e alternar, há um tipo de *mesmo* que, em contiguidade com vocábulos negativos, tem uma função de excluir possibilidades, tendo como escopo nomes, verbos, pronomes, entre outros. A essa funcionalidade de *mesmo*, não mencionada por Amorim (2009), classificamos como **exclusão**, pois seu sentido é semelhante ao do vocábulo “sequer”, mas, para tanto, o item precisa estar sempre acompanhado de vocábulos de caráter negativo, tais como *nem* e *sem*. Com isso, julgamos necessário abrir uma nova categoria para essa função específica do item gramatical focalizado nesta pesquisa.

No concernente à categoria funcional de **explicação**, que parece se enquadrar na categoria de *reforço contextual* de Amorim (2009), acreditamos que pode ter surgido de uma vertente inclusiva, mas é uma expressão cristalizada com a função muito específica de explicação (*mesmo porque, pelo mesmo motivo que*). Por isso, designamos uma nova categoria a essa funcionalidade de *mesmo*.

Como procedimento metodológico para dar conta da questão/hipótese 1, seguimos os passos descritos a seguir. Para identificar as funções de *mesmo* na amostra analisada, inicialmente nos orientamos por algumas questões básicas, reapresentadas a seguir:

- (a) Essa função de *mesmo* **retoma** algo?
- (b) Essa função de *mesmo* **estabelece uma relação de concomitância?**

- (c) Essa função de *mesmo* **reforça** algo?
- (d) Essa função de *mesmo* **conecta** algo?
- (e) Essa função de *mesmo* **inclui/exclui** algo?
- (f) Essa função de *mesmo* **articula** o texto?

Essas seis perguntas norteadoras nos permitirão um reconhecimento inicial dos diferentes contextos de atuação de *mesmo*, auxiliando na testagem das categorias já levantadas, que, conforme já dito, nomeamos como ‘categorias funcionais primárias’. Como desdobramento, ainda em relação à questão/hipótese 1, faremos uma análise mais refinada das ocorrências, buscando identificar nuances contextuais e possíveis categorias híbridas, com vistas a fazer um mapeamento das múltiplas funções de *mesmo*. A análise, nesse momento, será qualitativa.

Questão 2: Quais são as funções mais recorrentes de *mesmo* na escrita acadêmica do *corp*us analisado?

Para embasarmos nossa hipótese, consideramos os resultados de Amorim (2009), em que, no *corp*us 1 (modalidade oral e atual)⁸⁷, as categorias prevaletentes foram as duas de *reforço* (*enfático* e *contextual*) e a de *circunstância*, enquanto, no *corp*us 2 (modalidade escrita e mais antiga), as categorias predominantes foram as de *referência* (*adnominal* e *nominal*).

Acreditamos, portanto, que as categorias de *referência nominal*, *referência atributiva 1* e *referência atributiva 2* serão as mais recorrentes de *mesmo* em nosso *corp*us, porque, de um modo geral, elas têm sido bastante utilizadas em meios formais para retomar antecedentes específicos sem lhes atribuir juízos de

⁸⁷ Ressaltamos que os dois *corp*us analisados por Amorim (2009) são de recortes sincrônicos diferentes, mas, mesmo assim, acreditamos que o fato de um deles ser de entrevistas orais gravadas, e o outro ser de textos escritos faz uma diferença na escolha de elementos linguísticos dos sujeitos analisados.

valor. O fato de o *cópus* 2 de Amorim (2009), mais arcaico e composto por documentos oficiais (portanto, com linguagem mais formal) ter um alto percentual de uso das categorias de referência é um resultado que solidifica⁸⁸ nossa hipótese.

Já as funções de caráter reforçativo (como *reforço contextual*, *reforço enfático*) e adverbiais (*circunstância*) – traduzindo para nossa classificação: *intensificador (pro)nominal*, *reforçador identitário* e *reforçador* – talvez não sejam recorrentes em nosso *cópus*, em decorrência da modalização presente nas situações comunicativas acadêmicas – exceto se encontrarmos uma transcrição de fala no texto; por isso (entre outros motivos) a importância de darmos um olhar mais qualitativo aos resultados quantitativos.

Para dar conta da questão/hipótese 2, a análise será basicamente quantitativa, com a utilização do programa GoldVarb, que possibilitará um levantamento específico do número de ocorrências para as categorias funcionais, permitindo-nos verificar a frequência de uso de cada uma delas.

Questão 3: Como se configuram os contextos linguísticos e extralinguísticos de uso de cada uma das funções de *mesmo*?

Ancorados nos resultados obtidos por Amorim (2009), acreditamos que os **contextos extralinguísticos** controlados não serão tão relevantes quanto ao uso de um tipo ou outro de *mesmo*. Como se trata de escrita acadêmica, que segue uma normalização própria, a variável *sexo/gênero* dos sujeitos que escreveram as monografias não deve interferir no uso de quaisquer funções do item em questão. Quanto à *data de publicação dos trabalhos*, por haver um recorte temporal (2004 a 2008) bastante restrito, provavelmente não encontraremos diferenciações relevantes. A

⁸⁸ Sabemos, contudo, que o *cópus* 2 de Amorim (2009) traz textos mais antigos, de uma época em que os *mesmos* mais frequentes eram os menos gramaticais; nesse caso, os de categorias referenciais.

única variável extralinguística que parece ter potencial para exercer alguma influência é ‘sujeito-autor’, pois, analisando as ocorrências produzidas por cada indivíduo, poderemos captar algumas marcas de estilo que revelem preferências de uso.

No que se refere aos **contextos linguísticos**, faremos um levantamento geral de como as diferentes funções mapeadas para o *mesmo* correspondem a diferentes contextos linguísticos com particularidades de natureza morfossintática, isto é, cada função se correlaciona de modo diferente com os fatores/traços morfossintáticos.

Elegemos os seguintes critérios morfossintáticos para observarmos em nossa análise como um meio de identificação/definição das funções de *mesmo*: *tipo de elemento contíguo, papel sintático, flexão de número, flexão de gênero, escopo e mobilidade sintática*. Outro aspecto levantado é a *classificação gramatical tradicional*, que não constitui um critério linguístico, mas servirá apenas como um parâmetro para avaliarmos as funções do item gramatical analisado.

Esses critérios não serão controlados como fatores nas rodadas estatísticas porque eles foram considerados na definição de uma categoria funcional ou outra. Desse modo, nossa hipótese é de que esses contextos linguísticos serão um instrumento importante na identificação das categorias funcionais que levantamos. É possível, no entanto, que, ao longo da análise, outros contextos se mostrem igualmente (ou mais) relevantes que esses. De qualquer forma, o levantamento dos contextos morfossintáticos nos possibilita um apoio de análise e interpretação das ocorrências.

Questão 4: Qual seria uma possível trajetória funcional do *mesmo* com base em uma perspectiva da *gramaticalização*?

Como já foi mencionado no capítulo primeiro, o *cline* de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), contemplando pessoa > espaço > (tempo) > texto, ancora a proposta de trajetória de mudança sugerida para o *mesmo*. Além desse *continuum* de

gramaticalização postulado pelos autores, a(s) proposta(s) de trajetória(s) de Amorim (2009), descritas abaixo, também subsidiam a proposta a ser formulada por nós.

Os resultados de Amorim (2009, p. 185) mostraram as seguintes trajetórias de gramaticalização do item *mesmo*:

1) uma relacionada com sua noção de (dêitica) reforço, da qual ele evolui para a noção de circunstância como advérbio, seguindo, passa pela noção de inclusão e, ainda, com esse valor, avança até alçar um grau de abstração pleno como modalizador, com efeito, sobre o discurso, assim representada:

**dêitica (reforço) >
circunstância > inclusão >
modalizador (discurso)**

2) outra relacionada com a noção de foricidade, na qual ele desempenha papel referencial como qualificador/atributivo, estendendo-se com esse valor para uma relação de igualdade, daí segue seu curso, ativando um valor relacional como conjunção concessiva assim representada:

**referencial >
relacional > texto**

Entretanto, considerando que no contexto interativo, essa ambivalência conceptual não é transparente e que a evolução do item se processa em duplo sentido, propõe-se a seguinte trajetória de gramaticalização para o item:

**referencial/reforço > (circunstância >
inclusivo) > relacional > modalizador
(discurso)**

A partir dos resultados da análise (cf. hipóteses 1, 2 e 3), pretendemos construir um diagrama (iniciado pelas raízes etimológicas *ipse* e *idem*), com uma intersecção de círculos, conforme a figura 2 (cf. capítulo 2) de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 114), a fim de contemplarmos os processos de *expansão metafórica* e *expansão metonímica*, lembrando que os itens com função textual seriam os últimos do *cline* de Heine et al. (1991).

Acreditamos, portanto, que existem duas trajetórias que se entrecruzam: uma assinalada por uma característica de reforço (IPSE), e outra por uma característica de foricidade, concomitância e comparação (IDEM).

Já com nossas categoriais funcionais primárias levantadas, assim como nossos procedimentos metodológicos apontados, passemos ao capítulo reservado à análise de nossos dados, que nos permitirão readequar as categoriais funcionais construídas até o momento e testar nossas hipóteses mediante os resultados obtidos.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE: O *MESMO* E SEUS DOMÍNIOS FUNCIONAIS

Considerando que o *mesmo* é um vocábulo que apresenta não apenas múltiplas funções semântico-pragmáticas, mas funções distintas dentro de vários domínios funcionais, este capítulo se destina à análise das ocorrências do *córpus* analisado, com ênfase nas quatro hipóteses apresentadas e discutidas nos capítulos precedentes.

A primeira questão formulada, com sua respectiva hipótese, busca contemplar, *grosso modo*, **quais são as categorias funcionais** presentes em nosso *córpus*; a segunda se ocupa em verificar a questão da **frequência**; a terceira, os **contextos linguísticos e extralinguísticos**; e, por fim, a quarta está voltada para a **construção de um diagrama de um possível percurso de gramaticalização de *mesmo***.

Objetivando responder a nossa primeira questão (“Que funções o item *mesmo* desempenha na escrita acadêmica atual?”), procuramos fazer uma explanação mais detalhada de todas as categorias funcionais encontradas no *córpus*, inclusive as que não foram mapeadas previamente, mostrando que cada macrocategoria funcional pode corresponder a um domínio funcional (ou vários), e, dentro de cada domínio, *mesmo* se comporta como uma 'camada' – princípio da estratificação do Hopper (1991) – em competição com outras.

Tratamos também, na sequência, da nossa segunda questão (“Quais são as funções mais recorrentes de *mesmo* na escrita acadêmica do *córpus* analisado?”) – que diz respeito à frequência de cada uma das categorias funcionais levantadas – e a nossa terceira questão (“Como se configuram os contextos linguísticos e extralinguísticos de uso de cada uma das funções de *mesmo*?”). Para tanto, categorizamos todos os dados de nosso *córpus* de acordo com as categorias funcionais previamente

levantadas e os contextos extralinguísticos ('ano de publicação da obra', 'sexo/gênero' e 'sujeito-autor do texto')⁸⁹.

Por fim, para darmos conta da quarta questão ("Qual seria uma possível trajetória funcional do *mesmo* com base em uma perspectiva da *gramaticalização?*"), procuramos delinear prováveis caminhos funcionais de *mesmo*, dispondo as categorias encontradas de acordo com *clines* propostos por teóricos da abordagem da gramaticalização. Além disso, com fundamentação no modelo metonímico-metafórico de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), o objetivo final desta dissertação é a construção de um (ou mais) diagrama(s) que dê(em) conta das macro e microcategorias funcionais de *mesmo*, incluindo-se as de caráter híbrido, que se situam na passagem de um domínio funcional a outro.

Nesse sentido, Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 231, tradução nossa) afirmam que

[e]m algum espaço, no meio do caminho entre o X e Y, existe um estágio em que o elemento em questão não pode ser descrito como sendo essencialmente X ou Y, uma vez que, em primeiro lugar, é composto por uma quantidade proporcional de propriedades de ambas as categorias. Quando esse estágio é atingido, propomos a falar de formas intermediárias ou híbridas. Formas híbridas são parte de

⁸⁹ Após isso, passamos esses dados pelo programa de rodadas estatísticas Goldvarb, mas os contextos linguísticos não foram testados quantitativamente, uma vez que nosso objetivo era apenas perceber em que medida eles nos auxiliam na identificação de categorias funcionais. Além disso, se o utilizássemos, haveria demasiados *knockouts*, em decorrência de cada um dos fatores morfossintáticos serem justamente constituintes/característicos de algumas categorias, *i.e.*, a 'flexão de número', por exemplo, não é uma característica da categoria funcional de *operador argumentativo concessivo*, por isso, em nenhuma das ocorrências, encontraríamos essa função flexionada em número. Em outras palavras, não é preciso testar o que já está estabelecido *a priori*.

cadeias de gramaticalização; elas são encontradas na intersecção das fases da sobreposição "já não completamente X, mas não Y o suficiente".⁹⁰

Amparados pela teoria, acreditamos ser possível encontrar categorias híbridas em nosso corpus, e elas representam a intersecção entre os círculos da Figura 2 desta dissertação – formulada por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).

Em virtude de o uso de *mesmo* ser bastante amplo e diversificado, cruzando vários domínios funcionais, optamos por abordá-lo, neste capítulo de análise, lançando mão da metáfora da lente (que amplia ou ajusta o foco em perspectiva), para que pudéssemos dar conta de cada uma de suas especificidades. Para isso, utilizamos os seguintes termos: **macrocategorias**, **categorias funcionais primárias** e **microcategorias**. O primeiro dos termos contempla um domínio mais amplo e agrupa o vocábulo *mesmo* de modo bem geral em relação à sua principal propriedade na língua. A segunda noção já foi brevemente tratada no capítulo precedente, mas será explorada com mais propriedade neste capítulo; e o terceiro termo diz respeito às categorias mais específicas que as categorias funcionais primárias, podendo ser híbridas ou não.

Para que o leitor entenda melhor esses diferentes recortes, a próxima seção – que objetiva dar conta da primeira questão desta pesquisa – especificará a articulação entre as noções recobertas pelos três termos utilizados para definirem as funções de *mesmo* na língua portuguesa, assim como cada uma

⁹⁰ “Somewhere halfway between X and Y there is a stage where the entity concerned cannot be described as being either primarily X or primarily Y since it is made up of a proportionate amount of properties of both categories. When such a stage is reached, we propose to talk of intermediate or hybrid forms. Hybrid forms are part of grammaticalization chains; they are found at the intersection of overlapping stages of the “no longer quite X but not very quite Y” (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 231).

das possibilidades funcionais encontradas em nosso corpus, de modo a atestar (ou não) a nossa hipótese.

4.1 MACROCATEGORIAS, CATEGORIAS FUNCIONAIS PRIMÁRIAS E MICROCATEGORIAS

Como já mencionamos, para lidar com um amplo leque funcional do item gramatical analisado nesta pesquisa, foi necessário focalizá-lo em porções cada vez menores, identificando aos poucos suas particularidades semântico-pragmáticas.

As macrocategorias estão relacionadas a estas seis questões norteadoras (que já foram anteriormente expostas, mas as rerepresentamos com o objetivo de facilitar a recuperação de informação ao leitor):

- (a) Essa função de *mesmo* **retoma** algo?
- (b) Essa função de *mesmo* **estabelece uma relação de concomitância?**
- (c) Essa função de *mesmo* **reforça** algo?
- (d) Essa função de *mesmo* **conecta** algo?
- (e) Essa função de *mesmo* **inclui/exclui** algo?
- (f) Essa função de *mesmo* **articula** o texto?

Interpretando melhor cada umas das questões, podemos dizer que a questão (a) diz respeito a uma vocação⁹¹ referencial de *mesmo*; enquanto a (b) se reporta à dimensão de concomitância (que pode ser temporal, de atributos, fatos e outros); e a questão (c) está relacionada a uma possibilidade de conexão entre elementos. A questão (d), por sua vez, refere-se à capacidade de reforço do vocábulo; ao passo que a (e) trata da

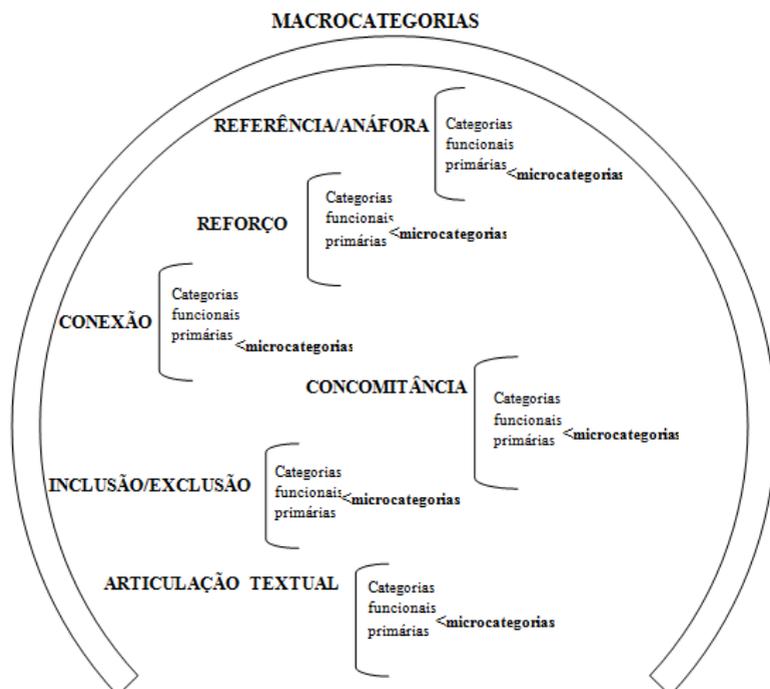
⁹¹ Amorim (2009) utiliza o termo vocação para tratar dessas funções mais gerais de *mesmo*. Ela cita as seguintes possibilidades: campo mostrativo da linguagem, vocação de reforço, vocação anafórica e dimensões comparativa e argumentativa da língua.

possibilidade espaço-textual⁹² de *mesmo* ao incluir/excluir elementos. Por fim, a questão (f) diz respeito uma possibilidade de *mesmo* como articulador textual e, às vezes, de caráter explicativo (tal como as conjunções explicativas).

A partir disso, as macrocategorias de *mesmo* registradas em nossa pesquisa seriam seis, mas é possível que existam ainda outras, a serem mapeadas com uma ampliação de cópua (que contemple também a fala). Ao categorizarmos nossos dados, lançamos essas perguntas como um parâmetro inicial para identificarmos quais seriam os domínios funcionais gerais de *mesmo*. Dentro das macrocategorias, porém, mapeamos nossas categorias funcionais primárias, que serviram de base para a análise quantitativa desta pesquisa. A partir delas, então, com um olhar mais qualitativo, conseguimos perceber microcategorias, algumas de caráter híbrido e outras não, a serem descritas nas próximas seções e subseções. Para ilustrar o que descrevemos, vejamos a figura a seguir:

⁹² Trataremos do termo “espaço-textual” com mais propriedade adiante, pois acreditamos que se trate de uma função de *mesmo* relacionada ao domínio do espaço e do texto.

Figura 3: Representação da articulação entre macrocategorias, categorias funcionais primárias e microcategorias de *mesmo*



Apresentadas as macrofunções, em termos gerais, especificamos, a seguir, com mais detalhes e exemplos de ocorrências, as categorias funcionais primárias, já introduzidas no capítulo anterior.

4.1.1 Categorias Funcionais Primárias

Retomando o que foi proposto nos Procedimentos Metodológicos, as categorias funcionais primárias previamente elencadas foram:

a) **IDEM:**

1. *Referência atributiva 1;*
2. *Referência atributiva 2;*
3. *Referência nominal;*
4. *Referência nominal encapsuladora;*
5. *Concomitância;*
6. *Operador argumentativo concessivo;*
7. *Articulação textual de concessividade; e*
8. *Articulação textual de modo comparativo.*

b) **IPSE:**

9. *Intensificador (pro)nominal;*
10. *Reforçador identitário;*
11. *Reforçador;*
12. *Inclusão;*
13. *Alternância;*
14. *Exclusão; e*
15. *Explicação.*

Elas foram separadas conforme as duas raízes IDEM e IPSE, que, como já foi apontado em capítulos precedentes, parecem ter dado origem a um mesmo vocábulo (*mesmo*). A separação dessas categorias considera os traços mais representativos dos vocábulos latinos, a saber: identidade (*idem*) e reforço (*ipse*). Se observarmos cada uma delas, perceberemos tais particularidade e, embora algumas delas pareçam apresentar uma miscigenação dessas duas características, parece-nos que um dos traços prevalece. Por conta disso, separamos as categorias desse modo bifurcado.

Dentre essas 15 classes, mantivemos apenas a nomenclatura de “referência nominal”, “referência atributiva” e “inclusão” de Amorim (2009). Além disso, as outras funções, conforme a terminologia *oposição*, *reforço contextual*, *reforço enfático* e *circunstância*, foram refinadas nesta pesquisa, adotando-se uma nova nomenclatura. As categorias de *explicação*, *concomitância*, *articulação textual de modo comparativo*, *articulador textual de concessividade*,

intensificador (pro)nominal, exclusão e explicação são as inovações/contribuições nossas para o estudo do *mesmo*.

Antes de abordar cada uma dessas categorias, vejamos, esquematicamente, como elas se articulam com as macrocategorias. Para facilitar a compreensão ao leitor, reorganizamos o que já foi discutido e fizemos o seguinte levantamento:

I. MACROCATEGORIA REFERÊNCIA/ANÁFORA DE

- 1.1 *Referência atributiva 1;*
- 1.2 *Referência atributiva 2;*
- 1.3 *Referência nominal; e*
- 1.4 *Referência nominal encapsuladora.*

II. MACROCATEGORIA DE CONCOMITÂNCIA⁹³

- 2.1 *Concomitância.*

III. MACROCATEGORIA DE CONEXÃO

- 3.1 *Operador argumentativo concessivo; e*
- 3.2 *Explicação.*

IV. MACROCATEGORIA DE ARTICULAÇÃO TEXTUAL

- 4.1 *Articulação textual de concessividade; e*
- 4.2 *Articulação textual de modo comparativo.*

V. MACROCATEGORIA DE REFORÇO

- 5.1 *Intensificador (pro)nominal;*
- 5.2 *Reforçador identitário; e*
- 5.3 *Reforçador.*

VI. MACROCATEGORIA DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO

- 6.1 *Inclusão;*

⁹³ Essa macrocategoria de *concomitância* é a única que também é considerada, em nossa pesquisa, uma categoria funcional primária.

6.2 *Alternância*; e

6.3 *Exclusão*.

A seguir, trataremos de cada uma delas em tópicos (seguindo a ordem numérica estabelecida), para facilitar a visualização, com a apresentação de algumas ocorrências de nosso córpus.

1. *Referência atributiva 1*

O vocábulo *mesmo*, ao exercer essa função, atribui uma característica ao nome que acompanha, o qual, por sua vez, está sendo anaforizando um elemento textual. O *mesmo* apresenta também uma característica de referência, em decorrência da contiguidade com o nome que está retomando um elemento anterior. Na ocorrência (2), por exemplo, a expressão “o mesmo autor” está retomando “Oliveira”, mas o termo anaforizante (que, de fato, retoma termo anaforizado) é o vocábulo “autor”, qualificado pelo item gramatical *mesmo*.

- (1) Todas as peças são criadas em cima do mesmo conceito, utilizam **AS MESMAS CORES**, e passam a mesma mensagem. Outras peças elaboradas após o início do programa, como o material enviado para incentivar a renovação do cartão e as newsletters dos parceiros, seguem exatamente o mesmo layout e linha de comunicação. **(Sujeito 20, 2007, F)**.
- (2) O ambiente de ação direta, segundo Oliveira (2002, p. 59) "representa o conjunto de fatores através dos quais a empresa tem condições não só de identificar, mas também de avaliar ou medir, de forma mais efetiva e adequada, o grau de influência recebido e/ou proporcionado". **O MESMO AUTOR**

conceitua o ambiente de ação indireta como sendo aquele que "representa o conjunto de fatores através dos quais a empresa identificou, mas não tem condições, no momento, de avaliar ou medir o grau de influência entre as partes" (ibid., p. 59). demográficas, sociais, econômicas, tecnológicas, políticas, entre outras. (**Sujeito 2, 2004, F**).

2. *Referência atributiva 2*

Embora o *mesmo*, nesse caso, esteja dando uma característica de igualdade/semelhança a um elemento que é sujeito de uma oração, essa categoria não está anteposta a um nome dentro de um SN. Com isso, pelo fato de o verbo copulativo ligar os dois elementos, fazendo com que a expressão “o/a mesmo/a” fique posposto ao verbo, criamos uma nova categoria diferente da anterior: *referência atributiva 2*. Nesse caso, o item gramatical terá sempre papel de predicativo, mas irá se flexionar em gênero e número de acordo com o elemento que estiver adjetivando.

- (3) A logística é, primeiramente, um fornecedor de serviços, não importando se trabalha a empresa com produtos de consumo ou industriais a expectativa da função em disponibilização de serviço **É A MESMA**, embora seja esperado que esta prestação de serviços seja diferenciada. (**Sujeito 21, 2007, F**).

3. *Referência nominal*

Quanto à próxima função, de *referência nominal*, preferimos utilizar a mesma nomenclatura de Amorim (2009), mas nossa categoria funcional é um pouco mais restrita, uma vez

que diz respeito a um tipo de *mesmo* que retoma um antecedente em particular, isto é, tal como um pronome pessoal, ele anaforiza um sintagma nominal.

Essa categoria de *referência nominal* diz respeito a um tipo de *mesmo* que retoma um antecedente em particular, ou seja, em semelhança a um pronome pessoal, ele age como um termo anaforizante, cuja função é retomar um termo anaforizado. No exemplo trecho (4), é possível perceber que a expressão “os mesmos” está retomando o vocábulo “alunos” e, desse modo, flexiona-se em número e gênero de acordo com o termo que anaforiza.

- (4) Na qualidade de prática esportiva, o footbag estará sujeito a ser apresentado durante a disciplina de educação física. Para tanto, o auxílio do professor responsável por esta disciplina durante a operacionalização das atividades torna-se um fator indispensável. Este auxílio refere-se manutenção dos equipamentos audiovisuais (caso eles sejam cedidos pelo colégio) e aos cuidados quanto à conduta dos alunos, evitando que **OS MESMOS** se dispersem. (**Sujeito 5, 2004, M**).

4. *Referência nominal encapsuladora*

A categoria funcional de *referência nominal encapsuladora* será usada em nosso estudo para se referir ao sintagma nominal (“o mesmo”) que funciona como um meio de encapsular um fragmento do texto, isto é, ele anaforiza não mais um elemento em particular, mas um trecho textual. Sua flexão de gênero será sempre masculina, e a flexão de número, sempre no singular. Na ocorrência (5), verificamos que “o mesmo” está retomando toda a parte sublinhada.

- (5) O Pontes (1996), afirma que a avaliação de desempenho é uma apreciação sistemática do desempenho de cada pessoa em função das atividades que ela desempenha, das metas e resultados a serem alcançados e do seu potencial de desenvolvimento. O autor diz ainda que é um processo que serve para julgar ou estimar o valor, a excelência e as qualidades de uma pessoa e, sobretudo, a sua contribuição para o negócio da organização. **O MESMO** é dito por Lara e Silva (2004) ao definirem-na como o processo que busca mensurar objetivamente o desempenho e, as autoras acrescentam que faz parte da mesma fornecer aos colaboradores informações sobre a própria atuação, de forma que possam aperfeiçoá-la sem diminuir sua independência e motivação para a realização do trabalho. **(Sujeito 13, 2006, F).**

5. *Concomitância*

Essa categoria funcional diz respeito a uma expressão cristalizada que tem por função estabelecer concomitância, simultaneidade ou coexistência, podendo se referir a recortes temporais, ações, atributos ou outras possibilidades. Como se pode ver em (6), nesse caso, a expressão estabelece uma relação de concomitância entre “clientes” e “cidadãos”. Essa expressão tem função muito parecida à do vocábulo inglês *while*, apresentando, em alguns casos, um significado semelhante ao do vocábulo “concomitantemente”. Levantamos essa categoria funcional primária, mas esclarecemos que, com base no que se pode observar em relação ao vocábulo *while*, é possível que o número de microcategorias encontradas dentro dessa classificação seja bastante amplo.

- (6) Coutinho (2000) ressalta ainda que, para o governo, os cidadãos são mais importantes que os clientes, o que causa grandes confusões conceituais quando se parte do princípio que os usuários são **AO MESMO TEMPO** clientes e cidadãos. (Sujeito 15, 2006, F).

6. Operador argumentativo concessivo

A função de *operador argumentativo concessivo* diz respeito a uma função de *mesmo* como conjunção concessiva. Amorim (2009) opta por classificá-la como “oposição”, mas essa nomenclatura pode ser utilizada para tratar de contextos adversativos e também concessivos. Sobre isso, Castilho (2010) afirma que as orações adversativas nos permitem adiar a negação de expectativas para a segunda sentença, enquanto, nas concessivas, isso ocorre na primeira sentença. Além disso, as orações concessivas exigem modo subjuntivo, ao passo que as orações adversativas exigem modo indicativo. “Com esse perfil, as concessivas se prestam ao jogo argumentativo, surpreendido em muitos estudos” (CASTILHO, 2010, p. 378).

Na ocorrência (7), podemos notar que a negação do que se esperaria no trabalho aparece em primeiro plano, enquanto o que será feito aparece em segundo plano, isto é, é como se o autor já quisesse deixar claro para o leitor que aquilo que ele fará não deveria ser contemplado, mas, mesmo assim, ele contemplou. Percebemos que, em comparação com as adversativas, as concessivas parecem ter um peso argumentativo mais forte.

- (7) Existem diversas teorias que tratam do impacto psicológico da comunicação com fins promocionais sobre os consumidores. **MESMO QUE** o propósito deste trabalho não seja entrar numa discussão subjetiva e esmiuçar os fatores irracionais e emotivos que geram mudanças comportamentais, é relevante abordar os estudos acerca dos

processos mentais que ocorrem em função da comunicação promocional. Isto porque, como já mencionado, o conhecimento do marketing é formado por conceitos e teorias advindas de outras disciplinas. (Sujeito 5, 2004, M).

7. *Articulação textual de concessividade*

Sobre a categoria funcional primária de *articulação textual de concessividade*, podemos perceber que, com base na ocorrência (8), pode ser substituída pela expressão “apesar disso”. É notável também que existem algumas sutis diferenças entre essa categoria e a *operador argumentativo concessivo*, a saber: **a)** há um escopo maior nessa função, pois, devido ao fato de *mesmo* estar contíguo ao vocábulo “assim”, acaba tendo um escopo mais amplo, referindo-se a uma porção precedente do texto; **b)** os termos dessa expressão “mesmo assim” (ou “assim mesmo”) são interdependentes, mas o *mesmo* pode ser anteposto ou posposto ao *assim*, o que difere ainda mais essa categoria da de *operador argumentativo concessivo*, em que o *mesmo* aparece sempre anteposto a outro elemento que compõe a expressão de valor concessivo; **c)** existe uma mobilidade sintática maior do que na outra categoria concessiva, permitindo-nos classificá-lo, em certa medida, como um “advérbio juntivo”.

Segundo estudos em gramaticalização, como o de Silva (2010)⁹⁴, os advérbios juntivos estariam entre advérbios e conjunções, isto é, teriam a mobilidade de um advérbio, mas uma função muito próxima a de uma conjunção. Pretendemos argumentar, também, que, com base no estudo de Tavares (1999), seria possível verificar um traço “retroativo-propulsor” dessa categoria funcional, pois, ao mesmo tempo em que insere outra proposição, faz referência ao que já havia sido mencionada em contexto textual precedente. A categoria de *operador*

⁹⁴ Conforme Silva (2010), o cline que envolve advérbios, conjunções e advérbios juntivos seria este: *advérbio* > *advérbio juntivo* (> *conjunção*).

argumentativo concessivo, por outro lado, faria apenas um movimento propulsor, mas não retroativo.

Argumentamos, portanto, que essa categoria se distingue da de *operador argumentativo concessivo* porque faz um movimento para frente e para trás (retroativo-propulsor), atuando como articulador de partes textuais. Além disso, seria mais maleável em sua estrutura sintagmática e também no aspecto sintático.

- (8) Esta flexibilidade existente nas escalas (poder migrar de uma escala para outra) diferencia a teoria de Maslow e a ERC. Essas duas teorias, como afirmam Stoner e Freeman (1999), são difíceis de serem testadas, o que torna difícil avaliar sua aplicação a situações organizacionais, a prática da administração ou até mesmo à realização pessoal dos empregados. **MESMO ASSIM**, oferecem insights úteis sobre as necessidades humanas. (Sujeito 13, 2006, F).

8. *Articulação textual de modo comparativo*

A categoria funcional primária de *articulação textual de modo comparativo* pode ser substituída pelo vocábulo “mesmamente” (como nos mostram os dicionários de Língua Portuguesa). Também poderia ser classificada como um “advérbio juntivo”, devido à sua maleabilidade sintática, servindo para articular orações e parágrafos, com a função de estabelecer uma comparação. Além da expressão “do mesmo modo”, como verificado na ocorrência (9), essa categoria funcional engloba outras expressões constituídas de variados elementos linguísticos, mas de sentido e função semelhante, como, por exemplo, “da mesma forma” e da “da mesma maneira”. Traçando um paralelo com o princípio de estratificação de Hopper (1991), poderíamos afirmar que essas expressões atuam como camadas que coexistem

(em variação) para exercer uma função específica de comparação e modo na língua.

- (9) A análise dos documentos segundo Vergara (1990, p.30), "proporciona ao pesquisador dados suficientemente ricos para evitar a perda de tempo com levantamentos de campo". Foram feitas análises em revistas e sites especializados no ramo da empresa, **DO MESMO MODO**, pesquisou-se informações no banco de dados da organização, onde pode-se encontrar informações a respeito dos clientes e da empresa. (Sujeito 7, 2005, F).

9. *Intensificador (pro)nominal*

Esse tipo de *mesmo* tem por principal função intensificar um nome (geralmente próprio) ou pronomes pessoais (retos ou oblíquos). Em algumas línguas, como no inglês, pode ser considerado um *pronome reflexivo* ou confundido como tal – relembrando o que afirmam Heine e Song (2011) ao explicarem que, muitas vezes, os intensificadores são considerados “reflexivos enfáticos”.

Como se pode perceber na ocorrência (10), a função de *mesmo* seria a de intensificar o pronome “si”, pois, se o retirássemos do texto, não haveria uma perda muito grande de sentido, mas o pronome não seria tão enfatizado como ocorre quando está contíguo ao vocábulo *mesmo*.

- (10) Para o avaliador, de acordo com Moura (2005), resultará em um melhor desempenho da equipe e retificação do problema. Já para o avaliado resultará em uma melhor compreensão dos requisitos de desempenho, o que leva a melhorá-lo; gera oportunidade para discutir problemas e queixas e um enfoque sobre **SI MESMO** e necessidades pertinentes. Portanto, uma boa avaliação dependerá de uni

avaliador qualificado e de um sistema de avaliação bem estruturado. (**Sujeito 13, 2006, F**).

10. Reforçador identitário

Essa categoria de *mesmo* é bastante rara e não foi encontrada em nosso corpus. Tem o sentido de “em pessoa” ou “próprio” e serve para reforçar um nome enquanto lhe atribui uma característica identitária. Está sempre relacionada a um nome próprio ou pronome pessoal que lhe precede (geralmente sujeito da oração). Ao longo desse capítulo, não focalizaremos tanto essa categoria justamente por não termos encontrado dados que nos permitam uma análise aprofundada.

(11) “Achava que Virgília era a **PERFEIÇÃO MESMA**”⁹⁵.

11. Reforçador

Essa categoria funcional primária se refere a um tipo de *mesmo* que reforça um elemento linguístico – geralmente verbo ou advérbio (modo, lugar, tempo, negação, etc.), mas, em alguns casos, pode reforçar outros elementos. Essa possibilidade funcional é classificada pelas gramáticas tradicionais como um *advérbio*, e podemos substituí-la pelas expressões “de fato”, “realmente” ou outras semelhantes. No caso da ocorrência (12), verificamos que o vocábulo está reforçando o verbo “ser”.

⁹⁵ Como não encontramos ocorrências desse tipo em nosso corpus, retiramos este exemplo de outro corpus, utilizado em outra ocasião. Fizemos isso porque já tínhamos percebido a existência desse tipo de categoria e porque os manuais de gramática utilizados nesta pesquisa também o citarem. Percebemos, também, a possibilidade de *mesmo*? como marcador discursivo, mas, pelo fato de Amorim (2009) não enfatizar essa função, assim como os manuais de gramática que analisamos, não trouxemos à vista essa categoria nesta dissertação.

- (12) Assim, uma hipótese então, é **MESMO** a falta de interesse visto que a maioria conheceu os critérios na própria organização e por ir atrás da Legislação pertinente ou então a divulgação não é feita da melhor forma, não sendo clara para aqueles que disseram não os conhecer. **(Sujeito 13, 2006, F)**.

12. Inclusão

Semelhante a uma função adverbial, essa categoria funcional primária de *mesmo* é classificada como uma “palavra denotativa” e pode ser acompanhado (ou não) do vocábulo *até* (que, sozinho, também tem função de *inclusão*). Na ocorrência (14), percebemos que o *mesmo* tem função inclusiva sem necessitar do vocábulo *até*, mas é possível que essa função tenha surgido devido ao contato entre os dois termos, como ocorre no dado (13).

- (13) Raramente é cuidadoso com os equipamentos e instalações utilizando-os muitas vezes de forma inadequada e **ATÉ MESMO** danificando-os. Precisa ser cobrado, frequentemente, em relação ao uso adequado, conservação e manutenção. **(Sujeito 13, 2006, F)**.
- (14) Além da consideração do conteúdo manifesto, Gil (2002) sugere a observação do conteúdo latente do material e que é preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito, mas que procure apresentar conteúdos implícitos, dimensões contraditórias e **MESMO** aspectos silenciados. **(Sujeito 21, 2007, F)**.

13. Alternância

Em relação à categoria funcional primária de *alternância*, é possível que tenha sido originada da função de *inclusão*, mas, por conta da parceria com o vocábulo “ou”, a expressão toda (“ou mesmo”) apresenta um sentido de alternância entre elementos. Assim como na categoria de inclusão, o vocábulo “até” pode aparecer entre os vocábulos *ou* e *mesmo*, enfatizando ainda mais a expressão.

(15) Fazer com que o empreendedor compreenda melhor os fatores que exercem influência direta no andamento da atividade empresarial 6, sem dúvida, o ponto alto do modelo de fluxo de caixa. Esta constatação é observada quando Kassai (1997, p.51) afirma que:

Uma das principais contribuições do modelo desenvolvido não é o formato, os conceitos utilizados **OU MESMO** a simplificação de fórmulas matemáticas que poderiam ser complexas para o empreendedor de pequenas empresas. Na verdade, o que traz como contribuição relevante para o gestor 6 a reflexão sobre o funcionamento de sua empresa. (Sujeito 4, 2004, M).

14. Exclusão

Há um tipo de *mesmo* que, por estar contíguo a vocábulos negativos, tem uma função de excluir possibilidades. Ele tem como escopo nomes, verbos, pronomes, entre outros, e poderia ser substituído pelo vocábulo “sequer”. Para exercer essa função, porém, o *mesmo* precisa estar sempre posposto a um vocábulo de cunho negativo (*nem* e *sem*, por exemplo). Na ocorrência (16), seria possível substituir a expressão destacada pelo vocábulo “sequer”, sem que o texto perdesse o seu sentido original.

- (16) Considerando que cada vez há mais concorrência e mais publicidade é veiculada, as empresas sentem-se obrigadas a lançar ainda mais propagandas para tentar ser ouvidas pelos clientes, o que causa uma verdadeira guerra de custos entre as organizações, e que chega aos ouvidos dos clientes de forma confusa. A população não sabe mais as distinguir e recordar, **NEM MESMO** filtrá-las. (Sujeito 20, 2007, F).

15. *Explicação*

Por fim, a categoria funcional primária de *explicação* possivelmente deve ter surgido de uma raiz inclusiva – isso fica mais claro no exemplo (17). Trata-se de uma expressão cristalizada cuja função principal é explicar. Estaria já no nível das conjunções explicativas (não mais no campo “enigmático” das *palavras denotativas*, como as três categorias anteriores). Existe, porém, uma diferença entre as ocorrências (17) e (18). Na primeira delas, vê-se apenas uma função de explicação, enquanto na (18), parece estar embutido um traço comparativo. Todavia, essas pequenas singularidades não serão tratadas nesse momento. É na próxima subseção que observaremos os detalhes mais ínfimos e que possam nos dar indícios de categorias híbridas ou mais refinadas dentro das categorias funcionais primárias, o que chamamos de microcategorias funcionais.

- (17) As centrais de atendimento de serviços públicos existentes no Brasil, em sua maioria, são de esfera estadual e visam à integração de serviços, tanto da sua esfera como da federal e municipal, facilitando, desta forma, para o cidadão que encontra em um único espaço os mais diversos órgãos e serviços. Consistem em uma concepção de um "shopping de

serviços", onde vários órgãos públicos instalam-se em um mesmo espaço físico, proporcionando melhor qualidade na prestação dos serviços públicos, economia de tempo e custos, além de conforto no atendimento. O Pró-Cidadão é norteador por estes mesmos objetivos, mas sua amplitude limita-se ao atendimento municipal, **MESMO PORQUE** já existe o Projeto SACI que é de esfera estadual com suas unidades na cidade de Florianópolis, já citadas anteriormente. **(Sujeito 15, 2006, F).**

- (18) A crença de que os padrões recorrentes do mercado seguem uma ordem e não são movimentos aleatórios é inerente ao estudo da análise técnica. Outro importante corolário é que os padrões de mercado não são somente manifestações de dados econômicos, mas também representam a emoção e a lógica dos analistas que atuam no mercado. O analista técnico assume que diferentes comportamentos do mercado se repetirão no futuro, **PELO MESMO MOTIVO QUE** os comportamentos dos analistas se repetirão **(Sujeito 15, 2006, F).**

4.1.2 Microcategorias funcionais: esmiuçando as macrocategorias e categorias funcionais primárias

Trazendo à vista alguns dados de duvidosa classificação, pretendemos tecer algumas reflexões sobre outras possíveis funções (híbridas ou não) de *mesmo* identificadas em nosso córpus.

Como se pode perceber, em alguns casos, as macrocategorias têm apenas uma categoria funcional primária mapeada, mas é possível que ainda haja outras. Começando pela

primeira macrocategoria, de referência/anáfora, percebemos alguns dados intermediários, que valem algumas reflexões. Em virtude de apresentarem traços mistos, impulsionaram-nos a tomar decisões de categorização para a análise estatística⁹⁶, mas são necessárias algumas ponderações, que nos auxiliarão, inclusive, na construção de nosso diagrama final.

4.1.2.1 Macrocategoria de referência/anáfora

As três categorias funcionais primárias da macrocategoria de referência (*atributiva 1, atributiva 2, nominal e nominal encapsuladora*), num primeiro momento, pareciam estar bem especificadas, mas alguns dados nos mostraram que seria necessário destrinchá-las.

Observemos, primeiramente, ocorrências das categorias primárias (levantadas previamente à categorização dos dados):

(19) Para atender o problema de pesquisa foram propostos como objetivos específicos: descrever as estratégias do composto de marketing praticadas pela empresa; analisar o produto UNIVOIP junto às políticas de preço, praça e promoção utilizadas para ele e elaborar propostas relacionadas aos elementos do composto de marketing para **O MESMO PRODUTO. (Sujeito 27, 2008, F).**

(20) Os objetivos da propaganda **SÃO SEMPRE OS MESMOS**: tomar cada vez mais o produto e a marca conhecidos. **(Sujeito 27, 2008, F).**

⁹⁶ Vale ressaltar que, na análise estatística, foram consideradas apenas as **15 categorias funcionais primárias**.

(21) Para Kotler (1999) a propaganda é uma das ferramentas mais comuns que as empresas usam para dirigir comunicações persuasivas aos compradores e públicos-alvo. Além disso, **O MESMO** define propaganda como qualquer forma paga de apresentação impessoal e de promoção de ideias, bens ou serviços por um patrocinador identificado. **(Sujeito 27, 2008, F).**

(22) Com relação a motivação das ações promovidas pelos gerentes, as que mais estimulam seus funcionários são reconhecimento por um trabalho bem executado ou atingimento de uma meta com 54,3% e confiar no funcionário e no seu trabalho com 24,3% (Gráfico 11). **O MESMO** foi percebido quando questionado aos gerentes que atitude deles acreditavam estimular mais seus funcionários, todos responderem reconhecimento por um trabalho bem executado ou atingimento de uma meta. **(Sujeito 14, 2006, F).**

Essas quatro primeiras ocorrências dizem respeito a três categorias funcionais já levantadas. A ocorrência (19) se refere à categoria de *referência atributiva 1*, pois está caracterizando um nome dentro de um sintagma nominal, com a função de atribuir-lhe uma característica. Já na ocorrência (20), podemos observar um exemplar da categoria de referência *atributiva 2*, já que o *mesmo* está qualificando um nome, embora esteja fora do sintagma nominal. A (21), por sua vez, pertence à categoria de *referência nominal*; retoma o antecedente “Kotler (1999)” sem lhe atribuir qualquer característica, funcionando, de fato, como um pronome. Por fim, na ocorrência (22), encontra-se um dado de *referência nominal encapsuladora*: a expressão “o mesmo” está retomando toda uma porção de texto.

Em cada uma das ocorrências seguintes, porém, percebe-se um deslizamento entre duas categorias funcionais (*nominal* e *nominal encapsuladora*).

(23) A taxa de empreendedores iniciais no Brasil em 2006 (11,7%) **MANTEVE-SE PRATICAMENTE A MESMA** em relação ao ano anterior. (Sujeito 29, 2008, M).

(24) O resultado líquido seria a diferença entre o lucro bruto (R\$ 140.754,10) e a parcela de gastos fixos (R\$ 106.430,64) que resultaria num montante de R\$ 34.323,46, **O MESMO APRESENTADO** no rateio RKW. (Sujeito 28, 2008, M).

(25) Se a Universidade possuísse a autonomia plena, **A MESMA GARANTIDA** na Constituição, certamente o seu papel seria de maior impacto na sociedade. (Sujeito 30, 2008, M).

(26) **Margem Líquida (ML)**. [título de seção]
Em princípio, vale ressaltar que quanto maior a margem líquida da empresa, melhor, pois este indicador mede o sucesso da empresa em relação ao lucro sobre as vendas. **A MESMA** estão descritas nas tabelas 31, 32 e 33. (Sujeito 16, 2006, M).

A ocorrência (23), por exemplo, em um primeiro olhar, parece ser um caso de *referência nominal*, mas, se considerarmos que o verbo *manter-se* – embora não seja considerado um “verbo de ligação” na tradição gramatical – tem um sentido de “permanecer”, “continuar”, e o termo “a mesma” está qualificando o vocábulo “taxa”, podemos classificar essa ocorrência como um caso de *referência atributiva 2*, e foi essa

decisão que aderimos em nossa categorização de dados para a rodada estatística⁹⁷. Verificamos, porém, que pode se tratar de um caso de hibridização, do tipo *referência atributiva 2/nominal*.

Já em relação às ocorrências (24) e (25), para fins de categorização (da análise quantitativa), optamos por classificá-las como casos de *referência nominal*, mas, se observarmos bem, é possível perceber um deslizamento entre as categorias de *referência nominal* e *referência atributiva 1*.

Expliquemos melhor: na ocorrência (24), o *mesmo* está qualificando o nome “montante”, o qual, por sua vez, parece estar sendo retomado com uma anáfora zero, e isso pode ser percebido pelo verbo “apresentar” no particípio, que aparece posposto ao *mesmo*, mas claramente se refere ao nome anteriormente citado. No dado (25), é possível observar algo semelhante em relação à qualificação/retomada do termo “autonomia”, feito pelo vocábulo “mesma”, que aparece anteposto ao verbo “garantir” no particípio. Portanto, decidimos classificar todos esses dados como *referência atributiva 1/nominal*, isto é, queremos argumentar que, neste exemplar, possa existir uma mistura entre as duas categorias funcionais supracitadas.

Na verdade, a grande diferença entre essas ocorrências e uma ocorrência “tradicional” de *referência nominal* é que, nesses exemplares de nosso cópuz, há um traço muito forte de atribuição, de uma característica de igualdade, enquanto, nos casos de *referência nominal*, há uma significativa neutralidade de retomada, *i.e.*, o *mesmo* retoma um antecedente sem imprimir-lhe característica ou juízo de valor, motivo pelo qual, inclusive, ele provavelmente esteja sendo usado no discurso acadêmico e jornalístico com uma frequência considerável (cf. Seção 4.2).

Logo, acreditamos que exista uma categoria híbrida entre *referência atributiva 1* e *referência nominal*, possibilidade

⁹⁷ Como a parte quantitativa da pesquisa contempla apenas as categorias primárias, tivemos de tomar algumas decisões metodológicas, e essa parte analítica de cunho mais qualitativo nos permite questionar a nossa classificação.

interpretativa que já nos direciona para um caminho de gramaticalização do item gramatical *mesmo*.

Quanto à ocorrência (26), há uma estranha ambiguidade, causada pela flexão de gênero que parece estranha se observarmos que a expressão “a mesma” está se referindo a “vendas”. O verbo posposto à expressão está no plural, indicando que a retomada anafórica é de um termo no plural. Por isso, podemos inferir que houve uma flexão “inadequada” de número, ou, talvez, é possível que se trate de um caso híbrido entre *referência nominal* e *referência nominal encapsuladora*, ainda que o encapsulamento anafórico seja sempre feito por uma expressão no masculino e no singular. A partir disso, embora estejamos considerando o caráter enigmático do dado, podemos inferir que exista uma categoria híbrida entre essas duas de referência já citadas anteriormente. Trata-se de uma categoria funcional híbrida de *referência nominal/nominal encapsuladora*.

Além disso, analisando melhor as categorias de *referência atributiva 1* e *referência atributiva 2*, verificamos que, funcionalmente, trata-se de uma só categoria se considerarmos que o único aspecto que as diferencia é o critério morfossintático. Desse modo, nesse momento da análise, resolvemos amalgamá-las, e, com isso, as categorias funcionais de referência ficaram rearranjadas da seguinte forma:

1. ***Referência atributiva*** (englobando 1 e 2);
2. ***Referência atributiva/nominal***;
3. ***Referência nominal***;
4. ***Referência nominal/nominal encapsuladora***; e
5. ***Referência nominal encapsuladora***.

A partir desse rearranjo, passemos à macrocategoria de *concomitância*, a qual é composta por expressões adverbiais cristalizadas de *mesmo*, como “ao mesmo tempo” e “ao mesmo tempo em que”.

4.1.2.2 *Macrocategoria de concomitância*

Antes de partirmos à discussão, observemos, primeiramente, alguns dados mais “clássicos” dessa locução adverbial, por trazerem, ainda, uma característica de temporalidade.

(27) Como no MR é o cliente que decide como prefere ser contatado (se por telefone, correio, e-mail, etc) frequentemente diversos canais de comunicação são utilizados **AO MESMO TEMPO**, o que exige a integração dos métodos, pois a mensagem que chega ao cliente deve ser singular e coerente com o posicionamento da marca (AZEVEDO; POMERANZ, 2004). **(Sujeito 20, 2007, F).**

(28) A necessidade de atender a clínicas, e não só a consultórios, levou a empresa a lançar o MSV 12/175, no ano de 1999. Este compressor poderia atender, de maneira satisfatória, a até dois consultórios completos, simultaneamente. Contudo, observou-se que atender a apenas dois consultórios não seria o suficiente. Era preciso oferecer uma solução para atender a três, quatro e cinco consultórios, **AO MESMO TEMPO**. **(Sujeito 10, 2005, M).**

(29) Schrickel (1997) acrescenta que liquidez corrente esta relacionada aos grupos patrimoniais de curto prazo do balanço patrimonial, ativos e passivos circulantes. Os itens que compõem o ativo quase sempre possuem liquidez diferente, ou seja, não se transformam em recursos todos **AO MESMO TEMPO** sendo o tempo fator determinante,

porém não levado em consideração na formulação do índice de liquidez corrente, conforme Equação (1) para este cálculo. **(Sujeito 16, 2006, M).**

- (30) A recepção apresenta uma desorganização visual devido ao excesso de papéis. Isto se deve ao fato das funcionárias atenderem a recepção AO MESMO TEMPO EM QUE fazem a digitação de laudos e atividades burocráticas como cobrança de convênios médicos. **(Sujeito 9, 2005, F).**

Essas ocorrências são exemplares das expressões adverbiais de *mesmo* num caráter essencialmente temporal, cuja principal funcionalidade é mostrar uma concomitância de tempo, ou seja, dois eventos (ou mais) acontecendo num recorte de tempo específico, de modo simultâneo. Assim sendo, julgamos necessário classificar essa função como *concomitância temporal*.

Mas, além dessa possibilidade, a mesma expressão adverbial parece exercer outras funções – em semelhança ao *while* do inglês (ou o *enquanto* do português) –, atuando não apenas no campo do tempo simultâneo, mas também em nível textual. As ocorrências do nosso corpus, que serão expostas a seguir, nos mostram outro funcionamento.

- (31) A metodologia da pesquisa num planejamento deve ser entendida como o conjunto detalhado e seqüencial de métodos e técnicas científicas a serem executados ao longo da pesquisa, de tal modo que se consiga atingir os objetivos inicialmente propostos e, AO MESMO TEMPO, atender aos critérios de menor custo, maior rapidez, maior eficácia e mais confiabilidade de informação (BARRETO; HONORATO, 1998). **(Sujeito 7, 2005, F).**

- (32) A partir das definições encontradas na bibliografia para marcas, segue o raciocínio que marca é uma palavra que carrega consigo toda uma identidade, uma forma de expressão que faz parte do cotidiano das pessoas por elas terem em mente um nome ao lembrar de um produto ou serviço e **AO MESMO TEMPO**, representa os valores da empresa e seus princípios. Além disso, as empresas se utilizam das marcas em suas ações estratégicas para melhor posicionar o seu produto ou serviço na tentativa de obter sucesso no mercado. **(Sujeito 11, 2005, M).**
- (33) Segundo Assaf Neto (2003), é uma técnica simplicista de aplicação e, **AO MESMO TEMPO**, uma das mais importante[s] no que se refere à riqueza das informações geradas para a avaliação do desempenho empresarial. **(Sujeito 16, 2006, M).**
- (34) Comentário: dos 625 respondentes, têm-se que a maioria (71,8%) gostaria de receber gratuitamente em casa uma bola de footbag. Itens informativos, como a revista e o CD-ROM, tiveram juntos, respectivamente 21,3% da preferência. A camiseta, como um item funcional, teve apenas 6,4% da preferência total. A razão para um número tão elevado quanto à preferência de uma bola de footbag é, **AO MESMO TEMPO**, desconhecida e intrigante. Talvez esta resposta tenha relação com a curiosidade gerada a partir do preenchimento do questionário. **(Sujeito 5, 2004, M).**

- (35) Algumas teorias relacionadas as necessidades humanas serão tratadas posteriormente, para melhor compreensão. Kanaane (1999, p. 90) ainda evidencia que os dirigentes e executivos possuem um grande desafio: "[...] compreender E AO MESMO TEMPO saber lidar com duas tendências opostas e complementares — integração e auto - afirmação — em si mesmo e nos outros, nas unidades de trabalho e nos subsistemas das organizações". (Sujeito 25, 2008, F).

As ocorrências nos mostram uma nova modalidade dentro da classe primária de *concomitância* que havíamos levantando antes da categorização dos dados. Existe um traço muito forte de inclusão de uma atividade – ou atributo, como no caso de (34) – e outra(o), mas é possível perceber que não se trata de atividades (ou atributos) presentes necessariamente num mesmo recorte de tempo, mas as duas coisas precisam existir, independentemente do tempo em que surjam. Isso fica mais claro quando substituímos essa expressão adverbial pelo vocábulo “também” ou pela expressão “além disso”, os quais têm um sentido de inclusão – os próprios manuais de gramática costumam classificá-los como “palavras denotativas de inclusão”. Desse modo, podemos verificar uma nova categoria funcional exercida por uma mesma expressão: a categoria *concomitância inclusiva*.

Mas, antes de existir essa categoria, é possível que houvesse outra híbrida entre a anteriormente citada (*concomitância temporal*) e a de *concomitância inclusiva*. Isso não é apenas uma suposição, mas pôde ser verificado em nosso corpus, conforme podemos ver nos dados adiante.

- (36) Este trabalho tem por objetivo abordar, sob a ótica das comunicações de marketing, um esporte ainda desconhecido pelo grande público no Brasil, o footbag. O footbag é um

esporte recente, inventado nos EUA em 1972 e, assim como o futebol, baseado em chutes. Apesar da existência de eventos competitivos envolvendo o esporte, o footbag é essencialmente um jogo cooperativo, onde os praticantes não competem entre si, mas sim buscam atingir um objetivo comum, ou seja, manter a bola de footbag no ar. A sua característica cooperativa torna o esporte um importante instrumento pedagógico, que pode contribuir na formação social de crianças e jovens. Neste contexto, as escolas podem ser consideradas excelentes locais para, **AO MESMO TEMPO, divulgar o footbag e promover a cooperação.** Visando a sua divulgação junto às instituições de ensino, foi realizada uma pesquisa junto aos alunos do ensino fundamental II da parte insular do município de Florianópolis, onde os resultados obtidos serviram para orientar a elaboração de uma proposta de plano de comunicação de marketing. **(Sujeito 5, 2004, M).**

(37) E Franco (2002, p. 13) salienta que:

E impossível pensar em relações de produção e de trabalho sem fixar a atenção AO MESMO TEMPO no indivíduo e na totalidade. Não dá para querer implementar mudanças sem conhecer e atuar sobre elementos que serão afetados por elas e dos quais dependerá o sucesso ou o fracasso da tentativa. Esses elementos são as pessoas, individualmente. Pode-se constatar que até pouco tempo atrás pouco se falava das necessidades de mudança no perfil dos profissionais e em adaptações nas

organizações para o melhor desenvolvimento dos mesmos. **(Sujeito 1, 2004, F).**

- (38) O estudo de clima organizacional devidamente diagnosticado é um indicativo que serve para o administrador satisfazer as necessidades dos membros da empresa, **AO MESMO TEMPO EM QUE** direciona essa satisfação na realização dos objetivos da empresas. **(Sujeito 2, 2004, F).**

Observando essas ocorrências, é possível perceber uma hibridez entre as categorias de *concomitância temporal* e *concomitância inclusiva*. Em decorrência disso, classificaremos essa nova função como *concomitância temporal/inclusiva*.

Passando-se a outra possibilidade da expressão “ao mesmo tempo (em que)”, verificamos dados que evidenciam uma sutil passagem dessa vertente inclusiva para uma categoria que engloba dois aspectos adversos, mas não chegam exatamente a se contrariar. Verifiquemos as seguintes ocorrências:

- (39) Um conceito bem completo sobre serviços é defendido por Cobra (1992, p 322) da seguinte maneira:
 Serviços são atividades, benefício ou satisfação oferecidos para a venda. Os serviços são intangíveis e **AO MESMO TEMPO** produzidos e consumidos; não são palpáveis, não podem ser cheirados, são perecíveis e não podem ser armazenados. Requerem alto controle de qualidade, credibilidade e adaptabilidade. **(Sujeito 15, 2006, F).**
- (40) O administrador vive na empresa um grande dilema, tem que equacionar a liquidez e **AO MESMO TEMPO** o aumento da

rentabilidade de seus investimentos. **(Sujeito 16, 2006, M).**

(41) Nesse cenário, o administrador financeiro além de todas as suas atribuições financeiras, terá que gerenciar uma gestão financeira que visa assegurar um melhor e mais eficiente processo empresarial entre de captação de recursos e **AO MESMO TEMPO tornar esse processo harmônico com a gestão ambiental**, é o novo desafio do administrador contemporâneo. **(Sujeito 16, 2006, M).**

(42) Segundo Ross, Westerfield e Jordan (2000, p. 436), o objetivo básico na gestão do caixa é manter o investimento em caixa o mais baixo possível, e **AO MESMO TEMPO operar a empresa de forma eficiente e eficaz**. Este objetivo geralmente pode ser resumido pelo lema "Cobre cedo e pague tarde". **(Sujeito 17, 2006, M).**

Tais ocorrências mostram uma mistura entre uma função inclusiva e, ao mesmo tempo, de caráter adversativo, pois se trata de uma relação entre coisas um tanto adversas, embora não sejam tão contrárias assim. Justamente a partir dessa característica “x, mas não tão x assim” – relembrando a caracterização de Heine et al. (1991) –, podemos classificar esses dados como exemplares de uma categoria híbrida de *concomitância inclusiva/adversativa*.

Nesse caso, além da expressão “ao mesmo tempo (em que)”, encontramos no corpus uma ocorrência variante, mas com função similar. Trata-se da utilização da expressão “no mesmo momento em que” para expressar uma relação de concomitância de ações, mas, além de verificarmos que são atividades adversas, expondo o caráter adversativo da expressão, também percebemos que a expressão relaciona ambas como extremamente necessárias naquele mesmo contexto. Como se pode ver no exemplo (43), o

sujeito-autor quer argumentar que as empresas precisam seguir as leis rigorosamente, mas também devem estar atentas ao contexto do seu setor:

- (43) A importância das leis para as organizações apresenta-se no momento em que as mesmas regem os caminhos a serem trilhados, assim como as formas de fazê-lo. No entanto, **NO MESMO MOMENTO EM QUE devem ser seguidas rigorosamente, as empresas devem estar atentas as alterações das leis relevantes para o seu setor.** O aumento do poder do serviço de proteção ao consumidor culmina em exigências maiores quanto disponibilidade e qualidade do produto vendido, fato este que não pode ser desprezado na organização. **(Sujeito 26, 2008, F).**

A partir dessa categoria funcional híbrida, expressa por meio de mais de uma forma linguística, já se pode inferir que exista uma função que indique uma relação adversativa entre aspectos diferentes, como se pode ver nos próximos dados. Essa função foi categorizada como *concomitância adversativa*:

- (44) Para as organizações, os salários são **AO MESMO TEMPO um custo e um investimento.** **(Sujeito 25, 2008, F).**
- (45) Mas a avaliação de desempenho, **AO MESMO TEMPO EM QUE pode motivar os funcionários,** reconhecendo-os em função dos trabalhos realizados, dando feedbacks, oferecendo treinamentos para melhorar a execução do trabalho e se aperfeiçoar, **pode também ser um fator desestimulante** a medida que não é feito de forma confiável. explicado como funciona, esclarecido quais são seus

verdadeiros objetivos, quando não reconhece os funcionários, enfim, quando ela não é utilizada com eficiência e eficácia pode ter um efeito contrário ao desejado. **(Sujeito 13, 2006, F).**

(46) Na sustentabilidade ambiental, a principal preocupação é relativa ao impacto das atividades humanas sobre o meio ambiente. Sustentabilidade ecológica significa ampliar a capacidade do planeta pela utilização do potencial encontrado nos diversos ecossistemas, **AO MESMO TEMPO EM QUE se mantém a sua deterioração em nível mínimo** (Sachs, apud VAN BELLEN, 2005). **(Sujeito 16, 2006, M).**

(47) A globalização é um fenômeno presente na sociedade atual que, **AO MESMO TEMPO EM QUE cria riquezas, acentua na mesma magnitude a pobreza dos excluídos do processo**. O Estado seria supostamente o remediador dessas desigualdades, mas na realidade a sociedade depara-se com a impotência do Poder Público e, até mesmo, seu descomprometimento em atender às demandas sociais. **(Sujeito 8, 2005, F).**

(48) Segundo Pontes (1996, p.101) "a triagem tem como finalidade verificar, em termos gerais, se o candidato possui os requisitos exigidos pelo cargo e se as condições oferecidas pela empresa irão satisfazê-lo". Durante esses processos não devem ser levantados apenas aspectos técnicos dos candidatos, mas também é necessário observar se eles se encaixam à cultura organizacional e se suas necessidades

serão supridas pela empresa. Uma vez que acontece a contratação de um funcionário estabelece-se uma espécie de contrato psicológico entre este e a organização. A empresa cria expectativas quanto ao desempenho do novo funcionário **AO MESMO TEMPO EM QUE** o funcionário espera que suas necessidades sejam atendidas. (Sujeito 8, 2005, F).

Foram encontrados, também, outros tipos de ocorrências semelhantes a esses de *concomitância adversativa*, mas que parecem ter uma carga argumentativa mais forte de oposição entre ideias. A expressão adverbial poderia até mesmo ser substituída pela locução “por outro lado”, uma vez que se trata, de fato, de uma oposição entre duas questões e parece que a questão da “concomitância” não é uma característica tão presente quanto nas outras funções já citadas. Os dados encontrados para essa função foram:

(49) Nesse nicho específico, o *design* da pega ganha extrema importância. É aqui, também que há possibilidade de auferir maiores lucros, mas **AO MESMO TEMPO**, requer um montante de investimento relativamente alto, decorrente dos gastos com participação em feiras internacionais, criação de uma marca própria, contratação de um designer e divulgação. (Sujeito 7, 2005, F).

(50) Johnston e Clark (2002), defendem que as expectativas dos clientes podem ser influenciadas por diversos elementos. Primeiramente os autores mencionam o preço, sendo que quanto mais alto for o preço maior será a expectativa, **AO MESMO TEMPO** o preço muito baixo poderá sugerir que o

serviço seja de má qualidade. As experiências anteriores, a propaganda boca a boca, o humor e a atitude dos clientes também podem afetar as expectativas. **(Sujeito 9, 2005, F)**.

Assim sendo, categorizamos essa função como um exemplar de *relação de oposição*, considerando que não existe uma necessidade de os fatos acontecerem concomitantemente. Na ocorrência (49), por exemplo, ocorre o contrário: o “ao mesmo tempo” indica que a segunda ação (“requer um montante de investimentos relativamente alto”) é uma condição essencial para que a primeira ação (“auferir maiores lucros”) aconteça. Também na ocorrência (50) é possível perceber que não existe mais uma concomitância entre os fatos, mas ambos são possibilidades e, provavelmente, se um ocorrer, excluirá a possibilidade de o outro ocorrer. Essa função é bastante semelhante à de concomitância adversativa, mas a principal diferença é que simplesmente não se estabelece mais uma relação de concomitância. Poderíamos dizer, nesse contexto, que, de acordo com o princípio de Hopper (1991), a categoria de *relação de oposição* sofreria um desbotamento semântico no que se refere à sua característica de concomitância.

Mas, além das funções já citadas, encontramos outras funcionalidades dessa instância de *mesmo* que descreveremos após a observação das ocorrências:

- (51)** Um dos grandes problemas enfrentados pelos profissionais de marketing no Brasil é encontrar um modelo que esteja em conformidade com os padrões nacionais e que seja **AO MESMO TEMPO TÃO** pragmático **QUANTO** o modelo norte-americano. Piza (apud RICHERS, 2000) afirma que os brasileiros estão mais preocupados em copiar ou xingar os americanos do que, efetivamente, procurar entendê-los. **(Sujeito 5, 2004, M)**.

(52) Segundo Tiffin (apud Bergamini e Beraldo, 1988), a escolha exclusiva de um desses dois métodos (de avaliação direta ou absoluta e avaliação relativa ou por comparação) é um tanto parcial e perigosa. Todo instrumento ou ficha de avaliação, na visão do autor, deveria, **AO MESMO TEMPO**, ser composto por questões típicas do primeiro grupo, **BEM COMO** conclusões que se classifiquem dentro do segundo grupo como forma de confirmação dos resultados obtidos na primeira parte. **(Sujeito 13, 2006, F).**

Como se pode perceber, a expressão cristalizada, em união a outros elementos linguísticos (que foram destacados no texto), está estabelecendo uma relação de comparação. Por isso, optamos por redirecionar esses dados para a categoria funcional de *concomitância comparativa*.

Para finalizar, trazemos à vista uma ocorrência que parece ter uma função mais rara que as demais.

(53) O gráfico acima indica que no estágio de introdução, a propaganda e a publicidade têm alta eficácia em termo de custo-benefício, **AO MESMO TEMPO EM QUE** a promoção de vendas auxilia na experimentação e a venda pessoal age na cobertura da distribuição. No estágio de crescimento, considerando que a demanda está em elevação, todas as ferramentas podem ser utilizadas. Na maturidade, a promoção de vendas, a propaganda e a venda pessoal assumem uma maior importância, respectivamente. No estágio de declínio, a promoção de vendas possui um melhor custo-benefício e os investimentos em propaganda e publicidade são reduzidos. **(Sujeito 5, 2004, M).**

Trata-se de uma possibilidade funcional que engloba uma relação de concomitância e proporcionalidade entre as ações, isto é, para ficar mais claro, poderíamos, nesse caso, substituir a expressão “ao mesmo tempo em que” por “ao passo que”, e o sentido parece permanecer o mesmo. Por isso, caberia mais uma categoria funcional: a de *concomitância de proporcionalidade*.

Observando com cuidado cada um dos dados citados, seria possível especificar ainda mais as categorias funcionais que estamos propondo, mas, em vista dessa vastidão de possibilidades, tomamos algumas decisões analíticas. Vale enfatizar, nesse contexto, que essa faceta funcional de *mesmo* (que categorizamos, primariamente, como *concomitância*), é bastante ampla⁹⁸, contemplando vários domínios funcionais.

Com vistas a facilitar o entendimento para o leitor, faremos um resumo dessa especificação das categorias funcionais levantadas a partir da macrocategoria *concomitância*, ressaltando-se que a ordem, nesse momento, será aleatória, mas, quando fizermos nosso diagrama sobre o percurso gramatical de *mesmo*, iremos rearranjá-las de acordo com os *clines* propostos nos estudos de gramaticalização.

As categorias funcionais especificadas com base na categoria primária de *concomitância* foram oito. Atualizando nossa lista, já estamos com 8 microcategorias (as híbridas e as novas de *concomitância*: 2, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13):

1. *Referência atributiva (englobando 1 e 2);*
2. *Referência atributiva/nominal;*
3. *Referência nominal;*
4. *Referência nominal/ nominal encapsuladora;*
5. *Referência nominal encapsuladora;*

⁹⁸ Por conta disso, para não prolongarmos demasiadamente a nossa discussão, julgamos necessário não aprofundar ainda mais a reflexão, mas uma diferença que poderíamos considerar entre as ocorrências (49) e (50) é que a primeira delas indica uma *oposição condicional*, ao passo que a segunda indica uma *oposição exclusiva*.

6. *Concomitância temporal;*
7. *Concomitância temporal/inclusiva;*
8. *Concomitância inclusiva;*
9. *Concomitância inclusiva/adversativa;*
10. *Concomitância adversativa;*
11. *Relação de oposição;*
12. *Concomitância comparativa; e*
13. *Concomitância de proporcionalidade.*

Esse resumo nos dá uma clara visualização sobre as imensas possibilidades funcionais de *mesmo* em uma só expressão cristalizada, mostrando-nos que ainda há muito a se estudar sobre esse item gramatical tão multifacetado.

Com essas 13 funções (3 categorias e 10 microcategorias) já estabelecidas, passemos à macrocategoria de reforço – *reforçador identitário*, *reforçador* e *intensificador (pro)nominal* –, que será examinada, de acordo com as possibilidades de nossos dados.

4.1.2.3 Macrocategoria de reforço

A macrocategoria de *reforço*, caracterizada pelas categorias funcionais primárias de *reforçador identitário*, *reforçador* e *intensificador (pro)nominal*, foi um tanto escassa em nosso corpus, destacando-se apenas a última dessas categorias no que diz respeito ao número de ocorrências. Não encontramos dado algum de *reforçador identitário*, embora saibamos que *mesmo* possa exercer essa função na língua. A categoria de *reforçador*, por sua vez, apresentou um número baixo de ocorrências, mas, mesmo assim, possibilitou uma reflexão sobre suas possíveis microcategorias; enquanto a categoria de *intensificador (pro)nominal*, mais recorrente que as outras duas, não revelou muitas diferenciações entre os usos que nos permitissem verificar muitas microcategorias.

Tratemos, primeiramente, da categoria funcional de *intensificador (pro)nominal*. Com base nas ocorrências a seguir, poderemos tecer algumas considerações.

- (54) A presença de uma dissonância depende da relação de duas cognições, que de acordo com Brown et al. (2002), podem ser entendidas como o conhecimento que a pessoa tem de **SI MESMA**. Um estímulo é capaz de criar dissonância ou ressonância. A teoria da dissonância cognitiva de Festinger afirma que o indivíduo será motivado a reduzir a dissonância. Em suma, a dissonância é um elemento motivador pois o desconforto sentido leva o indivíduo a ação. (**Sujeito 5, 2004, M**).
- (55) Quanto à determinação das mensagens de comunicação voltadas aos alunos, é oportuno uma colocação de Limeira (2003b) ao citar uma teoria psicológica relacionada à imagem do consumidor. Segundo esta teoria, o consumidor irá comprar um produto se a imagem que tem desse produto corresponder à imagem que tem de si mesmo (identidade com a sua auto-imagem), ou deseja ter de **SI MESMO** (imagem aspiracional) ou ainda a que deseja transmitir sobre si mesmo para os outros (auto imagem projetada). (**Sujeito 5, 2004, M**).
- (56) Contudo, na maioria das vezes os distribuidores revendem este produto para clientes finais que possuem PABX, e **ELES MESMOS** fazem a configuração do PABX, sem vínculo com a GlobalNova. Ou então, quando o cliente não utiliza o PABX os distribuidores oferecem urn Plug, aparelho que armazena os dados do UNIVOIP. (**Sujeito 30, 2008, M**).

(57) **Referências** [...] BACON, Mark S. Faça **VOCÊ MESMO** marketing direto: segredo para pequenas empresas. São Paulo: Atlas, 1994. (Sujeito 5, 2004, M).

As ocorrências (54) e (55), nas quais o *mesmo* está intensificando um pronome oblíquo, percebe-se puramente uma intensificação de pronome, isto é, se o item gramatical em questão fosse retirado dos exemplos, o sentido permaneceria quase o mesmo, ao passo que, nas ocorrências (56) e (57) – sobretudo nesta última –, a retirada do vocábulo em questão acarretaria uma mudança maior de sentido, considerando que, nesses casos, *mesmo* poderia ser substituído por “em pessoa”. Assim sendo, parece já haver uma hibridização com a categoria de *reforçador identitário*, possibilitando as seguintes microcategorias (15 e 16):

14. Intensificador (pro)nominal;

15. Intensificador (pro)nominal/ reforçador identitário;
e

16. Reforçador identitário.

Quanto à categoria de *reforçador*, pudemos perceber algumas particularidades interessantes, que podem ser verificadas mediante as seguintes⁹⁹ ocorrências:

(58) Olha, eu sempre critiquei muito a Universidade, por ela se isolar um pouco no campus, eu **DIZIA MESMO**, nós não passamos a ponte ainda, nós estamos aqui na Trindade (bairro). (Sujeito 30, 2008, M).

⁹⁹ Por conta do baixo número de dados dessa categoria, tivemos de repetir algumas ocorrências para podermos aprofundar as reflexões.

- (59) "Estão pra reformar estes apartamentos já faz um tempo. Prometem e não fazem nada. Acho que falta vontade ou vergonha **MESMO**. Tu já entraste nos apartamentos lá do bloco X? Ta louco. Horrível" relata E4. "Já faz um tempo que ouço esta lengalenga de que vai mudar, vai mudar e cadê? Não vejo nada de novo. Só atrasa cada vez mais" completa. **(Sujeito 6, 2004, M)**.
- (60) Assim, uma hipótese então, é **MESMO** a falta de interesse visto que a maioria conheceu os critérios na própria organização e por ir atrás da Legislação pertinente ou então a divulgação não é feita da melhor forma, não sendo clara para aqueles que disseram não os conhecer. **(Sujeito 13, 2006, F)**.
- (61) Já não é nenhuma novidade que o telefone celular serve para aumentar a produtividade e resolver emergências. Mas para que ele se tome uma tecnologia de apoio e não de destruição da imagem deve-se cuidar para que seu uso seja correto. Como relatam Brennan e Block (1994, p. 48) "no começo, quando ainda era raro, impressionava a todos ao tocar inesperadamente. Era **POR ISSO MESMO** levado a reuniões de negócios. Tornou-se um símbolo de status". Hoje a novidade já esmaeceu, de modo que fazer e receber chamadas num telefone celular deve obedecer a certas regras para não perturbar terceiros. **(Sujeito 1, 2004, F)**.
- (62) Na ótica de Rivero (1981 apud VEIGA, 1998, p.25), num paradigma liberal, a atividade pública de fato era nitidamente

diferente, quanto ao seu objeto, das atividades privadas, demandando, **POR ISSO MESMO**, um regime jurídico específico. Assim surgia o direito dos serviços públicos: o Direito Administrativo, onde as questões relativas à competência do juiz administrativo e ao conteúdo da disciplina ficaram elucidadas. **(Sujeito 15, 2006, F)**.

(63) Quanto à natureza das variáveis estudadas, esta pesquisa é classificada como predominantemente quantitativa que, conforme Roesch (1999, p. 122), "[...] enfatiza a utilização de dados padronizados que permitem ao pesquisador elaborar sumários, comparações e generalizações; **POR ISSO MESMO**, a análise de dados é baseada no uso de estatísticas". **(Sujeito 24, 2007, M)**.

Nas três primeiras ocorrências – (58), (59) e (60) – pudemos perceber que o vocábulo *mesmo* está apenas reforçando contextos (verbos e nomes), mas, se o retirássemos dos fragmentos, o sentido das sentenças não se alteraria tanto, pois não há juízos de valor subentendidos em *mesmo*, mas somente um reforço do que está sendo dito. Por isso, poderíamos afirmar que se trata de um reforçador “puro”, *i.e.*, sem hibridizações.

Já nas ocorrências (61), (62) e (63), além de uma regularidade interessante (a saber, a presença da preposição *por* e do pronome *isso* anteposto ao *mesmo*) é possível notar que este *mesmo* é mais incisivo, imprimindo um reforço argumentativo mais forte. Nesses dados, pode-se substituir o vocábulo pelos advérbios *justamente* ou *exatamente*, ainda que, no caso dessa substituição, tenham de vir antecedendo a expressão “por isso”. Sendo assim, poderíamos reclassificar essa função como uma microcategoria de *reforçador argumentativo*.

Além disso, foram notadas outras possibilidades de uso de mesmo como *reforçador argumentativo*, em hibridização com outra categoria. Encontramos um dado bastante ambíguo, mostrando-nos que, possivelmente, esse tipo de *mesmo* tenha dado origem ao *mesmo* de caráter inclusivo.

(64) Mercados eletrônicos não são um modismo. De fato, eles são inevitáveis, e a sua contínua proliferação e evolução será sentida em toda a economia. Eles tocarão **MESMO** aquelas empresas que escolham não participar deles (MALONE, YATES E BENJAMIM, 1989). **(Sujeito 22, 2007, M).**

Nessa ocorrência (64), não se sabe se o vocábulo está incluindo as empresas (e, nesse caso, o *mesmo* poderia ser substituído por “inclusive”), ou se ele está reforçando argumentativamente o verbo “tocarão” (podendo ser trocado por algum advérbio de intensidade, como *realmente*, por exemplo). Isso nos dá indícios de possíveis caminhos de gramaticalização, pois encontramos uma categoria híbrida, de *reforçador argumentativo/inclusão*.

Com isso, conseguimos captar, nessa macrocategoria, as seguintes microcategorias (as quais estão em negrito):

1. *Referência atributiva (englobando 1 e 2);*
2. *Referência atributiva/nominal;*
3. *Referência nominal;*
4. *Referência nominal/ nominal encapsuladora;*
5. *Referência nominal encapsuladora;*
6. *Concomitância temporal;*
7. *Concomitância temporal/inclusiva;*
8. *Concomitância inclusiva;*
9. *Concomitância inclusiva/adversativa;*
10. *Concomitância adversativa;*
11. *Relação de oposição;*
12. *Concomitância comparativa;*

- 13. *Concomitância de proporcionalidade;*
- 14. *Intensificador (pro)nominal;*
- 15. *Intensificador (pro)nominal/ reforçador identitário;*
e
- 16. *Reforçador identitário;*
- 17. *Reforçador;*
- 18. *Reforçador argumentativo; e*
- 19. *Reforçador argumentativo/ inclusão.*

Tendo já verificado um número de doze microcategorias funcionais, (2, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 18 e 19) sendo que a última delas contempla uma possibilidade inclusiva, voltemos nosso olhar à macrocategoria de *inclusão/exclusão*.

4.1.2.4 Macrocategoria de *inclusão/exclusão*

Essa macrocategoria é composta por, pelo menos, três possibilidades: *inclusão*, *alternância* e *exclusão*. Tais funções, na verdade, são interpretadas dessa forma em virtude de seus elementos contíguos, e são exatamente esses elementos que comportam a “passagem” de uma categoria à outra. Observemos que existe uma semelhança entre todas no que se refere ao espaço textual; todas elas operam com a opção de incluir, alternar ou retirar argumentos, isto é, trata-se de uma função espacial abstrata, de organização argumentativa. Nesse sentido, dentre as funções de *mesmo* já levantadas nesta pesquisa, a macrocategoria em questão parece ser a que mais se adéqua ao domínio do espaço, com base no *cline* de Heine et al. (1991).

Expliquemos melhor estabelecendo um parâmetro com o vocábulo *fora*, objeto de estudo de Spaziani (2008), cuja função inicial, no campo do espaço concreto (“Eu dormi *fora* de casa”), passa por um processo de gramaticalização e chega também ao espaço do texto (“*Fora* a minha dor nas costas, está tudo bem”). Não se trata de um espaço físico, concreto, mas de um espaço abstrato, adentrando no nível textual. Nesse mesmo sentido, Silva (2010), ao tratar de juntivos adversativos; e Rocha (2006), na abordagem de conjunções adversativas, mencionam a

possibilidade de um espaço-textual. Essas reflexões nos possibilitarão um melhor encaminhamento sobre o percurso gramatical de *mesmo*, conforme o já mencionado *cline* de Heine et al (1991).

Observando nossas ocorrências, não notamos minúcias de sentido que nos permitissem visualizar categorias híbridas entre as três categorias funcionais primárias supracitadas. Observemos alguns exemplos de cada uma delas.

- (65) O processo de desenvolvimento de pessoas nas organizações passa pelo aperfeiçoamento e melhoria das qualificações pessoais, por meio do treinamento dos empregados, dotando-os, em consequência, de habilidades, competências, e conhecimentos necessários ao seu trabalho e **ATÉ MESMO** a cargos futuros na organização. (Sujeito 18, 2006, M).
- (66) É importante ressaltar que o conceito de correlação refere-se a uma associação numérica entre duas variáveis, não implicando, necessariamente, uma relação de causa-e-efeito, **OU MESMO** numa estrutura com interesses práticos. (Sujeito 16, 2006, M).
- (67) No que diz respeito ao âmbito interno, a organização em estudo, de acordo com a Presidente em exercício, não possui regulamento de pessoal, normatizando a relação de emprego ou amparado nas leis trabalhistas vigentes, e **NEM MESMO** um regimento interno, retratando a estrutura da empresa, relatando as unidades organizacionais, suas subordinações, suas finalidades e suas competências básicas. (Sujeito 8, 2005, F).

A ocorrência (65) é um exemplar de inclusão tradicional, por contar com o *até* em contiguidade, mas encontramos dados dessa mesma função sem a presença do *até*, mostrando que a vertente inclusiva de mesmo já está incutida nesse item gramatical, sem a necessidade de se apoiar em outro para essa função. Quanto à ocorrência (66), percebemos uma vertente inclusiva, mas com uma faceta de *alternância*; e, por fim, no dado (67), é possível notar um exemplar de exclusão, constituindo-se as três categorias funcionais de *inclusão*, *alternância* e *exclusão*. Mas, além dessas ocorrências que não fogem ao que foi previamente levantado, encontramos uma ocorrência um tanto híbrida, indicando-nos mais um fragmento de uma possível rota de gramaticalização.

(68) "...e você aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer **MESMO A** longas distâncias... Aprende que não temos que mudar de amigos se compreendermos que os amigos mudam. Aprende a perceber que seu melhor amigo e você podem fazer qualquer coisa, ou nada, e terem bons momentos juntos. Aprende que ha mais dos seus pais em você do que você supunha. E você aprende que realmente pode suportar, que realmente é forte e que pode ir muito mais longe depois de pensar que não se pode mais. E que realmente a vida tem valor e que você tem valor diante da vida." William Shakespeare. (Sujeito 13, 2006, F).

No caso dessa ocorrência (68), existe uma ambiguidade: não se sabe se a expressão “mesmo a” tem o mesmo sentido de “inclusive” ou de “apesar de”. Assim sendo, fica bastante clara uma mistura entre as categorias de *inclusão* e de *articulação textual de concessividade*. Com isso, podemos inferir que exista

uma categoria híbrida, a qual pode ser nomeada desta forma: *inclusão/ articulação textual de concessividade*.

Retomando para o leitor, ao analisarmos nossos dados, pudemos levantar, até o momento, esta lista de funções (entre categorias primárias e microcategorias – 2, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 19, e 23):

1. *Referência atributiva (englobando 1 e 2);*
2. *Referência atributiva/nominal;*
3. *Referência nominal;*
4. *Referência nominal/ nominal encapsuladora;*
5. *Referência nominal encapsuladora;*
6. *Concomitância temporal;*
7. *Concomitância temporal/inclusiva;*
8. *Concomitância inclusiva;*
9. *Concomitância inclusiva/adversativa;*
10. *Concomitância adversativa;*
11. *Relação de oposição;*
12. *Concomitância comparativa;*
13. *Concomitância de proporcionalidade;*
14. *Intensificador (pro)nominal;*
15. *Intensificador (pro)nominal/ reforçador identitário;*
16. *Reforçador identitário;*
17. *Reforçador;*
18. *Reforçador argumentativo;*
19. *Reforçador argumentativo/ inclusão;*
20. **Inclusão;**
21. **Alternância;**
22. **Exclusão; e**
23. ***Inclusão/ articulação textual de concessividade.***

Considerando-se que exista essa interface entre ambas as categorias (de inclusão e *articulação textual de concessividade*), iremos apresentar, na próxima subseção, a macrocategoria de *articulação textual*, procurando interceptar as possíveis categorias híbridas que possibilitam essa passagem de uma função à outra.

4.1.2.5 *Macrocategoria de articulação textual*

Em nosso *cópus*, encontramos dois tipos de articulação textual: de *concessividade* e de *modo comparativo*. A primeira delas a ser explorada é a de concessividade, em decorrência de sua mistura com a categoria de *inclusão*, citada anteriormente. Assim como a categoria de *operador argumentativo concessivo* (que será tratada na próxima subseção), essa função de articulação textual traz também um traço concessivo, mas a diferença de sentido é um tanto sutil, e pretendemos argumentar que essa função tenha surgido de uma raiz IPSE (assim como a categoria de *inclusão* e seus “derivados”), enquanto a outra (de *operador*) teria surgido de uma raiz IDEM¹⁰⁰, tal como a categoria de *concomitância*.

Uma diferença notável entre as duas categorias funcionais primárias já citadas é que essa categoria é usada em contextos nos quais já se sabe que existe algo contrário ao contexto posterior, isto é, os sujeitos a utilizam naquelas situações em que já se conhece uma questão, mas, não obstante isso, acontece algo contra as expectativas. Para sermos mais claros, analisemos a ocorrência a seguir:

(69)A única ligação encontrada entre os dois métodos foi o desenvolvimento de planos de ação para todos os projetos definidos no documento. MESMO ASSIM, verificaram-se divergências entre os métodos, pois de acordo com Costa (2006) os planos de ação só devem ser desenvolvidos se estiverem atrelados is metas que conduzirão ao alcance da estratégia. **(Sujeito 26, 2006, F).**

¹⁰⁰ Esse assunto será retomado com mais propriedade na próxima seção, em que tratamos de um possível percurso gramatical de *mesmo*.

De acordo com esse fragmento, existiria uma ligação entre dois métodos específicos, mas, apesar dessa ligação (informação velha/ já conhecida), há divergências entre ambos (informação nova/ inesperada). Quando é utilizada a expressão “mesmo assim”, faz-se uma retomada do que havia sido mencionado anteriormente e, ao mesmo tempo, a expressão direciona o interlocutor para a informação que virá na sequência, por isso, faz sentido dizer que se trata de uma função “retroativa-propulsora” – cf. Tavares (1999).

Dentro dessa categoria funcional primária, não encontramos exemplos que nos direcionassem para novas interpretações e para a identificação de categorias híbridas. Dito isso, passaremos à próxima função de articulação textual, mas com uma característica diferente: estabelecer comparações, por meio de uma configuração de “locução adverbial de modo”.

Existem configurações variadas para essa mesma função, isto é, não são expressões cristalizadas que constituem essa categoria, mas nos parece que ela está aberta a novas possibilidades para exercer a mesma função: de comparar elementos de orações, sentenças e parágrafos. Na sequência, vemos três exemplos de diferentes formatos para a mesma função de modo comparativo.

(70) Para elaboração do fluxo de caixa, inicialmente é necessário o levantamento de dados pertinentes a atividade operacional da empresa, os quais podem ser organizados através dos mapas auxiliares. O resumo analítico proporcionado pelos mapas auxiliares evidencia o comportamento das entradas e saídas de recursos ao longo do mês, além de revelar aspectos importantes sobre o comportamento da empresa. [...] **DA MESMA FORMA QUE** o mapa auxiliar de entradas, o quadro a seguir foi elaborado com a intenção de clarificar as principais datas de

desembolsos, definindo, desta forma, a política de pagamentos da empresa.

- (71) A habilidade conceitual 6 a capacidade do gerente considerar a organização, pela qual é responsável, como um relacionamento entre todos os setores que a compõem. KATZ ressalta que "a eficiente coordenação das diversas peças de uma empresa depende não só da habilidade conceitual dos administradores envolvidos, mas **DO MESMO MODO**, disso dependem toda a direção futura e tônica da organização" (s.d., p.20). **(Sujeito 6, 2004, M).**
- (72) Salienta-se que o papel do líder mudou significativamente. Trabalhando como condutores no processo de mudança, os gerentes do Banco do Brasil tiveram de readequar seus procedimentos às novas necessidades da organização. No primeiro momento, para enfrentar as resistências que todo processo de mudança geral provoca e em seguida para recuperar a confiança dos funcionários na empresa e em si próprios. Segundo Mintzberg (2003) mudar, assim como manter o rumo é um processo de aprendizado. **DENTRO DO MESMO PENSAMENTO** Cohen e Hesselbein (1999) afirmam que a característica mais notável dos grandes líderes, certamente líderes da mudança, é a sua busca pelo aprendizado, pois eles revelam uma capacidade enorme de sair da suas zonas de conforto, continuam assumindo riscos e estão abertos a pessoas e a idéias. **(Sujeito 14, 2006, F).**

As possibilidades dessas categorias dentro do percurso gramatical de *mesmo* não serão tratadas nesse momento, mas nos basta saber que, dentro dessa macrocategoria, não foram percebidas microcategorias. Atualizando, nossa lista de categorias e microcategorias (2, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 19 e 23), ficou assim:

1. *Referência atributiva (englobando 1 e 2);*
2. *Referência atributiva/nominal;*
3. *Referência nominal;*
4. *Referência nominal/ nominal encapsuladora;*
5. *Referência nominal encapsuladora;*
6. *Concomitância temporal;*
7. *Concomitância temporal/inclusiva;*
8. *Concomitância inclusiva;*
9. *Concomitância inclusiva/adversativa;*
10. *Concomitância adversativa;*
11. *Relação de oposição;*
12. *Concomitância comparativa;*
13. *Concomitância de proporcionalidade;*
14. *Intensificador (pro)nominal;*
15. *Intensificador (pro)nominal/ reforçador identitário;*
e
16. *Reforçador identitário;*
17. *Reforçador;*
18. *Reforçador argumentativo;*
19. *Reforçador argumentativo/ inclusão;*
20. *Inclusão;*
21. *Alternância;*
22. *Exclusão;*
23. *Inclusão/ articulação textual de concessividade;*
24. *Articulação textual de concessividade; e*
25. *Articulação textual de modo comparativo.*

A partir disso, verificaremos a última de nossas macrocategorias (de *conexão*), que, considerando o *cline* de

Heine et al. (1991), está no mesmo domínio funcional da função de *articulação textual*: o domínio do TEXTO.

4.1.2.6 *Macrocategoria de conexão*

Essa macrocategoria está dividida em duas possibilidades diferentes, uma de *operador argumentativo concessivo* e outra de *explicação*. Pensando-se na nomenclatura da gramática tradicional, ambas estariam enquadradas na classe das conjunções, isto é, no nível textual, chegando-se ao último ponto do *cline* que ancorou esta pesquisa – já que, segundo estudos de gramaticalização, as conjunções são formadas em uma fase mais avançada de gramaticalização.

Iniciando-se pela categoria de *operador argumentativo concessivo*, levamos em consideração alguns estudos da área para fundamentarmos nossa interpretação. Segundo Felício (2008), que trabalha com a concessiva *embora*, existem dois tipos de concessivas: a *condicional* e a *concessiva* propriamente dita.

[...] a concessiva condicional [...] pode ser agrupada junto às concessivas e às condicionais, pois carrega uma implicação ou sugestão de incompatibilidade entre duas situações (característica semântica das concessivas) e implica uma condição parcial entre o primeiro e o segundo membro da sentença. A relação semântica entre as concessivas e as condicionais [...] compreende que na concessiva, o conteúdo expresso na oração principal e na subordinada são verdadeiros, ao contrário da condicional, em que o conteúdo expresso por essa oração é hipotetizado pelo falante. É nesse

intermédio que aparecem as condicionais concessivas, (em inglês, *even if*, em português, mesmo que/ mesmo se) em que o falante ao mesmo tempo que hipotetiza levanta uma objeção. (FELÍCIO, 2008, p. 85).

O que a autora afirma pôde ser verificado em nosso córpus, uma vez que encontramos possibilidades de concessivas condicionais, como podemos observar:

(73) Para comunicação com fornecedores a empresa utiliza o *Skype*, *Msn* e *E-mail*. Todas as negociações devem ser registradas por um desses meios, **MESMO SE** tratadas por telefone. (Sujeito 26, 2008, M).

(74) Agradeço em primeiro lugar a, minha mãe, Elizabete, pela paciência que teve comigo durante toda a caminhada acadêmica e em especial durante a execução deste trabalho. Ao meu pai, Israel, que do jeito dele, **MESMO QUE** muitas vezes um pouco distante, esteve sempre disposto a me dar seu apoio em tudo o que precisei. (Sujeito 23, 2007, M).

Tanto em (73) quanto em (74), encontramos contextos condicionais, embora na primeira ocorrência, isso se evidencie mais. Com isso, é plausível pensar numa microcategoria de *operador argumentativo concessivo condicional*. Mas é preciso ressaltar que existem outras possibilidades para exprimir essa função de concessividade, conforme se pode verificar nos exemplos a seguir:

(75) É preocupante o fato da Central distribuir medicamentos próximos do final do prazo de

validade às ULSs o que dá margem a diversas interpretações, tais como deficiência no controle de estoque, sendo que não se verificou os itens que deveriam ser entregues primeiro para melhor aproveitamento da validade; ou que já foram recebidos dos fornecedores também nessas condições e que, portanto, não deveriam ter sido aceitos; e, principalmente, que a OAF possa ter distribuído tais medicamentos, **MESMO SABENDO** que não poderiam ser dispensados, para não recair em seus resultados a perda de medicamentos por vencimento na posição de armazenagem. **(Sujeito 21, 2007, F).**

(76) Neste contexto, a entrevista semi estruturada foi considerada a mais indicada pelo fato de possibilitar uma certa flexibilidade, possibilitando que informações fossem agregadas **MESMO NÃO ESTANDO** previamente definidas no roteiro de entrevista. Dessa forma, abordou-se questões que não estavam previstas no roteiro surgindo mais informações, sendo que muitas foram também adquiridas pela observação. As entrevistas foram realizadas com a Presidente da Ong, a senhora Helena Edilia Lima Pires, e o funcionário responsável pela área financeira, o senhor Lúcio do Espírito Santo. Essas entrevistas abordaram aspectos gerais da gestão na Ong, envolvendo o ambiente interno e externo. **(Sujeito 8, 2005, F).**

(77) Na mesma linha de pensamento, Costa (2006) afirma que o BSC rompe a lógica de que as empresas devem monitorar e melhorar todos

os processos existentes, **MESMO QUANDO** isso não é estratégico. (**Sujeito 26, 2006, F**)

As ocorrências supracitadas nos mostram um tipo de concessiva que não mais está restrita a uma condição, mas exibe uma certeza. Nesse caso, poderíamos classificar essa microcategoria com um tipo de *operador argumentativo concessivo indicativo*, considerando-se que o contexto comunicativo é de certeza ou de uma possibilidade quase certa.

Passando-se ao outro tipo de conexão textual, que diz respeito ao caráter explicativo, verificamos alguns exemplos, embora escassos.

(78) O autor defende a idéia de que esta percepção crescente sobre o foco no cidadão está atrelada ao fato de o critério de eficiência estar subordinado ao critério democrático, sendo necessário primar pela eficiência preservando, prioritariamente, os valores democráticos. **MESMO PORQUE** a administração pública, utilizando-se destas ferramentas gerenciais do setor privado, não pode deixar que o interesse público, que é o seu objetivo maior, seja suplantado. (**Sujeito 15, 2006, F**).

(79) A crença de que os padrões recorrentes do mercado seguem uma ordem e não são movimentos aleatórios é inerente ao estudo da análise técnica. Outro importante corolário é que os padrões de mercado não são somente manifestações de dados econômicos, mas também representam a emoção e a lógica dos analistas que atuam no mercado. O analista técnico assume que diferentes comportamentos do mercado se repetirão no futuro, **PELO MESMO MOTIVO QUE** os

comportamentos dos analistas se repetirão.
(**Sujeito 22, 2007, M**).

O primeiro desses dados pode ser considerado uma categoria de *explicação de inclusão*, ao passo que o segundo pode ser considerado um tipo de *explicação comparativa*, mas trataremos mais dessas microcategorias ao problematizarmos o percurso gramatical de *mesmo*. Nossa lista, então, ficou organizada, da seguinte maneira:

1. *Referência atributiva (englobando 1 e 2);*
2. *Referência atributiva/nominal;*
3. *Referência nominal;*
4. *Referência nominal/ nominal encapsuladora;*
5. *Referência nominal encapsuladora;*
6. *Concomitância temporal;*
7. *Concomitância temporal/inclusiva;*
8. *Concomitância inclusiva;*
9. *Concomitância inclusiva/adversativa;*
10. *Concomitância adversativa;*
11. *Relação de oposição;*
12. *Concomitância comparativa;*
13. *Concomitância de proporcionalidade;*
14. *Intensificador (pro)nominal;*
15. *Intensificador (pro)nominal/ reforçador identitário;*
e
16. *Reforçador identitário;*
17. *Reforçador;*
18. *Reforçador argumentativo;*
19. *Reforçador argumentativo/ inclusão;*
20. *Inclusão;*
21. *Alternância;*
22. *Exclusão;*
23. *Inclusão/ articulação textual de concessividade;*
24. *Articulação textual de concessividade;*
25. *Articulação textual de modo comparativo;*

- 26. *Operador argumentativo de concessividade condicional;*
- 27. *Operador argumentativo de concessividade indicativa;*
- 28. *Explicação inclusiva; e*
- 29. *Explicação comparativa.*

Os dados nos mostraram 17 possibilidades de microcategorias (2, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 19, 23, 26, 27, 28 e 29), mas é bastante provável que o *mesmo* esconda outras funcionalidades na língua, que poderiam ser mais bem especificadas se fossem estudadas com foco em cada um dos seus domínios funcionais. Por conta dessa vastidão, optamos por trabalhar quantitativamente apenas com as categorias funcionais primárias, o que será abordado nesta próxima seção.

Com base nas reflexões precedentes, verificamos que o *mesmo* pode ser interpretado a partir de 6 macrocategorias, 15 categorias funcionais primárias e 17 microcategorias. Na próxima seção, que contempla nossa segunda questão, relacionada à frequência, procuraremos considerar, em algumas tabelas, os conceitos de *token* e *type*, de acordo com Bybee et al. (1994), Heine et al. (1991) e Bybee (2003).

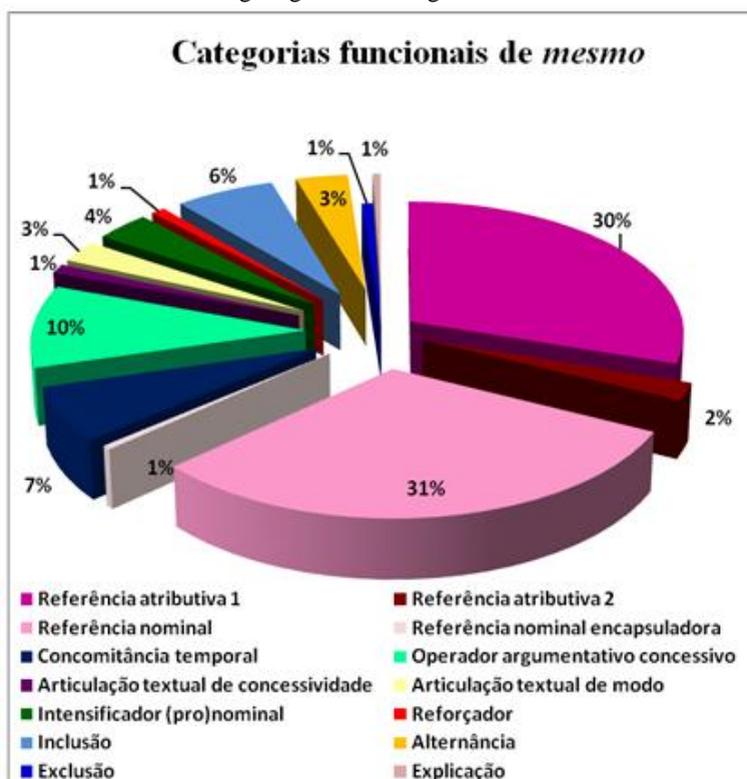
4.2 FREQUÊNCIA DE USO DE *MESMO*

Formado por 30 monografias de Administração (logo, 30 sujeitos-autores), nosso cópuz trouxe 972 dados de *mesmo* nos mais diversos domínios funcionais, um número relativamente alto se considerarmos o número de monografias utilizadas para a coleta de dados, proporcionando um indício de que esse item linguístico está passando por um intenso processo de gramaticalização. Ainda que se trate de um cópuz da língua escrita, impossibilitando a visualização de outras funções (como a

função de *mesmo*? como marcador discursivo), encontramos um leque variado de possibilidades funcionais.

Dentre as categorias levantadas previamente, apenas uma delas (*reforço identitário*) não foi encontrada em nosso corpus e, por isso, não a consideramos em nosso gráfico. O resultado geral do que encontramos pode ser verificado no gráfico a seguir.

Gráfico 3: Porcentagem geral das categorias funcionais de *mesmo*



Nossa expectativa era de que as categorias de *referência nominal*, *referência atributiva 1* e *referência atributiva 2* fossem as mais recorrentes de *mesmo*, enquanto as funções de caráter reforçativo – *intensificador (pro)nominal*, *reforçador identitário*

e *reforçador* – talvez não fossem tão recorrentes em nosso *corpus*, por conta da modalização existente nas situações comunicativas acadêmicas.

Para dar conta da questão/hipótese 2, a análise será basicamente quantitativa, com a utilização do programa GoldVarb, que possibilitará um levantamento específico do número de ocorrências para as categorias funcionais, permitindo-nos verificar a frequência de uso de cada uma delas.

A representação gráfica nos mostra claramente quais foram as duas categorias de *mesmo* de mais frequência: *referência nominal* (31%), *referência atributiva 1* (30%) e *operador argumentativo concessivo* (10%), atestando nossa hipótese de que as categorias anafóricas e conectivas seriam mais representativas em nosso *corpus*. Um ponto interessante a se mencionar é que a categoria funcional mais frequente foi justamente a do “demonstrativo polêmico” (cf. capítulo 1), tão discriminada pelos manuais de gramática – inclusive o de Bagno (2013).

A categoria de *reforçador* (1%), como já se esperava, foi uma das menos frequentes. No entanto, não esperávamos encontrar tão baixa frequência das categorias de *referência nominal encapsuladora*, *articulação textual de concessividade*, *exclusão* e *explicação* – todas elas também com 1% de frequência. A partir desses resultados, verificamos que nossas hipóteses não puderam ser totalmente atestadas, já que uma das categorias de referência levantadas foi pouco frequente, assim como as outras três supracitadas.

A baixa frequência das quatro últimas categorias já mencionadas poderia ser explicada, contudo, pelo fato de elas estarem um pouco mais especificadas que as demais. O que queremos argumentar é: poderíamos ter optado por amalgamar a categoria de *articulação textual de concessividade* com a categoria de *operador argumentativo concessivo* – o que daria 11% de frequência. Do mesmo modo, a categoria de *referência nominal encapsuladora* poderia ter sido amalgamada com a de *referência nominal* – resultando 32%; assim como as de *exclusão* e *explicação*, que poderiam ser unidas à de *inclusão*, por

parecerem um desdobramento de uma vertente inclusiva – totalizando 8%. Com essa reunião de categorias, visualizaríamos, com mais clareza, que a vertente de reforço – *intensificador (pro)nominal, reforçador identitário e reforçador* – é, de fato, muito menos frequente em nosso *cópus* que as demais.

Um dado surpreendente a se ressaltar é a significativa presença da categoria de *concomitância* (7%), que se mostrou recorrente nos textos e terá suas subfunções mais bem especificadas adiante (ao tratarmos de aspectos qualitativos).

Tendo já observado a porcentagem das categorias funcionais em nosso *cópus*, a tabela seguinte nos permitirá observar a frequência *type* e *token* de nossos dados. Os *types* seriam os padrões funcionais, ou seja, as categorias funcionais, e os *tokens*, o número de ocorrências em cada *type*.

Tabela 2: Frequência *token* e *type* de *mesmo*

CATEGORIA FUNCIONAL	TOTAL
<i>Referência Nominal</i>	301
<i>Referência Atributiva 1</i>	293
<i>Operador argumentativo concessivo</i>	98
<i>Concomitância</i>	65
<i>Inclusão</i>	63
<i>Intensificador (pro)nominal</i>	35
<i>Alternância</i>	33
<i>Articulação textual de modo comparativo</i>	26
<i>Referência Atributiva 2</i>	21
<i>Articulação textual de concessividade</i>	11
<i>Reforçador</i>	9
<i>Exclusão</i>	7
<i>Explicação</i>	5
<i>Referência nominal encapsuladora</i>	5
<i>Reforço identitário</i>	0
	972

O número de ocorrências associadas às categorias de *referência nominal* e *referência atributiva 1* se destaca em relação às demais, evidenciando que, pelo menos, os sujeitos autores que compuseram nosso *cópus* utilizam essas funções de *mesmo* de forma recorrente na escrita acadêmica. As categorias de *referência nominal encapsuladora* e *referência atributiva 2* foram menos recorrentes, mas isso provavelmente se deu pelo fato de serem mais específicas que as demais.

Sobre a categoria de *operador argumentativo concessivo*, podemos perceber que apareceu no *cópus* de forma significativa, mas as suas configurações (os modos como se apresentou) foram bastante diversificadas(os), como já detalhamos em seção precedente.

A categoria de *concomitância* também foi um ponto de destaque em nosso *cópus*, revelando peculiaridades funcionais e de sentido, conforme o contexto e sua configuração em cada ocorrência. Do mesmo modo, a categoria de *inclusão* foi bastante utilizada pelos sujeitos-autores como um recurso argumentativo para ratificação de um tema específico, como se pode verificar na ocorrência abaixo:

(80) Bom, a óbvia é falta de recursos. Então essa limitação, que é contrária a própria Constituição, que diz que a Universidade é autônoma_ A LDB dá essa autonomia, só que na hora do exercício nos temos limitações, menos acadêmicas, pois a acadêmica é menor, mas administrativa, orçamentária e financeira é grande. E a outra e da própria Universidade, que também temos limitadores, **ATÉ MESMO** por questões ideológicas, de concepções entre o público e o privado Muitas pessoas não aceitam a relação com o setor privado, mas As vezes individualmente faz, e temos esses conflitos. As decisões muitas vezes são lentas, quer dizer, o essencial não é

discutido, mas discutimos o secundário.
(**Sujeito 30, 2008, M**).

Quanto à função de *intensificador (pro)nominal*, o número de ocorrências não foi tão alto (35 ocorrências), mas, ainda assim, um número maior do que esperávamos encontrar. Por conta de estar relacionada a uma questão de pessoalidade e intensificação no discurso, acreditávamos que encontraríamos pouquíssimas ocorrências dessa função, pelo fato de o discurso acadêmico ter uma característica modalizadora que caminha na direção contrária da intensificação. Mas uma explicação para esse número de ocorrências é que a maioria delas aparecia dentro de citações, e um dos autores, por conta do tema de sua monografia estar relacionado à autoimagem, utilizou essa categoria de forma bem frequente.

De acordo com as ocorrências a seguir, escolhidas aleatoriamente, podemos perceber que essa função de *mesmo* aparece, na maioria das vezes, em citações de autores que falam sobre relacionamento interpessoal e autoimagem dentro do local de trabalho.

(81) Como disse Ledo (1992, p. 119) "a verdadeira cortesia é pensar no outro antes de pensar em **SI MESMO**". A cortesia atrai cortesia. Se, se estende a mão com um sorriso, o outro também estende a sua e retribui. As pessoas se imitam. Quem trata mal ao colega de trabalho, geralmente receberá tratamento igual. (**Sujeito 1, 2004, F**).

(82) O estilo paternalista é uma mescla dos estilos 1.9 e 9.1. Vive em função da adulação de sua imagem por parte dos subordinados. O grupo de trabalho caracteriza-se pela falta de criatividade e iniciativa de resolver os problemas por **ELES MESMOS** (BLAKE e MOUTON, 1995). (**Sujeito 6, 2004, M**).

- (83) Conforme Goleman (1998) inteligência emocional diz respeito à capacidade de identificar os próprios sentimentos e os dos outros, de motivar a **NÓS MESMOS** e de gerenciar bem as emoções internas e nos relacionamentos. (**Sujeito 11, 2005, M**).

Direcionando o olhar novamente às demais categorias, percebemos que a função de *alternância*, sendo originada de uma vertente inclusiva, também exibiu um número razoável de ocorrências (33). Já a categoria de *exclusão*, cuja origem também é inclusiva, teve um baixo número de ocorrências (7). Observemos alguns dados dessas duas categorias (a de *alternância* terá sempre o conectivo *ou* contíguo, e a de *exclusão*, um elemento negativo).

- (84) Essa breve rememoração, procurou assentar os conceitos mais utilizados de classificação para as MPE's até o presente momento na literatura. Como pode-se perceber a tarefa para determinar o tamanho (porte) de uma empresa é muito subjetiva, via de regra cada pesquisador, autor **OU MESMO** instituição possui seu próprio modelo. (**Sujeito 12, 2005, M**).

- (85) No entanto, essas medidas são genéricas e não indicavam como a empresa poderia alcançar o desempenho esperado nesses itens, **NEM MESMO**, qual era a meta para cada um deles, uma vez que a perspectiva financeira não foi contemplada neste planejamento. (**Sujeito 26, 2008, F**).

- (86) A gestão no Terceiro Setor, segundo Serva (1997), depara-se com um grande desafio que

parece ser a relação entre racionalidade instrumental e substantiva. Atreladas a organismos financiadores de suas atividades, as Ong's, muitas vezes necessitam lidar com lógicas de eficácia econômico-financeira para avaliação de suas atividades, ao passo que seus modelos gerenciais são guiados no cotidiano por critérios mais substantivos, ligados à promoção social de suas ações. No GAPA/SC esse desafio evidencia-se principalmente no aspecto da captação de recursos, uma vez que este processo **NEM MESMO** se encontra profissionalizado consistindo em uma dificuldade segundo a Presidente da Ong. (**Sujeito 8, 2005, F**).

As ocorrências expostas mostram que, além de alternar ou excluir uma possibilidade, a função dessas duas categorias é próxima à função de reforço, pois são utilizadas para expressar uma intensificação argumentativa. Os sujeitos as utilizam com o intuito de dar um peso argumentativo a seu texto.

Passando-se à categoria de *articulação textual de modo*, foram encontradas 26 ocorrências, um número abaixo do que esperávamos, considerando que essa função de *mesmo* é bastante utilizada como um meio de conexão entre parágrafos, estabelecendo uma espécie de comparação entre assuntos. Os elementos linguísticos que constituem essa função são um pouco variados, mas todos contêm o item gramatical *mesmo* inserido entre uma preposição (mais artigo) e o nome que é qualificado por esse item linguístico. Observemos alguns dados de ocorrências desse tipo:

(87) A análise dos documentos segundo Vergara (1990, p.30), "proporciona ao pesquisador dados suficientemente ricos para evitar a perda de tempo com levantamentos de campo". Foram feitas análises em revistas e

sites, **DO MESMO MODO**, pesquisou-se informações no banco de dados da organização, onde pode-se encontrar informações a respeito do histórico financeiro da empresa. (Sujeito 17, 2006, M).

(88) Essa abordagem inicia-se na situação econômica das nações que impõe restrições à evolução dos orçamentos hospitalares. **DA MESMA FORMA**, a forte pressão e reivindicações sociais obrigam o hospital a evoluir em sua qualidade. (Sujeito 19, 2007, F).

(89) Segundo Senge (1990, p.165) "O problema dos modelos mentais não está no fato de eles serem certos ou errados [...] O problema surge quando eles são tácitos — quando estão abaixo de nosso nível de consciente". Muitas vezes as pessoas não tomam conhecimento dos Modelos Mentais que carregam. Conseqüentemente, não modificam estes modelos e continuam a agir **DA MESMA MANEIRA**. (Sujeito 23, 2007, M).

Essas ocorrências mostram algumas das possibilidades da função de *articulação textual de modo*, mas existem outras configurações (com o vocábulo *mesmo*) que têm funcionalidade similar. Dentro dessa categoria, existem algumas peculiaridades de sentido, que já foram tratadas na seção precedente.

A respeito da categoria funcional de *articulação textual de concessividade*, encontramos também um número não tão alto de ocorrências (11), mas é preciso lembrar que a função de *operador argumentativo concessivo* é muito semelhante a essa, o que diferencia as duas é o escopo e a maior maleabilidade da categoria de articulação – como já foi explicado.

Apesar de não termos encontrado em nosso *cópus* dados em que o vocábulo “assim” estivesse posposto a *mesmo*, sabemos que é possível encontrar ocorrências nessa configuração sem que haja uma mudança de sentido muito significativa. É possível observar que essa expressão de concessividade pode ser substituída pela expressão “apesar disso” e se refere a um bloco maior de texto do que a categoria de *operador argumentativo concessivo*.

(90) b) Mercado de câmbio: cuida da relação justa entre as moedas dos países. Muitos países adotaram o dólar para comparar com a sua moeda. Assim, quando um negócio é feito entre dois países, primeiro eles comparam os valores de suas moedas com o dólar para facilitar a transação. No Brasil, quem pode ter conta em dólares são só o Banco Central e alguns bancos autorizados, e **MESMO ASSIM** os dólares não podem ficar de um dia para outro na conta. (Sujeito 22, 2007, M).

(91) Quanto ao projeto treinamento de vendas e atendimento, o resultado não atingiu as expectativas almejadas. O treinamento foi efetuado com todos os colaboradores da empresa e normas de atendimento foram estabelecidas com o intuito de padronizar e elevar o padrão do atendimento aos clientes e a qualquer *pessoa que se reportasse à Alpha*. Contudo, este projeto incidia em certa mudança de cultura na empresa, e *esse* fator foi alvo de resistências por parte dos funcionários. **MESMO ASSIM**, muitos aderiram às novas regras. (Sujeito 26, 2008, F).

No que se refere à categoria de *reforçador*, como já havíamos previsto em nossas hipóteses, encontramos poucas ocorrências e, dentre elas, a maioria foi encontrada em transcrições de fala. Observemos alguns dados:

(92) Vontade política, a gente tem que ter vontade **MESMO**, enfrentando a situação, assumir, assumir, ter a clareza de que tudo que der errado vai ser culpa sua, e se der certo nem sempre é culpa sua. Mas eu acho que tem que ter determinação política, um grupo agregado em volta forte, e ter poder de convencimento. **(Sujeito 30, 2008, M).**

(93) "Estão pra reformar estes apartamentos já faz um tempo. Prometem e não fazem nada. Acho que falta vontade ou vergonha **MESMO**. Tu já entraste nos apartamentos lá do bloco X? Ta louco. Horrível" relata E4. "Já faz um tempo que ouço esta lengalenga de que vai mudar, vai mudar e cadê? Não vejo nada de novo. Só atrasa cada vez mais" completa. **(Sujeito 6, 2004, M).**

(94) Os condutores da singularidade, segundo Porter (1989) variam para cada atividade e indústria. Eles interagem para determinar até que ponto uma atividade é **MESMO** singular. Uma empresa deve examinar cada uma de suas áreas de singularidade para ver que condutor ou condutores a fundamentam. Isto será crítico sugerir novas fontes de diferenciação e sustentá-las. **(Sujeito 11, 2005, M).**

As ocorrências (92) e (93) são transcrições de fala de outros indivíduos que foram entrevistados pelos sujeitos-autores,

evidenciando que a função de *reforço* de *mesmo* parece ser pouco utilizada no discurso acadêmico, embora possa ser usada de forma recorrente em gêneros textuais menos formais e do nível da oralidade. A ocorrência (94) é um exemplar de função de *reforço* usada, de fato, no discurso acadêmico, mas a diferença reside no fato de o contexto da frase por si só já despertar dúvida, ou seja, o sujeito-autor utiliza a expressão num contexto em que há um questionamento justamente sobre a certeza de se considerar uma atividade singular. Com isso, é possível notar que, apesar de a categoria de *reforço* estar sendo utilizada, ela aparece num contexto de questionamento, característica bastante peculiar ao discurso acadêmico.

No concernente à categoria de *explicação*, foram encontradas penas 5 ocorrências, configuradas com apenas duas formas. Essa função de *mesmo* parece ser um pouco híbrida com a categoria de *inclusão*, mas julgamos necessário separá-la, porque tem um sentido e uma funcionalidade textual muito forte, que não poderia ser desconsiderada. Os dois dados a seguir mostram que o *mesmo* tem a função de inserir um elemento explicativo, ao mesmo tempo em que fortifica a argumentação.

- (95) As centrais de atendimento de serviços públicos existentes no Brasil, em sua maioria, são de esfera estadual e visam à integração de serviços, tanto da sua esfera como da federal e municipal, facilitando, desta forma, para o cidadão que encontra em um único espaço os mais diversos órgãos e serviços. Consistem em uma concepção de um "shopping de serviços", onde vários órgãos públicos instalam-se em um mesmo espaço físico, proporcionando melhor qualidade na prestação dos serviços públicos, economia de tempo e custos, além de conforto no atendimento. O Pró-Cidadão é norteado por estes mesmos objetivos, mas sua amplitude limita-se ao atendimento municipal, **MESMO**

PORQUE já existe o Projeto SACI que é de esfera estadual com suas unidades na cidade de Florianópolis, já citadas anteriormente. **(Sujeito 15, 2006, F).**

- (96) A crença de que os padrões recorrentes do mercado seguem uma ordem e não são movimentos aleatórios é inerente ao estudo da análise técnica. Outro importante corolário é que os padrões de mercado não são somente manifestações de dados econômicos, mas também representam a emoção e a lógica dos analistas que atuam no mercado. O analista técnico assume que diferentes comportamentos do mercado se repetirão no futuro, **PELO MESMO MOTIVO QUE** os comportamentos dos analistas se repetirão. **(Sujeito 22, 2007, F).**

Essas informações sobre a frequência das funções de *mesmo* nos permitiram atestar boa parte de nossas hipóteses, evidenciando a modalização do discurso acadêmico e a preferência de uso pelas variedades de referência anafórica de *mesmo*, bem como pelas categorias pertencentes à classe gramatical das conjunções. Por outro lado, as funções reforçativas, como já prevíamos, revelarem-se pouco usuais na escrita acadêmica dos sujeitos-autores considerados nesta pesquisa.

O próximo passo é verificar os contextos linguísticos e extralinguísticos, procurando perceber em que medida eles influenciam em certos usos do item gramatical em questão, o que contemplará o terceiro questionamento ao qual nos propusemos responder.

4.3 CONTEXTOS LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS

Como já havíamos mencionado, os contextos linguísticos foram previamente levantados e utilizados como “filtro” para a categorização de nossos dados. Trataremos, primeiramente, dos contextos extralinguísticos, os quais, de fato, poderiam indicar algum padrão ou diferenciação de uso, apesar de termos hipotetizado que não seriam tão relevantes no que se refere aos tipos funcionais de *mesmo*, pois, como já havia mostrado Amorim (2009), o ‘sexo/gênero’, por exemplo, não parece ser um grupo de fatores relevante para as escolhas de uso do item gramatical em questão.

O contexto extralinguístico ‘ano de publicação’ da obra também não nos parecia muito relevante na utilização do vocábulo, considerando que se trata de um recorte temporal muito restrito. O que nos pareceu mais importante, nesse aspecto, foi o fator ‘sujeito-autor’, pois cada um dos indivíduos poderia nos mostrar padrões de uso e particularidades estilísticas.

Iniciando-se pela variável ‘sexo/gênero’, o programa estatístico mostrou o seguinte resultado, que trouxe um dado interessante no que se refere à categoria funcional mais frequente em nosso *cópus*.

Tabela 3: Frequência de *mesmo* de acordo com o sexo/gênero do sujeito-autor

CATEGORIA FUNCIONAL		Fem.	Masc.	Total
<i>Referência Nominal</i>	N	202	99	301
	%	67%	32%	
<i>Referência Atributiva 1</i>	N	155	138	293
	%	52%	47%	
<i>Operador argumentativo concessivo</i>	N	44	54	98
	%	44%	55%	
<i>Concomitância</i>	N	32	33	65
	%	49%	50%	
<i>Inclusão</i>	N	33	30	63
	%	52%	47%	
<i>Intensificador pronominal</i>	N	24	11	35
	%	68%	31%	
<i>Alternância</i>	N	15	18	33
	%	45%	54%	
<i>Articulação textual de modo comparativo</i>	N	10	16	26
	%	38%	61%	
<i>Referência Atributiva 2</i>	N	14	7	21
	%	66%	33%	
<i>Articulação textual de concessividade</i>	N	5	6	11
	%	45%	54%	
<i>Reforçador</i>	N	3	6	9
	%	33%	66%	
<i>Exclusão</i>	N	5	2	7
	%	71%	28%	
<i>Explicação</i>	N	4	1	5
	%	80%	20%	
<i>Referência nominal encapsuladora</i>	N	3	2	5
	%	60%	40%	
TOTAL	N	549	423	972
	%	56%	43%	

Em termos gerais, percebe-se que as mulheres fazem mais uso do item *mesmo* (56%) do que os homens (43%). A primeira categoria a se destacar é a de *referência nominal* (o famoso “demonstrativo polêmico”). As mulheres utilizaram esse tipo de *mesmo* praticamente duas vezes mais que os homens (67% vs. 32%), o que evidencia uma preferência feminina pelo uso desse recurso anafórico pouco aceito por alguns manuais de gramática. De fato, do total de 549 *mesmos* produzidos pelas

mulheres, 202 (37%) são de *referência nominal*, enquanto os homens produziram 99 dados desse tipo num total de 423 (23%).

Nesse contexto, vale ressaltar que há pesquisas sociolinguísticas que mostram, de um modo geral, a preferência das mulheres pelas formas mais padrão e não estigmatizadas da língua, ou por elementos mais formais e, como essa categoria – embora não seja legitimada por algumas obras de gramática – é bastante utilizada em meios formais (como atestam os dados desta pesquisa), é possível que as mulheres tenham lançado mão desse recurso por julgarem-no adequado e formal o suficiente para o discurso acadêmico.

Retomando o manual de gramática de Bagno (2013), mencionado no primeiro capítulo desta dissertação, verificamos que o sociolinguista considera esse uso de *mesmo* como um tipo de hipercorreção, isto é, quando os sujeitos querem falar ou escrever de modo tão “correto” (de acordo com a gramática tradicional) que acabam indo além do que já é estabelecido pelos manuais de gramática. Nesse caso, conforme esse ponto de vista, as mulheres estariam se hipercorrigindo mais que os homens no que tange ao uso de *mesmo*. Com isso, podemos concluir que pode existir uma diferenciação entre homens e mulheres no que se refere ao uso de *mesmo* como um recurso neutro de retomada anafórica (categoria de *referência nominal*), mas isso precisaria ser verificado por meio de uma ampliação de cópulas e também mediante outras pesquisas linguísticas que tratem do assunto.

Há, também, uma acentuada diferença de uso no que concerne às categorias de *intensificador (pro)nominal* (66% vs. 33%) e de *referência atributiva 2* (68% vs. 31%), já que as mulheres utilizaram mais essa função que os homens. O mesmo aconteceu com as categorias de exclusão (71% vs. 28%) e explicação (80% vs. 20%), a despeito da escassez de dados nessas funções. Por outro lado, os homens parecem estar na dianteira em relação ao uso de *mesmo* nas funções de *operador argumentativo concessivo* (44% vs. 55%), *alternância, articulação textual de modo comparativo* (38% vs. 61%) e *articulação textual de concessividade* (45% vs. 54%).

Já no que se refere ao fator extralinguístico ‘sujeito-autor’, tivemos algumas diferenças significativas. Antes de refletirmos sobre esse ponto, observemos a frequência de cada categoria funcional em relação a cada um dos ‘sujeitos-autores’ considerados.

Tabela 4: Número de ocorrências de *mesmo* conforme o fator ‘sujeito-autor’

SUJEITO-AUTOR	SEXO/GÊNERO	Número de ocorrências
Sujeito 1	F	21
Sujeito 2	F	26
Sujeito 3	F	13
Sujeito 4	M	12
Sujeito 5	M	54
Sujeito 6	M	33
Sujeito 7	F	45
Sujeito 8	F	69
Sujeito 9	F	21
Sujeito 10	M	33
Sujeito 11	M	38
Sujeito 12	M	26
Sujeito 13	F	54
Sujeito 14	F	38
Sujeito 15	F	37
Sujeito 16	M	47
Sujeito 17	M	18
Sujeito 18	M	9
Sujeito 19	F	15
Sujeito 20	F	20
Sujeito 21	F	26
Sujeito 22	M	18
Sujeito 23	M	17
Sujeito 24	M	31
Sujeito 25	F	14
Sujeito 26	F	83
Sujeito 27	F	67
Sujeito 28	M	24
Sujeito 29	M	27
Sujeito 30	M	35
TOTAL		972

Para facilitar a visualização, os sombreamentos estão nas linhas correspondentes aos sujeitos que usaram o vocábulo com mais frequência (acima de 40 ocorrências). Como se pode observar, as mulheres têm maior preferência pela utilização de *mesmo*, mas os sujeitos 5 e 16 (do sexo masculino) também se mostraram recorrentemente adeptos do uso desse item gramatical em suas monografias. Já os sujeitos 18, 4, 3 e 25 (os dois primeiros do sexo masculino, e os dois últimos-do sexo feminino) utilizaram esse item gramatical de forma bem menos frequente, numa média de 12 ocorrências por autor. Os demais se situaram numa média de 30 ocorrências.

Ainda com o intuito de descobrir mais detalhes e quais foram as categorias funcionais de *mesmo* mais utilizadas por cada um desses sujeitos que tiveram seus textos analisados, fizemos

um cruzamento entre as funções/categorias funcionais e os sujeitos-autores. Com isso, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 5: Cruzamento entre ‘sujeito-autor’ e categoria funcional

SUJEITO	CATEGÓRIAS FUNCIONAIS														TOTAL	
	Sexo	A	C	N	T	U	I	R	S	P	O	E	Ç	X		V
Sujeito 1.	F	9	1	2	1	3	2	1	1	1						21
Sujeito 2.	F	11	1	3		3			7	1						26
Sujeito 3.	F	8	1	1	1					1	1					13
Sujeito 4.	M	4		1		1			2	2	2					12
Sujeito 5.	M	15	10	1		7	5	7	3	1	2	1	2			54
Sujeito 6.	M	15		1	1	1	1	11	1	1	1					33
Sujeito 7.	F	11	2	25		3			1	1	1	1	1			45
Sujeito 8.	F	15	6	34		8	1	2				1	2			69
Sujeito 9.	F	8	2	5		1		0				5				21
Sujeito 10	M	20	2		1	4	1	3		1					1	33
Sujeito 11	M	7	1	17		3	1	1	7	1						38
Sujeito 12	M	3		16		2			1	4						26
Sujeito 13	F	12	3	18	1	5	4	1	3	5	1				1	54
Sujeito 14	F	11	1	9		2	10		4	1	1					38
Sujeito 15	F	16	3	7				1	4	2	4					37
Sujeito 16	M	8	8	23		5		2		1						47
Sujeito 17	M	5	2	5	1	1		2		1	1	1				18
Sujeito 18	M	3		3		2					1					9
Sujeito 19	F	3	2	5			1	2		1		1				15
Sujeito 20	F	10	3	3	2			1							1	20
Sujeito 21	F	7	2	8	3	1	2	3								26
Sujeito 22	M	11	1			1		1	1	1					2	18
Sujeito 23	M	7		7					1	2						17
Sujeito 24	M	13		5	1	1	2	1	5	1	2					31
Sujeito 25	F	5	2			2	2	1		1	1	1				14
Sujeito 26	F	7	1	54	3	3	1	9					1	4		83
Sujeito 27	F	22	2	28	3	2	1	8		1						67
Sujeito 28	M	10	1	5	1		0	6				1				24
Sujeito 29	M	9		10	2		0	2				4				27
Sujeito 30	M	7	8	5		2	1	2				3		2		35
TOTAL		293	65	301	21	63	35	9	98	5	33	5	26	7	11	972

LEGENDA

Referência atributiva 1. A
 Concomitância: C
 Referência nominal: N
 Referência atributiva 2. T
 Inclusão: U
 Intensificador pronominal: I
 Reforçador: R

Explicação: P
 Alternância: O
 Referência nominal encapsuladora: E
 Articulação textual de modo: Ç
 Exclusão: X
 Articulação textual de concessividade: V
 Operador argumentativo concessivo: S

Por meio dessa tabela¹⁰¹, na qual está especificado o número de ocorrências de cada categoria funcional em relação aos sujeitos-autores, é possível destacar alguns aspectos mais relevantes. O sujeito-autor 26 (sexo feminino), por exemplo, apresentou um número de 54 ocorrências para a categoria de *referência nominal*, o que influenciou no alto número de ocorrências dessa função de *mesmo* conforme o fator sexo/gênero. Por outro lado, os sujeitos 1, 2 e 3, também do sexo feminino, apresentaram um número de ocorrências baixíssimo no que se refere à *referência nominal*.

Observando melhor, então, os padrões de uso femininos, pudemos observar que basicamente 4 mulheres (sujeitos 7, 8, 26 e 27 – cujos números relativos às funções estão em negrito na tabela) utilizaram essa categoria com bastante frequência, o que fez com que aumentasse a média feminina geral de uso dessa categoria. A implicação disso é que não podemos mais afirmar que as mulheres usam essa função com mais frequência que os homens. Podemos asseverar, no entanto, que, em nosso corpus, 4 das 15 mulheres, cujos textos serviram de base para coleta de dados, apresentaram uma alta frequência de uso da categoria de *referência nominal*. Já as demais categorias apresentaram-se bem distribuídas entre homens e mulheres, não havendo grandes diferenciações a serem exploradas.

No concernente ao sujeito 18 (sexo masculino), que apresenta o menor número de ocorrências de *mesmo* em sua monografia, foi possível perceber a utilização de apenas quatro categorias: *referência nominal*, *referência atributiva 1*, *inclusão* e *explicação*, mostrando que, além da pouca frequência geral, o mesmo sujeito também não apresentou muitas categorias funcionais em seu texto, utilizando-se apenas das categorias de caráter referencial, inclusivo e conectivo.

Já o sujeito 13 (sexo feminino) mostrou-se bastante eclético no uso de *mesmo*, apresentando, em seu texto, 11 das 15 categorias funcionais levantadas. Nenhum dos sujeitos, porém,

¹⁰¹ As células vazias significam que o sujeito não utilizou nenhuma vez aquela categoria funcional.

utilizou todas as funções de *mesmo* aventadas nesta pesquisa. Com base nisso, podemos inferir que, se utilizássemos um *cópus* mais amplo, provavelmente teríamos encontrado um número bem maior de funções desse item linguístico.

Passando-se ao fator ‘ano de publicação da obra’, que contempla os anos de 2004 a 2008, foi obtido o resultado a seguir:

Tabela 5: Ocorrências e porcentagem conforme ‘ano de publicação da obra’

ANO DE PUBLICAÇÃO DA OBRA	N	F	M	Total
	%			
2004	N	60	99	159/16%
	%	37%	62%	
2005	N	135	97	232 / 23%
	%	58%	41%	
2006	N	129	75	204/ 20%
	%	63%	36%	
2007	N	61	66	127/ 13%
	%	48%	51%	
2008	N	164	86	250/ 25%
	%	65%	34%	
TOTAL	N	549	423	972
	%	56%	43%	

Em relação a esse fator extralinguístico, a expectativa seria de que, a cada ano, o número de ocorrências fosse aumentando, de forma progressiva, mas, observando ano por ano, não foi o que verificamos. De fato, houve um acréscimo de usos de *mesmo* de 2004 (16%) para 2005/2006 (23%/20%), porém ocorreu uma queda significativa em 2007 (13%), e uma nova subida em 2008 (25%).

A partir dessas informações gerais, não há como afirmar que o item linguístico *mesmo* tenha sua frequência aumentada progressivamente, mas existem alguns aspectos que precisam ser considerados. O primeiro deles foi o modo como se deu a seleção de nosso *cópus*. Elegemos as três primeiras monografias cujo autor era do sexo feminino e assim também foi feito com os

textos de autores do sexo masculino, de cada ano que estava disponível para consulta. Isso resultou em um número de apenas 30 monografias, mas, para cada ano, havia em média 20 ou mais textos acadêmicos. Ademais, outro aspecto a se considerar é que não estamos levando em conta o aspecto diacrônico, e o recorte temporal é bastante restrito, impedindo-nos de traçar um panorama confiável sobre o uso desse item linguístico ao longo dos anos.

Para tentar decifrar alguns pormenores relativos ao ano de publicação dos textos e as categorias funcionais, procurando observar quais foram as funções de *mesmo* que realmente tiveram seu número de ocorrências aumentado, fizemos um cruzamento entre as funções e o ‘ano de publicação da obra’.

Tabela 6: Cruzamento entre ‘ano de publicação da obra’ e categorias funcionais

ANO	CATEGORIAS FUNCIONAIS														TOTAL	
	Sexo	A.	C	N	T	U	I	R	S	P	O	E	Ç	X		V
2004	F	28	3	6	2	6	2	1	8	2	1	1				60
	M	34	10	3	1	9	6	1	20		6	1	5	1	2	99
	Total	62	13	9	3	15	8	2	28	2	7	2	5	1	2	159
2005	F	34	10	64		12	1		3		1		7	3		195
	M	30	3	33	1	9	2	1	11		6			1		97
	Total	64	13	97	1	21	3	1	14		7		7	4		232
2006	F	39	7	16	1	7	14	2	9	2	10	2	1		1	129
	M	17	10	12	1	8			4		2	1	1			75
	Total	56	17	28	2	15	14	2	13	2	12	3	2		1	204
2007	F	20	7	16	5	1	3		6		1		1	1		61
	M	31	1	12	1	2	2	2	6	1	4		2		2	66
	Total	51	8	28	6	3	5	2	12	1	5		3	1	2	127
2008	F	34	5	82	6	7	4		18		2		1	1	4	164
	M	26	9	20	3	2	1	2	13				8		2	86
	Total	60	14	102	9	9	5	2	31		2		9	1	6	250
TOTAL	F	155	32	202	14	33	24	3	44	4	15	3	10	5	5	549
	M	138	33	99	7	30	11	6	54	1	18	2	16	2	6	423
	Total	293	65	301	21	63	35	9	98	5	33	5	26	7	11	972

LEGENDA

Referência atributiva 1: A

Referência atributiva 2: T

Referência nominal: N

Referência nominal encapsuladora: E

Concomitância: C

Operador argumentativo concessivo: S

Articulação textual de concessividade: V

Articulação textual de modo: Ç

Intensificador pronominal: I

Reforçador: R

Inclusão: U

Alternância: O

Exclusão: X

Explicação: P

Observando essa tabela, verificamos que, no ano de 2006, o número de ocorrências conforme o sexo masculino baixou em relação aos dois anos anteriores e, no ano de 2007, houve, de acordo com o sexo feminino, um número de ocorrências bastante baixo se considerarmos a frequência dos anos anteriores. Além disso, apenas nos anos de 2004 e 2007, as mulheres usaram menos o vocábulo *mesmo* do que os homens. Esse resultado incomum – uma vez que, na maioria das vezes, as mulheres apresentaram um número de ocorrências superior ao dos homens – acarretou a diminuição de frequência nos dois anos. Além dessa diferença, a tabela não nos mostra mais nenhum aspecto a se destacar pela sua atipicidade. Quanto às categorias funcionais, por exemplo, não se observou grandes diferenças entre um ano e outro.

Com isso, podemos concluir que os fatores extralinguísticos não se apresentaram, de fato, tão relevantes em relação ao uso de *mesmo*, mas é provável que, se trabalhássemos com uma perspectiva diacrônica, poderíamos encontrar usos mais recentes (textuais) do item linguístico em um corpus mais atual, enquanto as categorias funcionais mais antigas estariam presentes em um corpus mais antigo e, talvez, também nos textos mais atuais. O único ponto de destaque foi a relação entre as mulheres e o uso da categoria de *referência nominal*, mas é preciso investigar se, em corpus mais amplos e que contemplem a fala, essa diferença permaneceria ou seria diluída.

Traçando um paralelo com os resultados do corpus sincrônico de Amorim (2009), já apontados em capítulo precedente, foi possível perceber algumas diferenças, uma vez que a categoria adverbial (chamada pela autora de *circunstância* e, por nós, de *reforçador*) e a de *reforço contextual* (sem categoria equivalente em nossa pesquisa) apareceram com uma frequência muito maior que em nosso corpus, enquanto as categorias referenciais nossas foram as mais recorrentes em nosso estudo – embora tenham sido frequentes, em menor escala, no corpus da pesquisadora em questão.

Após essas constatações, portanto, voltamos nosso olhar aos contextos linguísticos, que não foram testados, mas sim utilizados como um meio de identificação das categorias.

Como já mencionamos no capítulo anterior, selecionamos os seguintes critérios morfossintáticos para a identificação das funções do item linguístico em questão: *tipo de elemento contíguo*, *papel sintático*, *flexão de número*, *flexão de gênero*, *escopo* e *mobilidade sintática*, e, por fim, a informação suplementar da *classificação gramatical tradicional*.

Nossa hipótese era de que essas características linguísticas correlacionadas a cada categoria funcional de *mesmo* seriam importantes na categorização dos dados. Para uma melhor visualização, iremos elencá-las em tópicos, trazendo-as à vista a cada categoria funcional explanada. Notemos, a seguir, quais são as características morfossintáticas levantadas para cada função que elencamos.

a) **REFERÊNCIA ATRIBUTIVA 1**

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* é sempre acompanhado de um nome, o qual ele qualifica.
- **Papel sintático de *mesmo*:** exerce o papel sintático de adjunto adnominal.
- **Flexão de número:** flexiona-se em número, conforme o nome que está acompanhando.
- **Flexão de gênero:** flexiona-se em gênero, conforme o nome que está acompanhando.
- **Escopo:** é estreito, recaindo sobre o nome que qualifica.
- **Mobilidade sintática:** apresenta pouca mobilidade sintática (raramente, aparece posposto ao nome).
- **Classificação gramatical tradicional:** pronome demonstrativo.

b) **REFERÊNCIA ATRIBUTIVA 2**

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* é sempre acompanhado de um verbo copulativo, que separa o nome ao qual ele atribui uma característica.

- **Papel sintático de *mesmo*:** pode aparecer apenas como predicativo do sujeito.
- **Flexão de número:** flexiona-se em número, conforme o nome que está caracterizando.
- **Flexão de gênero:** flexiona-se em gênero, conforme o nome que está caracterizando.
- **Escopo:** é estreito, recaindo sobre o nome que caracteriza.
- **Mobilidade sintática:** apresenta pouca mobilidade sintática.
- **Classificação gramatical tradicional:** pronome demonstrativo.

c) **REFERÊNCIA NOMINAL**

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* é sempre acompanhado de um artigo definido.
- **Papel sintático de *mesmo*:** pode exercer diversos papéis sintáticos, como sujeito, objeto direto, objeto indireto e complemento nominal.
- **Flexão de número:** flexiona-se em número, conforme o sintagma nominal ao qual está se referindo.
- **Flexão de gênero:** flexiona-se em gênero, conforme o sintagma nominal ao qual está se referindo.
- **Escopo:** é estreito, recaindo sobre o sintagma nominal ao qual está se referindo.
- **Mobilidade sintática:** apresenta alta mobilidade sintática.
- **Classificação gramatical tradicional:** pronome demonstrativo (polêmico).

d) **REFERÊNCIA NOMINAL ENCAPSULADORA**

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* é sempre acompanhado de um artigo definido.
- **Papel sintático de *mesmo*:** pode aparecer em diversas funções sintáticas, como sujeito, objeto

direto, objeto indireto, complemento nominal e adjunto adnominal.

- **Flexão de número:** aparece sempre no singular.
- **Flexão de gênero:** aparece sempre no masculino.
- **Escopo:** é amplo, recaindo sobre a porção de texto que está retomando.
- **Mobilidade sintática:** apresenta altíssima mobilidade sintática.
- **Classificação gramatical tradicional:** pronome demonstrativo.

e) **CONCOMITÂNCIA**

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* é sempre acompanhado dos vocábulos *ao* (a+o) e *tempo*, mas, às vezes, também está aliado aos vocábulos *em* e *que* (ex.: *ao mesmo tempo em que*).
- **Papel sintático de *mesmo*:** exerce papel de adjunto adverbial (*ao mesmo tempo*) ou locução conjuntiva (*ao mesmo tempo em que*).
- **Flexão de número:** permanece sempre no singular (devido ao vocábulo *tempo* que acompanha).
- **Flexão de gênero:** aparece sempre no masculino (devido ao vocábulo *tempo* que acompanha).
- **Escopo:** é amplo, recaindo sobre os elementos que o antecedem e sucedem (orações, atributos, nomes, etc).
- **Mobilidade sintática:** apresenta alta mobilidade sintática, pois pode se inserir entre quaisquer elementos. Exemplos: 1) “chorar e sorrir ao mesmo tempo”; 2) “ao mesmo tempo, chorar e sorrir”; 3) “chorar e, ao mesmo tempo, sorrir”.
- **Classificação gramatical tradicional:** locução adverbial (*ao mesmo tempo*) ou locução conjuntiva (*ao mesmo tempo em que*).

f) **OPERADOR ARGUMENTATIVO CONCESSIVO**

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* pode aparecer sozinho ou precedendo algum dos seguintes vocábulos: *que*, *verbo* (no gerúndio), *sem*, *com* e *a* (preposição).
- **Papel sintático de *mesmo*:** conjunção (relaciona orações)
- **Flexão de número:** invariável.
- **Flexão de gênero:** invariável.
- **Escopo:** é amplo, recaindo sobre as orações que o sucedem e precedem.
- **Mobilidade sintática:** apresenta pouca mobilidade sintática.
- **Classificação gramatical tradicional:** conjunção concessiva.

g) **ARTICULAÇÃO TEXTUAL DE CONCESSIVIDADE**

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* aparece preposto ou posposto a algum dos seguintes vocábulos: *assim*, *desse modo*, *dessa maneira*, *dessa forma*.
- **Papel sintático de *mesmo*:** conjunção (relaciona orações).
- **Flexão de número:** invariável.
- **Flexão de gênero:** variável conforme o nome que acompanha.
- **Escopo:** é amplo, recaindo sobre as orações que o sucedem e precedem.
- **Mobilidade sintática:** apresenta mobilidade sintática razoável (maior que de *operador argumentativo concessivo*, pois pode se encaixar entre vários elementos de uma oração – assim como a categoria de concomitância).
- **Classificação gramatical tradicional:** conjunção concessiva.

h) ARTICULAÇÃO TEXTUAL DE MODO COMPARATIVO

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* aparece sempre antecedido do vocábulo *do* ou *da* (preposição, mais artigo definido) e sucedido por algum dos seguintes vocábulos: *modo*, *maneira*, *forma*. É equivalente ao advérbio de modo *mesmamente*
- **Papel sintático de *mesmo*:** conjunção (relaciona orações).
- **Flexão de número:** invariável.
- **Flexão de gênero:** no todo, é invariável.
- **Escopo:** é bastante amplo, recaindo sobre porções de texto que o sucedem e precedem.
- **Mobilidade sintática:** apresenta pouca mobilidade sintática, pois pode se encaixar entre alguns elementos de uma oração, mas sempre no começo de uma frase.
- **Classificação gramatical tradicional:** conjunção concessiva.

i) INTENSIFICADOR (PRO)NOMINAL

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* é sempre acompanhado de um pronome pessoal (reto e oblíquo) ou nome, o qual ele intensifica.
- **Papel sintático de *mesmo*:** aparece inserido no mesmo papel sintático do pronome ou nome que intensifica. Por exemplo: “Ela fez um bolo para si mesma.” (*Ela*: sujeito; *fez*: verbo bitransitivo; *um bolo*: objeto direto; e *para si mesma*: objeto indireto).
- **Flexão de número:** flexiona-se em número, conforme o pronome ou nome que está intensificando.

- **Flexão de gênero:** flexiona-se em gênero, conforme o pronome ou nome que está intensificando.
- **Escopo:** é estreito, recaindo sobre o nome ou pronome que intensifica.
- **Mobilidade sintática:** apresenta alta mobilidade sintática (por estar sempre aliado a elementos com essa característica, como o *nome* e o *pronome*).
- **Classificação gramatical tradicional:** pronome demonstrativo/reflexivo.

j) REFORÇADOR IDENTITÁRIO

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* é sempre acompanhado de um nome atributivo, o qual ele reforça (assemelhando-se ao *atributivo 2*).
- **Papel sintático de *mesmo*:** geralmente aparece com a função de predicativo do sujeito (tal como o nome atributivo que acompanha).
- **Flexão de número:** não se flexiona em número.
- **Flexão de gênero:** flexiona-se em gênero, conforme o nome que está acompanhando.
- **Escopo:** é estreito, recaindo sobre o nome que reforça.
- **Mobilidade sintática:** apresenta pouca mobilidade sintática.
- **Classificação gramatical tradicional:** pronome demonstrativo/ reflexivo.

k) REFORÇADOR

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* pode acompanhar diversos elementos, como verbos, advérbios e talvez outros, mas tem o sentido de um advérbio de intensidade (*realmente*).
- **Papel sintático de *mesmo*:** adjunto adverbial
- **Flexão de número:** invariável.
- **Flexão de gênero:** invariável.

- **Escopo:** é estreito, recaindo sobre o elemento que reforça.
- **Mobilidade sintática:** apresenta pouca mobilidade sintática.
- **Classificação gramatical tradicional:** advérbio.

l) *INCLUSÃO*

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* pode ser precedido do vocábulo *até*, ou aparecer sozinho.
- **Papel sintático de *mesmo*:** função sintática duvidosa (parece atuar como conjunção).
- **Flexão de número:** invariável.
- **Flexão de gênero:** invariável.
- **Escopo:** é estreito, recaindo sobre o elemento que inclui na oração.
- **Mobilidade sintática:** apresenta pouca mobilidade sintática.
- **Classificação gramatical tradicional:** palavra denotativa/denotador de inclusão.

m) *ALTERNÂNCIA*

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* é precedido do vocábulo *ou*.
- **Papel sintático de *mesmo*:** função sintática duvidosa (parece atuar como conjunção).
- **Flexão de número:** invariável.
- **Flexão de gênero:** invariável.
- **Escopo:** é estreito, recaindo sobre o elemento que surge como alternante na oração.
- **Mobilidade sintática:** apresenta pouca mobilidade sintática.
- **Classificação gramatical tradicional:** nessa configuração, não é citado, mas seria considerado uma palavra denotativa/denotador.

n) **EXCLUSÃO**

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* é precedido do vocábulo *ou*.
- **Papel sintático de *mesmo*:** função sintática duvidosa (parece atuar como conjunção).
- **Flexão de número:** invariável.
- **Flexão de gênero:** invariável.
- **Escopo:** é estreito, recaindo sobre o elemento que exclui na oração.
- **Mobilidade sintática:** apresenta pouca mobilidade sintática.
- **Classificação gramatical tradicional:** nessa configuração, não é citado, mas seria considerado uma palavra denotativa/denotador.

o) **EXPLICAÇÃO**

- **Tipo de elemento contíguo:** esse *mesmo* é sempre acompanhado de uma conjunção (ou locução conjuntiva explicativa), a qual ele intensifica/inclui, tais como: *porque, pelo x¹⁰² motivo que, pela x razão que*.
- **Papel sintático de *mesmo*:** conjunção.
- **Flexão de número:** variável conforme o nome que acompanha.
- **Flexão de gênero:** variável conforme o nome que acompanha.
- **Escopo:** é estreito, recaindo sobre a conjunção que acompanha.
- **Mobilidade sintática:** não apresenta mobilidade sintática (fica sempre no começo de uma oração).
- **Classificação gramatical tradicional:** nessa configuração, não é citado, mas seria considerado

¹⁰² Nesse caso, x representa o vocábulo *mesmo*.

uma palavra denotativa/denotador ou parte de uma conjunção explicativa.

No decorrer de nossa análise, sobretudo ao categorizarmos nossos dados, esses traços morfossintáticos se mostraram essenciais nos momentos de dúvida entre uma categoria funcional e outra. Eles não apenas nos ajudaram na identificação das categorias, como parecem ser constituintes de cada uma das funções de *mesmo*. Não queremos afirmar, com isso, que os critérios morfossintáticos sejam mais relevantes que os semântico-pragmáticos, considerando que o próprio nome das categorias foi dado conforme sua função semântica e pragmática, mas, no caso do uso de um vocábulo com tantos domínios funcionais como o *mesmo*, o alistamento desses critérios foi norteador para a definição das funções.

Com isso, acreditamos ter atestado nossa hipótese sobre a contribuição dos critérios morfossintáticos para a classificação funcional do item gramatical *mesmo*. Na próxima seção, retomaremos esses aspectos da morfossintaxe porque é provável que eles possam nos auxiliar também na identificação de possíveis graus de gramaticalização entre as categorias funcionais, o que nos possibilitaria uma construção mais confiável de nosso diagrama.

Mas além dessas categorias preliminarmente levantadas – considerando que não houve ocorrências para apenas uma delas (*reforço identitário*) – deparamo-nos com outras, as quais foram detalhadas no início deste capítulo, que parecem apontar para uma passagem de um domínio funcional a outro (ao menos no corpus analisado, haja vista que o item gramatical em questão parece estar em constante mudança, dando origem, incansavelmente, a novas funções). Com isso, pode-se inferir que o *mesmo* está passando por um processo intenso de gramaticalização.

A próxima seção, portanto, contemplará a nossa quarta questão e respectiva hipótese, cujo foco está voltado a uma possível trajetória de gramaticalização do item gramatical *mesmo*, considerando as categorias funcionais levantadas.

4.4 O PERCURSO GRAMATICAL DE *MESMO*

Antes de levantarmos hipóteses sobre uma possível rota de gramaticalização de *mesmo*, vale ressaltar alguns pontos que nos encaminharão para a construção de um diagrama relativo ao percurso gramatical desse item linguístico camaleônico. Acreditamos que, com base nos princípios de gramaticalização de Hopper (1991) – especialmente o princípio de decategorização – possamos verificar se alguns itens são mais gramaticalizados que outros, levando em consideração alguns traços¹⁰³.

Para tanto, vamos mostrar um “teste de gramaticalização”, adaptado de acordo com uma proposta de Gonçalves e Carvalho (2007), que, ao tratarem dos princípios de decategorização de Hopper (1991), fazem um quadro mostrando a diferença entre o substantivo *gente* e o pronome *a gente*: o primeiro permite diversos processos morfossintáticos (descritos a seguir), ao passo que o segundo (mais gramaticalizado) não permite tais alterações morfossintáticas.

¹⁰³ Sabemos que se trata de traços morfossintáticos, alguns iguais aos propostos na questão/hipótese 3, mas, como nosso foco nesta questão é outro (não apenas mapear os traços, mas relacioná-los à gramaticalização), optamos por manter o nosso teste, tal como aparece no quadro de Gonçalves e Carvalho (2007).

Quadro 6: Diferenças morfossintáticas entre as formas *gente* e *a gente*

Processos morfossintáticos	Substantivo <i>gente</i>	Pronome <i>a gente</i>
Flexão de número	+ [gentes]	-
Flexão de gênero	+ [gentinha]	-
Grau	+ [gentalha, gentarada]	-
Derivação	-	-
Quantificador	+ [toda gente]	-
Determinante	+ [a gente]	-
Possessivo	+ [nossa gente]	-
Adjetivação	+ [gente boa/ boa gente]	-

Fonte: Gonçalves e Carvalho (2007, p. 84)

Nossa ideia, então, é fazer um quadro com esses critérios morfossintáticos para cada uma das categorias funcionais de *mesmo*, a fim de se perceber, minimamente, quais são as categorias mais gramaticalizadas, já que os itens mais gramaticais pouco permitem os processos morfossintáticos. Pretendemos argumentar, desse modo, que, quanto menor o número de processos morfossintáticos pelos quais o item pode passar, maior a chance de ele ser considerado um item mais gramaticalizado.

Para visualizarmos melhor esses traços das categorias funcionais de *mesmo*, observemos os quadros a seguir, nos quais separamos algumas categorias de acordo com suas semelhanças. Começemos pelas categoriais cujo traço em comum é a referência/anáfora.

Quadro 7: Traços morfossintáticos das categorias de *referência atributiva 1*, *referência atributiva 2*, *referência nominal* e *referência nominal encapsuladora*

Processos morfossintáticos	<i>R. atributiva 1</i>	<i>R. atributiva 2</i>	<i>R. nominal</i>	<i>R. nominal encap.</i>
Flexão de número	+ [mesmos livros]	+ [os livros são os mesmos]	+ [os mesmos]	-
Flexão de gênero	+ [mesma livraria]	+ [a livraria é a mesma]	+ [a mesma]	-
Grau	+ [mesmíssimo livro]	+ [o livro é o mesmíssimo]	-	-
Derivação	-	-	-	-
Quantificador	-	-	-	-
Determinante	+ [o mesmo livro]	+ [o livro é o mesmo]	+ [o mesmo]	+ [o mesmo]
Possessivo	+ [seu mesmo livro]	-	-	-
Adjetivação	-	-	-	-

Percebemos que a categoria de *referência nominal encapsuladora*, por conta de sua restrição morfossintática, parece ser a mais gramaticalizada das categorias de referência, enquanto a categoria de *referência atributiva 1* é a que mais permite processos morfossintáticos. Já a função de referência nominal (“demonstrativo polêmico”) estaria no *intermezzo* das funções de referência, dando-nos um indício de que estaria no começo de um *cline* (nesse caso, do nosso diagrama) de *mesmo*, ainda que depois da função de *referência atributiva*.

Com isso estabelecido, passemos à exposição dos traços morfossintáticos de categorias funcionais primárias componentes da macrocategoria de reforço.

Quadro 8: Traços morfossintáticos das categorias de *intensificador* (*pro*)*nominal*, *reforçador identitário* e *reforçador*

Processos morfossintáticos	<i>Intensificador</i> (<i>pro</i>) <i>nominal</i>	<i>Reforçador identitário</i>	<i>Reforçador</i>
Flexão de número	+ [eles mesmos]	-	-
Flexão de gênero	+ [ela mesma]	+ [Joana era a alegria mesma/ Ela era o desespero mesmo]	-
Grau	-	-	-
Derivação	-	-	-
Quantificador	-	-	-
Determinante	-	-	-
Possessivo	-	-	-
Adjetivação	-	-	-

A partir dessa tabela, já podemos notar que os processos morfossintáticos vão se restringindo, mostrando que, possivelmente, as categorias mais à direita estariam num nível mais avançado de gramaticalização. Nesse caso, a categoria funcional primária mais gramaticalizada seria a de *reforçador* (ver exemplo 60), uma vez que tal função não permite mais nenhum processo morfossintático.

A seguir, exibimos os traços morfossintáticos das categorias cuja característica em comum é um tipo de inserção (ou exclusão) no domínio híbrido espaço/textual.

Quadro 9: Traços morfossintáticos das categorias de *inclusão*, *alternância* e *exclusão*

Processos morfossintáticos	<i>Inclusão</i>	<i>Alternância</i>	<i>Exclusão</i>
Flexão de número	-	-	-
Flexão de gênero	-	-	-
Grau	-	-	-
Derivação	-	-	-
Quantificador	-	-	-
Determinante	-	-	-
Possessivo	-	-	-
Adjetivação	-	-	-

Como pudemos perceber, essas categorias funcionais primárias, tal como as de *reforçador*, já não permitem mais os processos morfossintáticos que as primeiras categorias funcionais (de referência) permitiam. A partir desse “teste”, já é possível perceber quais serão as categorias a serem colocadas no começo de nosso diagrama.

Por fim, expomos os traços morfossintáticos das macrocategorias de *concomitância*, *conexão* e *articulação textual*.

Quadro 10: Traços morfossintáticos das categorias de *concomitância*, *operador argumentativo*, *articulação textual de concessividade* e *articulação textual de modo*

Processos morfossintáticos	Conc.	Operador argum. conc.	Art. textual de conc.	Art. textual de modo comp.	Explicação
Flexão de número	-	-	-	-	-
Flexão de gênero	-	-	-	-	-
Grau	-	-	-	-	-
Derivação	-	-	-	-	-
Quantificador	-	-	-	-	-
Determinante	-	-	-	-	-
Possessivo	-	-	-	-	-
Adjetivação	-	-	-	-	-

Todas essas categorias mostraram-se rígidas no que tange aos processos morfossintáticos, revelando-se estarem em estágio mais avançado de gramaticalização.

A partir da exposição das tabelas e dos traços morfossintáticos arrolados, já é possível ter uma ideia prévia sobre o processo de gramaticalização relacionado ao *cline* de *PESSOA* > *ESPAÇO* > *TEMPO* > *TEXTO* estabelecido por Heine et al. (1991).

Outro indício que nos permitiria traçar caminhos sobre as possibilidades de trajeto de gramaticalização do item linguístico *mesmo* seria uma análise diacrônica, a fim de percebermos quais formas do item em questão teriam emergido antes ou depois na língua.

Nesse sentido, Amorim (2009), em um *cópus* mais antigo da língua (XVIII e XIX), observou um número maior de categorias de *referência* e de *reforço*, e um número bem inferior

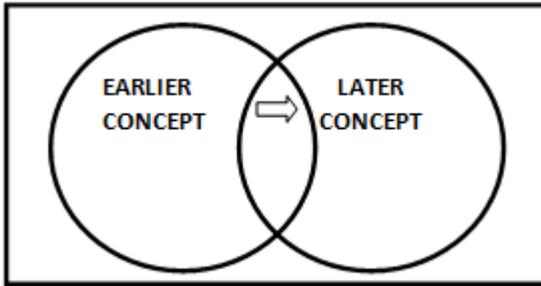
das categorias de *oposição* (*operador argumentativo concessivo e articulação textual concessiva*) e *inclusão* (cf. capítulo 2)¹⁰⁴.

Com isso e a partir do que pudemos verificar nas tabelas, considerando-se as macrocategorias e as raízes de IPSE e IDEM, montamos alguns diagramas hipotéticos, isto é, que propõem uma possível passagem de uma função a outra através do tempo, sem excluir a possibilidade de existência/permanência da categoria original – princípio de divergência de Hopper (1991).

Primeiramente, fizemos dois diagramas que contemplam apenas as macrocategorias funcionais de *mesmo* (separando-as pelas raízes IDEM e IPSE). Na sequência, tentamos encaixar todas as categorias funcionais primárias e microcategorias do item gramatical em questão, que foram aventadas nesta pesquisa, em dois diagramas mais especificados (ainda considerando as duas raízes etimológicas já citadas). Ao longo dessa tentativa, fazemos uma breve discussão sobre as categorias funcionais primárias e microcategorias de *mesmo*, em seus dois percursos etimológicos (e nesse caso específico, gramaticais), considerando possíveis toques e intersecções entre os círculos que representam as funções do vocábulo analisado nesta dissertação.

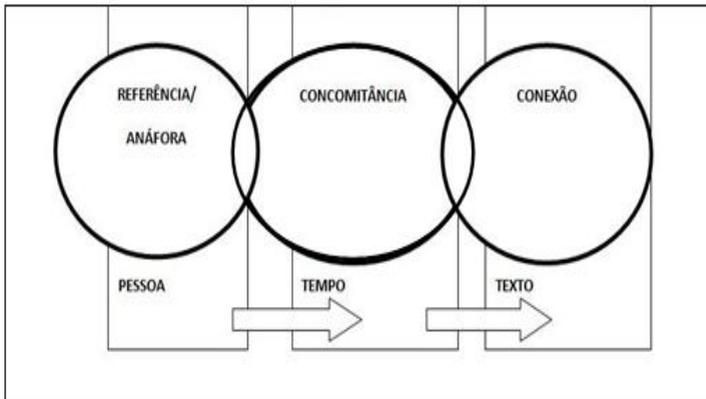
As representações todas foram feitas de acordo com a figura do “overlapping model”, presente na obra de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 111), o qual objetiva explicar que a transição entre um conceito anterior (de origem) envolve um estágio intermediário em que ambos os conceitos coexistem lado a lado.

¹⁰⁴ Esse resultado, conforme já descrito no segundo capítulo desta dissertação, é condizente com a análise-piloto que fizemos na ocasião da Qualificação de Mestrado, a qual nos permitiu perceber indícios de uma possível trajetória de *mesmo*. Nesse corpús que analisamos, foram coletadas 34 ocorrências de *mesmo* e, dentre elas, 33 foram casos da macrocategoria de *referência*, sendo que, dentre eles, 7 foram os casos de *referência nominal*, e os 26 restantes foram ocorrências de *mesmo* de *referência atributiva*. Apenas um dos *mesmos* não pertencia a essas classificações, consistindo em 1 (uma) ocorrência de *mesmo* como *intensificador (pro)nominal*, conforme podemos ver no gráfico que está nos anexos desta pesquisa.

Figura 4: The “overlapping model”

Fonte: Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991, p. 111)

Baseados nesse conceito de transição entre uma função e outra, construímos o seguinte diagrama hipotético das macrocategorias de *mesmo*, com base no *cline* que estabelecemos de acordo com nosso estudo e reflexões sobre o processo de gramaticalização: *Referência* > *Concomitância* > *Conexão*.

Figura 5: Representação do percurso gramatical de *mesmo* conforme macrocategorias IDEM

A partir desse diagrama hipotético, queremos argumentar que a raiz etimológica IDEM de *mesmo* teria dado origem às macrocategorias de *referência/anáfora*, *concomitância* e

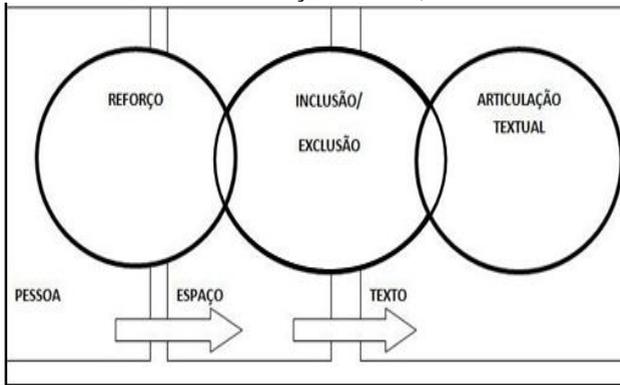
conexão, com base no *cline: pessoa > (espaço) > tempo > texto*. Em algum momento, é possível prever que essas categorias tenham se cruzado, por meio de algumas funções específicas (ainda existentes na língua), que misturam características híbridas responsáveis por unir um domínio ao outro.

A macrofunção de *referência/anáfora* foi colocada no início do diagrama porque, não somente por ser utilizada para a recuperação de referentes humanos (além de referentes não humanos), foi a macrocategoria com maior frequência no cópua antigo de Amorim (2009) e com característica mais próxima à sua raiz em IDEM. Quanto à macrofunção de *concomitância*, é possível que fique entre as macrocategorias de *referência/anáfora* e *conexão* justamente por estar no domínio do TEMPO, o qual, segundo o *cline* que ancora o estudo, estaria após o domínio de PESSOA e ESPAÇO.

Além disso, como foi possível perceber na parte em que esmiuçamos as categorias funcionais primárias, apreendendo algumas microcategorias, há indícios de que algumas funções temporais de *mesmo* possam ter dado origem a sua possibilidade de conjunção concessiva (nesse caso, pertencente à macrocategoria de conexão). Em relação a isso, o vocábulo inglês *while* passou por um processo de gramaticalização semelhante (*expressão temporal > conjunção concessiva*), como foi verificado por pesquisadores da área de gramaticalização já citados em capítulos precedentes.

De modo semelhante, pretendemos argumentar que a raiz etimológica IPSE de *mesmo* pode ter dado origem às macrofunções de *reforço*, *inclusão/exclusão* e *articulação textual*, permitindo-nos a construção do *cline* a seguir: *Reforço > Inclusão/exclusão > Articulação textual*. Também nesse diagrama, os domínios funcionais explicitados no *cline* de Heine et al. (1991) são considerados, mas a diferença é que, nesse caso das categorias originadas de IPSE, o domínio do TEMPO não é explicitamente contemplado. Com isso, o *continuum* pode ser considerado desta forma: *pessoa > espaço > (tempo) > texto*.

Figura 6: Representação do percurso gramatical de *mesmo* conforme macrocategorias IPSE (*reforço*, *inclusão/exclusão* e *articulação textual*)



Essa figura ilustra a transferência do domínio funcional de PESSOA para ESPAÇO, a partir da macrofunção de *reforço*, a qual é utilizada, primeiramente, como um *intensificador (pro)nominal*, isto é, voltado especificamente para o domínio pessoal, mas, que, aos poucos, passa a ser utilizada no campo da dêixis, reforçando ESPAÇO e outros elementos da língua. No meio do caminho, há uma interface entre ESPAÇO e TEXTO, até que, após uma transição entre duas ou mais funções híbridas, o *mesmo* se põe a exercer uma função puramente textual.

A macrofunção de *reforço* é a primeira porque está mais próxima do sentido original de IPSE, no latim, e, como pudemos notar na pormenorização de nossas microcategorias, há indícios fortes de que a macrofunção de *reforço* tenha dado origem à função de *inclusão/exclusão*, a qual, por sua vez, possivelmente deu origem à categoria de *articulação textual de concessividade*.

Antes de mais nada, gostaríamos de lembrar as 11 categorias funcionais primárias (em negrito) e 17 microcategorias aventadas nesta pesquisa, para retomar as informações ao leitor. Lembramos que duas dessas categorias funcionais primárias se amalgamaram (*referência atributiva 1* e *referência atributiva 2*); a de *explicação* é bifurcada em duas; assim como a de *operador*

argumentativo concessivo, por isso não aparecem abaixo (com isso, das 15 iniciais, estão expostas as 11).

1. **Referência atributiva (englobando 1 e 2);**
2. *Referência atributiva/nominal;*
3. **Referência nominal;**
4. *Referência nominal/ nominal encapsuladora;*
5. **Referência nominal encapsuladora;**
6. **Concomitância temporal;**
7. *Concomitância temporal/inclusiva;*
8. *Concomitância inclusiva;*
9. *Concomitância inclusiva/adversativa;*
10. *Concomitância adversativa;*
11. *Relação de oposição;*
12. *Concomitância comparativa;*
13. *Concomitância de proporcionalidade;*
14. **Intensificador (pro)nominal;**
15. *Intensificador (pro)nominal/ reforçador identitário;*
e
16. **Reforçador identitário;**
17. **Reforçador;**
18. *Reforçador argumentativo;*
19. *Reforçador argumentativo/ inclusão;*
20. **Inclusão;**
21. **Alternância;**
22. **Exclusão;**
23. *Inclusão/ articulação textual de concessividade;*
24. **Articulação textual de concessividade;**
25. **Articulação textual de modo comparativo;**
26. *Operador argumentativo de concessividade condicional;*
27. *Operador argumentativo de concessividade indicativa;*
28. *Explicação inclusiva; e*
29. *Explicação comparativa.*

Com essas possibilidades gerais estabelecidas, queremos propor um diagrama mais específico, considerando as seguintes categorias e microcategorias funcionais, cuja fonte etimológica provavelmente é constituída por IDEM.

1. *Referência atributiva*;
2. *Referência atributiva/nominal*;
3. *Referência nominal*;
4. *Referência nominal/ nominal encapsuladora*;
5. *Referência nominal encapsuladora*;
6. *Concomitância temporal*;
7. *Concomitância temporal/inclusiva*;
8. *Concomitância inclusiva*;
9. *Concomitância inclusiva/adversativa*;
10. *Concomitância adversativa*;
11. *Relação de oposição*;
12. *Concomitância comparativa*;
13. *Concomitância de proporcionalidade*; e
14. *Articulação textual de modo comparativo*.

Com base em estudos de gramaticalização, construímos três *clines* hipotéticos de *mesmo*. Um deles ficou estruturado da seguinte forma: ***Referência atributiva***> ***Referência atributiva/nominal***> ***Referência nominal***> ***Referência nominal/nominal encapsuladora***> ***Referência nominal encapsuladora***.

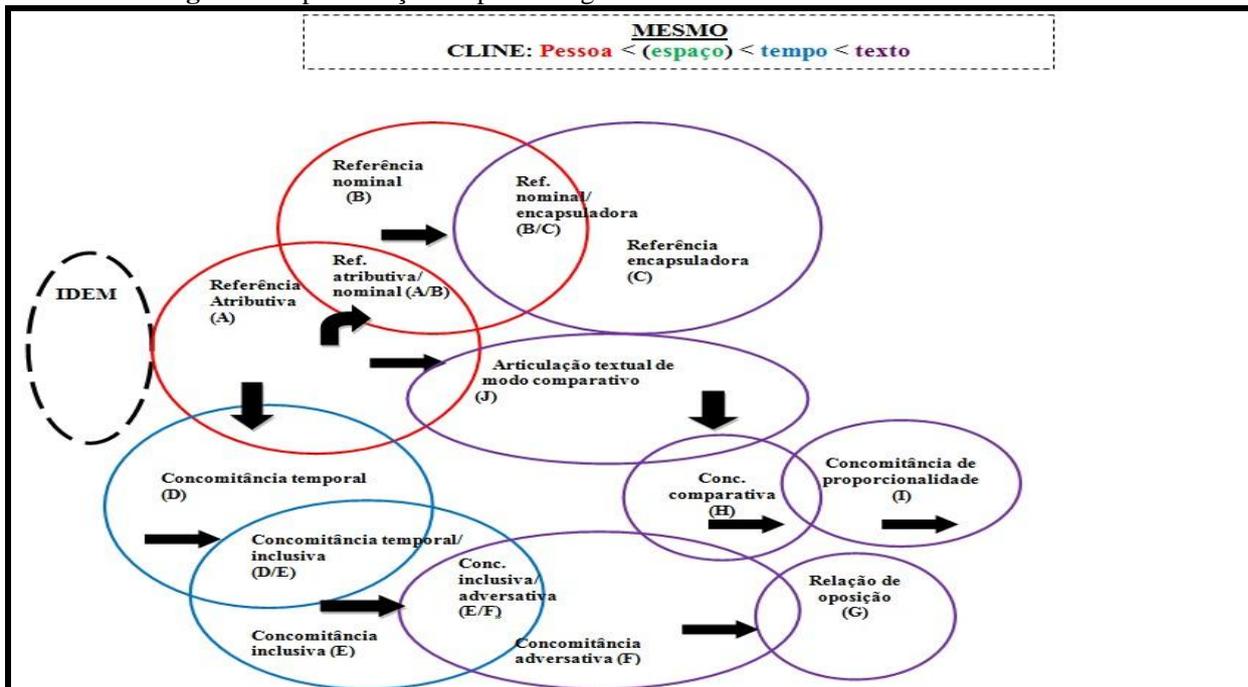
O outro está configurado deste modo: ***Referência atributiva***> ***Concomitância comparativa***> ***Concomitância de proporcionalidade***> ***Articulação textual de modo comparativo***.

Por fim, o terceiro se configura assim: ***Referência atributiva***> ***Concomitância temporal***> ***Concomitância temporal/inclusiva***> ***Concomitância inclusiva***> ***Concomitância inclusiva/adversativa***> ***Concomitância adversativa***> ***Relação de oposição***.

Orientados por esses mesmos *clines* e considerando a figura de Heine et al. (1991), construímos um diagrama que possa representar a gramaticalização de *mesmo* conforme sua raiz

IDEM, mas fizemos algumas modificações na representação dos domínios (pessoa, espaço, tempo, texto), representando-os por cores, em vez de utilizar os retângulos usados pelos autores supracitados.

Figura 7: representação do percurso gramatical de *mesmo* conforme sua raiz IDEM



Esse diagrama deve ser interpretado da seguinte forma: a categoria de *referência atributiva* dá origem à categoria de *referência atributiva/nominal* por meio de uma expansão metonímica, e a partir dessa categoria híbrida, surgem as categorias de *referência nominal*, *referência nominal/encapsuladora* e *referência nominal encapsuladora*.

A segunda direção está relacionada à função de *articulação textual de modo comparativo*, que surge a partir de uma expansão metafórica da categoria de *referência atributiva*, cruza-se com a categoria de *concomitância comparativa* e com a categoria de *concomitância de proporcionalidade*, as quais podem ter surgido dessa primeira categoria (de *articulação*) ou da categoria de *concomitância temporal*. É provável que todas essas funções se toquem ou se interseccionem em algum momento, como mostram os círculos.

Na terceira direção, mais uma vez, a categoria de *referência atributiva*, através de uma expansão metafórica, dá origem à categoria *concomitância temporal*, que é fonte das seguintes categorias de concomitância, seguindo esta ordem: *concomitância temporal/inclusiva* (categoria híbrida), *concomitância inclusiva*, *concomitância inclusiva/adversativa* (categoria híbrida), *concomitância adversativa* e *Relação de oposição*.

Os três caminhos, pois, estão alicerçados na categoria de *referência atributiva* e passam pelos domínios de PESSOA, TEMPO e TEXTO, mas, em um dos casos, o domínio do TEMPO não é contemplado.

Já o nosso segundo diagrama, de IPSE, leva em consideração as outras categorias e microcategorias já levantadas, a saber:

15. *Intensificador (pro)nominal*;
16. *Intensificador (pro)nominal/ reforçador identitário*;
e
17. *Reforçador identitário*;
18. *Reforçador*;
19. *Reforçador argumentativo*;

20. *Reforçador argumentativo/ inclusão;*
21. *Inclusão;*
22. *Alternância;*
23. *Exclusão;*
24. *Inclusão/ articulação textual de concessividade;*
25. *Articulação textual de concessividade;*
26. *Operador argumentativo de concessividade condicional;*
27. *Operador argumentativo de concessividade indicativa;*
28. *Explicação inclusiva; e*
29. *Explicação comparativa*

Para construirmos essa possível configuração da trajetória gramatical de *mesmo*, com base nos teóricos e estudiosos da linha de gramaticalização, hipotetizamos a existência de um *cline* geral que se bifurca duas vezes ao longo do caminho. Trata-se, também, de três *clines*, sendo que os dois últimos surgem a partir da categoria de *inclusão*.

O primeiro deles é formado pelas seguintes categorias: ***Intensificador (pro)nominal > Intensificador (pro)nominal/ reforçador identitário > Reforçador identitário > Reforçador > Reforçador argumentativo > Reforçador argumentativo/ inclusão > Inclusão > Inclusão/ articulação textual de concessividade > Articulação textual de concessividade > Operador argumentativo de concessividade condicional > Operador argumentativo de concessividade indicativa.***

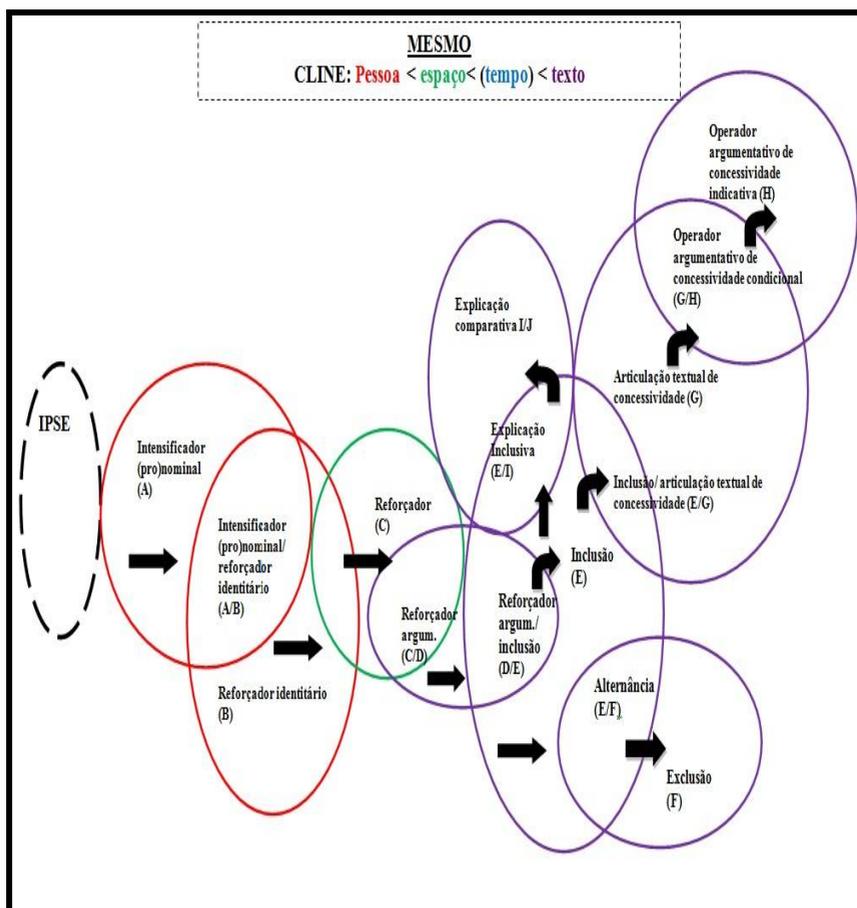
Já o segundo *cline* seguiria a mesma direção do primeiro, mas, ao chegar à categoria de *inclusão*, mudaria sua rota e daria origem a outras categorias: ***inclusão > explicação inclusiva > explicação comparativa.*** Essa última função, por sua característica comparativa, pode tocar, em alguma instância as categorias IDEM de *concomitância comparativa* e *articulação textual de modo comparativo*¹⁰⁵.

¹⁰⁵ Nesta pesquisa, porém, não nos deteremos em unir os dois diagramas de IDEM e IPSE.

O terceiro *cline* surge a partir da categoria de inclusão, mas tem um percurso diferente, dando origem a duas funções, conforme o *cline* a seguir: *inclusão* > *alternância* > *exclusão*.

Tendo estabelecido esses *clines*, construímos o seguinte diagrama da raiz IPSE do item gramatical *mesmo*:

Figura 8: representação do percurso gramatical de *mesmo* conforme sua raiz IPSE



Como já foi descrito e se pode observar, a categoria que permite a bifurcação de outros caminhos de gramaticalização é a de *inclusão*, considerada pelas gramáticas tradicionais como uma “palavra denotativa de inclusão”. Ao longo da análise, tentamos argumentar que essa função estaria no nível do espaço/texto, uma vez que a função que provavelmente a originou (de *reforçador*) pode ser considerada dêitica e de reforço espacial em alguns contextos e, por conta da categoria de reforçador argumentativo, caminharia para o domínio do TEXTO. A construção desse diagrama, porém, nos mostrou que é provável que a categoria de *inclusão* esteja somente no campo textual.

As decisões que tomamos para a construção dos diagramas contemplam os estudos de vários pesquisadores na área de gramaticalização. Alguns deles se dedicaram ao estudo das *locuções de base nominal* (HINTZE, 2003), *concessivas* (OLIVEIRA, 2008), *juntivos adversativos* (ROCHA, 2006), *conjunções adversativas* (ROCHA, 2006; SILVA-SURER, 2012), outros ao estudo de alguns itens, como o *fora* (SPAZIANI, 2008), *embora* (FELÍCIO, 2008), *afinal* (VICENTE, 2009) e outros, mas todos esses estudos, além dos teóricos que embasaram esta pesquisa (e foram citados ao longo do texto), inspiraram-nos a perceber quais seriam as categorias que deveriam aparecer primeiro no diagrama e quais possivelmente impulsionaram o surgimento de outras funções.

É preciso ressaltar, no entanto, que os diagramas construídos nesta pesquisa não têm o propósito de afirmar categoricamente o percurso gramatical de *mesmo*, mas de apenas propor possibilidades com base no estudo desse item linguístico em um corpus específico. Como foram percebidas algumas categorias híbridas, o entendimento de que possa haver transferência das características de uma função a outra, dando origem a uma categoria híbrida, parece se confirmar em nossa análise.

Em ambos os diagramas feitos, levamos em conta as categorias semântico-pragmáticas de *mesmo*, mas também não deixamos de considerar sua classificação gramatical tradicional e aquilo que os estudos de gramaticalização afirmam sobre isso. A

partir de nossa base teórica, os diagramas contemplaram sempre o mesmo *cline*: *pronome* > *advérbio* > *advérbio juntivo* > *conjunção*.

Acreditávamos, no início, que as categorias concessivas seriam originadas de uma raiz IDEM, mas, ao final de nossa análise, percebemos que poderiam estar dentro do parâmetro de IPSE. Essa decisão, no entanto, é algo que poderá ser questionado em estudos futuros.

Ainda há muito a ser descrito sobre o item gramatical *mesmo*, e nossas construções diagramáticas servem como um meio interpretativo e hipotético de um item tão camaleônico, que, possivelmente – embora tenha revelado 29 categorias funcionais – ainda demonstre inúmeras possibilidades de uso. Trata-se, portanto, de um objeto que merece ser investigado pelos pesquisadores da abordagem de gramaticalização, para que se consiga, minimamente, “desmascarar” o *mesmo*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve por finalidade contribuir com os estudos da área de gramaticalização de itens de natureza pronominal, adverbial, temporal, reforçativa e textual. Acreditamos que pudemos trazer resultados e uma construção teórica que contribuirá com estudos da área da gramaticalização, principalmente àqueles voltados ao *mesmo*.

Quanto aos nossos objetivos, verificamos que o objetivo geral – descrever e analisar o uso do item linguístico *mesmo*, elencando suas categorias funcionais, por meio da análise de uma amostra escrita sincrônica específica (composta por TCCs) – foi alcançado, pois nossa descrição e análise trouxe à tona muitas possibilidades funcionais de *mesmo* que ainda não haviam sido investigadas por outros pesquisadores.

A respeito de nossos objetivos específicos, percebemos que o principal deles – mapear as funções desempenhadas pelo item *mesmo* numa amostra de escrita acadêmica atual – proporcionou um número considerável de categorias funcionais e microcategorias do vocábulo em questão, as quais foram discutidas e explicitadas no capítulo precedente. Desse modo, percebemos que nossa pesquisa trouxe algumas inovações (em relações às categorias apresentadas) e, também, possibilidades de futuras pesquisas com a intenção de aprofundar essa construção teórica e algumas categorias funcionais mais “produtivas” de *mesmo*.

No que se refere ao nosso segundo objetivo – distribuir as categorias funcionais mapeadas em termos de frequência de uso, visando a verificar quais são as mais recorrentes na escrita acadêmica – pudemos perceber que a categoria mais encontrada foi justamente aquela considerada um “demonstrativo polêmico” e rejeitada por alguns autores de manuais de gramática. Ademais, a frequência da categoria de “concomitância” nos permitiu perceber o quanto a expressão “ao mesmo tempo (em) que” tem sido utilizada como um recurso textual com várias finalidades. Com certeza, esse é um objeto de estudo que merece ser investigado, comparando-se com o enquanto (*while*, do inglês). A

macrocategoria de inclusão/alternância/exclusão também é um ponto em aberto, que precisa aprofundado, uma vez que o vocábulo *ou* pode ser considerado ora inclusivo, ora de alternância, conforme o contexto. Por conta disso, seria possível repensar o modo como foi descrita essa macrocategoria, mas isso é algo para trabalhos futuros...

Já em relação ao nosso outro objetivo – analisar e descrever os contextos linguísticos e extralinguísticos de ocorrência de *mesmo* na amostra estudada – pudemos notar que, atestando a nossa hipótese, os contextos externos não foram tão relevantes para definir um ou outro uso do vocábulo. Os contextos linguísticos, por outro lado, mostraram-se constituintes de cada uma das funções do vocábulo em questão, mas não pudemos vê-los como condicionadores de uso, mas sim como traços específicos de cada tipo de *mesmo*.

Por fim, no referente a nosso último objetivo – traçar uma provável trajetória funcional de mudança do item *mesmo*, com base em uma perspectiva de gramaticalização – acreditamos ter trazido diagramas bastante plausíveis sobre o uso do item linguístico analisado nesta pesquisa, e nosso maior desafio foi estabelecer uma via dupla (levando em consideração IDEM e IPSE), a qual, conforme nossos resultados e reflexões acerca do objeto, pareceu fazer muito sentido, mas precisa ser investigada diacronicamente.

Além disso, o estabelecimento das seis questões norteadoras de identificação das categorias pareceu ser um instrumento metodológico interessante para estudos de elementos que têm passado por um processo de gramaticalização.

Ademais, o *cline* fundamental – de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) –, que moveu esta pesquisa, pôde, em certa medida, ser atestado, uma vez que o *mesmo* pareceu passar pelas três instâncias estabelecidas pelos autores supracitados:

<p>pessoa > espaço > tempo > texto</p>

Isso pôde ser constatado por meio da análise de nossos 972 dados, isto é, chegamos a um número de 29 funções, mas

ainda há uma certeza de que esse número seria muito maior se considerássemos o aspecto diacrônico e um *cópus* que contemplasse, também, a fala. Mais que isso, os diagramas construídos só poderão ser atestados por meio de um estudo diacrônico bem mais detalhado e minucioso.

A partir desse sentimento de insatisfação científica, por conta das questões que ficaram pendentes, evidencia-se a necessidade de continuação do estudo desse objeto linguístico tão rico e usual na língua portuguesa, considerando-se os seguintes aspectos:

- (i) **Ampliação do *cópus*:** analisando-se um *cópus* mais amplo, com um número maior de dados, a serem testados quantitativamente, será possível trazer considerações mais sólidas sobre o item gramatical *mesmo* e sua multifuncionalidade na língua portuguesa. Além disso, a consideração de dados de oralidade seria um aspecto extremamente importante no levantamento das múltiplas funções desse item gramatical.
- (ii) **Consideração da diacronia:** levar em conta aspectos diacrônicos para a consideração da(s) rota(s) de gramaticalização de *mesmo* é essencialmente importante para a percepção das categorias que, provavelmente, deram origem a outras funções em um processo de gramaticalização; mais que isso, a partir de um estudo diacrônico, seria possível captar a emergência de alguns usos de *mesmo* na língua, tal como vem sendo feito em estudos da área de gramaticalização no Brasil.
- (iii) **Testagem dos diagramas:** as figuras construídas ao final de nossa análise foram feitas com base em estudos de alguns vocábulos em gramaticalização na língua portuguesa, mas, de modo algum, puderam ser atestados nesta pesquisa. Trata-se apenas de modelos

hipotéticos e interpretativos acerca de uma possível trajetória de gramaticalização, mas estão abertos à testagem de pesquisadores que se dedicarem ao estudo do *mesmo*. A ampliação do *cópus* e o trabalho com diacronia, provavelmente, dariam subsídios para que esses construtos teóricos fossem testados.

- (iv) **União dos dois diagramas:** é possível, ainda, unir os dois diagramas considerando os pontos de toque e intersecção entre as categorias funcionais originárias de IDEM e IPSE, mas essa tarefa requer um estudo mais aprofundado sobre a conectividade entre essas funções.

Embora tenhamos percebido essas questões, a serem, ainda, verificadas, como já mencionamos, acreditamos ter trazido algumas contribuições para a área do funcionalismo linguístico, sobretudo no que diz respeito ao estudo de *mesmo* como item em constante processo de gramaticalização. A descrição que fizemos do vocábulo em questão demonstrou muitas minúcias de sentido e possibilidades de hibridização de categorias funcionais e, provavelmente, este estudo poderá nortear ou servir de base crítica a pesquisadores que queiram se dedicar ao *mesmo*.

Finalmente, considerando que nossos objetivos específicos foram detalhadamente contemplados, acreditamos ter dado conta do que havíamos nos proposto nesta dissertação.

6 ANEXOS

6.1 NOTÍCIA SOBRE O “MESMO DO ELEVADOR”

28/02/12 | 21:18

“O mesmo” não estará mais nos elevadores de Porto Alegre

Lembram da piada sobre o informe afixado nas portas dos elevadores sobre o “mesmo” ser uma espécie de fantasma? Pois é, ele está com os dias contados na capital gaúcha. “Antes de entrar no elevador, certifique-se de que o mesmo encontra-se parado neste andar” diz atualmente a frase assegurada em lei de 2000. Alegando erro ortográfico, o vereador de Porto Alegre, Adeli Sell (PT) criou projeto de lei para alterar a redação. Nesta segunda-feira, 27, o assunto entrou na pauta da Câmara Municipal de Porto Alegre. Segundo a proposta do petista, o novo texto deverá conter os seguintes dizeres: “Atenção: Antes de entrar, verifique se o elevador está parado neste andar”. O autor justifica que existe a falha de redação na lei vigente e que já foi corrigida no âmbito estadual.¹⁰⁶

¹⁰⁶ Disponível em: <http://sul21.com.br/jornal/2012/02/o-mesmo-nao-estara-mais-nos-elevadores-de-porto-alegre/>. Acesso em: 16 de ago. 2012.

6.2 MESMO, MANÍACO DO ELEVADOR

Mesmo, maníaco do elevador

Maníaco do Parque já virou lenda. Hoje em dia há um novo psicopata atacando as pessoas, geralmente moradores de prédios que utilizam frequentemente [sic] os elevadores. Foi descoberto há mais de uma década, porém, não foi capturado até hoje. A única solução plausível [sic] que as autoridades viram no horizonte foi criar uma lei para que todos os moradores olhassem em seu andar antes de entrar no elevador, para ter certeza que o Mesmo não estava por perto, o que foi bem eficiente! Como o Mesmo ataca: À primeira vista, ele é um morador comum, vestindo uma roupa social e carregando uma pasta com alguns papéis visíveis. Quando a vítima esta entrando no elevador, ele aparece correndo e pede para ela segurar a porta. Ele entra, arruma a gravata, finge estar cansado e pergunta: “*Esta[sic]descendo?*”. [...] Alguns minutos depois o elevador para no térreo e é possível ver sangue saindo por baixo da porta, a 1ª pessoa que abrir essa porta, será a próxima vítima!¹⁰⁷

¹⁰⁷Disponível

<http://desegundaadomingo.wordpress.com/2010/08/25/mesmo-maniaco-do-elevador> Acesso em: 16 de ago. 2012.

em:

6.3 CONTO HUMORÍSTICO SOBRE “O MESMO”

O mesmo

"Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se neste andar"

Lei/DF Nº 3212 de 30.10.03

Li o aviso na porta do elevador e ri-me dele como sempre faço. Uma menina de oito anos despencou no fosso de seu prédio, após abrir a porta do elevador e correr inadvertidamente para dentro. Foi o suficiente para a corrupta Câmara Distrital promulgar a óbvia lei: veja se tem elevador antes de pular no fosso.

– É uma ótima lei! – Explicou-me um empresário que confecciona placas publicitárias. – Vendi uma placa para cada elevador da cidade. – Ele só deixou de me contar que era primo do deputado que propôs a lei.

Entrei no elevador ainda sorrindo.

– Tá rindo de quê? – Perguntou o vizinho do andar de cima. [...]

– Do mesmo. – Respondi.

– Do mesmo o quê? – Insistiu.

– Do mesmo que ri ontem, – provoquei sua curiosidade. – quando entrei no elevador.

– Você tá me sacaneando?

– Não. [...]

– Ah, o criminoso.

– Criminoso? – Não entendi.

– Você não acha que criaram a lei apenas por causa da menina que caiu no fosso, não é?

Assenti.

– Não seja tão simplório, meu caro. [...] Há mais mistérios ao nosso redor do que sonha nossa limitada imaginação.

– Do que você tá falando?

– Não posso contar aqui. – Ele protegeu a boca para falar. Olhou para os lados, desconfiado. Apontou a câmara filmadora sobre a porta. – O Mesmo tem ouvidos por todos os lados?

– O mesmo?

– Shhhh. – O vizinho tapou minha boca com sua mão úmida e com dedos pequenos e gordos. – Não fale esse nome aqui dentro. Procure mais informação.

Desceu no térreo sem me olhar novamente. Sua figura lembrava Alfred Hitchcock de camiseta e chinelo após cometer um assassinato cinematográfico.

Por mais idiota que a história me parecesse, fiquei com aquilo na cabeça.

Na repartição, esperando o elevador chegar, cercado de anônimos servidores públicos como eu, avistei um conhecido.

– Pêra, o que você sabe sobre essa lei distrital que obriga todos os elevadores a terem um aviso na porta? – Perguntei.

– Uma menina caiu num fosso de elevador, então...

– Não, – interrompi – quero saber a história do tal o Mesmo.

– O Mesmo? Que mesmo?

Notei que algumas pessoas nos olharam assustadas, outras levantaram os olhos apreensivamente, a maioria se afastou deixando-nos numa clareira na multidão.

O dia correu tranqüilo e chato, como todos os dias, porém ao fim da tarde a secretária entrou esbaforida na sala.

– O doutor Pêra foi atacado aqui no prédio! – Disse num espasmo. – Ele foi levado de ambulância para o hospital.

– O que aconteceu?

– Ninguém sabe ao certo. [...] Ele ficou gritando "tá apertado, tira daí" até os enfermeiros o sedarem.

– Está muito machucado?

– Parece que não. [...] Ele deixou isso para o senhor.

No papel havia um endereço da internet: www.omesmo.cjb.net. Acessei a página. Uma denúncia alertava sobre o Mesmo. Era um criminoso que atacava as pessoas que invocavam seu nome durante as viagens de elevador. Havia até algumas fotos borradas do meliante, provavelmente feitas através de um olho mágico. "O Mesmo age como um fantasma", dizia a página. Não haviam [sic] relatos dos ataques pois suas vítimas se recusavam a contar o acontecido.

– Que loucura é essa?

Continuei a leitura; ninguém havia visto seu rosto, nem era sabido se era

apenas um bandido ou haveriam [sic] cúmplices. Desconfiava-se que se tratasse de um grupo terrorista que pretendia criar uma figura lendária, um mito, para depois usá-lo como mártir de sua causa. Alguns deputados distritais haviam sido atacados, dizia a página. Temendo pela população e sem querer alardear os verdadeiros fatos, os deputados decidiram implantar o aviso na porta dos elevadores. A justificativa era que ainda que não explicassem a verdadeira intenção da placa, a simples preocupação com a presença do delinqüente já era suficiente para dificultar suas ações ilegais.

– Mas, afinal, o que esse o Mesmo faz com suas vítimas?

Procurei meu conhecido, o Pêra, mas ele preferiu guardar silêncio.

– Não quero falar sobre o assunto. – Disse, ríspido.

– Ajude-me, Pêra. – Pedi humildemente. Ele soltou o ar dos pulmões em consentimento.

– Ele usa uma camisa branca escrito "O Mesmo".

Durante semanas tentei encontrar mais informações. Senti um certo temor entre as pessoas ao tratar do assunto. Suas vítimas não se revelavam abertamente, eu percebia que tentavam me dissuadir de minha busca. Um dia, com a história meio esquecida nos meus arquivos cerebrais, julguei ver alguém me encarando em frente ao

elevador do shoooping [sic] que eu estava. Procurei entre as pessoas o sujeito que me olhava mas não o avistei novamente. Ele me pareceu estar de camiseta branca porém não tive certeza. O elevador chegou e logo ficou lotado. Gentilmente me ofereci para esperar o próximo. Acabei ficando sozinho no andar.

– Quase entrei no elevador sem verificar se o Mesmo estava aqui. – Comentei em voz baixa. Desde que meu vizinho falou do meliante nunca mais entrei num elevador sem olhar para os lados.

Subitamente senti uma presença atrás de mim. Olhei de soslaio e vi um sujeito da minha altura, usando uma camiseta branca. O calafrio atingiu minha coluna e subiu até o pescoço, travando-o. Tentei olhar novamente a camisa. Não consegui; fui atacado antes de ver o que estava escrito, mas posso jurar que era "O Mesmo". Senti as hábeis mãos do criminoso penetrando o cóis da minha calça, pelas minhas costas, e encontrando a borda da minha cueca. O primeiro puxão esmagou minhas bolas, separando-as em hemisférios e tendo a cueca como a linha do Equador. O segundo puxão fez o Equador, ou melhor, a cueca escorrer pelo ânus e separar as nádegas de maneira, talvez, definitiva. O terceiro e último puxão foi seguido de um "click" e uma risada. Ainda consegui ver o bandido descendo as

escadas às gargalhadas antes d'eu desmaiar de dor.

Quando fui acordado pelos transeuntes, dolorido, vi que o Mesmo quase havia arrancado minha cueca pela cabeça, levantando-a ao máximo e a prendendo com um alfinete de pressão, o "click" antes do desmaio. Meus testículos estavam inchados e minhas nádegas não seriam mais tão estreitas. Recompus-me do jeito que deu e fui embora para casa.

Encontrei o vizinho de cima.

– Como andam as coisas? – Fez cara de suspense. – Achou o que procurava?

Pensei em contar-lhe que o criminoso não passava de um levantador de roupas íntimas, um puxador de cuecas, um tarado que se especializou em içar as cuecas e calcinhas pelas costas de suas vítimas, atordoando-as com a dor, o susto e principalmente a humilhação. Lembrei da lenda que dizia que o Mesmo tem ouvidos por todos os lados.

– Não.

O vizinho me olhou de baixo para cima. Incomodou-me aquele olhar. O homem limpa a bunda com o chuveirinho da privada e geme de prazer quando a água escorre pelo seu rego. Que moral ele possuía para me avaliar?

– Sei. – Abraçou-me novamente e encostou o sovaco molhado no meu ombro. – Uma dica: não se meta com

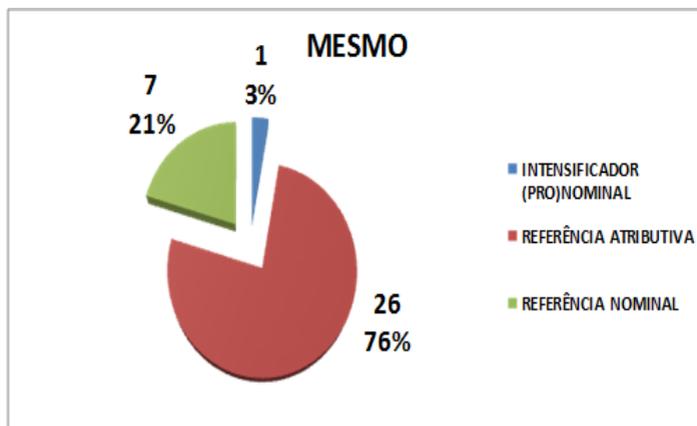
"aquele que não devemos falar o nome".

Cheguei ao meu apartamento, procurei uma camiseta velha e branca, risquei umas palavras na frente e esperei em silêncio no apartamento. Alguns minutos depois escutei o vizinho caminhando pela sua sala e girando a chave da porta da frente. Vesti rapidamente a camiseta e corri para as escadas. Subi vagorosamente os degraus até ver por uma pequena fresta o vizinho esperando o elevador.

O botão iluminado acendeu, mostrando que o elevador havia chegado ao andar. De sopetão, pulei os degraus que faltavam e cheguei às costas do vizinho antes que ele notasse minha presença. Enfiei as duas mãos por dentro da sua bermuda, segurei a cueca e a puxei para cima com toda minha força.

– Ugh! – Gemeu o vizinho. Puxei pela segunda vez e percebi que ele parou de respirar. No terceiro puxão senti que seu corpo amolecia. Ele havia desmaiado. Acomodei-o no chão e fugi às gargalhadas. Voltei ao meu apartamento certo de não ter sido seguido. Sorri satisfeito por me vingar do meu chato vizinho. Foi assim que acabei por me tornar mais um o Mesmo!¹⁰⁸

6.4 GRÁFICO SOBRE O USO DE *MESMO* (CÓRPUS COMPOSTO POR DOCUMENTOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS – 1795-1798)



6.5 ALGUNS DADOS DO CÓRPUS DE 1795-1798 (ARQUIVO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS)

(1) Agosto 19^o Pagou o Tezoreiro do conçelho Francisco de Paula Tavares, por mandado dacamera, ao Alferes Domingos Gomes Da Silva, aquantia de oito mil rey da muzica da festa decorpo de Deus edecomu recebeu assignou comigo Manoel Antonio de Souza Medeiros Escrivão da Came mera que escrevi e assiney Manoel Antonio de Souza Medeiros Dom[ing]os Gomes da S[ilv]a

Setembro 5^o Pagou odito Tezoreiro por mandado dos ofici-ais da Camera ao Alferes José Luiz de Magalhens Barros, aquantia dequarenta oito mil novecentos etrinta rey, dadespeza que fés [?] com o estra[?] do e couros para ameza **DA MESMA**, eomais que consta dodocumento junto aodito mandado, recebeu assignou commigo ManoelAntonio de Souza Medeiros, Escrivão que o Escrevi eassiney Manoel Antonio de Souza Medeiros Jozé Luis de Mag[alha]e[n]z. Barros.
(1795)

(2)

Termo de recenciamento decontas

ao Tezoreiro Francisco de Paula Tavares
[...] Pagou odito Tezoureiro por mandado dos Oficiais daCamera, aoTenente Antonio José daCosta, a rematante da Estrada docertão da terra firme, acontadoque selhedeve **DOMESMO** aquantia deseey centos trinta etres mil trezentos etrinta etres rey, ede como recebeu assinou comigo Manoel Antonio de Souza Medeiros que oescrevi eaSigny [...]
Manoel Antonio de Souza Medeiros
Antonio José daCosta (1795)

(3)

Pagou o Tizoureiro por mandado dos officiais da camera, a Pedro José da Silva, Procurador **DA MESMA**, de varias despesas miudas que fes com Livros esacos pra cartas que se escreverão a Sua Magestade, aquantia de quatorze mil trezentos e quinze rey e de como recebo assinou comigo Manoel Antonio de Souza Medeiros Escrivão da Camera que o escrevi e assiny Manoel Antonio de Souza Medeiros Pedro José da S[ilv]a (1796)

(4)

Ao primeiro dia do mes de Janeiro de mil Sete Centos noventa e sete annos nesta villa de Nossa Senhora do Desterro da Ilha de Santa Catharina nas cazas da camera della aonde foi vindo o Juis Prezidente o capitão José Francisco de Souza Machado, e mais veriadores, e Procuradore **DOMESMO**, abaicho a Sinados, e Sendo ahi presente o Tizoureiro do conçelho Francisco de Paula Tavares, e por elles lhe foi recenciadas e tomadas as contas, pello presente livro da Receita e despesa dos dinheiros nelle Lançado desde o primeiro de Janeiro, the o ultimo de Dezembro do anno proximo passado, e acharão impostas a receita feita de folhas treze versço the folhas quarenta e hum versço debaixo dos Numeros hum the o Numero quarenta e tres aquantia de cinco contos digo aquantia de quatro contos quinhentos noventa e cinco mil e cincoenta e oito rey [...] (1796)

(5)

Pagou o mesmo Tizoureiro a Antonio José de Souza carcereito desta alias das cadeias desta vila, aquantia de doze mil e quatrocentos reis do Azeite que gastou no Lampião **DAS MESMAS** a the o ultimo de Junho

idecomo recebeu assinoucomigo Manoel Antonio de Souza Medeiros que oEscrevi eassigny
Antonio de Souza Medeiros
Sinal DeAntonio Jozé + de Souza (1798)

(6)

Pagou o mesmo Tezoureiro por folha e despacho da camera, aos oficiais que servemA **MESMA** deseus ordenados aquantia devinte nove sette centos cincoenta rey eparasua descarga fasso este termo eu Manoel Antonio de Souza Medeiros Escrivão dacamera que oEscrevi eassigny

Manoel Antonio de Souza Medeiros

(1798)

(7)

Recebeu odito Tezoureiro aquantia detrinta mil oito centos secenta rey que pagoudeforos do Capitão Antonio Tavares, eLaudemios que pagou **O MESMO**aforos do JozéRebello de Souza, edecomo recebeu assinoucomigo Manoel Antonio deSouza Medeiros que oEscrevi eassigny [...]

Manoel Antonio de Souza Medeiros

João Nunez da S[ilv]a (1798)

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1985.

AMORIM, Neide Correia S. **O item linguístico mesmo: confrontando usos e funções no português do Brasil**. João Pessoa, 2009.

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (org). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BARBOZA, Jerônimo Soares. **Grammatica Philosophica da língua portuguesa**. Lisboa: Tipographia da mesma academia, 1830.

BARROS, João de. **Gramática da língua portuguesa**. Organização de Pedro Machado. 3 ed. Cidade: editora, 1957 (1540 original).

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.

_____. **Moderna gramática brasileira**. 2. ed. rev. e atual São Paulo: Globo, 1985.

BYBEE J. et al. **The evolution of grammar**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J. **Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency**. In: JANDA, R.; BRIAN, (Ed.). Handbook of

historical linguistics. Oxford: Blackwell, 2003.

BYBEE, J.; HOPPER, P. (Ed.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo, Contexto, 2010.

_____. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (org). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário de dificuldades da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

_____. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Nacional, 1996.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Nacional, 1996.

COELHO, Izete Lehmkuhl. **Para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina (PHPB-SC)**. Florianópolis: 2011.

CONTE, Maria-Elizabeth. **Encapsulamento anafórico**. CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (org). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUESTA, Vázquez Cuesta; MENDES DA LUZ, Maria

Albertina. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Edições 70, 1971.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Lexikon, 2010.

_____. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FAE/Ministério da Educação, 1986.

DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. **Syntaxe Histórica Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1954.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamntarís. **In**: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29-56.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Rumos da Linguística Funcional. **In**: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 123-128.

GIVÓN, T. **Compreendendo a gramática**. Trad. e adaptação de M. A. Furtado da Cunha; M. E. Martelotta; F. Albani. Natal: EUFRN, 2011 [1979].

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins, 1995.

_____. **Syntax – an introduction.** v. 1. Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

FELÍCIO, Carla Patrícia. 2008. **A gramaticalização da concessiva *embora*.** 180 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2008.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite Gonçalves; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, E. Uma abordagem sociofuncionalista da língua: articulação de pressupostos da teoria da variação e mudança e do funcionalismo de vertente norte-americana. Mesa-redonda: Sociofuncionalismo. **XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE.** Natal, UFRN, 04-07 de setembro de 2012.

GÖRSKI, E.; GIBBON, A. de O.; VALLE, C. R. M.; DALMAGO, D.; TAVARES, M. A. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. *In:* RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 106-122.

HEINE, B.; SONG, K. On the grammaticalization of personal pronouns. **Journal of Linguistics**, v. 47, n. 03, p. 587-630, 10 mar. 2011.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework.** Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HINTZE, Ana Cristina Jaeger. Gramaticalização e as variâncias das locuções de base nominal. In: **Anais do 5º Encontro do Celsul**, Curitiba-PR, 2003, p. 186-192.

HOPPER, Paul J. **Emergent grammar**. *BLS*, v. 13, p. 139-157, 1987.

_____. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (eds.) **Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

KOCH, Ingedore Grunfeld. Villaça. **A coesão textual**. 11.ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LUFT, Pedro Celso. **Gramática resumida**: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira. 3.ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A Estrutura Morfo-Sintática do Português**. São Paulo: Thompson, 1973.

MARIANO, Débora Laureço Nunes. **Alternância entre a palavra mesmo e os pronomes pessoais ele/ela, o/a**. Revista Fronteira Digital. Ano II – n.º 03 / Jan. – Ago. 2011. Disponível em:
http://www.unemat.br/revistas/fronteiradigital/docs/artigos/n3_2011/fronteira_digital_n3_2011_art_3.pdf. Acesso em: 16 de agosto de 2012.

MARTELLOTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de;

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Linguística Funcional:** teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-28.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. A mudança linguística. **In:** FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Linguística Funcional:** teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 57-72.

MILNER, Jean-Claude. Reflexões sobre a referência e correferência. CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (org.). **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa.** Campinas: Pontes, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Fernão de. **A gramática da linguagem portuguesa.** Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1975 [1536].

OLIVEIRA, Taísa Peres de. *Se não me engano* está se gramaticalizando? **Alfa**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 179-193, 2008.

PEREIRA, Carlos Eduardo. **Gramática expositiva:** curso superior. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946 [1926].

_____. **Gramática expositiva:** curso superior. Livros Didáticos Biblioteca Pedagógica Brasileira. Vol. 5. 68ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946 [1926].

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica.** Tubarão, SC: Editora da Unisul, 2002.

ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (orgs). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows**. User's manual. 2001.

ROCHA, Ana Paula Antunes. **Gramaticalização das conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo**. 128 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

SNICHELOTTO, Cláudia Andrea Rost. **Olha e vê : caminhos que se entrecruzam**. 408 p. Tese(Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2009.

SACCONI, Luiz Antônio. **Gramática essencial da língua portuguesa: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atual, 1988.

_____. **Nossa gramática: teoria e prática**. 1.ed São Paulo (SP): Escala Educacional, [200-].

SAID ALI, Manoel. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964. (Revisão de Bechara).

SANKOFF, G. ; BROWN, P. **The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives**. Language, v. 52, n. 3, set. 1976, p. 631-666.

SILVA, Tatiana Mazza da. 2010. **Gramaticalização de juntivos adversativos na história do português**. 174 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2010.

SILVA-SURER, Tatiana Mozza da. A gramaticalização do juntivo *todavia* na história do português. **Via Litterae**, Anápolis, v. 4, n. 1, p. 107-121, 2012.

SPAZIANI, Lidia. **A gramaticalização do item *fora* no Português do Brasil**: a unidirecionalidade do processo. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2000.

TAVARES, Maria Alice; GORSKI, Edair Maria. **Um estudo variacionista de *aí, daí, então* e *e* como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis** /. Florianópolis, SC, 1999. 175f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.

TERRA, Ernani. **Minigramática**. São Paulo: Scipione, 2007.

_____. **Minigramática**. São Paulo: Scipione, 1999.

TRAUGOTT, E. C. From etymology to historical pragmatics. In: MINKOVA, D.; STOCKWELL, R. (Ed.). **Studying the History of the English Language**: millennial perspectives. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p.19-49.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Tradução: J. A. Osório Mateus. Fundação Calouste: Lisboa, 1964.

VALLE, Carla Regina Martins. **Sabe?~Não tem?~Entende? :** itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo. Florianópolis, SC, 2001. x, 170 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em

Linguística. Disponível em :
<<http://www.tede.ufsc.br/teses/PLLG0284.pdf>>. Acesso em : 9
out. 2003.

VICENTE, Renata Barbosa. 2009. **Mudança gramatical da palavra *afinal* e sua gramaticalização num contraste entre variedades linguísticas**: Português do Brasil e de Portugal. 105f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Paulo: Editora Nova Cultural, (1999 [1953]).

ZANOTTO, Normelio. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.